

LORRIE MOORE

Ao pé da escada

"A mais irresistível autora
americana da atualidade."

The New York Times

Romance



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LORRIE MOORE

Ao pé da escada

Tradução de:
MARIA C. CLARK



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Moore, Lorrie, 1957-

M813 Ao pé da escada [recurso eletrônico] / Lorrie Moore ; tradução de
Maria C. Clarck. - Rio de Janeiro : Record, 2012.

recurso digital

Tradução de: A gate at the stairs

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09968-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Clarck, Maria C. II. Título.

12-
2100

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL:

A gate at the stairs

Copyright © 2009 by Lorrie Moore

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração Eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09968-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Este livro é dedicado a
Victoria Wilson e a Melanie Jackson*

“Quanto a viver a vida, deveríamos deixar isso
para os nossos servos.”

Villiers de L'isle-Adam, *Axel*

“Suzuki!”

Puccini, *Madame Butterfly*

“Todos os assentos dispõem de vista idêntica para o
universo.”

Guia do Museu do Hayden Planetarium

AGRADECIMENTOS

Meu mais profundo agradecimento a Max Garland e a Charles Baxter, por suas inúmeras observações. Agradeço também a ajuda de Ashley Allen, de David McLimans, de Elizabeth Rea, da família Emily Mead Baldwin, do Instituto de Belas-Artes da Universidade de Wisconsin, do Comitê de Pesquisa de Pós-Graduação da Universidade de Wisconsin e do programa WISELI/Vilas. Sou muito grata, igualmente, a Lannan Foundation.

I

O frio chegou tarde, naquele outono, pegando os passarinhos de surpresa. Quando a neve e os vendavais começaram para valer, muitos ficaram desorientados e, em vez de estarem voando para o sul ou até de já terem voado, eles formaram bandos nos quintais das pessoas, encorujados em busca de um calorzinho sequer. Eu estava procurando emprego. Como era estudante e precisava de um trabalho como babá, andava de uma entrevista a outra por esses bairros nobres, mas frios, em que bandos sombrios de sabiás-americanos ciscavam no piso congelado, com seus tons de cinza e marrom e sua agitação — embora que passarinho, na melhor das circunstâncias, não iria parecer agitado? — até que, por fim, quando já concluía minha busca, no final de uma semana, as aves desapareceram, surpreendentemente. Eu nem quis pensar no que tinha acontecido com elas. Bom, para ser sincera, isso é mera força de expressão — por educação, um falso sinal de desprendimento — porque, na verdade, elas não saíam da minha cabeça: imaginei que estavam mortas, em quantidades assustadoras, num milharal qualquer fora da cidade, ou que acabaram despencando do céu, de duas em duas ou de três em três, ao longo da fronteira do estado de Illinois.

Naquele dezembro eu procurava um trabalho que começasse em janeiro, no início do semestre. Já tinha terminado as provas e respondia aos anúncios do quadro de empregos na faculdade, que solicitavam “assistente para cuidar de crianças”. Gostava de crianças — sério! — ou, melhor, meio que gostava. Às vezes, eram interessantes. Eu admirava sua força e sua inocência. E levava jeito, fazia umas caretas engraçadas para os bebês e, para os maiorezinhos, ensinava uns truques com cartas e falava com um tom teatral e sarcástico que desarmava e prendia a atenção deles. Mas não tinha lá muito talento para cuidar deles por longos períodos; ficava de saco cheio, talvez como minha própria mãe. Depois de muito tempo concentrada nas brincadeiras deles, minha mente ficava ávida, ansiando se deleitar nas páginas do livro que eu levava na mochila. Eu sempre torcia para que as crianças fossem para cama mais cedo ou tirassem umas sonecas prolongadas.

Eu tinha vindo da escola Dellacrosse Central e de uma fazendinha na velha Perryville Road para a cidade universitária de Troy, “a Atenas do Meio-Oeste”, como se tivesse saído de uma caverna, igual ao filho do xamã de uma tribo colombiana, sobre quem li na aula de Antropologia Cultural, um garoto que se tornou místico depois de ser mantido no escuro durante a maior parte da infância, sem ter qualquer experiência do mundo exterior, apenas pelas histórias que escutava. Quando finalmente deixaram que o menino saísse à luz do dia, ele ficou num estado permanente e sagrado de perplexidade e admiração; nenhuma história podia se comparar à experiência em si. E foi assim comigo também. Nada tinha me preparado de fato. Nem o dinheiro do cofrinho, economizado para a universidade, nem os títulos da poupança feita pelos meus avós, nem a coleção usada de enciclopédias *World Book*, com os gráficos coloridos e chamativos da produção internacional de trigo e as fotografias dos lugares de nascimento dos presidentes. O mundo verde e plano da fazenda de meus pais, sem porcos nem cavalos — a monotonia, as moscas, o

silêncio interrompido diariamente pelos vapores e pelos rancos da maquinaria —, tomou outra forma, passando a me proporcionar uma vida urbana muito fecunda de livros, filmes e amigos espirituosos. Acenderam a luz. Me tiraram da caverna — de Perryville Road. Meu cérebro estava a toda com Chaucer, Sylvia Plath, Simone de Beauvoir. Duas vezes por semana um professor jovem, chamado Thad, de jeans e gravata, ficava na frente de um auditório cheio de alunos do interior, embasbacados como eu, e falava com entusiasmo sobre Henry James e a masturbação da vírgula. Eu ficava boquiaberta. Nunca tinha visto um cara usar jeans com gravata.

A caverna tinha criado um ser místico; minha infância produziu apenas eu.

Nos corredores, os alunos trocavam ideias sobre Bach, Beck, balcanização e guerra biológica. E me faziam perguntas do tipo: “Você é lá do interior, né? É verdade que quem come fígado de urso morre?” Ou: “Já conheceu alguém que fez você-sabe-o-que com uma vaca?” E ainda: “É sério que porco não come banana?” A única coisa que eu sabia é que bode não come lata, eles só gostam de lambar o molho no rótulo. Mas ninguém nunca me perguntou isso.

Do nosso ponto de vista naquele semestre, os eventos de setembro — que a gente ainda não chamava de “11 de Setembro” — pareciam ao mesmo tempo próximos e distantes. Os alunos de ciências políticas fizeram manifestações e vociferaram nos pátios e nas zonas de pedestres: “A gente colhe aquilo que planta! A gente colhe aquilo que planta!” Quando eu observei tudo aquilo — a colheita, as plantas —, foi como se estivesse em meio a uma multidão que se acotovelava diante de uma proteção de vidro, como eu sabia (por causa da aula de História da Arte) que as pessoas faziam para ver a *Mona Lisa* no Louvre: *La Gioconda!*, seu próprio nome trazendo à mente uma cobra, seu sorriso furtivo e firme, misterioso a distância, mas perscrutado à cata de sinais significativos. Foi, como o próprio setembro, como um gato trazendo

um monte de canários na boca. Murph, que dividia o apartamento comigo — uma loura de piercing no nariz da cidade de Dubuque que rangia os dentes, usava sabonete e fio dental pretos, sempre dava opiniões duras (ela pronunciava Dubuque “Du-ba-kiu”) e que tinha uma vez deixado as professoras de inglês chocadas quando afirmou que o personagem que mais admirava, em toda a literatura, era Dick Hickock, de *A sangue-frio* —, tinha conhecido o namorado no dia 10 de setembro e, quando acordou na casa dele, me ligou, horrorizada e feliz, com a TV às alturas.

— Eu sei, eu sei — ela disse, com desdém. — Foi um preço terrível para pagar por uma paixão, mas foi preciso.

Ergui a voz e exclamei com zombaria:

— Sua doente! Morreu um monte de gente! E você aí só pensando no próprio prazer!

E nós duas caímos numa espécie de histeria, gargalhadas assustadas, culpadas e desesperançadas que nunca cheguei a presenciar numa mulher com mais de 30.

— Bom — comecei a dizer, percebendo que de repente não a veria muito dali para a frente —, vê se no rala e rola, não rala tanto, hein?

— Fala sério — disse ela. — Ralar é roubada e não rola.

Eu ia sentir falta dela.

Apesar de as salas de cinema terem fechado por duas noites e de, durante uma semana, até a professora de ioga ter hasteado uma bandeira americana e se sentado diante dela, na posição de lótus, de olhos fechados, dizendo: “Vamos respirar fundo agora, em homenagem ao nosso grande país” (Eu olhava ao redor feito louca, sem nunca conseguir chegar à respiração correta), a maioria das nossas conversas se voltava, de forma chocante e flexível, para outros assuntos: as backing vocals de Aretha Franklin ou qual restaurante coreano servia a melhor comida chinesa. Antes de ir para Troy, eu nunca tinha provado comida chinesa. Mas agora, a

dois quarteirões do meu apartamento, perto de uma sapataria, tinha um lugar chamado Café Pequim, aonde eu ia sempre que podia para comer Delícia de Buda. No caixa do restaurante, caixinhas de biscoitos da sorte quebrados eram vendidas com desconto. “Só quebrado biscoito”, prometia a placa, “não sorte.” Prometi a mim mesma comprar uma caixa daqueles biscoitos um dia, para ver que tipo de mensagem — obscura, mística ou mercenária, mas confuciana! — estaria ali, a granel. Enquanto isso, eu os colecionava um por um, a cada vez que a conta chegava no final com um biscoito em cima, rápida e eficientemente, antes mesmo que eu acabasse de comer. Talvez eu demorasse demais. Cresci comendo *fish and chips* e vagem na manteiga às sextas-feiras (durante anos, contou minha mãe, a margarina, por ser considerada artigo estrangeiro, só podia ser comprada do outro lado da fronteira, em barracas montadas de qualquer jeito ao longo da estrada — PARQUE DO PARKAY, diziam as placas — logo depois do outdoor de boas-vindas do governador de Illinois, e os fazendeiros diziam, por entre dentes, que só os judeus compravam ali). Então, agora, aquelas verduras chinesas esquisitas — pequenas e cheias de fungo, mergulhadas no molho shoyu — exerciam em mim o fascínio de uma aventura ou de um ritual, um manifesto a ser apreciado. Lá em Dellacrosse só havia dois tipos de jantar: o “casual”, em que se comia de pé ou se levava a comida para casa, e o sofisticado, que a gente chamava de “refeição à mesa”. No Restaurante Familiar Wie Haus, aonde íamos para comer uma refeição à mesa, as cadeiras eram de couro sintético vermelho, e as paredes, decoradas com as *gemütlichkeiten* locais: painéis escuros e quadros kitsch autênticos, de bobos da corte e pastoras de olhos esbugalhados. No cardápio do café da manhã estava escrito “*Guten Morgen*”. Os molhos eram chamados de “caldo”. No menu do jantar tinha almôndega de coalhada e filé “cozido ao gosto do freguês”. Sexta era dia de peixe frito com batata frita ou cozida, que eles faziam com “peixes-advogado” (lota-do-rio

ou iota), assim chamados porque “tinham o coração na bunda”. (Eles eram pescados no lago da região, em cujas áreas de piquenique havia latas de lixo com as seguintes palavras escritas: NÃO JOGAR TRIPA DE PEIXE.) No domingo não só tinha marshmallow, salada de cereja ao marasquino e uma coisa chamada “Gelatina da vovó” como também “costela com *au jus*” — o conhecimento de francês, ou de inglês ou até de corantes alimentares, não era o forte do restaurante. *À la carte* significava sopa ou salada; *jantar* queria dizer sopa e salada. O molho de Roquefort era chamado de “molho Rockford”. O vinho da casa — tinto, branco ou rosé — possuía os indispensáveis buquês de rosa, sabonete e grafite, além de um resquício de feno e um toque de Cafundó do Judas, apesar de o cardápio não mencionar nada disso, restringindo-se apenas a referências simples a respeito de seu aroma. Servia-se cerveja clara e preta. De sobremesa geralmente tinha torta *glückschmerz*, cuja aparência leve e cuja consistência lembravam um montinho de neve. Depois da refeição batia o sono.

Mas agora, longe e sozinha, seduzida e versada em molho shoyu, eu me sentia mais magra e mais viva. Os donos asiáticos do restaurante me deixavam fazer hora com meus livros e ficar o tempo que quisesse:

— Pla quê plessa? Nada de colelia! — diziam amavelmente, enquanto borrifavam desinfetante nas mesas mais próximas.

Eu comia manga e mamão e usava um palito sabor canela para tirar os restinhos de comida dos dentes. Apreciava um biscoito elegantemente dobrado, com um nervinho de papel assado dentro da orelha de massa comestível. E, numa xícara sem alça, tomava um chá quente e insípido que era requeitado depois de retirado do frigorífico, onde ficava guardado num balde.

Eu puxava o pedacinho de papel das dobras rígidas do biscoito e o usava como marcador de página. Todos os meus livros tinham tirinhas com mensagens de sorte projetando-se das folhas como rabinhos. *Você é o noodle crocante na salada da vida. Você é dono*

do próprio destino. Murph costumava acrescentar a frase “na cama” a qualquer mensagem desses biscoitinhos, então, mentalmente, eu também os lia assim: *Você é dono do próprio destino. Na cama.* Bom, era verdade. *A dívida é sedutora e mentirosa. Na cama.* Ou às vezes não funcionava tão bem: *Seu destino vai florescer feito uma flor.*

E ainda aquela tipo engraçadinha: *Uma mudança reconfortante está para ocorrer.* Às vezes, para tirar onda, eu acrescentava *só que NÃO na cama.*

Você ganhará dinheiro em breve. Ou *A riqueza é o homem da mulher esperta.*

Só que NÃO na cama.

Então eu precisava arrumar trabalho. Já tinha doado plasma um montão de vezes em troca de dinheiro, mas da última vez que eu fora à clínica haviam me mandado embora, alegando que meu plasma estava turvo porque eu tinha comido queijo na noite anterior. Plasma turvo! Melhor virar contrabaixista! Era muito difícil não comer queijo. Até mesmo o requeijão, que a gente chamava zombeteiramente de “queijo pedreiro” (porque podia ser usado como massa corrida ou argamassa de rejuntar ladrilhos) tinha um certo apelo reconfortante. Eu dava uma olhada nos classificados todos os dias. Cuidar de crianças estava em alta: assim que terminei meus trabalhos finais fui atrás das vagas.

Uma após a outra, grávidas quarentonas penduravam meu casaco, me convidavam a sentar na sala da casa delas, iam feito patas até a cozinha, pegavam meu chá e voltavam feito patas, uma das mãos segurando as costas, a outra, que carregava a xícara, derramando chá no pires, e começando as perguntas. “O que você faria se meu bebezinho começasse a chorar sem parar?” “Tem disponibilidade à noite?” “O que consideraria uma atividade educacional saudável para uma criança pequena?” Eu não fazia ideia. Nunca tinha visto tanta mulher grávida em tão pouco tempo

— cinco, no total. Fiquei impressionada. Elas não pareciam radiantes de felicidade. Pareciam avermelhadas pela pressão sanguínea alta e assustadas. “Eu colocaria o bebê no carrinho e o levaria para passear”, respondi. Sabia que minha mãe nunca tinha feito essas perguntas para ninguém.

— Meu bem — ela me disse uma vez —, se o lugar fosse minimamente resistente ao fogo, eu deixaria você em qualquer parte.

— Minimamente? — retruquei.

Ela quase nunca me chamava pelo meu nome, Tassie. Dizia Bem, Meu bem, Benzinho ou Tassita.

— Eu não iria me preocupar e ficar me metendo na sua vida.

A única judia que conheci que pensava assim. Se bem que ela era uma judia casada com um fazendeiro luterano chamado Bo, e talvez por isso agisse com o mesmo desprendimento indiferente das mães das minhas amigas. Já na metade da infância eu me dei conta de que ela era praticamente cega também. Era a única explicação possível para os óculos fundo de garrafa, que, na maioria das vezes, nem conseguia encontrar. Ou para o caleidoscópio de vasos sanguíneos estourados, como uma petúnia, em seus olhos, o tom escarlate despontando no branco por causa de uma simples vista cansada ou por um golpe descuidado da mão. Isso explicava o seu jeito estranho de evitar meu olhar quando a gente conversava, olhando fixamente para a mesa ou para o piso de cerâmica, como se planejasse, desanimada, limpá-los, enquanto a fúria raramente contida jorrava de minha boca em frases que eu esperava que atuassem, embora talvez não naquele momento, e sim mais tarde, como canivetes em sua mente.

— Você vai viajar na época do Natal? — perguntou a grávida.

Tomei um gole do chá.

— Sim, vou para casa. Mas volto em janeiro.

— Que dia de janeiro?

Dei minhas referências às futuras mães, assim como um resumo escrito da minha experiência profissional. Que não era muita — eu só tinha trabalhado com os Pitsky e os Schultz, lá na minha terra. Além disso, uma vez, para um trabalho sobre reprodução humana, eu tinha carregado durante uma semana inteira um saco de farinha de consistência e peso iguais aos de um bebê. Eu o cobri, abracei, coloquei em lugares seguros e acolchoados para tirar umas sonecas, mas uma vez, quando ninguém olhava, soquei-o na mochila junto com um monte de canetas pontudas, e ele acabou furando. Meus livros, cheios de pó branco durante o resto do semestre, viraram motivo de piada na sala. Bom, não incluí isso no currículo. Mas o resto estava tudo lá. E, para fechar com chave de ouro, como dizia meu pai, eu fui às entrevistas com o que as lojas de departamento chamavam de “terninho profissional”, pois achei que as mulheres poderiam curtir um pouco de seriedade. Afinal, elas eram profissionais. Duas eram advogadas, uma jornalista, outra, médica e a quinta, professora. Onde é que estavam os maridos? “Ah, no trabalho”, elas respondiam, vagamente. Todas exceto a jornalista, que exclamou:

— Boa pergunta!

A última residência era uma casa em estilo campestre de estuque acinzentado, com uma chaminé coberta de hera seca. Eu tinha passado por ali na semana anterior — ficava num terreno de esquina — e visto muitos passarinhos por lá. Agora restava apenas uma área branca e plana. Uma cerca baixa circundava essa brancura e, quando abri o portão, ele se inclinou um pouco; uma das dobradiças estava solta, sem um dos pregos. Fui obrigada a erguê-lo para fechá-lo. Essa manobra, que eu tinha feito várias vezes na vida, remeteu-me a coisas boas — organização, restauração, meu toque mágico! — quando, na verdade, deveria ter transmitido outra coisa: a decadência maldisfarçada de alguém, objetos negligenciados, consertados sem cuidado, tratados com displicência pelo dono. Dali

a pouco todo o portão precisaria ser amarrado com uma corda elástica, como o meu pai fez, certa vez, com a porta no celeiro.

Dois degraus de ardósia de cores estranhamente diferentes conduziam a uma calçada de lajotas mais abaixo, que, assim como a grama, estava inteiramente coberta por uma fina camada de neve — eu imprimi ali as primeiras pegadas do dia; talvez a porta da frente raramente fosse usada. Havia alguns crisântemos, mesmo secos, nos vasinhos da varanda. O gelo congelara as flores. Uma pá e um ancinho estavam apoiados na parede da casa, e dois catálogos de telefone tinham sido largados num canto, ainda com o invólucro de plástico.

A dona da casa abriu a porta. Era pálida e miúda, sem flacidez nem bolsas sob os olhos, a pele branca firme sobre a estrutura óssea. Nas maçãs do rosto havia passado um blush escuro que lembrava o pólen de um lírio asiático. Tinha os cabelos bem curtos e tingidos com um brilhante castanho-avermelhado fashion, como o de uma joaninha. Os brincos eram botões de um laranja intenso; a caça leggings, cor de mogno; o suéter, ferrugem; e os lábios, marrons. Ela parecia um experimento rigorosamente controlado de oxidação.

— Entre — disse ela, e foi o que fiz, no início calada e em seguida, como sempre, pedindo desculpas, como se estivesse atrasada, apesar de não estar.

Naquela época eu nunca me atrasava. Só um ano depois eu começaria a ter, de uma hora para outra, dificuldade para me apegar a qualquer noção de tempo, inevitavelmente deixando amigas sentadas esperando por uma meia hora aqui e ali. O tempo passaria voando por mim de um jeito indetectável ou absurdo — risível, quando eu podia rir —, em quantidades impossíveis de se contar ou obedecer.

Mas naquela época, aos 20 anos, eu era pontual como um padre. Padres são pontuais? Criada na caverna, no torpor divino, eu achava que sim.

A mulher fechou a porta de carvalho maciço quando entrei, e eu bati os pés no capacho trançado sobre o qual me encontrava, para tirar a neve. Então, fiz menção de tirar os sapatos.

— Ah, não precisa — disse ela. — A cidade já está cheia dessa frescura japonesa. Pode trazer a lama.

Ela deu um sorriso — largo, exagerado, meio desvairado. Eu já tinha me esquecido do nome dela e esperava que a mulher o dissesse logo; se não o fizesse em breve, provavelmente não o faria mais.

—Tassie Keltjin — apresentei-me, estendendo a mão.

Ela pegou minha mão e esquadrinhou meu rosto.

— Claro — disse, lenta e distraidamente, perscrutando cada um de meus olhos de forma desconcertante. O olhar traçou um círculo vagaroso e observador em torno do meu nariz e da minha boca. — Sarah Brink — acrescentou, por fim.

Eu não estava acostumada a ser olhada tão minuciosamente, nem que o objeto para o qual eu olhava me olhasse de volta. Minha mãe com certeza nunca tinha feito isso e, de modo geral, meu rosto transmitia o tipo de expressão tapada que não incentivava um escrutínio universal. Eu sempre me sentia tão escondida quanto o talo de um morango, tão secreta e fetal quanto a mensagem da sorte enrolada dentro de um biscoito, e essa clandestinidade tinha lá suas vantagens, seus egocentrismos, suas grandiosidades alimentadas por mágoa.— Bom, me dê seu casaco — disse Sarah Brink por fim, e só então, enquanto ela o pegava e percorria o hall de entrada para pendurá-lo, eu me dei conta de que era uma mulher magra feito um palito, nem de longe grávida.

Sarah me levou até a sala, parando antes ao janelão que dava para os fundos. Eu fui atrás, tentando acompanhar o que ela fazia.

No jardim, boa parte de um carvalho partido por um relâmpago havia sido cortado e empilhado próximo à garagem, para servir de lenha no inverno. Perto do toco antigo, outra árvore — delgada, nova, com a aparência de um palito de coquetel — tinha sido plantada, apoiada e cercada com treliça. Mas Sarah não estava analisando as árvores.

— Ah, pelo amor de Deus, olhe só aqueles pobres cachorros — comentou.

Nós ficamos ali paradas, observando. Uma cerca elétrica invisível mantinha os cães do vizinho no jardim. Um deles, um pastor-alemão, já entendera o funcionamento da cerca, mas o outro, um terrier pequeno, não. O maior deu início à brincadeira de correr atrás do menor, levando-o direto para o limite da área, mas parando antes e deixando o outro ir a toda de encontro à eletricidade. Aí o terrier, aturdido, recuava correndo, ganindo de dor. Isso divertia o pastor-alemão, que continuava com o jogo, e o pequeno, louco para brincar, acabava esquecendo e recomeçava, vindo a bater de novo na barreira elétrica e a uivar.

— Eles estão assim há semanas.

— A vida a dois... — comentei, e Sarah voltou a cabeça em minha direção, para me avaliar de novo.

Naquele momento, notei que ela era pelo menos 5 centímetros mais alta que eu; dava até para espiar dentro das narinas dela, no emaranhado de pelinhos parecido com os galhos entrecruzados vistos da base de uma árvore. Ela sorriu, o que fez com que as maçãs do rosto se elevassem e o blush sobre elas parecesse sombrio e inapropriado. Enrubesci. Vida a dois? O que é que eu sabia sobre isso? A garota que dividia o apartamento comigo, Murph, era quem se encarregava dos relacionamentos, e basicamente tinha me abandonado para ir passar todas as noites com o cara que acabara de conhecer. Mas tinha deixado como herança o vibrador, um troço que girava e zunia e que, quando ligado na velocidade máxima,

rodopiava no ar como um dedo gordo e entediado de alguém. Com que pênis ele poderia ser comparado? Talvez com o de um homem que tivesse trabalhado num circo! Quem sabe Burt Lancaster, em *Trapézio*. Aquele treco continuou no balcão da cozinha, onde Murph o tinha deixado, e de vez em quando eu o usava para misturar o leite com chocolate. Uma vez, no ano anterior, eu até *havia tido* um encontro; me preparei para o momento, em estado de transe, indo a uma loja de lingerie e comprando um sutiã preto taiwanês de 45 dólares, com enchimento de óleo e água, aro de sustentação e toque natural — um seio completo em si, fosse lá quem o usasse; quando o coloquei no meu próprio peito, ele pareceu um bichinho escuro, encaixado ali para mamar. Eu tinha a agradável sensação de estar flutuando quando o usava; me sentia animada e disposta a qualquer sacrifício, como se aquele sutiã aumentasse minhas chances de sucesso no mundo, tendo o meu peito de verdade ficado (brinquei certa vez) num pedestal do subsolo da biblioteca da Dellacrosse, para eu melhorar minha postura.

Toda essa preparação acabou tendo o mesmo efeito que o fútil enfeitar-se de uma mosca: o coitado do rapaz pigarreou e me confessou ser gay. Ficamos deitados juntos na minha cama, só parcialmente nus, nossa roupa íntima preta fazendo uma propaganda enganosa da experiência. As costas dele estavam rosadas de tanta acne: as verdadeiras “espinhas dorsais”, segundo ele. Passei a ponta do dedo naquelas bolinhas, uma espécie de braile, e a mensagem que transmitiam era a de energia e preocupação.

— Mais gay que a fita do chapéu do Dick — anunciou ele, a franqueza, ou a simulação dela, tornando-se o ataque mais eficaz e vil contra a esperança (uma esperança que, para usar a expressão de meu pai, fora folheada a covardia e se transformara em expectativa).

— A fita do chapéu de Dick? — repeti, fitando o teto. Eu não fazia ideia do que aquilo significava. Pensei, calada e pasma, na fita de um chapéu que Dick Hickock possivelmente usaria. Ficamos acordados por uma hora após a confissão dele, ambos trêmulos e chorosos, quando então nos levantamos e, sabe-se lá por quê, resolvemos fazer um bolo. A intenção era fazer sexo e acabamos fazendo um bolo? — Eu gosto muito, muito mesmo de você — comentei, assim que o bolo ficou pronto, e, como ele não disse nada, um silêncio persistente e pesado espalhou-se no ambiente e reverberou como um ruído. Acrescentei, sem graça: — Tem eco aqui?

Ele me olhou com pena e disse:

— Bem que eu gostaria que tivesse, mas não tem.

Então ele foi ao banheiro e saiu de lá com a minha maquiagem toda no rosto, o que, por algum motivo, acabou me deixando com a sensação de que ele estava mentindo sobre aquela história de ser gay.

— Sabe — comecei a dizer, testando o cara mas também, e acima de tudo, implorando —, se você se concentrasse, podia ser hétero. Tenho certeza. É só relaxar, fechar os olhos de vez em quando e mandar brasa. A heterossexualidade... bem, exige muita concentração! — acrescentei, com um tom de voz suplicante. — Exige muito de todo mundo!

— Provavelmente mais do que eu tenho para dar — ressaltou ele.

Eu lhe fiz um café — ele pediu leite, depois leite gelado, depois guardanapos — e, em seguida, foi embora, levando uma fatia de bolo quente.

Nunca mais vi o sujeito de novo, salvo uma vez, rapidamente, do outro lado da rua, quando eu ia para a aula, caminhando. Ele tinha raspado a cabeça, usava botas roxas e estava na chuva sem capa. Andava num zigue-zague saltitante, como se desviando das balas de um franco-atirador. Ia com uma mulher de mais de 1,80m e um

pomo de adão tão grande que era como se tivesse engolido uma das mãos fechada. Um cachecol comprido — dele ou dela? Não sei; em alguns momentos parecia ser dos dois — esvoaçava exuberantemente atrás deles, como a rabiola de uma pipa.

Sarah se virou novamente para o janelão.

— Os vizinhos acabaram de instalar essa cerca invisível. Em novembro. Tenho certeza que causa esclerose múltipla ou algo assim.

— Quem são? — eu quis saber. — Quer dizer, os vizinhos.

Eu demonstraria um interesse antropológico pelo bairro. Nenhuma das mulheres que me entrevistaram tinha ligado de volta. Talvez estivessem em busca de alguém que assumisse o controle e fosse animada e eu lhes houvesse dado a impressão de ser sem sal, difícil de me relacionar. Eu já tinha começado a me preocupar, pois, se não tomasse cuidado com minha passividade, isso poderia se tornar um hábito, um tique, algo permanentemente incorporado, que minhas idiosincrasias continuariam a expressar durante toda a vida, independentemente de meus esforços — como uma alcoólatra que, apesar de ter deixado o vício, continuava a cambalear e a engolir as palavras como uma bêbada.

— Os vizinhos? — A expressão de Sarah Brink pareceu falsamente animada, com os olhos arregalados. O tom de voz se tornou monótono e teatral. — Bom, ali naquele canil mora Catherine Welbourne, o marido dela, Stuart, e o amante dele, Michael Batt. Os Welbourne e os Batt. Quem poderia inventar sobrenomes assim?

— Então Michael é gay? — quis saber, talvez sem demonstrar muito interesse.

— Bom, é. As pessoas comentam muito isso. “Michael é gay”, os vizinhos cochicham, “Michael é gay. Michael é gay”. Tudo bem, Michael é gay. Mas é claro que o caso aqui tem a ver com o fato de *Stuart* ser gay.

Os olhos de Sarah brilharam de satisfação, com o fulgor frenético mas banal da estação natalina e suas baboseiras.

Pigarreei.

— E o que Catherine pensa disso tudo? — arrisquei. Tentei sorrir.

— Catherine. — Sarah suspirou e se afastou do janelão. — Catherine. Catherine. Bom, ela passa muito tempo no quarto, ouvindo Erik Satie. A mulher que serve de fachada, coitada, geralmente é a última a saber. Mas olha só. — Ela quis mudar de assunto naquele momento e tratar do que precisava. — Sente-se. Vamos ao que interessa. — Fez um gesto com o braço, movimentando-o bruscamente, em um espasmo. — Cuidar de criança — começou a dizer, mas parou de repente, como se aquilo bastasse.

Eu me sentei num sofazinho estofado, com uma espécie de capa. Em inglês, os termos *Cuidar de crianças*, tal como *Cuidar da saúde*, tinham, cada um deles, sido englobados em uma única palavra, *childcare* e *healthcare*. E eu estava para me incumbir da primeira. Abri minha mochila e comecei a fuçar dentro dela, procurando uma cópia do meu currículo. Sarah se sentou na minha frente, em outro sofá, também encapado. Ela ergueu e enroscou as pernas de tal forma, que a parte inferior de uma pareceu se projetar da metade superior da outra, como se ela tivesse os joelhos de uma garça, voltados para trás. Como começou a pigarrear, parei de remexer e pus a mochila ao meu lado.

— Este ar de inverno já está me afetando — comentou Sarah. Ela se virou e tossiu de novo, com força, aquela tosse seca que os médicos chamam de “não produtiva”. Bateu de leve na barriga lisa. — O negócio é o seguinte — repetiu. — Nós vamos adotar.

— Adotar?

— Um bebê. Vamos adotar um bebê daqui a duas semanas. É por isso que colocamos o anúncio em busca de uma babá.

Queríamos providenciar alguém com antecedência, para ficar em alguns horários predeterminados.

Eu não sabia nada sobre adoção. No máximo tinha conhecido uma garota adotada quando era mais nova, Becky Sussluch, uma menina mimada e bonita que, aos 16 anos, já estava tendo um caso com um monitor confuso e bonito que eu mesma vinha paquerando. De modo geral eu pensava em adoção do mesmo jeito que pensava na maior parte das coisas da vida: com inquietude. Parecia ser ao mesmo tempo uma piada cruel e um sonho bom — uma forma interessante de evitar o sangue e a dor do parto ou, do ponto de vista da criança, a fantasia realizada de seus pais não serem seus pais de verdade. Seus genes poderiam erguer um dos braços e comemorar. *Beleza!* Você não era de fato parente *deles!* Por incrível que parecesse, na máquina de selos do correio, eu tinha acabado de comprar os recém-emitidos selos sobre adoção — *Adote uma criança, Forme uma família, Crie um mundo* — e, animadamente, usei vários nas cartas que mandei para minha mãe, em casa. Senti que tinha o direito a essa ligeira maldade. Discreta e passível de ser negada.

— Parabéns! — sussurrei, naquele momento, para Sarah. Era isso que se deveria dizer?

A face dela se animou de imediato, agradecida, como se ninguém lhe tivesse dito ainda uma palavra encorajadora sequer sobre aquilo.

— Puxa, obrigada! Tenho tanto trabalho no restaurante que as pessoas para quem conto isso agem de um jeito peculiar e reservado, mostrando uma preocupação irritante comigo. Exclamam “É mesmo!?”, e toda a tensão se concentra na boca deles. Achem que estou velha demais.

Concordei com a cabeça, sem querer. Não sabia, no que dizia respeito à conversa, em que pé estávamos. Eu me esforcei, como me via fazendo até demais, para encontrar as palavras ou até

mesmo o tom de voz para usar no diálogo. Fiquei imaginando quantos anos ela devia ter.

— Sou dona do Le Petit Moulin — acrescentou Sarah Brink.

Le Petit Moulin. Já tinha ouvido falar, ainda que pouco. Era um daqueles restaurantes caros do centro da cidade, cada prato enfeitado com raminhos de endro fresco, cada sopa e sobremesa tão refinadamente gotejada quanto um Pollock, cada costela e filé salpicado com pó de alfazema de fadas; o tipo de estabelecimento nunca frequentado por estudantes, a menos que estivessem começando a sair com um cara de uma fraternidade ou a namorar um assistente de decano ou se estivessem mostrando o lugar em que viviam aos preocupados pais que vinham do subúrbio para visitá-las. Eu sabia que o Le Petit Moulin servia pratos com nomes que lembravam instrumentos — *timbales* e *quenelles* — e que só Deus sabia o que eram. Uma vez tentei avaliar o cardápio na vitrine iluminada próxima à entrada e, enquanto fitava as palavras, a dor do meu próprio exílio fez meus olhos marejarem. Naquele restaurante provavelmente serviam as batatas do meu pai, embora ele não tivesse condições de entrar ali. O jantar mais barato custava 22 dólares, o mais caro, 45. Quarenta e cinco! Dava para comprar um sutiã com enchimento de água e óleo com esse dinheiro!

Busquei meu currículo de novo, na bolsa; por fim, encontrei-o dobrado e amassado, mas o entreguei assim mesmo para Sarah. Comentei:

— Meu pai era fornecedor para alguns dos restaurantes daqui. Acho que já faz alguns anos.

Ela leu meu currículo.

— Você é parente de Bo Keltjin, das batatas Keltjin?

Fiquei surpresa ao ouvi-la citar as batatas do meu pai — Kennebecs, Norlands, Pontiacs, Yukon Gold, algumas do tamanho de bolinhas de gude, outras grandes como um melão, dependendo dos

períodos de estiagem e de plantio, bem como do que os besouros andavam aprontando — ali, na sala da casa dela.

— É o meu pai.

— Puxa, eu me lembro bem dele. As batatas Klamath Pearl que ele vendia eram famosas. E também as selvagens, alongadas feito dedos. Ele foi o primeiro a vender as sortidas, em tons de rosa e roxo, nas cestinhas de frutas, como se fossem joias. E aquelas batatas novas que resolveu chamar de “ovos de pato Keltjin”. Eu tinha uma teoria sobre elas.

Assenti. Ao voltar da lua de mel na Inglaterra com minha mãe, meu pai tinha passado clandestinamente pela alfândega de Chicago com uma batata Jersey Royal com vários brotos. Assim que chegou a Dellacrosse, ele passou a cultivá-las em vasos e tinas no celeiro, durante o inverno, e no solo, na primavera. Ele vendia essas batatas para os restaurantes como “ovos de pato”.

— Eu ia correndo para o mercado agrícola às 6 da manhã para comprá-las. Todo mês de abril eu as incluía de novo no cardápio. — Ela estava começando a devanear. Ainda assim, foi bom ouvir elogios a meu pai. Ele não era muito respeitado como fazendeiro lá na nossa região: o pessoal o considerava um amador, um hortaliçeiro, um sujeito sem acres suficientes, com apenas alguns patos (que todo outono estupravam uns aos outros com tanta violência, que nunca nos acostumamos), um cachorro, um trator, um site na internet (um site, pelo amor de Deus!) e duas vacas simplesmente decorativas, de cara malhada e produção leiteira aleatória. (Chamavam-se Bess e Guess, ou Leiteira e Adubeira, segundo meu pai, e ele não as deixava pisotear nas margens do riacho, como a maioria dos fazendeiros das redondezas fazia com as vacas deles. Uma vez eu tirei leite da Bess, tomando o cuidado de cortar as unhas antes, para não a machucar; o contato íntimo demais com a teta peluda e cheia de veias cor de alfazema quase me fez vomitar. “Está bem, você não precisa fazer isso de novo não”,

disse meu pai. Que tipo de filha de fazendeiro eu era? Eu tinha apoiado a testa no flanco de Bess para me equilibrar, e aquele calor repentino, juntamente com meu próprio mal-estar, fez com que eu tivesse a sensação de que a adorava.) A gente também teve uma porca agitada chamada Helen, que atendia quando a chamávamos pelo nome e sorria feito um golfinho quando falávamos com ela. Até que ela sumiu por uns dias e, numa bela manhã, quando comíamos ovos e bacon, meu irmão perguntou:

— Isso é a Helen?

Eu deixei o garfo cair e gritei:

— Isso é a Helen? É a Helen?!

Minha mãe também parou de comer e olhou fixamente para meu pai:

— Bo, é a Helen?

Nunca chegamos a conhecer o outro porco que tivemos; o nome dele era #WK3746. Depois compramos uma cabra fofa mas caprichosa, chamada Lucy, que às vezes, junto com nosso cachorro, Blot, perambulava pelo jardim, livre como um passarinho.

Meu pai era menosprezado entre os outros fazendeiros por ter apenas alguns gêneros alimentícios. A fazenda dele era uma reles horta que fugira levemente do controle — só um pouco mesmo. E ele não tinha pintado o celeiro com aquele tom vermelho ordinário, próprio para camuflar sangue, que o restante do país usava (e que, em contraste com os campos e arbustos verdes, fazia minha mãe se lembrar demais do Natal), mas com branco e azul-celeste, e esse detalhe era citado com frequência nos armazéns do município. (Embora eu achasse que as cores agradassem à minha mãe por fazerem com que se recordasse do Chanuca e de Israel, ela afirmava que desdenhava ambos. A capacidade de ser feliz da minha mãe equivalia a um minúsculo osso de mocotó para temperar um panelão inteiro.) Além do mais, nossa casa era sofisticada demais para os padrões locais — tijolos de tom creme misturados com outros

avermelhados formavam um padrão dourado e rosa-escuro, e o telhado de mansarda de um fazendeiro próspero, embora meu pai não o fosse. Meu pai pintava as tábuas de madeira dos beirais ora de marrom ora de laranja ora de roxo berrante — ele mudava a cor todo verão. Quem ele pensava que era, “um veadinho do Balé de Minnesota”? Às vezes fazia-se de surdo e ia em frente, seguindo o próprio rumo e seu senso de humor. Construiu sozinho uma sala de estar baseada nos preceitos ecológicos, a primeira da região; ele mesmo preparou uma mistura de argamassa de barro e a chapiscou nos fardos trançados de palha metidos entre as vigas. Os vizinhos não ficaram impressionados: “Cruz credo! O Bo construiu uma cabana de barro e palha junto da maldita casa dele.” As soleiras eram de calcário, mas do tipo reconstituído, e meu pai só as despejou lá. Ele quase nunca se deixava dissuadir. Adorava o velho celeiro azul de laticínios, com os baldes enferrujados jamais descartados, e o riacho adjacente, que ainda gelava o leite e fluía até um criadouro de peixinhos. Possuía um arboreto e alguns campos cultiváveis. Na verdade era uma mera agricultura de montanha, mas para os habitantes locais meu pai parecia ser um sujeito meio desprezível, excêntrico demais. O pessoal achava que as idiossincrasias dele ultrapassavam a esfera da autenticidade social e ingressavam no âmbito das questões de Deus, do ser humano e da existência. Meu pai tentava não usar sementes híbridas — não plantava nem pepino com propriedades digestivas —, então a alface florescia precocemente. Talvez eles achassem aquilo hilário — bem como a propriedade reduzida, a frequente ausência nos jantares da igreja e nas feiras anuais, além de uma esposa esquisita, de etnia incerta, que ia dormir tarde demais para uma mulher de fazendeiro e não se mantinha ocupada o bastante com os afazeres. (Minha mãe tinha instalado grandes espelhos na parte de trás dos canteiros de flores para aumentar a aparência do jardim, em vez de aumentar sua extensão real.) Era pior do que se estivesse se baseando num

livro: não, meu pai parecia se orientar por algum artigo de revista; até os criadores de ginseng eram mais respeitados que ele. Ainda assim, ele tentava agradar — plantava uma pequena área de soja chamariz para revigorar o solo e atrair as pragas da alfafa dos vizinhos, dando uma mãozinha para eles. Costumava alternar os cultivos, não apenas por causa do solo como também para fazer uma brincadeira divertida e confundir o inimigo: se um ano plantava trigo na área em que estavam as batatas e as batatas no lugar da soja, raramente ocorria broca. Ou dava broca brocha — sem a excitação necessária para localizar uma refeição rápida. Nosso solo parecia achocolatado, era encorpado como vinho, ao passo que a terra cheia de atrazina dos nossos vizinhos muitas vezes se assemelhava a um amontoado horroroso de pedaços secos e acinzentados. Meu pai era nativo, verde, orgânico e acertadamente lento, mas anos antes tinha se recusado a fazer parte das cooperativas de produtos sem agrotóxicos, as quais estavam absorvendo as velhas fazendas que vendiam em larga escala para mercados distantes. Isso o isolou ainda mais. Era conhecido como Tom Tofu ou Bo, o Príncipe do Tofu, ou às vezes simplesmente “Bofu”, apesar de cultivar apenas batatas.

— É, as batatas dele têm boa reputação... pelo menos em alguns lugares — apressei-me em acrescentar. — Até minha mãe, uma pessoa difícil de agradar, gostava das batatas. Uma vez ela as qualificou de “divinas”, e costumava chamá-las de *pommes de terres de l’air*. — É, eu simplesmente estava falando demais.

— Que engraçado — comentou Sarah.

— Pois é. Ela achava que não existia nenhuma palavra que descrevesse aquelas batatas direito.

— E provavelmente ela tinha razão. Que interessante.

Tive medo de que Sarah fosse uma daquelas mulheres que, em vez de rir, diziam “Que engraçado” ou, em vez de sorrir, comentavam “Que interessante”, ou ainda que, em vez de enunciar “Você é uma

idiota completa”, falavam “Bom, acho que é um pouco mais complicado que isso.” Eu ficava sem saber como agir perto de gente assim, especialmente daquelas que, logo que se fazia um comentário, gostavam de dizer, de um jeito enigmático, “Entendo”. De modo geral, eu me limitava a ficar calada.

— Sabe, o pai da Joana D’Arc cultivava batata — acrescentou Sarah. — Foi nas plantações dele que ela escutou as vozes pela primeira vez. Isso é que são batatas famosas.

— Dá para entender. Eu mesma já escutei vozes nos campos do meu pai. Mas geralmente era o rádio-gravador do meu irmão encaixado na parte de trás do trator.

Ela assentiu. Eu não tinha conseguido fazê-la rir. Talvez porque não tivesse sido uma piada engraçada.

— Seu pai já plantou inhame? — quis saber.

Inhame! Um tubérculo com rabinho de rato, que tinha se tornado motivo de escândalo na arte contemporânea, assunto a respeito do qual eu lera no ano anterior.

— Não — respondi. Receei que, no âmbito das entrevistas, eu ia de mal a pior. Não sabia ao certo por que estávamos dizendo o que estávamos dizendo. — As batatas crescem dos brotos de outras batatas — acrescentei, a troco de quê, só Deus sabia.

— É. — Sarah me fitou de forma penetrante.

— No inverno, meu irmão e eu costumávamos atirá-las de canos, com fogos de artifício — disse eu, naquele momento já falando abertamente. — Armas de batata. Era um tremendo passatempo quando a gente era pequeno. Com as batatas armazenadas no silo e alguns canos de PVC, formávamos miniexércitos e lutávamos.

Então foi a vez de Sarah divagar: — Quando eu tinha a sua idade, fiz um intercâmbio, por seis meses, na França. Fiquei com uma família. Eu disse a Marie-Jeanne, a filha deles, que estava na mesma série que eu: “É engraçado que no francês canadense se diga *patate* e aqui na França vocês digam *pommes de terres*”, e ela

comentou: "Ah, a gente fala *patate*." Quando eu contei isso ao pai dela, ele ficou sério e disse: "Marie-Jeanne disse *patate*? Ela nunca deveria usar essa palavra!"

Ri, meio sem saber bem por quê, mas achando que descobriria em breve. Uma lembrança longínqua me veio à mente, a de um bilhete que um garoto babaca me passara no sétimo ano: "Ria menos."

Sarah sorriu.

— Seu pai parecia ser um bom sujeito. Não me lembro da sua mãe.

— Ela quase nunca vinha para Troy.

— É mesmo?

— Bom, às vezes minha mãe levava as flores dela ao mercado. Bocas-de-leão e gladiolos. Mas o pessoal lá dizia "gladioli", ela não gostava.

— É — concordou Sarah, sorrindo. — Eu também não gosto. — Estávamos no modo educado, de harmonia gratuita.

Prossegui:

— Ela cultivava flores e fazia buquês com elásticos. Acho que custavam 1 dólar.

Na verdade, minha mãe tinha certo orgulho dessas flores; fertilizava-as com matéria vegetal em decomposição que pegava do lago. Mas meu pai se orgulhava ainda mais das batatas dele, nas quais jamais teria usado esse adubo. Dizia que continha metal pesado. "Uma vez, caiu um avião de uma banda de rock naquele lago", brincava, e, apesar de uma aeronave ter mesmo despencado ali, o conjunto era, tecnicamente, de R&B. Ainda assim, ele tinha razão quanto à água: na melhor das hipóteses, era suja, por causa da extração de gipsita no norte.

Era estranho pensar que aquela mulher, Sarah, conhecia meu pai.

— Você vinha para a cidade com eles? — perguntou.

Eu me remexi um pouco, desconfortável. Não esperava ter que voltar ao passado daquela forma; resumi-lo e relembra-lo era trazer à tona algo que não queria ser lembrado.

— Não muito. Acho que só uma ou duas vezes eu e meu irmão fomos com eles; ficamos correndo de um lado para o outro, irritando as pessoas. Eu me lembro de uma vez que fiquei lendo um livro, sentada, embaixo de uma mesa bamba em que meus pais vendiam seus produtos. Acho que teve outra em que simplesmente fiquei no caminhão. — Ou talvez tivesse sido em Milwaukee. Eu não lembrava direito.— Eles continuam produzindo? Não vejo mais seu pai no mercado, de manhã.

— Ah, não muito. Eles venderam boa parte da fazenda para um grupo Amish e agora estão semiaposentados. — Eu adorava dizer *semi*. Vinha usando muito esse prefixo, em vez de *meio* ou *tipo*, e tinha virado uma mania. “Estou semipronta”, anunciava. Ou “Estou no modo semi hoje”. Murph me chamava de Semita. Ou de Seminarista. Ou de garota semilouca. — Ou quase isso — acrescentei.

Na verdade, meu pai não era um semiaposentado, era um semibêbado. Embora não fosse velho, agia como um... desmiolado. Para se divertir, costumava ir com a colheitadeira até as ruas principais da região e fazia o tráfego ficar mais lento de propósito.

— Deixei uns 17 carros atrás de mim — vangloriou-se para minha mãe, uma vez.

— Então tinha um bocado de gente — ela ressaltou. — Melhor tomar cuidado.

— Seu pai está com quantos anos, agora? — quis saber Sarah Brink.

— Quarenta e cinco.

— Quarenta e cinco? Nossa, *eu* tenho 45. Isso significa que tenho idade suficiente para ser... — Ela respirou fundo, ainda processando o próprio espanto.

— Meu pai? — perguntei.

Uma brincadeira. Não quis dar a entender que ela não era muito feminina. Se não deu certo como piada, então foi um elogio, pois eu não queria, nem em pensamento, nem por um instante, confundir aquela mulher sofisticada com minha mãe, uma mulher tão simples e sem noção que tinha me dado uma vez — para mim! para experimentar! para usar! — sua calcinha de renda preta que encolhera na secadora quando eu só tinha 10 anos.

Sarah Brink riu, um semirriso, um riso socialmente construído — uma coletânea de entonações predeterminadas, como os toques de uma campainha.

— Então, aqui está a descrição do emprego — disse ela, quando o sorriso se esvaiu.

Na volta para casa, caminhando, passei por um esquilo que tinha sido atropelado por um carro. As tripas suaves, de tom avermelhado, haviam saído da boca do bichinho, formando um balão de história em quadrinhos, e o vento esvoaçava o pelo de seu rabo, dando a impressão de que ele ainda estava vivo. Tentei me lembrar de tudo que Sarah Brink tinha me dito. Ainda faltava 1 quilômetro para chegar em casa, então recapitulei trechos longos dela discorrendo, apesar de o ar estar gelado a ponto de intimidar os pedestres e provocar neles uma mudeza mental. *Esse é um posto que consideramos fundamental, apesar de estarmos contratando em cima da hora. Se escolhermos você, queremos que participe de tudo, desde o primeiro dia. Nossa ideia é que se sinta um membro da família, já que, claro, fará parte dela.* Tentei pensar em quem Sarah me fazia lembrar, embora tivesse certeza de que não era alguém que eu tivesse conhecido. Na certa ela me trazia à mente algum personagem de um seriado de TV que eu tinha visto anos antes. Mas não da protagonista do programa. Definitivamente, não da

protagonista. Talvez da amiga patricinha da protagonista ou da prima dela, uma desmiolada de Cleveland. Eu sabia que mesmo quando Sarah tivesse um bebê, nunca perderia o estilo tia Mame, de *A mulher do século*, ao exercer o papel de mãe. Tinha coisa pior, pensei.

No céu, a claridade se esvaía, tênue. O crepúsculo já iniciara, apesar de serem apenas 15 horas. O sol se punha cedo naqueles dias que precediam o Natal — “os mais curtos do ano”, ou seja, os mais escuros —, o que tornava a caminhada de volta para casa ainda mais solitária. Eu morava num apartamento daquelas casas antigas de madeira, perto do campus, na área estudantil contígua ao estádio da universidade. Era uma construção de esquina, e o apartamento de primeiro andar, que era o que eu dividia com Murph, ficava nos fundos, à esquerda de quem subia as escadas para a varanda. O nome completo dela, Elizabeth Murphy Krueger, enfeitava a caixa de correio juntamente com o meu, numa ficha de arquivo, escrito com cola verde brilhosa. Do outro lado da rua, o muro de concreto cinza do estádio era três vezes mais alto que qualquer construção das redondezas, de forma que escurecia o bairro de uma forma lúgubre e brutal. Na primavera e no outono, bandas militares, com tubas e tambores, viviam fazendo nossas vidraças vibrarem. O sol só penetrava no nosso apartamento nas épocas em que estava bem alto — em maio, ao meio-dia — ou numa manhã de inverno, quando refletia por causa de algum desvio fortuito de uma tempestade de neve, ou de tarde, quando o ângulo em que se punha fazia com que ele entrasse brevemente pela janela dos fundos, na cozinha. Quando um retângulo ensolarado e alongado aparecia no chão, era uma delícia ficar de pé nele. (Eu era velha ou nova demais para sentir prazer com isso? Com certeza não estava na idade certa.) Depois de um temporal ou na época do degelo, quando se andava perto do estádio dava para ouvir a água escorrendo lá por dentro, iniciando das cadeiras no alto e caindo

fileira por fileira embaixo, numa cachoeira perfeitamente graduada. Às vezes o som da água, capturado e ampliado pela construção de concreto, fazia um ruidoso *chuá*. E era comum as pessoas pararem ao longo das calçadas e apontarem para o muro externo da construção, comentando: "O estádio não está vazio? Que barulho é esse, hein?"

— É a revolução — Murph gostava de responder.

Ela considerava os estádios lugares nos quais os rebeldes eram assassinados, o que a levava a ter sentimentos antagônicos por viver tão perto de um; sem falar no que sentia quanto aos jogos locais de futebol americano, quando praticamente não restava espaço no meio-fio porque os carros estacionados dos visitantes lotavam as ruas, os aplausos da torcida percorrendo a cidade como um vento uivante e o vermelho da camisa dos torcedores lembrando uma invasão de insetos. Nas manhãs de domingo, no dia seguinte ao dos jogos, a calçada ficava cheia de cartazes de papelão com a frase "Preciso de ingressos".

Murph agora dividia o apartamento comigo apenas na teoria, já que na prática passava a maior parte do tempo a 1 quilômetro dali, num condomínio sublocado, com o novo namorado, um cara do sexto ano. Muitas vezes eu me esquecia disso — ficava louca para contar algo para ela, pensava no que podíamos preparar para o jantar, esperava encontrar minha amiga lá, devaneando, com o suéter jogado nos ombros e as mangas amarradas no pescoço, um visual que ficava ótimo nela, mas que em mim me faria parecer uma louca. Mas assim que eu entrava em casa me dava conta de que, mais uma vez, estaria só. Ela deixava a série reveladora de objetos descartados, roupas trocadas às pressas, bilhetes escritos sem cuidado. "Aí, Tass, tomei o restinho de leite — foi mal." Então me restava a ambivalência de ter que pagar com a solidão por um apartamento pelo qual não podia pagar sozinha. Não chegava a ser deprimente — muitas vezes ela não me fazia a menor falta. Mas às

vezes eu sentia uma pontada rápida e pungente, quando entrava e via que Murph não estava lá. Duas vezes, porém, tive a mesma sensação de inquietude quando ela estava lá.

Os degraus porosos e carcomidos da entrada ainda aguentavam peso — seis inquilinas magras, em fila indiana — mas sempre que eu subia neles pensava que talvez seria a última vez: com certeza, na seguinte, meu pé passaria direto e eu teria que ser retirada dos destroços cheios de lascas por uma unidade de resgate chamada pela atenta Kay, do andar de cima. O proprietário, Sr. Wettersten, era o típico ausente, embora acreditasse em bons boilers e, no período de aulas, não limitasse o aquecimento, talvez temendo ações judiciais de algum pai. Dava para tomar banho várias vezes por dia ou no último minuto: os cabelos secavam num piscar de olhos perto dos aquecedores. Às vezes ficava tão quente no meu apartamento que minhas unhas secavam, rachavam e quebravam nas luvas, e pedacinhos delas prendiam nas pontas dos dedos de lã. Naquele momento, ao abrir a porta para entrar, os canos trepidavam com as pequenas explosões internas; nenhum tinha estourado ainda, mas quando o boiler fazia esse barulho de noite, o tremor chegava a nos acordar. Às vezes parecia que vivíamos numa fábrica. Kay, que morava no apartamento maior, era uma mulher de meia-idade, a única não estudante. Estava sempre metida em algum desentendimento com o proprietário por causa da manutenção do pequeno prédio.

— Ele não faz ideia do que vai ter que enfrentar, deixando esta casa largada do jeito que está — Kay me disse certa vez. — Quando tem algo errado aqui, eu não sossego. Sabe, não tenho outra ocupação. Posso me dedicar a este lugar. Ele nem imagina o que vai enfrentar. Vai lidar com alguém que não tem mais o que fazer. — Então todas nós deixávamos Kay se encarregar dos problemas da casa. Fazia mais de uma década que ela morava ali. Às vezes Murph se referia às inquilinas como Família Clutter, um apelido que eu

supunha (esperava, rezava) fazer menção à desordem que causavam.*

Quando atravessei a sala para jogar minhas coisas no sofá, as tábuas do assoalho, ao mesmo tempo gastas e mal-encaixadas, rangeram alto — ainda mais tendo toda a umidade ido embora. Apesar do estrépito barulhento e lamentoso da tubulação e do piso, a casa estava numa solidão invernal. A lareira, fria e inutilizada, era um perigo para a segurança — como desfrutar de um pouco de conforto sem correr o risco de morrer queimada? deveríamos correr esse risco? sim, implorei uma vez, sim! — era usada para guardar CDs. No canto estavam apoiados meu baixo e o amplificador, implorando por serem usados, embora eu os ignorasse. Meu baixo era um Lucite, totalmente transparente, da Dan Armstrong, igual ao de Jack Bruce, do Cream. Eu tinha aprendido a improvisar uns solos não muito usados no baixo: conhecia um pouco de Modest Mouse, de Violent Femmes e Sleater-Kinney (“Não é aquele hospital de câncer de Nova York?”, meu irmão me perguntou uma vez), além dos clássicos, Jimi Hendrix, “Milestones”, “Barbara Ann”, “Barbara Allen”, “My Favorite Things” e “Happy Birthday” (como se tocada por Hendrix, mas no baixo!). Uma vez, em Dellacrosse, eu tinha concordado em fazer um show de verdade — toquei “Blue Bells of Scotland” e usei um kilt. Um saio escocês e uma guitarra transparente, que conseguiu fazer um som bem parecido com o de uma gaita de foles; como a apresentação fazia parte de uma feira anual, eles me deram um laço verde com as palavras *Moçoila Lírica*. Na minha opinião, todo mundo naquela feira ridícula era meio idiota, incluindo eu, e nunca mais toquei lá.

No corredor do apartamento, a luz do telefone estava piscando, então apertei o botão da secretária eletrônica, aumentei o volume e fui até o quarto, onde me joguei na cama, ao pôr do sol islandês, com a porta aberta, para escutar vozes de mulheres, uma após a outra, e seus diversos desejos e pedidos.

A primeira foi a irmã de Murph. "Oi, é a Lynn. Sei que você não está aí, mas me ligue mais tarde, quando estiver." Depois, minha mãe. "Alô, Tassie? É a sua mãe." Seguido de um ruído e de um baque enquanto ela desligava. Será que tinha deixado o telefone cair ou era só mais um exemplo de seu estranho estilo pessoal? Depois, minha orientadora e também decana das alunas: "Olá, aqui é a decana Andersen, eu queria falar com Tassie Jane Keltjin." Eu sempre esquecia que a nossa mensagem não indicava de quem era o telefone. Era só a Murph gritando (de um jeito que a gente achava hilário): "Deixe sua mensagem após o sinal, se realmente quiser! A gente super não está aqui!" O tom de voz da decana Andersen era amável mas enérgico, uma combinação que eu passaria muitas horas da minha vida tentando imitar, embora pudesse ser algo mais bem empregado na língua persa. "Tassie, você poderia deixar uma cópia dos papéis da sua matrícula para o próximo período na minha caixa de correspondência no Ellis Hall? Muito obrigada. Preciso aprovar sua inscrição oficialmente, o que acho que ainda não fiz, embora eu não saiba por quê. Aproveite as férias." Houve um silêncio prolongado e hesitante antes da última mensagem. "Ah, alô, aqui é Sarah Brink, estou procurando Tassie Keltjin." Outro silêncio prolongado e hesitante. Eu me sentei na hora, para ver se havia algo mais. "Será que ela poderia me ligar mais tarde, hoje à noite? Muito obrigada. 357-7649."

Primeiro liguei para minha mãe. Como ela não tinha secretária eletrônica, deixei o telefone tocar dez vezes e desliguei. Então rebobinei a fita e escutei de novo a mensagem de Sarah Brink. O que estava me assustando? Eu não sabia ao certo. Mas decidi esperar até a manhã do dia seguinte para retornar a ligação. Vesti minha camisola, fiz um queijo quente com chá de hortelã, levei tudo para o quarto e comi na cama. Cercada de farelos e gordura, jornais e livro, acabei dormindo.

Acordei com uma claridade intensa. Eu tinha esquecido de fechar a persiana e nevara durante a noite; os primeiros raios de sol refletiam na neve, no peitoril e no telhado baixo adjacente, iluminando o quarto. Tentei não pensar na minha vida. Eu não tinha um plano concreto e bom para ela a longo prazo — tampouco um ruim; simplesmente, nenhum plano — e a desorientação causada por isso, comparada com as óbvias ambições de minhas amigas (casamento, filhos, faculdade de direito), às vezes me envergonhava. Em outras ocasiões, eu defendia mentalmente essa condição como sendo moral e intelectualmente superior — minha vida estava aberta, livre e desimpedida — o que não a tornava menos solitária. Eu me levantei, dei uma andada longa e penosa pelo piso gelado, descalça, e preparei café, com um filtro de plástico marrom e um papel-toalha, deixando o líquido pingar numa caneca do Chalé de Madeira do Alce. Murph tinha ido passar um fim de semana lá, com o novo namorado.

O telefone tocou de novo antes que o café surtisse efeito e me desse as palavras certas; ainda assim, atendi.

— Alô, é a Tassie? — quis saber a voz recém-familiar.

— Sim.

Engasguei desesperadamente com o café. Que horas eram? Cedo demais para telefonemas.

— Aqui é Sarah Brink. Acordei você? Desculpe. Estou ligando cedo demais, não é?

— Não, não — respondi, com medo que ela me achasse uma vagabunda preguiçosa. Melhor ser uma mentirosa de merda.

— Fiquei sem saber se tinha deixado a mensagem no telefone certo ou não. E queria falar com você o mais rápido possível, antes que aceitasse a oferta de outra pessoa. — Mal sabia ela. — Eu conversei com meu marido; queremos dar a vaga a você. Será que ela já entrara em contato com as referências que eu lhe tinha dado? Teria tido tempo para isso?

— Ah, obrigada — respondi.

— Vamos começar com 10 dólares a hora, com a possibilidade de aumento depois.

— Tudo bem.

Dei um gole no café, tentando despertar a mente. Que o café falasse!

— A questão é a seguinte. Você começa hoje.

— Hoje?

Outro gole.

— É, me desculpe. Estamos indo para Kronenkee, conhecer a mãe biológica, e gostaríamos que você fosse com a gente.

— Ah sim, tudo bem, acho que dá.

— Você aceita o trabalho?

— Acho que sim.

— Aceita? Não imagina o quanto me deixa feliz!

— É mesmo?

Perguntei a mim mesma enquanto isso: Cadê a sessão introdutória do primeiro dia do funcionário? Cadê a apresentação de PowerPoint: “Você escolheu um excelente local para trabalhar?” O café começava a surtir efeito, mas ainda não estava ajudando.

— Com certeza, muito mesmo. Pode chegar aqui antes do meio-dia?

* * *

O encontro com a mãe biológica estava marcado para as 14 horas, no restaurante Perkins, em Kronenkee, cidade que ficava a uma hora, com um nome metade alemão metade indígena que sempre achei que fizesse referência ao colar de conchas feito pelos nativos. A assistente social que administrava a agência de adoção deveria ir até lá com a mãe biológica, e todos se analisariam animadamente. Eu tinha feito a caminhada de meia hora até a casa de Sarah Brink e, então, esperara vinte minutos enquanto ela andava de um lado

para o outro cuidando de pequenas tarefas, fazendo ligações breves para o restaurante — “Meeska, o coulis de Concord tem que ser mais que uma geleia de uva!” — ou procurava, desesperada, os óculos escuros — “Odeio a neve ofuscante naquelas estradas de pista dupla” —, me pedindo desculpas o tempo todo, do outro cômodo. No carro, a caminho, eu me sentei ao lado dela, já que o marido, Edward, que, estranhamente, eu ainda não conhecia, não pudera sair de uma reunião ou algo assim e, pelo visto, dissera a Sarah para ir sem ele.

— Casamento — disse ela, suspirando.

Como se eu fizesse alguma ideia do que aquilo significava. Só que parecia mesmo estranho ele não estar com ela e mais estranho ainda eu estar indo no lugar dele.

Mas assenti.

— Provavelmente está ocupado — comentei, dando a Edward o benefício da dúvida, embora eu começasse a achar que ele talvez fosse, bom, um babaca.

Olhei de esguelha para Sarah, que estava sem gorro, com um longo cachecol vinho dando duas voltas no pescoço. O sol brilhava em seu penteado e nos tufos soltos de lã branca de sua jaqueta grossa. Ainda assim, especialmente por causa dos óculos escuros no inverno — algo que eu quase nunca tinha visto antes —, ela me pareceu glamorosa. Eu não estava lá muito acostumada a conversar com adultos, então me senti à vontade só de ficar ao lado de Sarah, em silêncio; dali a pouco ela ligou o rádio, na estação de música clássica, e ouvimos “Quadros de uma exposição” e “Uma noite em Monte Calvo” durante a viagem.

— Eles me contaram que a mãe biológica é muito bonita — comentou Sarah, a certa altura. E eu fiquei calada, já que não sabia o que dizer.

Eu e ela esperamos no segundo salão do Perkins, sentadas do mesmo lado da mesa para deixar o lugar à nossa frente totalmente

livre para as duas pessoas que aguardávamos. Sarah pediu café para nós, e eu me limitei a olhar para o cardápio plastificado do restaurante, com pequenas fotos de batatas fritas douradas dispostas em alfaces crespas bem verdes, ao lado de fatias de tomate do tamanho de relógios de pulso. O que eu ia pedir? Tinha a Salada na Cesta de Pão, a Omelete das Terras Centrais e várias bebidas “infinitas” (ou seja, com direito a refil), para os gulosos e sedentos — e eu receava ser ambos. Sarah pediu o Bule Infinito de Café Perkins para todos à mesa, e a garçonete foi providenciar.

— Ah, olhe, elas chegaram — sussurrou Sarah.

Ergui os olhos e vi uma mulher de meia-idade com maquiagem pesada, usando uma parca rosa-escura e segurando o braço de uma moça provavelmente da minha idade, talvez mais nova, bem grávida, muito bonita e que, quando sorriu para nós, deixou claro, até mesmo àquela distância, que mal tinha dentes. Nós nos levantamos e caminhamos até elas. A jovem usava um rastreador eletrônico no pulso, mas era evidente que isso não a constrangia nem um pouco, porque ergueu a mão animadamente para fora da manga para nos saudar. Cumprimentei-a.

— Oi — disse ela para mim.

Eu me perguntei o que teria feito e por que o rastreador não fora colocado no tornozelo. Talvez houvesse se comportado tão mal que tinha um em cada lugar.

— Oi — respondi, tentando sorrir amigavelmente e desgrudar os olhos da barriga dela.

— Aqui, *esta* é a mãe — a mulher de parca rosa informou à grávida, apontando para Sarah.

— Sarah Brink? Amber Bowers.

— Oi. É maravilhoso conhecer você.

Sarah agarrou a mão de Amber com entusiasmo e a apertou por tempo demais. A jovem ficava olhando de um jeito esperançoso para

mim, como se estivesse tão perplexa quanto eu por estar na companhia daquelas misteriosas mulheres de meia-idade.

— Sou Tassie Keltjin — acrescentei depressa, apertando outra vez a mão já penalizada de Amber. Os ossinhos delicados de seus pulsos e os dedos elegantes contrastavam estranhamente com a boca desdentada e o bracelete de plástico rígido de liberdade condicional. — Vou trabalhar para Sarah, cuidando do bebê.

— E eu sou Letitia Gherlich — informou a mulher da agência de adoção, apertando minha mão sem soltar a manga do casaco de Amber, como se ela pudesse escapar.

A jovem tinha mesmo o jeito, não fosse pelo corpo atual, de alguém que, talvez até mais de uma vez, saíra correndo de repente.

— Olá, Letitia — disse Sarah, abraçando-a como se já fossem velhas amigas, embora a mulher tenha se retesado um pouco. — Bom, venham sentar. A garçonete vai trazer café.

Depois disso, tudo transcorreu com rapidez e constrangimento, como algo ao mesmo tempo resistente e despedaçado. Penduramos nossos casacos; fizemos nossos pedidos; comemos, batemos papo sobre comida e neve.

— Ah, olha lá meu supervisor da condicional — contou Amber com risadinhas, a expressão mais animada do mundo, como se estivesse a fim do cara. — Acho que ele pode ver a gente. Está sentado bem ali, perto da janela. — Nós nos viramos para ver o sujeito, ainda de veste azul, o refrigerante diet infinito cheio de gelo. Um galã em decadência em capa de chuva: o mundo parecia cheio deles. Todas o fitamos, acho que para ganhar tempo e evitar a pergunta direta sobre os crimes de Amber.

Letitia começou a falar com Sarah, em nome da jovem:

— Amber está feliz em conhecer Tassie e você, Sarah. — A essa altura, a moça me olhou e revirou os olhos, como se fôssemos duas jovens num passeio com as respectivas mães constrangedoras. Eu vinha observando o rosto dela, que era lindo, mas petulante, com

uma energia estranha animando-a; sem os dentes, ela dava a impressão de ser uma caipira ligeiramente instruída ou uma aberração infantil. Seus cabelos eram entre o loiro e o ruivo, tão lisos e grossos quanto o rabo de um cavalo. — Ela gostaria de saber, claro, quais seriam seus planos quanto à religião do bebê. Gostaria muito que ele fosse batizado na igreja católica, não é mesmo, Amber?

— Aham. Isso é o mais importante — disse ela, puxando a frente protuberante do suéter elástico e soltando-o para que voltasse ao lugar depressa.

— E, claro, ela espera também que o filho seja crismado, quando for a hora.

— Podemos fazer isso. Com certeza faremos — concordou Sarah.

— Você é de família católica? — quis saber Amber.

— Hum, bem, não, mas meus primos eram católicos — acrescentou Sarah, como se isso resolvesse tudo.

Letitia, nervosa com relação às partes mais delicadas do trato, contou alegremente:

— O pai biológico é branco. Já mencionei isso a você, não foi?

Sarah ficou calada, a expressão ligeiramente inescrutável. Pegou uma batata frita solitária e gelada, que a garçonete ainda não tinha levado, e começou a mastigar.

Letitia prosseguiu.

— Alto e bonito, como Amber.

A jovem sorriu, satisfeita.

— A gente terminou — acrescentou ela, dando de ombros.

— Mas você teria uma foto dele? Para mostrar a Sarah? — Letitia vendia a ideia do pai jovem, branco e charmoso.

— Eu acho que nunca tive uma foto dele — disse Amber, balançando a cabeça. Olhava agora para mim, abrindo um grande sorriso. — Só na minha cabeça. Minha cabeça é uma exposição permanente.

Estranhamente, a frase lembrava o Mussorgsky que tínhamos acabado de escutar no carro. E a boca de Amber, com os dentes escassos e deformados, pedaços de concha à superfície no recife da gengiva, parecia um lar curioso para sua voz, que pouco a pouco ia surpreendendo, com sua inteligência e humor. Houve uma calma naquele momento. De repente a jovem se recostou, sentindo desconforto físico.

— Então, cadê seu marido? — perguntou ela a Sarah.

Eu perscrutei o rosto de Sarah em busca do semblante tenso de quem acaba de ser acusado.

— Ele... hã... está numa reunião que o laboratório dele marcou com a universidade. Como sou dona de um restaurante na cidade, posso fazer meu próprio horário quando tenho compromissos. Mas ele, bem, ele trabalha como contratado, pelo menos hoje.

— Você acha que vai ter mesmo tempo para uma criança, sendo dona de restaurante e tudo o mais?

Amber não era tímida. Se ela fosse acanhada, nenhuma de nós estaria no Perkins naquele momento. Sarah não ficou nervosa. Já tinha ouvido esse tipo de observação um monte de vezes. Mas, antes que pudesse responder, Letitia o fez por ela:

— É por isso que Tassie veio. Ela vai ser um apoio importante. Mas Sarah estará sempre por perto. Será a mãe. E pode se dedicar a boa parte do trabalho em casa mesmo, não é verdade, Sarah?

O que ela podia fazer de casa? Gritar com Meeska por causa do coulis?

— Com certeza — respondeu Sarah. — Ah, já ia esquecendo. Trouxe um presente para você, Amber. — E pegou um CD da bolsa. — Aqui tem as minhas músicas clássicas favoritas.

Amber pegou o CD e meteu-o na bolsa, olhando-o de relance, da forma mais fugaz possível. Talvez já tivesse tido um monte desses almoços, como forma de ganhar quinquilharias para vender no eBay.

— E eu também tenho um presente para você — disse a jovem, dando a Sarah um pacotinho de manteiga, que pegou da mesa. — Está embrulhado! — acrescentou, sorrindo maliciosamente.

O CD não fora embrulhado. Uma expressão descarada tomou conta de seu rosto, em seguida uma espécie de culpa, e depois uma evidente apatia, como se fossem músicas aleatórias num jukebox, tocadas a esmo.

— Obrigada! — exclamou Sarah, espirituosamente. Era preciso tirar o chapéu para ela, que abriu a manteiga e passou-a na boca como se fosse manteiga de cacau. — Previne rachaduras.

— De nada — disse Amber.

Quando fomos até o estacionamento, o supervisor de liberdade condicional nos seguiu. A bandeira americana adejava de forma ruidosa perto da placa do Perkins; o vento tinha aumentado e estava nevando mais. O supervisor entrou no próprio carro, mas não ligou o motor. A expressão de Amber deixava transparecer sua empolgação. Percebi que estava apaixonadíssima por ele. Ela não se concentrava em nós, e algo nessa atitude instigou Sarah.

— Bom... — disse ela, analisando Amber com um sorriso forçado.

— Bem, é isso! — exclamou a jovem.

— Certo, então — disse Letitia.

— Posso lhe dar um conselho, Amber? — perguntou Sarah, parada ali, enquanto Letitia apertava ainda mais a jovem.

A mulher da agência estava feliz da vida por ter a mãe biológica branca a reboque, como um pãozinho branco no forno, e não queria que uma concorrente a tomasse dela. Pelo menos é o que Sarah diria depois. O supervisor, com sua capa de chuva, acenou e foi embora.

— O quê? — perguntou Amber a Sarah, mas sorriu para mim e comentou: — Ele estava me seguindo mesmo.

— Quando eu era da sua idade, tinha umas ideias rebeldes. De vez em quando eu me metia em confusão, mas então me dei conta

de que era porque vinha me concentrando em áreas nas quais não tinha talento. Olhe só para isso. — Bateu de leve no rastreador eletrônico dela com o indicador coberto pela luva. — Você tem 18 anos. Não venda drogas. Não leva jeito. Procure se dedicar ao que tem talento para fazer.

Eu sabia que Sarah tinha passado aquele sermão na melhor das intenções, mas a afronta fez Amber ficar vermelha e fechar a cara.

— É o que estou tentando fazer — ela respondeu, indignada, e, soltando-se das garras de Letitia, foi até o que devia ser o carro da mulher da agência. Sentou no banco do carona.

Cara, tá um frio do cacete lá fora, teria dito Murph se estivesse ali.

— A gente conversa depois — disse Letitia a Sarah, acenando e indo depressa até a jovem. A bandeira do Perkins esvoaçava ruidosamente em meio ao vento e à neve.

— Bom — Sarah começou a dizer ao entrarmos no automóvel dela. — Foi, para todos os efeitos, um desastre completo. — Ela ligou o carro. — Sabe? Eu sempre tomo decisões erradas. Faço muito isso; tanto que, quando acerto em cheio, é tanta emoção que acabo esquecendo que sempre tomo as decisões erradas.

Voltamos para casa praticamente em silêncio; no caminho Sarah me ofereceu chiclete, depois pastilha para garganta, e eu fui aceitando, agradecida. Quando olhei de soslaio para ela, dirigindo sem os óculos escuros e com o lenço envolvendo a cabeça como se fosse uma *babushka*, tive a impressão de que estava chorosa, distante, perdida em pensamentos e me perguntei como uma moça legal e atraente — pois achei ter vislumbrado no caminho até lá a jovem que imaginei que ela foi um dia, com a face imóvel e pensativa, os cabelos reluzindo com os raios de sol — se tornara uma mulher tão solitária, com um pedaço de pano velho em volta da cabeça, e ficara daquele jeito, seja lá qual fosse ele. Depois de passar a infância louca para me tornar adulta, eu já não ansiava

mais por isso. Destinos inesperados tinham começado a me chamar atenção. Essas mulheres de meia-idade me pareciam muito cansadas, como se a esperança já houvesse sido usurpada delas e substituída por uma espécie de sonambulismo mortal.

O celular de Sarah começou a tocar o início de "Eine kleine Natchmusik", seu som metálico dinâmico nem um pouco diferente de um cravo, então não de todo ofensivo ao espírito de Mozart, que provavelmente, como muitos de seus colegas, não precisara revirar muito na cova desde o surgimento da parafernália eletrônica.

Sarah pegou o celular na bolsa e desacelerou um pouco.

— Com licença — disse, dirigindo-se a mim. — Alô?

Ela atendeu, apesar do adesivo no carro que dizia VOCÊ COM CERTEZA DIRIGIRIA MELHOR COM ESSE CELULAR NA BUNDA. Também havia um com SE DEUS FALA POR MEIO DO ARBUSHTO ARDENTE, VAMOS QUEIMAR BUSH PARA VER O QUE DEUS DIZ. Era interessante constatar que Sarah, com aquela tremenda violência retórica estampada no carro, tivesse passado pelos processos de seleção da agência de adoção, fossem lá quais fossem. Havia ainda um terceiro adesivo com as palavras SÓ SE NASCE UMA VEZ, embora fosse justamente por meio de celulares e do cristianismo que ela conseguiria ser mãe. O quarto adesivo não era mais promissor: POR TRÁS DE UMA GRANDE MULHER HÁ SEMPRE ELA MESMA.

Não sei por que eu podia ouvir tão bem — talvez por Sarah ser um pouco surda e deixar o volume de tudo no máximo.

— Oi, Sarah, é a Letitia — escutei.

— Oi, Letitia.

Como eu achava que não deveria ficar ouvindo a conversa, observei a paisagem, coberta com a neve lúgubre, pela janela; o sol estava baixo e fraco, dissolvendo-se embranquecido como uma pastilha de limão. Em todas as cidades pelas quais passávamos havia um Dairy Queen, com filas mesmo no inverno. Quando voltei a olhar para Sarah, vi sua pele cheia de base, fina como uma panqueca, com as mesmas manchinhas de tom bege de um crepe, a

mão nodosa, artrítica de tanto picar ervas, passando pelos cabelos ruivos eriçados, derrubando o lenço. Como a cabeleira espetada conseguia desafiar a gravidade e o peso extra de um pano? Por que o meu próprio cabelo sempre ficava lambido e escorrido, derrotado por todo tipo de propriedade física atmosférica, inalterado até mesmo pelo gel grudento mais famoso? A instrução não enlevara minhas preocupações na vida. Na certa não tinha nem contribuído para minhas análises delas, apesar de isso ser o máximo que eu podia esperar. Eu ainda era jovem demais, recém-saída da infância. No inconsciente, os recônditos de minha mente continuavam sendo um armário cheio de contos de fada; creio que ainda acreditava que, se uma mulher bonita tinha deixado de ser bela, era porque ela fizera algo de errado para merecer isso. Eu tinha a crença de menina de que esse tipo de envelhecimento negativo nunca aconteceria comigo. A morte sim — disso sabia por ter lido poesia inglesa. Mas ficar seca, corcunda, desbotada, manca, fraca, pesada, esmaecida e lerda? Não deixaria que nada disso acontecesse *avec moi*.

Sarah colocou o celular à outra orelha, de forma que ficou mais difícil escutar, mas em seguida trocou-o de novo e desacelerou para deixar um comboio de caminhões passar. Pude ouvir Letitia:

— Se não der certo com Amber, há bebês no mercado internacional. Temos tido muita sorte na América do Sul. O Paraguai está acessível de novo, e outros países também. E não são todos morenos lá. Existe muita influência alemã; algumas das crianças são lindas, loiras ou de olhos azuis ou até as duas coisas.

— Obrigada pela informação — disse Sarah, bruscamente. — Me dê um retorno sobre Amber. — Então Letitia fez um comentário que não consegui escutar, ao que Sara respondeu, depressa: — Tenho que desligar, vou passar por um trecho com gelo. — E desligou o celular. — Bebês de nazistas — comentou Sarah, balançando a cabeça. — Estão vendendo bebês nazistas. De raça superior. Inacreditável. — Passou os dedos outra vez pela grama desértica

brilhante que era seu cabelo. Não perguntei como um bebezinho poderia ser nazista. E o que é que eu sabia? Talvez fosse. — Olhos azuis! — gritou. — A raça humana realmente progrediu muito! — Meneou a cabeça de novo, dessa vez suspirando, fungando e resfolegando de desgosto. — Tinha um cara na minha escola de culinária que era um judeu de olhos azuis. Ele contou que seus espermatozoides estavam sendo muito requisitados no banco de esperma e que vinha ganhando muito dinheiro extra. No início, foi uma história engraçada para nós, mas, depois, virou uma espécie de expressão que sempre usávamos: “Vencendo as dificuldades como judeu de olho azul em banco de esperma.”

— Hum — disse eu, estupidamente.

— Talvez você seja jovem demais para entender isso, mas um belo dia vai olhar ao redor e perceber: “Os nazistas sempre riem por último.”

Então ficamos sem palavras, e passamos em silêncio pelas cidades de Terre Noir e Fond du Mer, lugares que receberam nomes extravagantes e medonhos dos traficantes de pele franceses, antes que as subsequentes pronúncias monótonas dos fazendeiros escandinavos os tornasse ainda mais absurdos: “Têr Nuá” e “Fonde Dumér”.

— Você vai ver que eu deixo transparecer uns 89 por cento do que passa pela minha cabeça — informou Sarah. — Para os outros 11 por cento? Uso a sauna. — Colocou um CD. — “Suíte francesa número 1”, de Bach. Conhece?

Após alguns estalidos e estática, ela começou, grandiosa e triste.

— Acho que sim — respondi, sem a menor certeza. Minhas amigas já tinham começado a mentir, simulando uma sofisticação que, a seu ver, passado o blefe de dez segundos, tornava-se real. Acontece que eu não só não tinha muita inclinação para aquilo, como também era menos habilidosa. — Talvez não — acrescentei. E em seguida: — Espere, acho que conheço sim.

— Ah, é a coisa mais linda — disse ela. — Ainda mais com esse pianista.

Era alguém cantarolando com os lábios fechados, acompanhando a canção suave de Bach. Mais tarde, eu teria todas as maravilhosas gravações disponíveis de Glenn Gould, mas ali no carro, com Sarah, foi a primeira vez que o ouvi tocar. A peça parecia uma interrogação elegante feita de filamentos intrincados, uma indagação de um sujeito bem-vestido num caixão, ainda com vida. Prosseguia devagar, como uma equação minuciosa, e daí mudava de rumo: se $x = y$, se maior = menor, se a morte equivale à parte da vida e a vida à parte da morte, então, qual é a soma das notas infinitas dessa frase? A música perguntava, respondia, reindagava, sua volatilidade exigindo uma relutância ou uma aversão elaboradas. Eu nunca escutara uma melodia como aquela.

— Você mora perto do estádio, não é? — quis saber Sarah.

Já tínhamos chegado a Troy. Ela fez a curva na Campus Avenue, rumo à ruela onde eu vivia, Brickhurst. Os bairros perto da universidade já estavam praticamente vazios por causa das férias de dezembro, mas nas casas que não eram residências universitárias muitas vezes havia luzes penduradas nas fachadas, e as calhas reluzentes pareciam gritar alegremente: "ESTAMOS AQUI! Estamos aqui!"

— Eu moro na Brickhurst, 201 — informei.

— Brickhurst?

Suspeitei de que ela fosse uma daquelas pessoas de fora do estado que havia se mudado para cá fazia pouco e tinha apenas um conhecimento fragmentado da cidade, um mapa mental montado estritamente com base na necessidade. Mas chegou lá em menos de um minuto.

Sarah colocou o carro em ponto morto. Deu umas batidinhas de leve no meu ombro e, em seguida, deixou a mão escorregar até a manga do meu casaco.

— Obrigada. Me ligue quando voltar, depois do Natal.
Seu semblante mostrava-se incrivelmente triste.

— Certo — respondi, sem saber mais o que dizer. — Está bem. —
Era essa a resposta da jovem interiorana para tudo.

Nota

* "Clutter" é o sobrenome da família cujo assassinato foi documentado no romance *A sangue-frio*, de Truman Capote. O substantivo *clutter* significa, em inglês, bagunça, desordem. (*N. do T.*)

II

Na manhã de Natal eu dormi até tarde. E também meu irmão mais novo, que tinha ido me pegar no terminal de ônibus de Dellacrosse na noite anterior, com o caminhão do meu pai, aquele com os dizeres QUEM PLANTA BATATAS COLHE AMOR no para-choque. Ele tinha ficado no estacionamento me esperando, com a jaqueta marrom barata e sem gorro, parecendo feliz em me ver, como se até tivesse algo para me contar, embora eu não esperasse nada: meu irmão raramente conversava. Ajudou-me com a mala e o baixo (que acabei resolvendo levar), e colocou os dois na parte de trás do caminhão, sem fazer o comentário de sempre sobre baixo ser um instrumento de homem. A guitarra tinha sido inventada a apenas 80 quilômetros dali! Eu estava pronta para contestar, a ninguém em especial, já que o próprio Robert era tão versado nos mitos locais sobre Les Paul quanto eu. Também tinha um contrabaixo em casa, no quarto, com um saco de arcos reservas preso à parte central. Parecia um arqueiro gorducho, abandonado num canto, a aljava cheia de flechas, acumulando poeira. Robert o chamava de Velho Bob, ao carregá-lo penosamente com a ajuda de meu pai.

— Ainda bem que você não trouxe o Velho Bob — ele comentou.

Sempre achei que Robert nunca conseguira se aplicar — nem na música nem nos estudos. Talvez ter uma irmã mais velha tenha sido

um obstáculo para ele. Ele sabia que eu amava minha guitarra em silêncio. A parte judaica de nós dois meio que entendia que adorar a Deus era evitar a veneração de parafernalias — e como gostávamos delas! (meus instrumentos tinham seguros altíssimos) — mas nem sempre as coisas funcionavam assim: às vezes, Deus se apegava a algo material, físico e mundano, daí tudo ficava um tanto nostálgico para o dono dos apetrechos. Mas meu irmão era bacana comigo nesse aspecto; na verdade, quando eu pensava em como passamos tantos anos juntos, ele sempre tinha sido, no fundo, legal, apesar de ter acelerado com um pouco mais de entusiasmo do que o necessário quando saímos do estacionamento. Os amigos dele o conheciam como Pé de Chumbo, um apelido que os meus pais odiavam.

Na ida para casa, ele me contou como estava indo, embora eu tivesse tido que perguntar duas vezes. De vez em quando ele gaguejava, o que o deixava meio hesitante na hora de conversar — tenho certeza de que sentia que a fala estrangulada e distorcida não refletia bem seus pensamentos, embora, sabe-se lá, de repente até refletisse. Às vezes dava para notar que ele tentava falar mais depressa, a velocidade facilitando a situação e fazendo a frase terminar logo. Bem Pé de Chumbo.

Eu não tinha comido nada além de sushi do supermercado; metade dele ainda continuava na minha bolsa, na bandeja de plástico, e a fome durante a viagem fazia de mim uma ouvinte ainda mais ansiosa. Cada palavra lembrava um bocadinho de comida. Meu irmão estava no último ano do ensino médio e detestava o colégio. Tinha tirado um 3,5 e quatro 1,0 no semestre anterior. Mas não demonstrava o menor desânimo ao contar isso. Ele contou que papai, nem sempre o tipo dedicado a uma educação séria, tinha olhado para o boletim e dito: “Bom, Robert, o que é que eu posso dizer? Um 3,5 e quatro 1,0? Parece que você está passando tempo demais numa aula só!” Meu irmão deu uma risadinha irônica, depois

de contar a história. E ficamos quietos, indo sem pressa para casa, passando, ao longo da estrada, pelas árvores escuras com os galhos contrastando com a luz do céu vespertino como um broche pontiagudo ou os pés de cambaxirra numa caixa forrada de algodão. Passamos pela Primeira Igreja Metodista e seu presépio de compensado iluminado, no qual as expressões dos carneiros sonolentos eram as menos bobas do cenário. Uma placa na frente indicava o tema do sermão natalino: AME SEUS INIMIGOS, FOI VOCÊ QUEM OS CRIOU. Passamos pela antiga quinta dos Vanmares; eles tinham decorado o quintal, mais uma vez, de um jeito festivo totalmente inusitado: silhuetas de pinguins, palmeiras, gansos e pirulitos em forma de bengala, tudo luzindo como se eles fossem amigos que não se viam fazia tempo, reunidos. Ainda assim, eu não era imune às reações de outras pessoas ao Natal, suas criações discrepantes, fossem elas artísticas ou simplesmente exuberantes. Extravagância e espalhafato ainda me chamavam a atenção.

Peguei o sushi e comecei a comer.

— Quer um pouco? — ofereci ao meu irmão.

— De jeito nenhum! — ele respondeu.

Passamos pelo Sem Rumo, um hotel barato de beira de estrada que perdera o "o" do nome e virara Sem Rum. O estacionamento do Boliche Roçada do Cervo estava lotado por causa de algum torneio *knockerheimer*. Percorremos a rua principal de Dellacrosse, na qual havia inúmeras fachadas de estabelecimentos comerciais térreos e vagas diagonais na frente. Espremidas, lado a lado, estavam a Larry Revendas, a Terry Taxidermia (antiga Dick Destripadora) e a Walt Larvas, todas pelas quais passamos rapidamente. Mastigando, me concentrei mais ainda na paisagem, como se fosse mesmo a estranha que sentia ser, observando o zigue-zague de metal da ponte sobre o riacho Wahapa. Transitamos pela estrada do depósito de lixo da cidade e no desvio, observamos a cabana do lixeiro, que ele tinha enfeitado orgulhosa e espetacularmente com objetos

recolhidos no próprio lixão. No alto do telhado, havia uma rena grande e brilhante com os chifres quebrados.

Guardando o sushi, perguntei:

— Se você comer fígado de urso, morre?

Robert riu.

— Não faço ideia. — Então acrescentou: — Mas sei que se você é um esquilo, tem que ficar bem longe dos quadros de distribuição elétrica ou vai ser tão eletrocutado que seus dentes vão derreter. — E apontou para um troço pavoroso, na linha de transmissão de força, que margeava a nossa estrada, perto da entrada de cascalho.

— Como vai a mamãe? — perguntei, antes de entrarmos em casa. Os faróis do caminhão já deviam ter indicado a nossa chegada.

— Anda meio *emo*. Ou seja, está a mesma coisa — ele respondeu, pegando de novo a mala e o baixo para mim, coisa que os caras da universidade raramente faziam.

Meus pais tinham criado um jovem fazendeiro, embora eu me perguntasse se eles sabiam disso. Não havia sido seu objetivo premente e consciente. Eu ia seguir Robert, mas ele fez sinal para que eu fosse na frente. Subi a escada da varanda e bati na porta extra de alumínio, daí a abri e gritei olá. Minha mãe nunca ligou para a véspera do Natal, então, quando eu voltava para casa nas férias, muitas vezes era recebida como uma vizinha fazendo uma visita no domingo depois da missa, uma vizinha que ela via o tempo todo e com a qual não queria ser indelicada.

— Ah — disse mamãe. — Oi.

Naquele ano, havia o cheiro de gengibre assando no ar. Fiquei impressionada de novo com o desleixo aconchegante e a pobreza digna da casa; a escada estilo Hitchcock, que estava desgastada e abandonada, nunca tratada como relíquia especial, mas algo útil que precisava fazer jus à existência neste planeta da forma mais complicada: ali na nossa residência, uma espécie de local de provações para móveis.

Minha mãe decidiu tomar *eggnog* e uma tacinha de conhaque, e, apesar de meu pai já ter ido dormir, ficamos eu, ela e Robert sentados uns vinte minutos, com um briquete ecológico de casca de café ardendo lentamente na lareira e um prato de biscoitos de gengibre na cornija antes que estivéssemos todos cansados demais para disfarçar. Esse tipo de lenha reciclada era a favorita da minha mãe, embora para mim cheirasse mais a sapato queimado que a café.

— Eu acenderia a menorá — comentou ela —, mas vocês se lembram do que aconteceu ano passado, não? Das cortinas pegando fogo?

Nossas cortinas haviam incendiado, e a gente teve que jogar uma tigela grande de *eggnog* nelas para apagar as chamas, e o líquido fez um chiado de fritura e cozinhou no tecido, e a casa inteira ficou fedendo a omelete.

— Tudo bem — eu disse. — Amanhã eu acendo a menorá para a senhora.

Mas eu acabaria esquecendo. E, como era sempre eu a encarregada de limpá-la e de tirar a cera do ano anterior com alfinetes e um garfo, talvez meu esquecimento fosse conveniente.

— Obrigada, docinho. — Mamãe nunca me chamava assim. Quase nunca. A TV estava ligada, sussurrando e cintilando suas cores. Mamãe a desligou, aborrecida. — Um grinch que roubou o Natal? Com tudo o que anda acontecendo no mundo, a gente ainda tem que aguentar *isso*?

Pela manhã, eu e meu irmão descemos quase na mesma hora, um intervalo de apenas dez minutos entre um e outro. A árvore de Natal naquele ano — a cicuta do Chanuca, como minha mãe ainda a chamava — já vinha com o pisca-pisca, tinha sido comprada pela internet. A fazenda de árvores natalinas dos McLellans falira havia pouco, e meus pais tinham apelado para um pinheiro de plástico que não prejudicava o meio ambiente, da Hammacher Schlemmer.

Enfeites como peixinhos azuis e laranjas com laços e cravos apinhados no meio da árvore. Brincos velhos e compridos que haviam perdido o par foram pendurados nos galhos mais delicados. No alto, minha mãe tinha colocado uma estrela de davi reluzente, num ângulo incongruente, como um problema de geometria. Possivelmente, à luz do final da manhã, era assim que toda a ironia se apresentava.

Meus pais estavam sentados à mesa da cozinha comendo cereal, mas se ofereceram para preparar panquecas de batata com molho de maçã para nós, as *latkes*, ou panquecas comuns, ou até de ambos os tipos, já que as duas faziam parte da tradição natalina.

— Já ralei as batatas e as cebolas ontem — explicou minha mãe.

Eu sabia que dali a pouco ela colocaria a frigideira com óleo na boca do fogão, ligaria a chapa e a casa ficaria com um cheiro de cebola e gordura que embrenhava nas roupas e nos cabelos, igual ao dos botequins da avenida principal.

— Obrigada, quem sabe mais tarde? — respondi, com o ponto de interrogação que significava polidez na nossa geração mas que desconcertava nossos pais.

Lá fora, a manhã se mostrava radiante. Eu gostei da aparência sagrada e revigorante dela: os diversos natais acinzentados da minha infância tinham me deprimido. E, pelo visto, não só a mim: teve um ano em que o cartão de Natal que minha mãe enviou foi uma foto minha e do meu irmão no outono, com uma legenda que dizia: *As crianças. Com umas folhas mortas.*

Uma fina camada de neve cobria o campo que começava ao fim da nossa casa e também o quintal que ficava entre o celeiro e a casa, derretendo ao sol da manhã. Uma grama ocre já aparecia entre os canteiros. Mais além, a parte inclinada da propriedade — que meu pai tinha vendido no ano anterior “por um bom vintém ou, talvez não lá tão bom assim, mas cheio de personalidade” — havia sido revendida pelos Amish para outros e já estava se transformando

em algo chamado Highland Estates. O tempo tinha permanecido tão ameno que a construção prosseguira em dezembro. Havia duas retroescavadeiras amarelas sobressaindo em meio ao céu. As casas seriam imensas, disse minha mãe, com lotes desarborizados, gazebos, torres artificiais e terraços para nos vigiar, em censura mútua.

— Eles não gostam de árvores porque os esquilos sobem nelas, entram no sótão e comem os equipamentos de ginástica que eles nem usam. Agora, sem nem uma só árvore? Os esquilos vão se mandar e o sótão vai é ficar cheio de traça e toupeira.

Isso fazia com que a pessoa se sentisse, no fundo, agradecida aos Amish, que não fizeram isso, mas também injustamente aborrecida com eles por terem vendido as terras para aquela gente. Não obstante, na maioria das vezes os Amish compravam fazendas do jeito que estavam e celebravam suas missas no salão da fazenda, embora se dissesse com amargura em Dellacrosse que as carroças e os trotes de seus cavalos lascavam e danificavam as ruas, que eles declaravam que suas casas eram igrejas para não serem incluídos no cadastro de contribuintes e que se multiplicavam como coelhos e se vestiam feito morcegos.

— Vendo a neve derreter? — perguntei para meu irmão.

— Aham. Que tempo de merda, hein? — ele comentou, ainda olhando para fora, para o céu. As nuvens começavam a se juntar ali, como se houvesse uma festa por perto prestes a começar.

— Olhe a língua — advertiu-o mamãe.

— A língua é minha, eu falo o que quero — retrucou ele.

— Está começando a não parecer Natal nem de longe — eu falei, cantando. — Em todo lugar aonde vou.

— Voz bonita — comentou Robert, dando a impressão de ser sincero, o que me surpreendeu. E acrescentou, entre dentes: — Blá-blá-blá.

— A conversa aqui dentro precisa de animação, porque a mudança climática é de doer o coração! — tentei de novo.

— Aquecimento global — acrescentou meu pai. — Encontraram cactos numa área tão ao norte quanto o rio Hottomowac. E, este ano, até a Costco deu para borrifar gelo artificial nas janelas.

Fechei mais o meu roupão. Era bom ter meu pai ali. Muitas vezes, nas férias anteriores, ele tinha estado ocupado demais, fornecendo produtos para os restaurantes sofisticados de Chicago, com seus vegetais gourmet — não só batatas armazenadas em frigoríficos, como miniberinjelas roxas e chalotas; para fazer a entrega disso no feriado ele tinha que ir de caminhão até Illinois, na neve, e nunca conseguia voltar a tempo para a ceia. A agricultura local, como a arte, sempre havia servido aos ricos, de uma forma ou de outra. Eu sabia que a fazenda de gado leiteiro mais à frente mantinha como clientes particulares os médicos, os advogados e os pastores do condado, para os quais vendia sua manteiga especial. As demais manteigas — conhecidas como banha de Dellacrosse — iam para onde quer que fosse. E os queijeiros locais vinham tendo um revertério. Uma das antigas fábricas de queijo sucumbira e se tornara uma escola. E uma das antigas escolas virara uma fábrica de queijo. Mas uma do tipo *artesanal*, com produtos feitos com injeções de ácaros e coalhos vegetarianos. Era o tipo de estabelecimento que tinha mais chance de se dar bem — alimento de yuppie — como as batatas delicadas do meu pai, arrumadas de acordo com seus matizes em cestinhas roxas e reticuladas. Esses queijeiros davam aos seus produtos nomes excêntricos como Desplugado e Anão Lavado: comida maluca para gente maluca, dizia meu irmão, com desdém. Os produtores de queijo convencional estavam ocupados demais com o governador, tentando encontrar um nicho no mercado japonês.

Sob o sol matinal, meus pais aparentavam estar limpos da poeira fortificante da fazenda. Pareciam translúcidos e um pouco mais

frágeis do que no outono, quando a terra da batata-roxa embaixo das unhas e a lama nos sapatos e nas roupas davam a impressão de ancorá-los à terra. Agora tinham condições de — e poderiam — ascender em meio a um raio de luz, vai saber! Eu mal reconheci os dois, davam a impressão de ser criaturas cujas projeções holográficas estavam com o sinal fraco. No passado, o solo tinha acalentado e definido ambos. Agora, eram estatuetas feitas de açúcar translúcido, não de vidro. Eu me sentia cheia de vida, carnuda e ossuda, em comparação, apreciando a pele vibrante e encorpada que me formava, sob o roupão. Todos nós estávamos usando um, o que me pareceu engraçado. Na certa íamos nos vestir antes de abrir os presentes, com um monte de bagatelas na mesa de centro. Os meus presentes naquele ano eram apenas cartões 7x12 com desenhos dos objetos que eu queria dar mas que não tivera tempo de comprar e, portanto, o faria depois. Era uma brincadeira clássica. Eu esboçara, dessa vez, imagens de carros esportivos, o que era um golpe cruel na tradição, pois significava que eu tinha dedicado muito pouco tempo à tarefa e que provavelmente não daria nada para eles. Como meus cartões 7x12 acabaram, usei um de 10x15 para o meu irmão, com o desenho maior de um carro maior — portanto, maior o trote. Pode-se argumentar que foi melhor do que naquele ano infeliz, quando eu tinha 12 anos e era velha demais para fazer algo dessa natureza, mas mesmo assim embrulhei uma caixa de balas cheia de bosta de filhote do nosso cachorro, Blot, e dei de presente para Robert, com uma etiquetazinha que dizia *HUUUUUUUUUM... Delícia. Feliz Natal, do Blot.* “Olha só o que o nosso cãozinho andou aprontando”, comentei na hora, avaliando a reação dele. Que foi a de uma mudez embasbacada.

Minha mãe estava fumando.

— Não é melhor eu fazer alguma coisa para o café da manhã? — perguntou de novo.

Meu pai, que na noite anterior ficara tão cansado a ponto de não conseguir falar, respondeu:

— Isso, faça alguma coisa! Eu e Robert queremos que Tassie sente aqui e conte como está indo a faculdade.

— Ah, tá — disse meu irmão, saindo de fininho da cozinha. — Vou tomar banho — gritou, tomando conta do único banheiro.

— Então... — Meu pai sorriu para mim. — Como anda a faculdade?

— Ah, legal — respondi, sem eloquência, mas imaginei que tudo que ele precisava ouvir fossem comentários positivos num tom calmo, confiável.

Minha mãe estava aquecendo o óleo, já tinha separado a tigela gelada com a massa da *latke* e tirado o filme plástico de cima. Comecei a ajudá-la, pegando porções e formando bolinhos caprichados, o óleo e a clara deixando minhas mãos pegajosas.

— Algum namorado?

A sobancelha do meu pai subiu e desceu, com desdém e zombaria, deixando claro para mim que eu nem precisava responder. Minha mãe olhou para ele, assim mesmo.

— Bo.

Ela o tratava desse jeito para avisar que estava se intrometendo. Dizia que o chamava de Robert na intimidade; e que, apesar de não gostar do apelido dele, precisava usá-lo em casa para fazer a distinção entre o Robert pai e o Robert filho.

Eu gostava do meu pai. Nada do que ele fazia me incomodava, nem mesmo sua recente tendência à bebedeira, que, de qualquer forma, só começava no final da tarde. Ainda assim, minha afeição ingênua não tinha evitado que em algumas ocasiões eu sentisse vergonha dele. “Seu pai é fazendeiro? O que é que ele cultiva?”, perguntavam meus colegas em Troy, às vezes. Em Dellacrosse, ele mal era considerado fazendeiro. “Nada”, eu respondia quando me dava na telha. “Não cultiva nada. Agricultura dadaísta.”

“Ah, saquei”, diria um cara da Costa Leste, com um copo de vidro em forma de bota, ou uma garota com óculos de armação fina e escura, como a Nana Mouskouri dos velhos LPs de mamãe.

Não sei bem de onde aquele pingo de vergonha, um pouco fustigante, que não chegava a causar problema, tinha vindo. De alguma forma eu aprendi a me sentir assim, talvez até na Dellacrosse Central, onde ter um pai fazendeiro não devia causar nenhum constrangimento e não causava, apesar da área mínima de atuação dele. As pessoas sabiam que os produtos agrícolas dele eram cobiçados. E, entre os estudantes, as piadas mais obscenas eram reservadas para os cultivadores de ginseng. Mas eu lembro que uma vez, na sétima série, nosso professor conselheiro de série foi perguntando para todo mundo na sala o que o pai de cada um fazia. Quando chegou a vez de Eileen Reilly, ela ficou vermelha e respondeu: “Prefiro não dizer.” Aquilo me deixou pasma, pois o pai dela era um vendedor charmoso e boa-pinta da sapataria Barateira, na Main Street — Stan dos Sapatos, era como a minha mãe chamava o sujeito, carinhosamente. Mas a filha dele tinha absorvido certa decepção — dele ou da mãe — e não queria revelar como ele se sustentava.

Talvez tenha sido nesse momento que aprendi que isso podia ser uma fonte de vergonha pessoal ou me dado conta da possibilidade dela.

— Então, as suas matérias — continuou meu pai. — Sente aí nesta linda manhã de Natal e conte para o seu velho pai as que você fez e as que pretende fazer quando voltar. Como foi aquela aula de filosofia?

— O senhor sabia que Alexandre, o Grande, deixou todo o dinheiro dele para Aristóteles? — perguntei, animada.

— Foi assim que arrumou esse nome — ele falou. — Foi Aristóteles que deu para ele! Antes, o sujeito era só Alexandre, o Culto.

— Bo! Ora essa! — Minha mãe balançou a cabeça.

Um chiado veio da chapa, na qual ela colocava mais óleo. A gente tinha um fogão antigo, que já vinha com a chapa. Era preciso limpá-la com trapos e toalhas de papel ou raspá-la com um garfo de churrasco ou esfregá-la com água e palha de aço. A fumaça da massa quente de *latke* começou a se espalhar pelo ar, deixando um aroma delicioso e ajudando a disfarçar a eterna e leve catinga de camundongo da cozinha. Minha mãe estava misturando massa de panqueca comum, também.

— Pode sentar enquanto ajuda — disse-me ela. — Mas não esqueça que *latke* não é hambúrguer. Não deixe ficarem grossas demais.

Eu a ignorei e me concentrei nas *latkes* caprichadas e no meu pai.

— Semestre que vem? — quis saber ele.

— Eu me matriculei em mais uma aula de literatura, Literatura Britânica de 1830 a 1930, e também Introdução ao Sufismo, Introdução à Degustação de Vinho, uma cadeira de apreciação musical chamada Trilhas Sonoras de Filmes de Guerra e uma matéria de geologia chamada Conhecendo o Geólogo. — O sufismo não o desconcertou.

— Conhecendo o Geólogo?

— Eu preciso conhecer mais pessoas — expliquei, rindo.

— Não vai conhecer ninguém no sentido bíblico — aconselhou meu pai, sério.

A seleção ao acaso das minhas aulas carecia de um direcionamento cuidadoso. Nem cheguei a mencionar o requerimento de Educação Física, que eu estava cumprindo com uma matéria de Ciências Humanas e Pilates chamada O Corpo Perverso/A Pélvis Neutra. Não queria provocar meu pai.

Ainda assim, murmurei, como se em autocomiseração:

— Ninguém ali faz nada. Tudo se resume a seixos.

— Degustação de Vinho?

Ele arqueou as sobrancelhas. O tom era o de um pai que não estava obtendo o retorno do investimento feito até o momento.

— Preciso de uma matéria fácil, para me dar bem nas outras — expliquei. — Não cheguei a fazer uma dessas no semestre passado, e foi superpuxado.

— Mas você não é menor de idade?

— Tecnicamente, acho que sim. Mas como faz parte de um curso, acho que deixam.

— Você vai tirar notas boas e entrar na lista do decano de novo? — quis saber minha mãe.

— De repente... — respondi.

— Olhe lá, tem que ver bem de qual decano — aconselhou meu pai. — Você não quer entrar na lista errada!

— Além disso, vou trabalhar no semestre que vem.

— Você arrumou um emprego?

— Você arrumou um emprego?

— Tem eco aqui? — perguntei.

— Bom, conte logo — pediu minha mãe. — Deixa de mistério.

— Ainda não começou. Vou trabalhar como babá. Só que por enquanto não tem bebê.

— Ah, claro, babá sem bebê — comentou meu pai, divertindo-se.

— Como assim, por enquanto não tem bebê? — quis saber minha mãe, intrigada.

Meu pai sorria de orelha a orelha, como se dissesse “Mas que troço complicado”.

— Mas *vai* ter um. Provavelmente. Em janeiro.

— A mãe está grávida?

— Bom, a mãe biológica está, e a mulher para quem eu vou trabalhar vai adotar a criança.

Fez-se silêncio, e até meu pai ficou calado, como se essa fosse uma situação a ser considerada em todos os seus diversos aspectos

profundamente tristes.

— Vai ser bom — acrescentei. — A tal garota nunca seria uma boa mãe. E a senhora que está me contratando? Até que ela é legal. Simpática, bonita e dona de um restaurante sofisticado na cidade.

— É por isso que ela precisa de você — disse minha mãe, preocupada. — Está ocupada demais para a criança.

Eu estava prestes a defender Sarah quando meu pai perguntou, com um interesse genuíno:

— Que restaurante?

— Le Petit Moulin.

Minha mãe se virou e seu semblante denotava cumplicidade.

— Uma *feinschmecker* administrando a casa para outros *feinschmeckers*.

Meu pai abriu um largo sorriso.

— Ah, eu me lembro dela. Gente boa mesmo.

Minha mãe ficou de costas para nós, virando e jogando a panqueca comum para o alto e colocando as *latkes* no óleo quente, recusando-se a deixar de lado seu ceticismo em relação a esse assunto. Meu pai prosseguiu:

— Ela examinava as batatas como se fossem diamantes. Mas às vezes levava as que tinham um pedacinho apodrecido, porque ela sabia que quando tirassem essa parte a batata ia ficar mais doce que as outras. Mulher esperta que só.

— Por que é que ela não tem os próprios filhos? — perguntou minha mãe, dando continuidade à desconfiança.

— Sei lá, mãe. Não posso perguntar. Mal conheço a mulher.

— E o marido dela?

— *O que tem* o marido dela?

— Quem é ele?

Fiquei meio surpresa ao perceber que sabia tão pouco sobre o sujeito.

— Acho que é professor universitário, mas não tenho certeza.

— Hum — resmungou minha mãe. — Acadêmicos. — E murmurou: — Adoram aparecer mas nunca levantam a bunda da cadeira.

— O que você disse? — meu pai perguntou.

— Nada não — respondeu minha mãe. — Mesmo isolado do mundo esse povo gosta de dar palpite em tudo. Às vezes as pessoas não sabem nem do que se trata, mas adoram meter pitaco. — Em seguida, acrescentou: — Podem levar as cadeiras para junto da mesa. A comida está pronta.

O senso de humor do meu pai era melhor que o dela.

— Só porque eu não escuto direito — disse ele para ela, naquele momento, sorrindo —, não quer dizer que você não esteja murmurando! — Não obstante, minha mãe tivera de acolher de bom grado, com paixão relutante, o jeito aventureiro dele, e meu pai a conduziu numa espécie de jornada, para aquele interior, aquela fazenda. Mas ela topara. Pelo menos no início.

— Bom, algum dia quem sabe *eu* abra um restaurante — comentou mamãe, suspirando de um jeito satisfeito, pelo visto o mais feliz que ela poderia ficar; um suspiro iluminado. Em seguida, ela acrescentou uma observação que exemplificava bem o que me fazia odiá-la: — Sabem, com o Ano-Novo chegando, eu me dei conta de que não fiz nada nas últimas décadas além de dedicar minhas energias ao bem-estar dos outros. Então, daqui a pouco... vou começar a me concentrar em mim mesma.

— Bom, antes que comece, querida — disse meu pai —, pode me passar o mel?

Quando eu era pequena, ele plantou 4 hectares de milho e de centeio, daí, no meio do verão, passou o arado apenas no de centeio, criando o efeito visual de um laço em meio às colinas. “Seria melhor ver isto lá do alto”, disse. Ele só tinha se tornado fazendeiro porque achava que seria divertido. Então contratou um cara lá de Minneapolis para tirar uma fotografia aérea, que nós

pusemos na geladeira com ímãs de batatinhas. Era lindo — o dourado do centeio formando uma listra no milho verde e ambos ondulando como um par de golfinhos enamorados em ação. Eu fingia que aquele era o retrato do casamento dos meus pais. Minha mãe achara que estava se casando com o filho do reitor da universidade, só que, em vez disso, se unira a um homem que tinha uma fazenda como passatempo; ainda assim, ela o seguira. Permaneceria com meu pai seja lá para que diabo de lugar eles fossem. Parecia um peixe esgana-gatas, que ficara encalhado na terra enquanto a geleira se retraía e os rios — o único acesso ao mar — desapareciam. Ela seria obrigada a se virar, naquele charco de ternura. Eu sabia, já que minha mãe tinha comentado isso comigo, que ela pensara que teria dinheiro — ele crescera numa casa com colunas —, mas não percebera o próprio engano: a casa pertencia à universidade. Até mesmo quando ela e o meu pai foram para Dellacrosse e compraram a nossa velha casa de alvenaria, com o celeiro e o barracão caindo aos pedaços, mas com os canteiros lindos, cheios de amores-perfeitos e não-me-toques, minha mãe não entendeu que essas flores específicas morriam depois da primeira floração e imaginou que elas brotariam de novo na primavera seguinte. É claro que ela se sentiu desapontada e traída quando isso não aconteceu. Outra miragem! Mas, no fim das contas, ela acabou aprendendo a plantar as suas. E, por um tempo, virou especialista. Até se cansar demais. Foi quando instalou os espelhos nos canteiros, e foi aprendendo aos poucos a arte da miragem.

Depois do nosso café da manhã tardio, o vento ficou mais forte e logo caiu uma tempestade; o céu adquiriu um tom amarelado e as nuvens encheram-se dos ruídos de tritura e rasgo dos relâmpagos. As árvores desfolhadas pareciam frágeis e surpresas. O aguaceiro repentino eliminou praticamente toda a neve do solo e, como o

sistema de drenagem das ruas da região era muito deficiente, elas se encheram como canais com a água, e lá ficaram cintilando, prontas para congelar assim que a temperatura baixasse no final da tarde. E foi isso que aconteceu.

Nosso rito de Natal para o dia, além do café da manhã, foi tão dolorosamente casual — sem *hamentashen*, nem *pfeffernüsse*, tampouco *kringle*, da Racine — que me perguntei por que nos demos ao trabalho. Talvez minha mãe, a guardiã do ritual, houvesse perdido o interesse naquele costume obviamente cristão, agora que tínhamos crescido, e meu pai não soubesse bem como assumir o controle. Onde é que estava o peru, com o coração destacável no saquinho plástico enfiado nele? Por outro lado, minha mãe me deu um colar de pérolas embrulhado com capricho e observou, com os olhos marejados, enquanto eu abria o embrulho.

— Toda moça precisa de um colar de pérolas — comentou. — Quando eu tinha a sua idade, ganhei um.

Do meu pai, eu sabia. E, naquele momento, sem nenhum homem na minha vida, embora eu tivesse apenas 20 anos, coube a ela ofertar aquele símbolo da feminilidade, aquele rito de passagem, aquela laçada de mulher, para mim. Que eu talvez nunca tivesse a oportunidade de usar aquilo ou que pudesse parecer o pior tipo de republicana se o pusesse certamente nunca ocorreu a ela. Acho que o via como uma espécie de bilhete de viagem de ida, da fazenda para o mundo, onde quer que *isso* fosse.

— Obrigada, mãe — respondi, dando-lhe um beijo no rosto, que estava ao mesmo tempo cheio de pó e úmido. Ergui alto a caixa de veludo do colar de pérolas, como se estivesse fazendo um brinde. — Saudações a Jesus!

Minha mãe me lançou um olhar distante e consternado. O presente dos meus pais para Robert fora um identificador portátil e instantâneo de estrelas e constelações.

Outro turbilhão de nuvens carregadas passou no alto, e começou a chover granizo no telhado e na chaminé — o que fez a lareira estalar como em uma simulação do crepitar das chamas — e, em seguida, a água ricocheteou no assoalho. Foi como se eu tivesse debulhado as pérolas da minha mãe e jogado tudo por ali.

Depois sentamos e ficamos vendo TV. Só uma vez me lembro de ter ido à igreja no Natal — a Igreja Luterana da Noruega, na cidade. Meu pai dirigira seu olhar de homem branco, protestante e anglo-saxão para os vitrais e suas imagens e cenas condensadas e, em seguida, murmurara, talvez se recordando de seu passado com maior presença da igreja ou lutando contra algum orgulho puritano ancestral: “Acho que essa janela é lá de Koshkonong. Ou... Espere aí, pensando melhor, talvez não...” E minha mãe sussurrara de um jeito carinhoso: “A gente tem que ser realista, Bo: você não sabe nada sobre os góí.”

— O clima tem andado estranho no país inteiro — disse meu pai, agora, sentando junto conosco.

— O que é que o senhor quer dizer com isso? — perguntei, meio assustada. Como uma criança, ainda achava que ele sabia de tudo.

— Bom, está tendo muita tempestade em lugares estranhos e vendavais — ele diminuiu o ritmo para amenizar o próprio relatório sombrio —, e calmarias assustadoras...

— Calmarias assustadoras? — perguntei.

— A gravidez está cada vez mais esporádica fora de Kenosha, e aquele pessoal está ficando de cabelo em pé.

— Pai! — E ri, para agradá-lo.

Às 16 horas, com o sol prestes a se pôr, eu e meu irmão fomos dar uma caminhada lá fora e ficamos deslizando com os nossos sapatos no gelo recém-formado. Como tinha feito sol o bastante antes do meio-dia, mamãe pendurou as roupas e, naquele momento, no vento suave, elas formavam vagalhões no varal,

quebrando o gelo dos fios como as velas de um baleeiro ártico. Em quantos Natais a gente chegou a sair sem botas? Não muitos.

— Como *andam* a mamãe e o papai? — perguntei para meu irmão.

— Ah, acho que bem — respondeu. — Ainda brigam feito cão e gato, mas aprendi a não prestar muita atenção. Acaba não dando em nada. Melhor que quando eles ficam de olho em mim. Cruz credo!

— Estão enchendo o seu saco por causa do colégio?

— Aham. — Ele fez uma pedra deslizar no gelo, com o sapato. — Eu me dei mal numa pergunta de uma prova e me mandaram para a sala do diretor.

— Como assim?

— Eu disse que Gandhi era um cervo.

— Um cervo?

— Confundi Gandhi com Bambi.

— O quê?

Como ele era esperto, lidava com tudo depressa e sem paciência. Costumava falar impulsivamente. Se lhe desse um branco, simplesmente dizia algo rápido. E, às vezes, absurdo. Uma vez chegou a falar asteroide em vez de hemorroida, o que me fez esconder o rosto entre as mãos.

— Sei lá, as palavras me lembram de outras. Como *refém* me faz pensar em *acém*. Eu não sei por quê. Simplesmente odeio toda essa porcaria, sabe? Mas pode ficar tranquila, que não vou perder a cabeça não. — A gente estava se deslocando sem muita eficiência, mal levantando os pés, para não escorregar. — Minhas notas não são boas o bastante, e os formulários das universidades têm que chegar no primeiro dia do mês. De repente, vou me alistar no Exército.

— Por quê? — O susto me deixou com um nó na garganta.

— A gente está numa época de paz. Não vai ser difícil para mim voltar vivinho da silva.

— Para eu voltar.

— Para eu voltar. Dois anos e o governo vai pagar parte da universidade, e a mamãe e o papai vão me deixar em paz.

— O governo só paga uma parte?

— Bom, pelo que sei tem pacotes diferentes, dependendo de quanto tempo você fica alistado. Um recrutador foi lá na escola.

— Ele foi até lá? E isso não é ilegal?

Robert deu uma risada debochada.

— Não na Dellacrosse Central.

— Caramba! — exclamei.

— É isso aí, e quando eu falo disso, a mamãe fica brava. Ela está ameaçando telefonar para a casa do recrutador, em Beaver Dam, e mostrar a ele o que ela chama de paz.

— Incrível ela ainda ter paz. Mas, é verdade, acho que ainda tem sim.

— O que ela quer que eu faça? Que vá para a DDD?

— Espero que não!

A autoescola Dirigindo Diesel de Dellacrosse era o terrível Plano B — Plano D, como o pessoal gostava de brincar — para a galera que levava bomba nas matérias.

— Estou fazendo ioga para receber o crédito de Educação Física.

— Sério?

Tudo mudava tão rápido, que açoitava a nossa mente. A ioga tinha entrado nos corredores do ensino médio da Dellacrosse Central, mas os recrutadores das Forças Armadas também.

— Aham. Respiração profunda: um triunfo meu sobre mim mesmo.

— Uau. E você tem o próprio colchonete?

— Tenho. — Ele me fitou com muita sinceridade, os olhos pedindo que eu o escutasse da forma mais profunda possível. — Aí

eu sento lá na sala de ginástica escura e fico pensando. Me alistar no Exército parece ser a única opção. Ou isso ou a autoescola.

— Mas não é bem época de paz. Tem o Afeganistão — comentei.

Esses países distantes que se intrometeram na nossa consciência me pareciam estranhos. A meu ver, uma coisa era ter ido, sessenta anos atrás, lutar pela França, um país sobre o qual nós tínhamos ouvido falar; outra era lutar agora — não sabia nem que preposição usar: em? por? — um lugar como o Afeganistão. Há que se ressaltar que os universitários de Troy estavam loucos para entender o porquê disso, e a matéria Introdução ao Islã ficara cheia no último semestre, razão pela qual eu tinha me contentado com o mais estrito, e supostamente mais ameno, Introdução ao Sufismo. Leríamos Rumi e Doris Lessing.

— Não tem mais nada no Afeganistão.

— Não tem? — Eu estava estudando para as provas finais.

— Sei lá. — Ele fez outra pedra deslizar. — É, acho que não.

— O que foi que aconteceu? A gente ganhou?

— Sei lá. — Riu. — Acho que sim.

— Bom, soldados sem guerra ficam de saco cheio e muitas vezes são enviados para postos em lugares quentes e tensos e começam a querer lutar. Não entendem o motivo de estarem lá. Então, se nada acontece, eles começam a atirar para o alto e, depois, uns nos outros.

— Como você sabe tanto assim?

— Filmes.

— Ah! — Em seguida, acrescentou sério, sério demais: — Se eu não voltar, sabe, vivo, não deixe que me enterrem num caixão enorme. Não quero ocupar espaço.

— Bom, acho que é por isso que você está fazendo ioga: assim a gente vai conseguir enfiar você numa caixa de biscoitos. E ainda vamos poder dizer: “Ah, ele teria preferido assim!”

— É isso aí — disse meu irmão, sorrindo.

— Não sei se gosto dessa ideia de liberdade *duradoura*.*

— E que tal a ideia de promover a liberdade?***

— Nem disso. A liberdade não deveria existir por si só? Por que ter que fazer isso ou aquilo com ela? Parece até que está meio presa e precisa ser deslanchada.

— Você gosta da faculdade, não gosta?

No alto, nas árvores, os ninhos dos esquilos, escondidos durante o verão, estavam expostos como tumores — compostos de matéria vegetal, mas ainda vulneráveis e tudo mais.

— Quase. Você foi caçar este ano?

Ele nunca fora muito entusiasta de caçadas. Como se viraria nas Forças Armadas?

— Não.

— Nada de controle populacional dos animais? — A desculpa esfarrapada para a caça sempre me fazia resmungar.

— Não; na verdade, este ano eu fiz parte de um programa que distribuía camisinha para cervos.

— Maravilha!

Eu vinha aperfeiçoando uma risada que ia além do meu grunhido costumeiro, mas tudo o que fiz naquele momento foi resfolegar e dar uma espécie de berro.

Nós continuamos a caminhar à beira da rua com gelo, passando por um matinho de bétulas, que, de longe, lembrava os cigarros da minha mãe, apagados no solo um pouco depois de acesos. A vida de garoto do meu irmão me parecia solitária e difícil. Ele ainda tinha um dente torto, que se destacava quando sorria. Isso porque só restara dinheiro de ortodontia para um de nós, e ele havia sido aplicado na filha, cuja aparência importaria (desperdiçado em mim! Uma moça que não sorria e tinha plena convicção de que nenhum homem a desejaria — não profundamente). Sobrara para mim o aparelho nos dentes e, para ele, os afazeres. As expectativas de que Robert ajudasse o meu pai na fazenda eram tão maiores do que quaisquer

outras depositadas em mim, então dava para eu notar que a vida dele era um pouco mais dura que a minha, embora ele fosse um cara charmoso e, de modo geral, esperto e tivesse muitos amigos. Quando pequeno, tinha planos empreendedores. Uma vez, anos atrás, Robert tinha feito o projeto de uma cadeia de hotéis e, acreditando que seu maior competidor seria o Holiday Inn, tinha decidido dar um nome com espírito competitivo e contrário: Normal Night Out. Hotel Normal Night Out.

Porém, no fundo, ele carregava a mesma solidão que eu, embora sempre tivesse sido o favorito da mãe. E o que havia conseguido com isso? O amor dela era inútil.

Passamos pelo portão de entrada da nossa propriedade e descemos por uma das antigas trilhas de gado, parcialmente congelada, invadida por algumas raízes velhas e pedras, que formavam degraus. Uma mosquinha zuniu perto do meu ouvido e, em seguida, desapareceu. Eu nunca tinha visto uma delas no Natal e, no momento em que tentei esmagá-la, senti, como haviam ensinado para a gente em Arte I, o surrealismo de duas coisas familiares colocadas inadvertidamente lado a lado. Esse seria o futuro.

Continuamos a descer, passando pelo matagal de figueiras e carvalhos (quando crianças, dando vazão a algum instinto assassino latente, gritávamos feito bobos: "Mata! Mata!", e corríamos pela vegetação rasteira, empolgados com o nosso pavor inventado e exagerado). Agora eu e Robert serpenteávamos pelos olmos rumo ao velho criadouro de peixes, no qual, em outros invernos, teríamos patinado; era um antigo reservatório de um moinho do século XIX, que perdera as quedas d'água havia tempo, embora a velha roda de pá continuasse apoiada numa árvore, coberta por debulho de esquilo. Em algumas ocasiões, a gente escorregava por aquela trilha cheia de neve até o criadouro, onde agora não havia neve, apenas terra, capim alto emaranhado e galhos de erva-do-espírito-santo, de

capitão-de-sala e de bergamota, todos cobertos de gelo. Meu irmão gostava de pescar ali, mesmo no inverno, ou no riacho, apesar de os peixes serem umas belas porcarias e de ser uma estupidez fazer pesca de gelo num riacho. Mas eu sempre gostei dos verões naquele caminho e, quando não ficava entupido demais de mosquitos, eu até acompanhava Robert, sentava ao lado dele na vegetação aquática, que chega na altura da cintura, o lugar em tons de rosa por causa das equináceas, e contava para ele a história de, digamos, um filme de Sam Peckinpah que eu nunca tinha visto mas sobre o qual lera uma vez num artigo publicado no *Dellacrosse Sunday Star*. Nos arbustos, grilos do tamanho de um polegar emitiam seu canto monótono e agradável. De vez em quando aparecia uma borboleta tão bela e perfeita, que parecia uma fivela que se queria prender no cabelo. No alto e ao nosso redor, folhas verdes reluziam úmidas sob a luz do crepúsculo. Naquele pequeno vale verdejante eu contei em detalhes toda a trama de *Sob o domínio do medo*.

Mas eram os insetos que tiravam a gente dali. *Moscas tão grandes quanto patos estupradores!*, costumávamos dizer. Mosquitos com corpos listrados e a barba plumosa de uma íris, as asas e as pernas parecendo os fios tênues da barba por fazer de um adolescente, as pernas longas e finas, as gavinhas de uma orquídea, as lâminas do trenó de um elfo. Seus voos e seu jeito bizarro me deixavam obcecada e eram o foco da minha repulsa: suspensos como móveis ou mergulhando como jatos, sinistramente geringonçado; careciam de cor; tinham ido parar no roteiro animal mais triste que havia. Um dia dei um tabefe nas costas de Robert ao ver um enorme ali e matei cinco deles, todos ensanguentados sob a camiseta do meu irmão.

Agora estávamos à margem do riacho gelado, jogando uma pedra e ouvindo o *plact* e a descida. Eu queria dizer: "Lembra daquela vez..." Mas muitas vezes comparávamos histórias da nossa infância, e elas não coincidiam. Eu fazia um comentário sobre uma

viagem ou uma refeição ou uma visita de um primo e de algo que ocorrera durante ela, e Robert olhava para mim como se eu estivesse falando das aventuras de uma banda de rock da Albânia. Então, ficava calada. É algo que as pessoas que foram crianças juntas podem fazer facilmente. E em ocasiões é preferível isso a conversar, o que também não requer esforço.

Buscamos mais pedras e as atiramos.

— Pedras não podem se afogar — disse meu irmão, por fim. — Já estão afogadas.

— Você anda escrevendo poesia? — Sorri para ele.

— Só tenho andado pensando.

— Perigoso.

— É preciso bem pouco para voar alto.

— Um pouco pode ser perigoso. Mas muito também. Da mesma forma que nada. — Fiz uma pausa. — Tudo é um campo minado.

— Você está chapada? — perguntou ele.

Quase fiz uma pedra ricochetear. Ela queria. Eu podia sentir a vontade dela.

— Quem dera — respondi, dando um suspiro.

Joguei uma pedra bem para a esquerda, sobre o velho criadouro de peixes, na direção da quadra de tênis. Tinha mesmo uma antiga quadra na nossa fazenda, construída pelos antigos donos. Mas ela tinha sido invadida por ervas daninhas e virado quase que totalmente um campo improvisado, embora se alguém passasse por ali, ainda encontraria pedaços de concreto no solo e, em lados opostos, os dois velhos postes para a rede, brancos e descascados. Durante toda a minha vida, ninguém tinha jogado tênis ali. Parecia uma visão fantasmagórica de um passado de fartura que antigamente protegera o lugar, uma oposição aos sinais da pobreza de outrora — banheiro externo e bomba manual — típica da maioria das fazendas e casas da região.

Joguei outra pedra. E, em seguida, iniciamos o caminho de volta para casa. A neve caía silenciosamente, até uma corrente de ar ascendente passar e fazer os flocos subirem, como se alguém tivesse sacudido uma daquelas bolas de vidro cheias de pontinhos brancos. Robert tinha trabalhado como monitor de acampamento durante parte do verão anterior e, naquele momento, começou a cantar:

— “Um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais. Três elefantes incomodam muita gente, quatro elefantes incomodam muito mais. Cinco elefantes incomodam muita gente...”

Chegamos em casa úmidos. Vimos nossos rostos corados refletidos no espelho do vestíbulo, e como estava cheio dos post-its da minha mãe, nossas cabeças lembraram brevemente crianças vestidas de flores para uma peça escolar. Mamãe tinha feito *kugel* de macarrão e, em vez de peru, preparara um peito bovino de Natal, e nós nos sentamos para comer. Ela trouxe a carne quente numa travessa grande da cozinha e jogou-a rápido na mesa, quase levando a minha cabeça junto.

— Opa — exclamou ao fazer isso, pedindo licença.

— Que comida é essa? — perguntou meu irmão.

Eu o encarei desesperançosa.

— Você é filho de uma judia e não conhece mais peito de vaca?

— quis saber meu pai.

— Conheço sim. É só que eu tinha entendido a mamãe dizer que tinha sopa.

Foi nossa única grande risada de família. A carne em si, feita com ketchup e pó para sopa de cebola em excesso — talvez mamãe não tivesse se dado conta de que já havia colocado um —, estava salgada e não era a mais gostosa que ela já tinha feito. Todos nós colocamos condimentos em cima — um molho de cranberry e um

vegetariano, que chamávamos de “caviar do milharal” — e, depois, bebemos muita água pelo resto da noite.

Em casa, ali em Dellacrosse, meu lugar no mundo universitário e em Troy, bem como minha maturidade incipiente, dissolveram-se, e eu me tornei uma coleção inusitada de egos antigos em conflito. Ora minha voz se enchia de veios sarcásticos ora o mau humor me levava a ficar trancada no quarto, por horas. À tarde eu tentava fazer pequenas caminhadas — era sempre bom sair de casa até as 14, aconselhou minha mãe um dia — e em algumas ocasiões eu levava o Blot, embora uma vez a gente tenha se deparado com o caminhão de lixo vasculhando as estradas. Nosso cachorro odiava esses caminhões, acho que ele sentia que os homens estavam levando coisas que pertenciam legitimamente a ele, se não a todos os cães em geral. Latia alto como se dissesse: “Seus idiotas, a gente vai descobrir onde vocês moram e pegar todo o seu lixo, para ver se vocês gostam!” Quase sempre eu voltava antes das 14h30, e ficava no quarto até o jantar. Então descia, sem ter ajudado minha mãe, e encontrava uma panela de ensopado borbulhando, vesuviana e transbordante, porque, por causa da visão ruim, ela colocava bicarbonato de sódio em vez de amido de milho; uma vez, vi que ela tinha preparado saladas individuais e as colocado nos pratinhos de cerâmica do cachorro.

— Mãe, esses pratos são do Blot — avisei, apontando para as cabecinhas de cachorro gravadas nas tigelinhas.

A indignação fez os músculos do seu rosto se retesarem, mas ela não fez nenhum comentário.

Um dia minha mãe me chamou, gritando, e eu tive que descer para ver o que estava acontecendo.

— Você e as suas comidas extravagantes — comentou.

Ela se referia ao sushi que eu tinha trazido para casa de ônibus e deixado no balcão da cozinha, tendo, logo depois, derrubado o wasabi no chão sem querer. Automaticamente, Blot começou a lamber tudo e, perplexo com a sensação, que ele interpretou apenas como dor e calor, começou a uivar, a lacrimejar e a correr pela casa. Atacou com tanta ânsia o prato com água que o derrubou; então eu o levei para fora, e ele comeu neve — o pouco que havia — e bebeu de uma poça. Acabou levando uma hora para se acalmar. Mas o comentário sobre a comida extravagante durou mais. Uma vez saí para jantar com minha mãe e pedi um cabernet sauvignon; em vez de argumentar que eu ainda era menor de idade, ela disse: “Muito chique você, hein?”

Eu lia, prostrada na cama do meu antigo quarto, a parede cor-de-rosa e o remate branco formando um aconchegante útero cor de bala, enquanto a neve, finalmente, começava a se acumular lá fora. Às vezes relampejava de novo em meio a uma nevasca. Que planeta era aquele? O céu adquiria um tom arroxeadado e os clarões estrondosos aparentavam, por alguns instantes, incendiar a neve, tornando-a similar à paisagem poeirenta da lua. Os galhos das árvores arranhavam a lã encharcada do céu. Eu continuava a ser a universitária meio nerd sitiada pelo tempo, os dias cheios de livros, que eram como tocas de coelho, válvulas de escape. As canções do rádio lá embaixo, tocando durante todos os 12 dias de Natal, chegavam a mim: “*Rejoice, rejoice...*” parecia “*read Joyce, read Joyce...*”, então eu me dediquei a esse autor, me adiantando para as aulas de Literatura Britânica. “Emanuel...” E consegui encarar com sucesso a *Crítica da razão pura*. Alguns dias se tornaram tão tediosos e infrutíferos que acabei lendo Horácio atentamente, apesar de, entre um livro e outro, ter tirado a capa do baixo, colocado os fones de ouvido e criado uns riffs por cerca de uma hora, fazendo experiências com o reverberador. Sempre me impressionava o quanto quatro cordas podiam fazer. Eu tinha começado com o

violoncelo quando criança e, daí, regredi. O Velho Bob ficava no canto, olhando para mim. Mas tocar baixo exigia muito menos esforço. Como fazer xixi quando você é menina. Não precisa nem ficar de pé. Pode ficar deitado no chão e tocar com um dedo só, igual ao James Jamerson. Pode fingir que é Jaco Pastorius, da Weather Report — ainda mais com aquele clima. Aqui vai minha previsão meteorológica. Ou Jaco tocando “Hejira”. Aqui vai minha “Hejira”! Ou Meshell Ndegeocello, cuja voz grave eu conseguia imitar, mas não muito bem.

Os dias acabavam, e depois recomeçavam, como recriações enfadonhas. O aquecedor era ligado, o aquecedor era desligado.

Não tentei nenhuma vez me encontrar com as poucas amigas que eu tinha do colégio, que, quando evocadas na minha mente, pareciam completamente estranhas e desinteressantes. No outono eu escrevera um bilhete para uma delas, Krystal Bunberry, que, por nenhum motivo específico (mas pura profecia involuntária), costumávamos chamar de Krystal Berry Bun; o pai dela tinha trabalhado a vida inteira na fábrica de papel higiênico e, quando se aposentou, recebeu não apenas um suprimento gratuito do produto para toda a vida como também um diagnóstico de câncer no cólon. Em seguida, recebeu também uma colostomia. “Remoção de tubo de descarga enferrujado”, foi como a própria Krystal chamou. Ela me enviou uma carta perguntando se eu precisava de papel higiênico — àquela altura, claro, eles estavam distribuindo de graça. Então eu mandei minhas condolências, apesar de o pai dela não ter, na verdade, morrido. No ano anterior eu fora a um dos casamentos das minhas amigas, Marianne Sturch; ela usara um vestido de noiva tomara que caia enfeitado com lantejoulas e escolhera, para as damas de honra, modelos com uma estampa de flores tão espalhafatosa que pareciam mais apropriados para uma espécie de camponesa de filme pornô: curtos e presos com laços na parte superior, com um cordão que lembrava cadarço de sapato.

— É o que a Scarlett O'Hara teria feito com a cortina do banheiro, se ela estivesse tentando conquistar o encanador — comentou minha mãe, que mesmo com sua visão enevoada notara a feiura gritante dos vestidos.

Nossos sapatos eram de couro envernizado branco, que Marianne chamava de couro enviesado, embora eu nunca tenha tido certeza se ela o fazia de propósito. Não apenas as roupas, mas todo o casamento, organizado num salão alugado do hotel Ramada, me pareceu espalhafatoso e constrangedor; depois de trinta minutos ali, descobri que nunca ia querer me casar. A noiva trazia nas mãos algo parecido com um arranjo de gladiolos em tons de dourado e rosa, mas que na verdade eram três pedúnculos similares a cetros, nas cores pêssego e amarelo; a cena me fez pensar em minha mãe, o que me deixou um tanto aturdida. Depois disso, não tive mais vontade de telefonar para Marianne — ela e o marido, Brendan Brezna, passaram a lua de mel num cruzeiro em Orlando e Cancún, num pacote de cinco dias e quatro noites de programação intensa —, e os nossos caminhos, considerando, sobretudo, que eu ficava enfurnada em casa quando ia visitar minha terra, não se cruzaram mais.

Todos ali pareciam estranhos, se não uns verdadeiros alienígenas. Antes do meu nascimento, tinham cometido o disparate de batizar a cidade de Dellacrosse de Pequena Águia Esparramada, em homenagem a um guerreiro indígena da região que fora perseguido feito cachorro por homens do governo e virara, a princípio, nome de campo de golfe, depois, de motel de caminhoneiro e, finalmente, de cidade — tudo naquele lugar não passava de uma piada de mau gosto, desde o início. Quando os vereadores mudaram o nome para Dellacrosse, decidiram também tentar promover a área como um ponto turístico visitado por extraterrestres. Boatos de naves espaciais sobrevoando os milharais das redondezas, de objetos metálicos reluzentes pairando à noite e

até de alguns exames profundos feitos em donas de casa obesas de Pequena Águia Esparramada (ou em eventuais caminhoneiros de passagem) por criaturas esquisitas vestidas de preto ajudaram a criar um clima místico. E assim Dellacrosse se tornou a autodeclarada “Capital Extraterrestre do Mundo”.

— Ah, o lugar dos exames profundos... Espero que não seja outro exame retal! — foi o que minha mãe falou ao ler a notícia no *Dellacrosse Courier*.

Uma vez chegou até a comentar, zangada, com meu pai:

— Por que é que não dão logo o nome que esta cidade merece? Nabunda, EUA!

— Gail! — repreendeu meu pai. — Tenha modos!

Os postes de luz da Main Street foram enfeitados com cabecinhas de papel de extraterrestres, e as pessoas vendiam sundaes de baunilha venusiana com raspas de chocolate marciano. No início, imaginou-se que gente dos quatro cantos do país iria acampar na região e ficar plantada ali na esperança de avistar naves espaciais e alienígenas, os quais poderiam aparecer nos parques à beira das estradas e nos campos próximos à cidade. O boom de negócios e a notoriedade nacional duraram menos de um ano e, em seguida, sumiram, como os próprios alienígenas e as espaçonaves. Os habitantes da cidade disseram que os vereadores tinham metido tudo num foguete e mandado de volta para o planeta deles, exceto por uns poucos remanescentes.

Eu me sentia como se esses remanescentes fossem meus amigos, que por sua vez agora me pareciam marcianos. Eles tomavam conhaque direto do gargalo e bebiam xarope para tosse por pura diversão, como se fosse um drinque (sou obrigada a confessar, porém, que eu ainda fazia isso). Vestiam camisetas que diziam DELLACROSSE: O CAMINHO LEGAL, porque o lugar tinha adquirido certa notoriedade por seu controle rigoroso de velocidade. Usavam preposições de um jeito intrigante. Quase todo mundo dizia “no

acaso" em vez de "por acaso". Falava "Num guento" ou "Vambora?" Pronunciava "banana" rimando com "bacana" e dizia "bão" em vez de "bom". E usava tempos verbais do tipo "Pude ser" em frases assim: "Pude ser que eu fosse, só que acabou não dando certo." Era um futuro do pretérito hipotético, com o tempo e a intenção usados de uma forma tão indireta e sutil que eu chegava quase a compreender, como a teoria da relatividade de Einstein, que vez por outra surgia como uma visão meteórica em minha cabeça, até que a ideia sumia na velocidade da luz, muito além do meu alcance. "Pude ser que eu fosse" parecia residir em algum recôndito isolado do espaço-tempo gramatical, em que a linguagem falada era uma espécie de navajo ou francês ultra-antigo. Fazia parte de uma língua com tempos verbais concebidos de forma tão bizarra e matuta, que tenho certeza de que havia um que significava "Sim senhor, se eu tivesse uma máquina do tempo!". As pessoas narravam eventos cotidianos inteiramente no pretérito mais-que-perfeito composto: "Eu tinha ido de carro pra loja, tinha descido dele, e a mulher tinha vindo falar mais eu, que tinha dito..." Nunca se chegava a outro tempo verbal. Era tudo pano de fundo. O passado consistia num prefácio fragmentado, jamais mencionado com outro sentido além desse. Quem mais falava daquele jeito? Eles olhavam para a tatuagem no meu tornozelo, um símbolo da paz e, abstendo-se de fazer julgamentos e também de usar a cabeça, diziam "Hum-hum, não se vê por aí". Falavam a mesma coisa do meu baixo. E também do meu contra baixo. "Hum-hum, não se vê por aí!"

E todos tinham engordado, especialmente os rapazes, por causa do ar-condicionado. Já não existiam lugares insuportáveis de tão quentes que lhes tirassem o apetite voraz e os fizessem ficar encharcados de suor e perder peso — os restaurantes de beira da estrada, as casas e até os tratores tinham ar-condicionado. Era cada dia mais difícil reconhecer as pessoas. Ao pensar naquela gente, comecei a recorrer aos mesmos termos sarcásticos que minha mãe

usava — “cabeças-ocas” e “jecas-tatus” —, querendo dizer que eram uns caipiras que se faziam de bonzinhos ou uma gente rústica e mal-intencionada. Na minha opinião, tinham assumido a condição de criaturas repugnantes, como os monstros pré-históricos que supostamente viviam nas profundezas dos lagos do norte ou como os dinossauros, que, segundo boatos, ainda perambulavam no interior vasto da África, tendo o mundo caminhado para o futuro e os deixado para trás. Então eu cheguei à conclusão de que quando a geleira recuou, os residentes tapados e perdidos de Dellacrosse ficaram ilhados e esquecidos pelo tempo. Ou então eles eram os idiotas do espaço cósmico que esqueceram de voltar para a nave, e ela partira sem eles. De propósito! Tinha-se a impressão de que várias naves haviam deixado Dellacrosse para trás. O lugar era o espaço sideral para os próprios habitantes do espaço sideral.

Somava-se a isso meu apurado senso de que havia algo esquisito. Quando eu era mais nova, dizia-se que seres estranhos perambulavam pelas ruas, talvez alienígenas em busca de recursos naturais. Ou seriam turistas à cata de alienígenas ou, ainda, extraterrestres à cata dos ancestrais e colonizadores abandonados? Vai ver que nada fora uma farsa, no fim das contas. Talvez os raptos de corpos, os mortos-vivos e as criaturas de outros planetas estivessem mesmo tentando caminhar entre nós, os habitantes da cidade. Meus velhos amigos do ensino médio pareciam ser a prova irrefutável disso: andróides sinistros, que provavelmente haviam sido incubados em seres humanos jovens, mas que acabaram se tornando imitações desengonçadas e repulsivas, tentando se fazer passar por pessoas de verdade. Ainda ficariam algum tempo neste planeta, até serem convocados de volta para casa, onde seriam decodificados e lançados num monte de entulho, as fuças de zumbi perdendo até as expressões faciais precariamente atribuídas, as experiências tediosas armazenadas em chips subcutâneos.

Não estamos sozinhos. Mas, cacete, bem que queríamos estar.

Eu cometia pequenos homicídios desse tipo. Minha mente, quando eu voltava para Dellacrosse, ficava repleta deles. O que, a meu ver, enchia o lugar de vida, da mesma forma que um obituário traz de volta os mortos por breves momentos. Dizer que aquela era uma cidade saltitante passou a ser a piada comunitária, pois todos tiveram de amputar os dedos dos pés, por causa do frio! Mas isso era o de menos para uma cidade cheia de gente com carteira tirada pela Dirigindo Diesel de Dellacrosse e que não passava de mais uma entre mil sementes de papoula espalhadas pelo mapa do estado. Grãos torrados de farinha de milho na borda de uma pizza. Mil buracos negros. Marcas de alfinetes com nomezinhos. Na véspera do Ano-Novo, preferi ficar em casa a ir até a estrada com meu irmão e me juntar ao bando de vizinhos arruaceiros que se reunira em Perryville e County M. Não queria ouvir uma única pessoa me perguntando “E aí, Tassie, como vai a faculdade?” ou “Você tem lido? O que anda lendo?”

— Ora, ando lendo Horácio!

A cada ano que passava, os fogos de artifício ficavam mais explosivos e mais barulhentos, começando quase uma semana antes do dia 31, e ainda eram legalmente permitidos. Eu podia ouvir os estalos daquela chuva metálica. Eram fogos de artifício diferentes dos da minha infância — bombinhas simples que enfiávamos como se fossem salsichas dentro de tangerinas ou de bexigas de bode ressecadas e que depois pendurávamos nas árvores de Natal até o dia de serem arrancadas e arremessadas pelo campo, igual a uma guerra de bolinhas de neve. (A gente fazia isso junto com os amigos para destruir os inimigos. E quem eram os inimigos? Nossos próprios amigos. Quem mais a gente ia querer ver dar um pulo depois que uma tangerina explodisse aos seus pés?) À medida que os invernos foram ficando cada vez menos gelados e sem neve, os fogos de artifício se tornaram mais sofisticados. Evoluíram de bombinhas caseiras, sem grandes consequências, além de queimadurinhas

superficiais, a rojões e morteiros com tanto poder de fogo que eram usados com mais frequência em treinamentos militares. No ano passado, os restos de um desses artefatos acabou incendiando um pântano — em pleno inverno.

Lá fora, no intervalo entre os estouros, as crianças e os homens gritavam e batiam em panelas de estanho. Era o tipo de gente que, mal a neve aparecia, ia depressa passear em veículos apropriados para ela. Quando o lago congelava, esse pessoal pegava a camionete e dirigia em cima do gelo, deixando o carro estacionado ali a noite toda e saindo de bar em bar. Eles ficavam pescando nas barracas. “Eu abri um burquinho logo ali!” e vira e mexe conversavam aos sussurros sobre iscas de peixe e dispositivos indicativos de fisgadas. Naquele momento houve outra sequência de estrondos que fez meu coração disparar, o *rá-tá-tá-tá* de uma guerra causando euforia — só que não em mim. Ah, onde estava Ira Gerschwin quando a gente precisava de uma canção de verdade, uma música country de protesto, não apenas o lamento choroso de um piano-bar? Qualquer dia, alguém aproveitaria a ocasião para atirar escondido com uma arma de fogo de verdade, e eu só esperava que não fosse contra mim. Essa era uma piada amarga e desanimadora que eu contava para mim mesma. E para meu irmão. Enfim.

No final da tarde de 1º de janeiro, Sarah Blink ligou lá para casa. Minha mãe atendeu, disse “Ela está aqui sim” e me passou o telefone.

— Oi, Tassie — disse Sarah. Parecia ofegante. — Só estou ligando para saber se você por um acaso podia voltar um pouco antes.

Olhei, pela janela, para a pátina arroxeadada da neve. Meu pai e meu irmão estavam no cômodo ao lado, conversando sobre limpa-

neves de turbina.

— Tipo quando? — perguntei.

— Ah, digamos... — Ela parou de falar, mais para criar coragem do que para pensar, e, ao arrastar as palavras daquele jeito, fez com que parecessem o início do hino nacional americano.*** — Eu não queria abusar da sua boa vontade, mas me diga uma coisa, daria para você vir até o dia 3?

— De *janeiro*?

Então ela riu, e eu também, e ambas começamos a rir uma da outra e de nós mesmas, de modo confuso, sem contar com ajuda das expressões faciais.

Notas

* Trocadilho com o nome da operação americana no Afeganistão: Operation Enduring Freedom. (*N. do E.*)

** No original em inglês, *letting the freedom ring*, referência à Let the Freedom Ring, ONG de veteranos de guerras de libertações. (*N. do E.*)

*** A brincadeira é intraduzível. O "Ah, digamos" é "Oh, say" no original em inglês (abreviatura de "Oh, let's say..."), que é como começa o hino nacional americano. (*N. do T.*)

III

Peguei o ônibus no dia seguinte, 2 de janeiro. Depois de ter chegado ali numa “lata de sardinha”, como dizia meu irmão, a volta, em meio às férias de inverno, foi num ônibus vazio e limpo, embora devagar quase parando. Em Troy, à noitinha, os resquícios isolados de neve acinzentada lembravam fiapos de tecidos acumulados nas máquinas de secar roupa. O sistema de calefação do meu prédio não tinha sido desligado — ou a água nos canos teria congelado —, mas a temperatura tinha sido reduzida no aparelho para dolorosos 13 graus. Embora fosse generoso quando as universitárias estavam ali, o proprietário sabia que elas tinham saído de férias e não mantivera o prédio bem aquecido. Não apenas para Kay. Na minha ausência, as tábuas do piso reassentaram e adquiriram novas rachaduras. Quando entrei na minha própria sala de estar, tive a sensação de estar na casa de outra pessoa. Uma porção de gelo avançava sorrateiramente pelas vidraças, por dentro, e o vibrador/mixer continuava no balcão. (Murph tinha comprado aquilo numa loja chamada Toque de Mulher, e eu tinha ido junto com ela na época em que ela resolvera que deveria ter um.

— Ah, vamos, vai lá comigo, vai — ela implorou.

Eu vinha tentando manter a cabeça aberta em relação a objetos como aquele, mas ela acabava se fechando com toda a força.

— Toque de mulher? — perguntei assim que entramos na loja. — A gente não quer toque de *homem*?

O lugar era um minissantuário ao pênis, com objetos fálicos para todos os gostos e credos expostos como calçados numa sapataria, mas sem a indicação do tamanho do pé e as cadeiras para serem provados. As duas mulheres robustas e animadas que se encontravam ao balcão e colocavam as pilhas nos produtos, embrulhando-os em papel pardo discreto, se a cliente assim quisesse, sorriram para nós e se puseram à nossa disposição para esclarecer quaisquer dúvidas. No início achei divertido, mas depois tudo aquilo me afligiu. No entanto, passei vários dias pensando em voltar ali sozinha para pedir que enviassem um dos modelos mais acolhedores e menos motorizados — róseo e flexível — pelo correio.)

Como o apartamento estava um gelo, fui até uma cafeteria para me aquecer. Durante o ano letivo, no intervalo entre as aulas, eu alternava entre o Starbucks com sua porção orwelliana — “grande” quer dizer “pequeno”! — e um lugar perto da Faculdade de Direito chamado On What Grounds, em que “grande” significava “médio” e em que havia, além de café, uma enorme variedade de chás em jarras de vidro, grãezinhos multicoloridos tão lindos quanto sachês, embora, certa vez, quando pedi uma xícara com um deles, ouvi o balconista gritando para um sujeito nos fundos: “Ô Sam, a citronela é o chá que está com larva?” A partir de então, passei a tomar só café mesmo — no início, o espresso, nas xicrinhas de boneca que eu nunca tinha visto até ir para Troy, e depois os lattes, em canecas de porcelana, para aquecer as mãos. Às vezes eles ofereciam biscoitos, normalmente com gota de chocolate ou com aveia e passa, que eram pedidos assim no singular mesmo, já que só vinha uma gotinha de chocolate ou uma uva passa em cada um. Em algumas ocasiões eu ia até o Baby B Burritos, que ficava ao lado — o dono, ao que tudo indicava, havia se inspirado no filho pequeno para escolher o nome, embora se comentasse também que se tratava de

um acrônimo: “Burritos Bem grandes que nem a sua Bunda.” Ou pelo menos era o que Murph dizia. Dois quarteirões abaixo ficava a lanchonete que servia pizza e milk-shake, com a placa na vitrine: NUNCA TEMA, JAMAIS DESISTA, ENTRE AQUI. Havia também um cardápio indiano: COMA TUDO O QUE CONSEGUIR POR 1 DÓLAR. Mas se a pessoa comesse muito e ficasse demais, eles começavam a mostrar fotografias do vilarejo natal deles, fazendo com que ela se sentisse muito mal.

Eu tinha esquecido umas bananas apodrecendo no balcão e, apesar da baixa temperatura e de as frutas estarem dentro de um plástico, quando cheguei do Starbucks vi umas mosquinhas-da-fruta esvoaçando ao redor da pia. O apartamento já estava um pouco mais quente — os aquecedores funcionavam a todo vapor; será que o proprietário notara a minha presença? Traças-dos-cereais adejavam como anjinhos, vindas de algum lugar — quem sabe qual? Dos restos de aveia? Havia traças-dos-cereais, mas não havia cereal. Tentei pegar uma delas em pleno ar, feito uma louca. Os morangos mexicanos da geladeira estavam com barbas sábias e jocosas de Papai Noel e algumas peras peruanas haviam se enchido de bolor. O queijo cremoso parecia uma pasta de argila verde e fosca. Em contraste com os flocos de neve bucólicos e escassos da casa dos meus pais, aquele lugar mais parecia uma daquelas bolas de vidro com pontinhos brancos caindo lá dentro, só que a paisagem dentro da bolinha seria a surreal e suja vida universitária; então, apaguei as luzes. Murph tinha deixado as do quarto dela acesas, incluindo o neon com os dizeres DEIXE A IMAGINAÇÃO VOAR, que ela pendurara de forma instrutiva e ousada acima da cabeceira da cama. Apaguei tudo, lâmpadas e neon. Coloquei um pijama térmico e um moletom e fui dormir, esperando que na manhã seguinte o ano-novo mostrasse o que tinha de novo: até aquele momento, vinha sendo traçado de um jeito por demais familiar no velho lodaçal do meu coração.

O telefone tocou logo cedo. A voz de Sarah era clara e radiante:

— Vou pedir que o táxi passe aí às 11 horas, para pegar você. Vamos de avião para Packer City — anunciou ela.

— Vamos?

Eu mal havia acordado. Teria que me tornar outra pessoa biologicamente só para poder lidar com ela.

— Você se importa? Só precisa levar uma mala pequena para passar a noite, pois vamos voltar amanhã. Acabaram de nos ligar de lá a respeito de um bebê e queremos conhecer a mãe biológica.

Outra mãe biológica. Até quando aquilo ia durar, hein? E por acaso fazia diferença, desde que Sarah continuasse me pagando?

— Sem problema — respondi.

Nunca tinha viajado de avião. Tampouco andado de táxi, mas nem sonhei em mencionar isso.

Na verdade, eu não tinha uma mala pequena, tinha só uma mochila, e foi o que usei para jogar dentro uma camisola, umas roupas íntimas e uma outra blusa. Senão, teria que ficar com a mesma roupa do corpo. Coloquei também um livro — *Poemas Zen*, de um amigo que tinha sido transferido para uma pequena faculdade budista na Califórnia. “Quer dizer então que você vai fazer parte da turma Zen Estadual?”, eu e Murph tínhamos perguntado a ele; então ele nos dera o livro para ver se tomávamos jeito e calávamos a boca. Havia poemas do tipo: “O mundo é um rastro espumante / desvanecendo atrás de um barco / levado a remo no crepúsculo.”

Então tá... Que os budistas abandonem este mundo e atenuem seu desespero. Ainda assim, eu não achava que a pessoa estava lá fazendo a escolha mais sensata ao abandonar a festa sem mais nem menos e voltar para casa mais cedo, meio sonâmbula. Eu preferia a feiticeira com a mente perturbada Silvia Plath, cujas palavras não buscavam iluminação nem consolo, cujas palavras não buscavam nada além de destringar um grito. Autora engenhosa da mais profunda escuridão.

Ah, se ao menos ela tivesse se casado com *Langston Hughes*!

Como se quisesse caçar do quadro de lembretes da minha mãe, eu tinha escrito a minha frase favorita num papelzinho adesivo: “Sou tanto sua mãe/ Quanto a névoa que destila um espelho para refletir a própria/ Dissipação lenta à mercê do vento.” E então o colara — ah sim, com certeza — na moldura do espelho.

Ficamos parados ao redor, tão inexpressivos quanto as paredes.

A maternidade, como um radar ou como a radiação, pairava radiante no ar.

Avistei o táxi da janela e, enquanto descia os degraus da varanda, o motorista saiu do carro e abriu o porta-malas para que eu colocasse a minha mochila.

— Oi — cumprimentou ele, sorrindo.

Quantos anos teria? Uns 30? O que será que tinha estudado? Literatura francesa? Parecia que todo taxista naquela cidade tinha diploma de direito ou doutorado ou tese inacabada sobre a criação de cerâmica na Grécia Antiga ou a hegemonia das cercas vivas de Versalhes. O entusiasmo um tanto argumentativo em seu rosto me fez pensar que ele era mesmo da área jurídica — havia gente demais formada em direito por aquela área, já que quem continuava ali não precisava fazer o exame da ordem dos advogados, então, fazia tempo que a região ficara saturada deles, muitos dos quais tinham passado a dirigir ônibus, vans de entrega da FedEx ou táxis. Sentei no banco de trás e me deparei com a sorridente Sarah. Ela não usava um casaco impermeável, mas uma peça comprida, de lã de carneiro. Talvez tivesse ganhado no Natal.

— Outra aventura com a possível maternidade! — exclamou ela.

— Isso mesmo — comentei.

Achei a frase parecida com o que Murph diria sobre sexo casual e inconsequente. Fiquei imaginando onde estaria o marido de Sarah.

Como se tivesse lido a minha mente, ela comentou:

— Edward vai tentar nos encontrar lá. O avião de volta da conferência em Los Angeles fará escala em O'Hare, e, se o voo não atrasar, vamos encontrá-lo no aeroporto de Green Bay. Alugaremos um carro, porque assim podemos voltar juntos.

— Vou poder conhecê-lo — acrescentei, estupidamente.

— Claro que sim — respondeu ela. — Mas se preferir, pode fazer como muitas pessoas: fazer o mínimo esforço possível. — Ela deu uma risada curta e ambígua.

Tive a impressão de que o taxista já a estava odiando; e então, quando ela pagou a corrida com exatos 20 dólares, como indicado no taxímetro, e tentou lhe dar apologeticamente uma gorjeta de 25 centavos, pois estava sem trocado, ele a devolveu.

— A senhora precisa mais disso do que eu.

Sarah se afastou de forma brusca do sujeito. Ele abriu o portamalas sem sair do carro e nós mesmas pegamos a bagagem e entramos, apressadas, no aeroporto.

— Normalmente eu dou boas gorjetas! Verdade! — exclamou ela. — Sou famosa pelas minhas gratificações. — Concordei com a cabeça. Acreditei nela, embora até aquele momento ela não me tivesse dado um tostão sequer. Eu me lembrei de um comentário que o meu pai, quase sempre frugal, fazia: "Só faço as coisas de graça quando não tem outro jeito." — As pessoas não praticam mais boas maneiras no Centro-Oeste. Só no Sul, e os hábitos ali estão começando a mudar também.

No guichê de embarque, pediram nossas carteiras de identidade, e Sarah manteve a dela meio escondida de mim, como se não gostasse da sua fotografia. Em seguida, guardou depressa o documento num dos inúmeros bolsos com zíper da sua bolsa marrom-escura.

— Esta sacola tem tantos compartimentos que fica difícil lembrar onde está cada coisa — comentou. — É como fazer um teste de QI.

— Eu só tinha ouvido outra pessoa usar a palavra *sacola* em vez de *bolsa*: minha mãe. — Mas é ótima. Tem espaço de sobra e dá para colocar tanta tralha que às vezes encontro algo que nem imaginava estar lá! Parece até um número de circo em que um monte de palhaços fica saindo sem parar de dentro de um fusca. O fato é que, se eu fosse igual à minha mãe, teria colocado uma etiqueta em cada zíper.

Para mim, a própria Sarah parecia um fusca de onde saíam palhaços sem parar.

— Você tem mãe? — perguntei. — Quer dizer, sua mãe ainda está viva?

— Sim — respondeu ela.

— Maneiro — respondi, com aquele jeito peculiar que minha geração tinha de achar tudo “maneiro” ou “caído”.

Usávamos *maneiro* da mesma forma que os ingleses usavam *fantástico*: para qualquer coisa. Talvez, como para os britânicos, esses termos fossem meio antidepressivos: uma retórica exagerada para manter a verdade nua e crua afastada.

— Meu pai e minha mãe tinham uma relação verdadeira — disse Sarah.

— Bom, eles eram casados.

— Qualquer um pode se casar, mas eles tinham um relacionamento!

— Seus pais gostam do seu restaurante?

— Meu pai faleceu antes de conhecer o restaurante. Mas, de qualquer forma, ele nunca gostou de comer fora. Uma vez eu o levei ao Benihana, em Nova Jersey, e ele ficou nervoso com o barulho da grelha. Acho que aquilo acabou trazendo à tona todas as lembranças da guerra e do bombardeio de Tóquio. Depois daquele dia, ele nunca mais quis comer fora comigo. Dizia: “Venha nos visitar! Sua mãe fez um *kugel* maravilhoso!” Era um velho rico, com medo de uma grelha.

— Ele era rico?

— Bom, mais ou menos. Seu pai é?

Ela arqueou as sobrancelhas e arregalou os olhos. Estávamos travando um diálogo a respeito de algo diferente do que dizíamos. Ao menos, assim eu esperava.

— As pessoas pensavam que a gente era rico, mas não — respondi. Na verdade, eu nem sabia direito. Repeti o pensamento convencional. — Os fazendeiros não são ricos. Possuem terra, mas não dinheiro. — A verdade é que meu pai nem tinha tanta terra assim. Uma vez, ele se levantara da cadeira na varanda, estendera os braços e dissera: “Um dia, tudo isso vai ser de vocês, filhos.” Mas os nós dos dedos dele acabaram esbarrando nas colunas da varanda. Nem ela era ampla. — Os fazendeiros só ficam ricos quando morrem.

— Talvez — salientou Sarah. — Não consigo conceber que alguém possa enriquecer quando morre. Imagino o morto como o mais pobre que se pode ser.

— Portão 2, no andar de cima — disse a mulher do guichê ao nos entregar os cartões de embarque.

Como só estávamos levando bagagens de mão, começamos a nos dirigir para lá, só que, ao perceber que ninguém estava indo pela escada rolante, Sarah resolveu subir por ela.

— Olha só — disse ela. — É desse jeito que se faz um pouco de exercício antes de entrar num avião.

Em seguida, subiu em disparada os degraus em movimento, como se a escada rolante fosse uma esteira da academia e acenando estupidamente para mim da parte central, com ares de Lucille Ball.

— A senhora está na escada errada — comentou alguém que subia do outro lado. e, como Sarah estava demorando demais para chegar ao topo, outra pessoa, que também pegou a escada que subia, perguntou-lhe:

— Sabia que está subindo pela escada que desce?

Como ninguém entendeu o que ela estava fazendo, ninguém achou graça.

— Ginástica! — exclamou Sarah.

Percebi que aquele rompante de excentricidade era comum e irresistível para ela. Acho que eu nunca tinha visto alguém, seja de que idade fosse, permitindo-se a tanto. Eu mesma subi pela escada rolante correta e observei quando Sarah, com a bolsa a tiracolo e o casaco de lã de carneiro esvoaçando, saltou como uma gazela para sair dos degraus descendentes, os quais, caso ela tivesse calculado mal a manobra que fez, poderiam tê-la mutilado. Que nada daquilo atraía a atenção do pessoal da segurança fora um alívio.

— Nada mal para uma coroa enxuta, hein? — ressaltou, arreganhando os dentes, esbaforida e ruborizada. Esbocei um sorrisinho qualquer, não faço ideia de que tipo e, então, nós duas rumamos rápido para a área de controle de segurança, esmeradamente fechada por cordões de isolamento, onde um grandalhão com a cara rechonchuda apreendeu nossos cortadores de unhas e a pinça de Sarah.

— Hoje em dia as mulheres já não podem mais nem se cuidar — disse ela para mim.

Dei uma risadinha para agradá-la. Havia uma energia inquietante pairando a seu redor, que parecia se dissipar com os risos dela ou de qualquer pessoa.

No que se referia a mim, a tensão me deixara apavorada. Não conseguia separar o medo de voar da minha total desorientação por causa daquela viagem repentina. O avião era pequeno, com capacidade para apenas cinquenta passageiros, dificilmente um alvo de sequestradores. Da minha poltrona ao lado da janela, as placas de metal cinza aparentavam estar ao mesmo tempo intrincadas e fortuitamente fixadas, como a plumagem de um ganso. As alavancas das portas das saídas de emergência mostravam-se acinzentadas,

torcidas e gastas. Seria um sinal de boa sorte? O céu estava azul naquele dia de janeiro, o sol refletindo nas árvores e a atmosfera totalmente límpida; era uma luminosidade moderna, que se via às vezes no sol de meio-dia no mês de janeiro: não forte, mas tênue e tão purificante quanto vinho de limão. Da janela do avião vi várias aeronaves posicionando-se nas pistas: uma dança de abelhas com risco de colisão e escapadas por um triz. Onde, onde estava o néctar? Havia apenas o intercâmbio e os movimentos ritmados da colmeia. Era o que Robert tinha dito — com razão.

De repente começou a decolagem, partimos em disparada pela pista e logo estávamos no ar como se flutuássemos num dos brinquedos de um parque de diversão, o avião ganhando altura com o sacolejo de uma ave marinha. Para mim foi como uma daquelas atrações em que a gente gastava mais ingressos para ficar mais. Senti um frio na barriga à medida que a aeronave subia e oscilava de um lado para o outro, buscando seu caminho. Por uma fração de segundos, passou por minha cabeça o pensamento macabro de que todos os funcionários da Boeing ou de seja lá em que lugar aquela geringonça tivesse sido fabricada (Brasil!, eu descobriria depois) eram uns atendentes de parque de diversões banguelos e cheios de tatuagens. Sob nós, o solo se distanciava — se o mundo desaparecesse como o rastro espumante atrás de um barco levado a remo no crepúsculo, seria tão ruim assim? Naqueles 25 minutos de voo, as terras cultiváveis entre Troy e Green Bay viraram um tabuleiro de damas com resquícios de neve e tons verde-oliva, cáqui, cinza-dourado e castanho — similar ao mostruário de grãos de café, com exemplares de torrefações que iam do verde ao preto, que havia próximo ao caixa do Starbucks e que eu ficava admirando às vezes, como se fossem máquinas de pistaches, chocolate ou chiclete, as quais podiam ser compradas se você tivesse o valor exato.

O valor exato. Pensei nessa frase, naquele momento, e em seu significado para Sarah. A vontade de ter um filho. A péssima gorjeta para o taxista. Eu ainda precisava vê-la chegar ao valor exato.

As bagagens de mão podem se deslocar durante o voo, disseram. Isso era bom ou ruim? E quanto aos próprios passageiros? Não poderiam se deslocar nem para ir ao banheiro? Será que a falta de oxigênio na cabine levaria a pessoa a divagar em espirais superficiais e helicoides verbais desesperadas, mantendo-a imóvel pelo resto da vida? Abaixo de nós, continuavam desfilando os campos quadrados em verde e marrom, que Rothko nunca conheceu. O solo, mosqueado com lama e neve, era intercalado ocasionalmente por lagos, cujas superfícies brilhantes lembravam pegadas. Naquele momento, o avião sobrevoava uma área em tom de ocre que, iluminada pelo sol, lembrava a cúpula de velino de um abajur.

— Bom, deixe eu contar a história dessa mãe biológica — murmurou Sarah, para manter a privacidade, apesar de toda hora eu precisar pedir que repetisse o que acabara de dizer, por causa do barulho das turbinas do avião.

Mãe biológica. Não passava de um daqueles termos falsamente amigáveis inventados pelas próprias agências de adoção. Analisei a intrincada construção da asa da aeronave enquanto Sarah falava. Era preciso fixar os olhos em um ponto específico, de alguma forma. Aparentemente, essa mãe biológica tinha recorrido ao Centro Comunitário Católico, que vinha tentando encontrar um lar para a filhinha, mas, quando se passaram meses demais e a família que encontraram acabou desistindo de uma hora para a outra da adoção (eles rezaram, e o Deus deles lhes dissera que não o fizessem; “o Deus *deles*”, enfatizou Sarah, “e de ninguém mais. Tudo foi privatizado, até mesmo o Criador”), a mãe da neném procurou outra agência, que contactou Letitia Gherlich, com quem nós tínhamos

almoçado no Perkins. Elas fizeram um acordo de divisão de honorários.

E a Amber?

Pelo visto, ela já estava fora de cogitação, por ter violado a condicional e não haver simpatizado muito com nenhum dos possíveis pais adotivos. Estava considerando a possibilidade de ficar com o neném.

— Até que eu gostei da Amber — comentei. Um erro.

O rosto de Sarah se petrificou.

— Amber era viciada em anfetamina e em cocaína. Nas duas — enfatizou.

Amber era passado. Estávamos cobrindo a face inanimada da moça com o lençol branco do *era*. Somente seus pés descalços ficaram de fora, talvez com um rastreador eletrônico reluzindo no tornozelo, talvez com um dedinho a despedir-se com um aceno: Até que eu *tinha* gostado dela.

A nova mãe biológica de Green Bay chamava-se Bonnie e devia beirar os 40 anos. Uma adulta! Sua filha tinha bem mais que 1 ano, talvez até 2, e já estava padecendo nos lares adotivos.

— Só depois que conhecermos as duas, vamos saber o motivo, apesar de eu já ter uma ideia de qual seja — comentou Sarah. Fiquei quieta. O avião começava a descer, e os meus ouvidos ficaram tapados por causa da pressão. Eu tinha a sensação de estar ouvindo o que Sarah dizia debaixo d'água. — A criança é negra. Mestiça. E ninguém a quer. As pessoas preferem ir até a China a adotar uma bebê negra no próprio país.

Quando eu era pequena, de fato só via crianças negras em Green Bay. Eu me deparava com elas quando a gente ia fazer compras por lá: filhas de jogadores profissionais de futebol americano que moravam nos casarões do subúrbio e que, conforme se comentava, mudavam de residência a cada três anos, quando seus pais se contundiam ou eram negociados por outros times. "Sempre digo

para os meus filhos nem se darem ao trabalho de conhecer essa gente”, comentavam os balconistas abertamente nas lojas. “Esse pessoal vai acabar indo embora mesmo.” Era assim que a intolerância se disseminava entre as pessoas que juravam não ser nem um pouco racistas.

— Tenho certeza de que é esta a questão com a bebê — enfatizou Sarah. — A raça.

Fiquei imaginando se o pai biológico não seria um empacotador, um cara do time Green Bay Packers. Seria irado. Quando eu era caloura, tinha uma garota no meu dormitório chamada Rachel. Como o pai dela era negro e a mãe, branca, o pessoal a chamava de Inter-Rachel. Ela sempre ria disso.

O avião chacoalhou, e eu engoli em seco, tentando desobstruir os ouvidos e desembrulhar o estômago. Consegui encontrar uns chicletes na mochila. Eu não tinha comido quase nada e isso, junto com as náuseas, na certa devia ter me deixado com mau hálito.

No aeroporto, procuramos Edward, mas ele não estava lá. Sarah pediu informações sobre o voo de Chicago, no entanto, o avião chegara 15 minutos antes e todos os passageiros já tinham desembarcado.

— Pode ser que ele esteja pegando as malas — disse ela.

E lá fui eu atrás dela. Procuramos ao redor de todas as esteiras de bagagem e, em seguida, fomos até o balcão da Hertz, onde Sarah preencheu os formulários para alugar o carro. Então ficamos esperando perto do sanitário masculino. Edward simplesmente não tinha chegado. Achei que o banheiro dos homens também deveria ter uma placa amarela enorme dizendo HERTZ.*

Sarah se recostou na parede, logo abaixo da placa em que não estava escrito HERTZ e, sim, HOMENS. Seus olhos começaram a ficar anuviados. Ela os fechou por um instante e, quando os abriu de novo, meneou a cabeça e suspirou.

— É para isso que Deus inventou a posição fetal — comentou.

Eu estava começando a admirá-la. Ou, pelo menos, a não ter tanto medo dela.

Sarah ajustou a bolsa no ombro e fechou mais o casaco.

— Ah, vamos embora — disse, segurando o mapa da cidade e a chave de um carro.

Seus traços mostraram-se decaídos, mas pude observar que ela logo os foi endireitando, um a um, da forma que se ajustam os móveis leves da varanda após uma ventania. Imaginei como seria o casamento de Sarah. Cada vez mais inventado conforme o tempo passava, sem dúvida. As mulheres de hoje em dia eram orientadas a não aceitar o segundo lugar em nada e a acreditar que mereciam o melhor, tudo nesta época em que, pelo visto, restavam muito poucas opções. E, nesse sentido, elas assemelhavam-se aos desprovidos. Que sentido fazia tudo o que lhes era dito, considerando a escassez em seu mundo?

Achamos o carro, um Ford Escort cor de terra, num canto afastado do estacionamento. Ao entrar, percebi que estava limpíssimo, talvez até mais asseado e organizado do que qualquer outro automóvel em que eu já tivesse andado. Sarah me entregou o mapa.

— Se importa de ir guiando a gente? — perguntou ela, ou ao menos meio que perguntou.

— Claro que não.

Abri o mapa, ciente de que nunca mais seria dobrado corretamente, pelo menos, não por mim. Eu sabia lidar com ele, mas não a esse ponto.

Lá fora já se podia ver os cruzamentos movimentados de uma cidadezinha industrial cheia de pontes. O estádio esportivo gigantesco, com sua cúpula branca reluzente despontando na linha do horizonte, e o grande anfiteatro do campo ocupavam boa parte da paisagem. Procurei guiar Sarah da melhor maneira possível. Lembrei que, certa vez, numa transmissão do concurso de beleza

dos Estados Unidos, um dos jurados tinha perguntado à Miss Wisconsin se ela sabia a que se referia “Baía dos Porcos” e ela, sem a menor noção, respondera, ansiosa: “Green Bay?” Os hidrantes haviam sido pintados de verde-limão — uma cor estranha para o inverno — e os bondes também, como se aquela fosse uma cidadezinha turística engraçada em que se visitaria o Gigante Verde Feliz em pessoa, símbolo da empresa alimentícia Green Giant. Tenho certeza de que algumas pessoas iam procurar por ele, mas encontrariam apenas Vince Lombardi, o papa de Green Bay, em forma de estátua. Além de uma fábrica após a outra lançando resíduos no rio.

— Fico imaginando se a incidência de câncer é alta nesta região — comentou Sarah. — Ou de malformações congênitas...

— O que sei é que aqui tem uma alta incidência de futebol americano.

Ao longe eu ainda via a abóbada clara da arena e os novos camarotes elevados do estádio, que formavam um círculo de torres, como num castelo. Sarah mexeu no rádio até encontrar a estação de música soul e ouvir o início de “I Heard It Through the Grapevine”. O pé esquerdo dela percutia no piso do carro, e tive a impressão de ver seus ombros remexendo sob o casaco. Um veículo passou por nós com um adesivo no para-choque que dizia *URSOS SÃO ANOS*.

— Os ursos de verdade ou o time de futebol, os Bears?

— O time de futebol — respondi.

O escritório da advogada ficava em um hotel assustador e caindo aos pedaços, no centro da cidade. Demos uma volta no estacionamento em busca de uma vaga.

— Quando vou estacionar assumo o papel de cartomante — comentou Sarah. — Como se algo me dissesse que vou encontrar uma vaga assim que fizer o contorno. Ou então dou uma de

advogada de defesa e contesto as placas de trânsito: Como assim, *não sou* um veículo autorizado? Tenho o mesmo direito de qualquer outro cidadão e as mesmas deficiências que ele e, quanto ao limite de horas, bom, na Costa Leste, de onde *eu* venho, são 4 horas agora. Eu penso em baboseiras assim. Às vezes entro em transe, capto a *intenção* de uma norma e sigo a minha intuição, e não a regra em questão.

Restava apenas uma vaga apertada ao lado de um sedã preto, que tinha estacionado de qualquer jeito, deixando um espaço enorme à direita e quase nenhum à esquerda. Apesar disso, Sarah meteu o carro no espaço estreito; notamos, então, que o motorista ainda estava ao volante, todo esparramado, esperando por alguém, com um boné dos Packers bem enfiado na testa. Ele abaixou o vidro do carro.

— Por que é que não estaciona em outro lugar, hein, dona? — perguntou.

Sarah resmungou:

— Ora, e por que eu deveria fazer isso? — Em seguida, ela desligou o motor, abriu a janela do meu lado e gritou para o sujeito: — Se você ajeitasse o seu carro haveria espaço para todo mundo. Esta é a única vaga sobrando.

— Mas eu cheguei aqui primeiro — vociferou ele, indignado.

— E que diferença faz, caramba?

— Desse jeito você não me deixa escolha, dona. Eu odiaria ver o seu carro todo arranhado e amassado.

Ela desceu e bateu a porta.

— É mesmo? E eu odiaria ver todos os seus quatro pneus murchos.

Desci com cuidado do veículo, e nos dirigimos depressa para a entrada do prédio.

— O seguro da locadora cobre tudo, acho — ela me disse, confiante. — Ou então o do cartão de crédito. Uma vez matei

alguém e a American Express me deu cobertura total!

Sorri. O corredor era escuro, com tons desbotados de escarlate e marrom-avermelhado. O elevador de bronze manchado rangeu e sacolejou até chegar ao terceiro andar. Quando as portas se abriram ruidosamente, saí rápido, antes que aquela geringonça mudasse de ideia e despencasse a toda velocidade até o porão, com um estrépito metálico.

— Suíte Três D — disse Sarah, ao checar um cartão de visitas em que se lia *Roberta Marshall, Advogada*, e logo estávamos numa sala ampla, bem iluminada, com decoração verde e cor-de-rosa. O papel de parede era verde-oliva, com grandes ramos de lírios e rosas expandindo-se, esparramando-se ou unindo-se, separando-se e enrolando-se, com padrões repetitivos e giratórios, em todas as paredes.

— Gostaríamos de falar com Roberta Marshall — disse Sarah à recepcionista, uma senhora robusta com o cabelo louro oxigenado e cheio de fixador, formando um capacete rígido no alto.

— Seu nome? — indagou a atendente.

— Ah, perdão. Sarah Brink.

A recepcionista discou três números e ficou aguardando com o receptor à orelha. Movimentou a cabeça para a frente e para trás, revirou os olhos um pouco, olhou as horas no relógio, fixou a vista em mim e me deu um sorriso tenso e, em seguida, checou as próprias unhas pintadas, que pareciam precisar de retoque.

— Sarah Brink quer vê-la — disse ela. — E... Não perguntei o seu nome. — Enquanto eu dizia "Tassie Keltjin", ela repetia simultaneamente o de Sarah ao aparelho, de modo que meu nome não foi ouvido. — Sarah Brink. Isso mesmo. Brink. — Daí ela bateu o telefone e soltou um suspiro. — Ela vai atender vocês daqui a um minutinho.

Nós duas nos sentamos e aguardamos. Seria difícil explicar onde estávamos e em que ano nos encontrávamos. Poderia ser qualquer

lugar, qualquer coisa.

Roberta Marshall abriu a porta de supetão, mas, então, fechou-a discretamente. Era uma mulher baixinha, de cabelos escuros, com um sorriso largo, que havia muito lhe deixara sulcos profundos ao redor dos lábios, como os de uma marionete, e pés de galinha nos olhos. Apesar de ainda ser dia claro, ela vestia uma jaqueta preta aveludada bem cortada com talhes na lapela, formando ângulos que a valorizavam. Provavelmente achava que o traje lhe dava o aspecto de rica. Eu já estava me tornando uma mulher que analisava as outras rapidamente — ia me tornando típica.

Nos levantamos, trocamos apertos de mão e voltamos a sentar. Roberta olhou para mim e me deu aquele seu sorriso escancarado.

— Sarah me disse que traria você — ressaltou ela, em sinal de aprovação. — Edward não veio? — indagou, percorrendo o lugar com os olhos e franzindo a testa.

— Só na próxima vez — respondeu Sarah. E ainda assim, mantinha uma expressão esperançosa no rosto.

Roberta Marshall abriu um envelope de papel manilha.

— Bom, aqui está a nossa menininha — disse ela, mostrando algumas fotos de Polaroid. — Ainda é praticamente um bebê. Ela estava no orfanato do Centro Comunitário Católico, aguardando surgir algum casal afro-americano. — Eu tinha acabado de ouvir aquela história. — Encontraram um, mas depois os dois mudaram de ideia. Disseram que rezaram para o Deus deles e que Ele tinha aconselhado a não adotar a menina. Então, desistiram. Logo depois a mãe biológica, que é branca, deixou o Centro Comunitário Católico e veio nos procurar.

— Bom, melhor assim — comentou Sarah, com a expressão confiante ainda dominando o olhar, que dirigiu com ansiedade às fotos seguradas por Roberta.

— Não sei quem era esse tal “Deus deles” para ser tão diferente do das outras pessoas — enfatizou Roberta, revirando os olhos; dava

para perceber que ela não estava nem aí. — Uma vez tive que lidar com uma adoção internacional; o casal passou duas semanas num hotel de Santiago e depois voltou para casa sem a criança, alegando que “não tinham se apegado ao bebê”. Bom, melhor assim; é isso aí, melhor assim mesmo. — Por alguma razão, ela ainda segurava as fotografias. — O pai biológico é afro-americano, ou pelo menos por parte de um dos pais, e tudo indica que ele deixou a cidade. Publicamos anúncios no jornal, como a lei exige, antes de privá-lo de seus direitos.

— Que anúncios?

— Os que solicitam que ele apareça, senão... Isso acontece muito. Mesmo quando eles dão as caras, costumamos marcar encontros em lugares como uma lanchonete, onde compramos um sanduíche para eles e avisamos que o melhor que têm a fazer é abrir mão de seus direitos. Conversamos com os pais até mesmo em prisões, apesar de isso ser um pouco mais difícil. Um cara que está na cadeia não abre mão de nada. Já teve de desistir de muita coisa na vida. — Roberta fez uma pausa, como se achasse que aquele comentário parecesse brutal. — Não coagimos ninguém. Procuramos convencer esses jovens com argumentos solidários e sensatos. Tudo é feito de acordo com a lei. Normalmente são rapazes que vieram de Milwaukee ou de Chicago para trabalhar numa fábrica de enlatados e numa noite de sexta acabaram tomando algumas cervejas a mais, se entende o que eu quero dizer. — Em seguida, acrescentou: — A mãe biológica é branca; eu já tinha dito isso? Fazia pouco tempo que conhecia o pai, Victor; aqui a gente não usa o sobrenome. Sua visão romântica da maternidade não é romântica: ela quer apenas reconstruir a vida e voltar a estudar. Não tem muito dinheiro. — Estendeu as fotografias na minha direção. Tentei apanhá-las, hesitante, mas Roberta as pegou rapidamente de volta. — Desculpe — disse, pressionando a cabeça como se estivesse com enxaqueca. — Era para eu ter dado as fotografias para você, Sarah. Desculpe.

Sarah nem ligou. Não queria pôr tudo a perder. Pegou as fotos com calma, como se o próprio bebê estivesse ali naqueles papéis.

— Ah, olhe só para ela — disse, com satisfação. — É linda.

— A menina vai escurecer, claro — acrescentou depressa Roberta Marshall.

— Claro. Não tem o menor problema! — Sarah fez uma expressão de indignação contida.

— Bom, não foi minha intenção sugerir que tivesse. Só acho que as pessoas precisam entender. Eu mesma tenho um filho birracial. E ele foi educado num meio de total cegueira racial. É maravilhoso. Decorou a história da sua adoção; entendeu que a barriguinha da mamãe não funcionou e aceitou tudo muito bem. — O mundo da adoção parecia estar cheio de mulheres com “ventres desfeituosos”. — Quando tinha 10 anos, ele viu Gregory Hines dançando na TV e disse: “Olha, mãe, esse bailarino é adotado.” Achei a coisa mais fofa.

Não era tão fofo assim. Era estranho. Eu tinha a sensação de que a ponta afiada de uma mentira deslavada teimava em alfinetar a história. Talvez, como se dizia em Dellacrosse — antigo lar e esperança de visitas extraterrestres —, ela tivesse metido os pés pelas mãos. Olhei de soslaio para Sarah, que continuava calada, assentindo. Sempre tive a impressão de que ela não tinha paciência para gente imbecil, mas que a vida vinha se esforçando muito para que tivesse. Embora mais tarde eu viesse a ouvir dela, diversas vezes, “Cegueira racial — esse sim é um conceito típico dos brancos”, naquele momento ela simplesmente perguntou:

— De quando são estas fotos?

Roberta esticou o pescoço para olhá-las de novo.

— A mãe biológica as tirou acho que anteontem.

— Ela é saudável? A menininha?

— É. No início teve um pouco de alergia ao leite em pó, mas já passou. Pelo que sei, está comendo comida normal agora. Isso teremos que confirmar com o pessoal do lar adotivo. Tenho que

prevenir você, Sarah, sobre o cuidado tutelar do Centro Comunitário Católico: não é o hotel Pfister.

— E o que mais sabemos a respeito dos pais biológicos?

— Bom, a mãe você vai conhecer hoje; todo mundo será sempre apresentado apenas pelo nome. Ela precisa fazer essa entrevista para ver se vocês são, a seu ver, os pais ideais, ou a mãe certa. Não sabemos quase nada sobre o pai biológico. E tem questões de privacidade. A mãe biológica não o conhecia muito bem. Acho que foi mesmo uma aventura inconsequente. Talvez até um... não, melhor nem considerar. Não acho que tenha sido estupro.

Um silêncio frio baixou sobre o ambiente, como neve.

Por fim, alguém se remexeu rigidamente, como se estivesse sacudindo o gelo. Sarah.

— A gente pode conhecê-la? — perguntou ela.

Roberta abriu um largo sorriso.

— Você veio até aqui. Claro que sim! Mas, primeiro, precisa se encontrar com Bonnie. A mãe biológica. — E acrescentou, dessa vez mais baixo: — Ela só vai fazer umas perguntinhas. Está preocupada com a religião. A menina já foi batizada, mas Bonnie quer a promessa de que será crismada. — Naquele momento, Roberta inclinou a cabeça e seus ossos sibilaram: — *Sabemos que isso não é obrigatório.* — Em seguida, prosseguiu com um tom de voz normal e o que aparentava ser a postura de advogada: — Isso não seria um empecilho para você, seria?

— Creio que não — respondeu Sarah. — Frequentei a Igreja Unitarista e em geral eles têm liturgias que...

Roberta não gostou da palavra *Unitarista*. Interrompeu-a com um tom de voz agourento:

— Estamos falando de uma mãe biológica que passa os sábados à noite patinando no gelo com as freiras. Você não vê nenhum empecilho em garantir que a menina faça a Primeira Comunhão e seja crismada?

— Não, não vejo — salientou Sarah, no momento certo.

— Ótimo. — Roberta se levantou. — Então, vamos conhecer Bonnie. — Ela abriu a porta do outro cômodo e fez sinal para alguém ali. — Pode vir — disse baixinho, e em seguida escancarou a porta.

Bonnie não era bonita. Usava uma roupa formal, um conjuntinho de malha bege, meia-calça e sapatos baixos marrons, acho que para transmitir um ar profissional, o que ela ainda não era, mas pretendia ser um dia. Tinha alguns quilos a mais, talvez ainda por causa da gravidez. Seus cabelos mostravam-se ralos e opacos, da cor de vagem amarela, com raízes puxando para o dourado metálico. Era mais velha do que eu. Talvez tivesse já uns 30 anos. Usava óculos e, por trás deles, reparei que tinha feito as sobrancelhas com gilete — e os pelos começavam a crescer tanto em cima quanto embaixo. A fina linha tinha sido prolongada nas pontas com um lápis marrom, dando um aspecto tão natural quanto se ela tivesse prendido o próprio lápis com uma fita adesiva no alto dos olhos. Sempre me aconselharam a não fazer a parte superior da sobrancelha, apenas a de baixo, e a jamais raspá-las; ao ver Bonnie ali parada, atolada no mau gosto, por fim compreendi por que as pessoas tinham me dado todos aqueles conselhos sobre depilação. Eu me levantei para cumprimentá-la. Ela parecia inchada e medicada. Pensei comigo mesma como seria para Bonnie voltar a estudar, inconvenientemente levando junto aquele mesmo nome irônico — como o pai biológico, Victor. Eu me perguntei se aquela mulher achava que as sobrancelhas a expunham ao ridículo. Porém, com tudo o mais na sua vida sendo motivo de tristeza, por que ela haveria de se importar com a ironia retórica de seu nome?

Ela veio em nossa direção devagar, o som rascante do roçar da meia-calça ressoando e, em seguida, sentou-se ao meu lado no sofá; eu também me acomodei. Sob a postura rígida e a expressão dissimulada, Bonnie cheirava a gordura e goma de mascar. O aroma

de hortelã ficou mais forte, e eu fiquei imaginando se havia uma porção generosa dessa erva guardada num canto qualquer da cavidade bucal, para disfarçar o mau hálito. De perto, a arte grotesca de suas sobrancelhas dava a impressão de ser mais uma leve loucura que um rele erro de cálculo.

Sorri para a moça, julgando que ela podia me ver com a visão periférica — e podia. Bonnie virou-se e meneou a cabeça, mas, em seguida, concentrou a atenção em Sarah, sentada à nossa frente.

— E a minha filha, conheceu já?

Todas as palavras da pergunta pareciam estar erradas. Houve uma pausa constrangedora, e Roberta sentou-se ereta, de súbito.

— Vou pedir que a Suzanne faça um cafezinho para nós.

Roberta levantou-se e foi atrás da tal Suzanne, que, por algum motivo, tinha saído da mesa de recepção e ido para o escritório de Roberta, como se as duas tivessem trocado de lugar e não importasse quem era quem. Era exatamente nisso que consistia toda aquela agência de adoção: mulheres trocando de lugar.

— Não, só vi as fotos. Ela é linda.

— Com certeza — salientou Bonnie, os olhos de súbito enchendo-se de lágrimas.

— Parece a pequena Rosa irlandesa — exclamou Roberta, entreouvindo a conversa quando voltara àquele ambiente.

Ela trazia uma bandeja com dois potinhos: um cheio de sachês de leite em pó e o outro com um monte de pacotinhos de adoçantes, que, pelo que aprendi com meus amigos, foi inventado por acaso por alguns químicos quando trabalhavam na reformulação de um inseticida. Morte e iguaria, doçura e ruína, encontravam-se lado a lado: eu estava começando a notar que se tratava de algo corriqueiro. Esse açúcar, claro, era adulterado. Já o óbito, bastante cristalino. Eu conhecia muita gente que, por dinheiro, tinha virado rato de laboratório em experimentos farmacêuticos, e havia manipulado secretamente as informações ao comer rosquinhas na

surdina ou ficar chapado com cola. Mas depois que o exame dessa galera foi testado e seu sono observado, os resultados foram enviados como dados científicos.

— Eu não acredito muito nas relações inter-raciais — comentou Bonnie, olhando de um jeito meio inexpressivo para Sarah.

— Tem a ver com a questão do *mulato trágico*? — perguntou Sarah, com um sarcasmo leve e aveludado, que chegara ali de alguma outra conversa. — Tem a ver com a questão do *e as crianças*?

— Hein?

Bonnie fez uma careta, como se sentisse dor. Queria ser respeitada pelo presente que estava dando ao mundo e, naquela sala, desejava assumir o controle, só que naquele momento ficou óbvio que isso não aconteceria.

Roberta lançou um olhar ferino para a cliente.

— Desculpe — disse Sarah. Sua voz adquiriu um tom mais amável. — Às vezes minhas obturações captam as conversas de outras pessoas ao celular. — Ela deu um sorriso brincalhão.

— Sério? — perguntou Bonnie, sem entender.

— Na verdade, isso acontece comigo às vezes — comentei. — Juro por Deus. É muito estranho.

Sarah voltou a investir na conquista da atenção da mãe biológica, coisa que ela tinha perdido.

— Mas, Bonnie, eu queria fazer uma pergunta: sua filha não é “metade” afro-americana?

Ela cruzou as pernas de novo. Tinha recuado um pouco ante o “pequena Rosa irlandesa”, a referência à música, citada por Roberta. Notei que ela não conseguia se decidir entre não querer parecer agressiva e pretender descobrir que tipo de racismo havia ali, naquela sala.

— Na verdade, acho que é só “um quarto” afro-americana. Sei lá. Ele, o pai da minha filha, me perguntou uma vez o que eu achava de

trazer ao mundo um filho que teria um avô negro.

Pelo visto, não era o tipo de conversa que se tem antes de um estupro, nem típico de uma aventura inconsequente. Aliás, mal parecia uma conversa. Mas talvez eu estivesse aprendendo algo acerca de troca de ideias. Onde é que estava Suzanne com o café?

— De repente ele era italiano — disse Bonnie.

Ninguém riu, o que foi ótimo. Ninguém riu alto.

Suzanne finalmente chegou com a cafeteira e as xícaras e, no momento em que servia e passava o café, a porta da frente abriu de supetão.

— É aqui o... — perguntava um homem. — Ah, sim, estou vendo que é. — E a porta se escancarou.

Entrou um sujeito bem-apegoado: os cabelos, que começavam a escassear sobre a fronte, apresentavam um matiz azul-acinzentado e eram longos e ondulados atrás; tinha-se a impressão de que ele usava uma carapaça na cabeça. O bigode grisalho mostrava-se bem aparado.

— Edward! — Sarah levantou-se de um salto.

— Perdão pelo atraso — disse ele.

Seu olhar, que se dirigira a ela, passara para o copo descartável de café, o qual sorveu, como se fosse algo não apenas delicioso, mas urgente, e percebi que ele estava se mostrando para nós, apresentando o perfil aquilino, a qualidade de objeto atraente, e, assim, por alguns momentos, não precisou nem se dar ao trabalho de nos admirar, mas apenas absorver a avaliação que fazíamos dele. Edward dividira ao meio o contato visual de conexão que fizera rapidamente — e depois desfizera — com Sarah, mas deu para notar que ele tinha o hábito de afrontar e dominar quase imperceptivelmente.

Em vez de se zangar, Sarah pareceu ter ficado mais feliz do que eu já a vira no pouco tempo em que a conhecia. Algo em seu rosto suavizou e relaxou, e um aspecto jovial tomou conta de cada traço.

Apesar de tudo, ela o amava. Eu ainda não tinha visto muito amor, e era difícil para a minha mente de mulher interiorana imaginar uma paixão por um sujeito tão gritantemente egocêntrico e, bom, velho. Edward devia ter 50, talvez até 54 anos. Mas Sarah foi até ele, segurou seu rosto com ambas as mãos e beijou-o na boca. Ele deu uns tapinhas nas costas dela, como se a estivesse acalmando. Os olhos profundos, o sorriso encantador — eu não vi nada disso, naquele momento. Aquilo era amor, *supus*, algo que eu, em algum momento, sentiria também. Um dia, ele me escolheria e eu entenderia seu feitiço, por períodos longos ou curtos, duas, talvez três vezes, daí provavelmente esse sentimento nunca mais me escolheria.

— O taxista já tinha percorrido metade do caminho para Pulaski — contava Edward — quando se deu conta de que estava indo na direção errada.

— Aqui a gente diz “Plasky” — acrescentou Roberta, depressa.

— E voltou por um lugar chamado Allouez; como se diz isso?

Pelo visto, boa parte dos comerciantes franceses havia tido uma relação tão antagônica com a natureza, sobretudo com a água, que tudo o que recebera seus nomes parecia desolador: À Beira da Morte, Cova das Ondas ou Lago do Diabo, todos locais de veraneio adoráveis, traduzidos do francês. Até no município de Delton “o lago de Deus”, *du Dieu*, era conhecido pelos habitantes locais como Lago Doo-Doo. “Allouez”, em comparação, soava acolhedor, embora, talvez, irônico.

— Alwez — informou ela, como se a palavra nem fosse francesa.

— Edward Thornwood — apresentou-se ele, estendendo a mão para cumprimentá-la.

— Edward. Edward. Sim. Edward. Sou a Roberta — disse ela, obviamente enfatizando que deveriam se tratar informalmente, nada de sobrenomes.

Será que a divulgação do sobrenome dele poria a negociação a perder? Será que a mãe biológica, ao mudar de ideia, ia se lembrar dele mais tarde, localizá-lo e pegar a menininha de volta? Eu tentava viver com cautela — ou acabei aprendendo a tentar viver cautelosamente — com o intuito de prevenir arrependimentos, e eu não via como Bonnie poderia fazer isso naquela situação. Arrependimento — operístico, oceânico, insondável — parecia estender-se à sua frente em todas as direções. Não importava qual rumo ela tomasse, o pesar mancharia seus pés, arranharia seus braços e cairia como um aguaceiro nela, velado e duradouro. O que já começara a ocorrer.

Sarah apresentou Edward para todos de novo, daquela vez usando apenas o nome, na certa para apagar a lembrança do sobrenome revelado, e ele concentrou o olhar animado e as palavras amáveis — *um grande prazer conhecer você, sei que este é um momento difícil* — em mim. Isso deixou Bonnie visivelmente consternada, pelo visto ainda mais triste e distante, pois ficara óbvio que Edward achara que eu era a mãe biológica e, portanto, a que precisava ser conquistada. Bonnie desejava e exigia que o foco daquela reunião, se não do dia inteiro, fosse ela. Seria possível que não assumiria a posição de estrela nem uma vez sequer, nem por aquele período, dado tudo isso, dando tudo como ela estava fazendo?

— Edward, a mãe biológica é a Bonnie, esta aqui — alertou Sarah.

— Ah, perdão — disse ele, assentindo para ela, mas sem conseguir reunir a mesma energia que passara para mim.

Será que o fato de ter sido confundida já duas vezes com uma jovem mãe poderia ser interpretado como um sinal de que algo não tão brilhante esperava por mim no futuro?

— Quer mais café? — perguntou Suzanne.

Ela ergueu a jarra da cafeteira e fez um gesto em direção ao copo descartável dele.

— Não, obrigado.

Então nós conversamos um pouco mais. O marido de Sarah era cientista — já sem vínculo com uma universidade. Conduzia pesquisas sobre câncer de olho.

— Como surgiu seu interesse por olhos? — quis saber Roberta, animada.

— Bom — começou a dizer ele, sentado no sofá com Sarah. Seu semblante transmitiu uma satisfação sincera e empírica —, no início eu me interessava por seios.

— Por que será? — comentou Roberta.

Deixei escapar um pio de riso — um erro.

Bonnie simplesmente o fitou.

— Mas tem um tipo de câncer de olho em camundongos que vem apresentando bons resultados no tratamento com uma substância química presente em uvas e vinho tinto, chamada resveratrol, e isso chamou minha atenção. Claro que nenhuma grande empresa farmacêutica tem interesse, porque é um produto natural, que não pode ser patenteado, e as verbas de pesquisa...

— Mas existem outros interessados — salientou Roberta, tentando salvar a conversa.

Aquelas mães biológicas ansiavam por gente rica, rica, rica. Queriam que os filhos tivessem tudo o que elas próprias não haviam tido. E, sim, eles teriam tudo. Eram fofos; ficariam bem. A meu ver, quem mais precisava ser adotada era Bonnie.

— Ah, claro. Tem quem se interesse — acrescentou depressa. Ele conseguia captar as indiretas de um advogado tão rápido quanto Sarah. — Mas não é como se eu tivesse inventado um robô assassino nem nada extravagante assim. — Ante o silêncio, ele prosseguiu: — Infelizmente, a inteligência artificial é muito artificial. Na minha opinião.

Sarah começou a falar, repentina e desajeitadamente:

— Aqui estamos nós, com minha cozinha profissional e o laboratório dele, e, apesar de toda essa química, nossos corpos não conseguiram fabricar nada entre si. — Ali estava de novo: filho adotivo como último recurso. Na tentativa apressada de agradar, Sarah ultrapassara algum limite, de privacidade e de sensibilidade, talvez até de honestidade, embora no momento eu não soubesse qual. Edward olhou com ar de censura para ela, que, porém, mesmo assim prosseguiu: — Lá em casa não tem ninguém com dedo verde. Não nasce nada, nem erva daninha. Tenho as vincas mais esquivas do mundo.

O que queria dizer ter as vincas mais esquivas do mundo? Parecia triste, mas talvez necessário, como a aposentadoria de uma bailarina de idade avançada.

A mãe biológica começou a se remexer no sofá, e até sua falta de expressão começou a perder-se na distância, para que uma inexpressividade ainda maior tomasse seu lugar.

— Bonnie, você quer fazer alguma pergunta?

Então, a súbita atenção voltada para a mãe biológica, o que, ao que tudo indicava, ela queria antes, surpreendeu-a. Seu rosto ficou rubro. Talvez existisse mesmo uma substância química encontrada na natureza que prevenisse o câncer de olho, o câncer do canal lacrimal, mas eu duvidava muito. Notei que os olhos de Bonnie começaram a se avermelhar também, e dali a pouco lágrimas começaram a reluzir neles como a luz solar, apesar de não haver sol. Ela levou as mãos, devagar, aos cabelos. Dava-se conta, outra vez, da força do impacto do que estava prestes a fazer.

— Sou apenas uma auxiliar de enfermagem agora. — Não, ela não chegou a dizer a palavra *urinol*, nem precisava. — Estou querendo voltar a estudar.

— Nós podemos ajudá-la a fazer isso — ressaltou Sarah.

— Bom, na verdade, isso não é permitido neste estado — explicou Roberta. — Mas com certeza podem-se dar presentes menores.

— Bom, a gente poderia ajudar de outras maneiras. Conselhos e outros detalhes.

Sarah era ao mesmo tempo patética e resoluta. Impossível não reconhecer seu mérito.

— Eu só quero o melhor para a minha filha — disse Bonnie, com firmeza. — Vocês vão criá-la como católica?

— Claro — mentiu Sarah, inclinando-se acentuadamente com o intuito de acariciar a mão dela.

Como eu estava mais perto, abracei Bonnie. Não sei o que deu em mim. Mas, ao que tudo indicava, éramos um time. Uma equipe a um só tempo de resgatadores e destruidores, e eu, como membro, tinha que fazer minha parte. A mãe biológica apoiou por uns instantes a cabeça no meu ombro, mas depois se recompôs. Sarah nos olhava com espanto.

— E então, Bonnie, não é melhor nós duas irmos até a minha sala para discutirmos alguns detalhes? — sugeriu Roberta.

— É — respondeu ela.

As duas se levantaram e fecharam a porta interna ao sair, deixando nós três parados com Suzanne, que acrescentou:

— Eu já vi muita cena barra-pesada aqui. — E passou a se concentrar nos arquivos.

— Se este papel de parede pudesse falar... — comentou Edward, e pôs-se a estudá-lo zombeteiramente. — Ou talvez já possa.

— Ele não poderia fazer isso — disse Suzanne, contemplando as paredes. — Se não, morderia.

Voltamos a nos sentar e folheamos revistas. *Adoption Choice*, *The Adopted Child* e *Sports Illustrated*. Uma para o pai. Dei uma olhada num artigo da *Time* sobre a geração nascida no pós-guerra e seus hábitos de trabalho solitários e seus cachorros envelhecidos.

Dali a dez minutos, Roberta e Bonnie reapareceram.

— Tenho ótimas notícias! — disse a advogada. — Ela resolveu que quer que vocês sejam os pais da menina.

O ritual de aprovação não passava de uma farsa — tudo já havia sido decidido antes de chegarmos lá — e, como toda representação, mostrava-se vagamente entusiástico, necessário e superficial.

— Ah, que maravilha! — disse Sarah, caminhando depressa até Bonnie e abraçando-a. A mãe biológica perdeu um pouco o equilíbrio, e teve de se apoiar no sofá. Edward também se aproximou e abraçou a mulher, que reagiu rigidamente. Mas, então, Bonnie se virou para mim, e, àquela altura, ela já se animara com a ideia dos abraços ou com a ideia de mim, pois chegou perto e se apoiou no meu ombro de novo, as lágrimas silenciosas umedecendo minha roupa. Ela arfou um pouco, apenas uma vez, e, em seguida, endireitou-se.

— Bom, a gente se fala, acho — disse Bonnie, esperançosa.

Seu rosto assumiu uma expressão de desolação e orgulho destruído. Seu momento de foco das atenções estava prestes a terminar, e a própria luz do holofote já enfraquecia, enquanto ela dava lentamente passos para trás.

— O cartão de Natal — disse Sarah. — Vou enviar um a você todos os anos, com notícias.

— E fotos — acrescentou Bonnie em um tom de voz baixo e sério, inédito até aquele momento. — Eu quero fotos dela.

Sarah falou:

— Claro. Vou mandar fotos. — Então ela deu um último abraço em Bonnie e meio que sussurrou, mas saiu alto o bastante para que ouvíssemos: — Felicidades.

— Obrigada — disse Bonnie, com um tom de voz monótono. Virou-se para mim uma última vez, e eu também dei um abraço de despedida nela. Em seguida, murmurou ao meu ouvido: — Felicidades para *você* também.

Em seguida, ela deu a impressão de sumir como uma aparição. Em meio ao anoitecer, dava para ouvir o ruído de um caminhão limpa-neve na rua; no entanto, era dentro que nevava. Os flocos caíam ali naquele cômodo e amontoavam-se ao redor da mãe biológica, caindo em sua cabeça, acumulando em seus ombros. Não passara de um blefe, Bonnie imponente e robusta como um dirigível e, por isso, naquele momento, ela crepitava, aniquilada. Virara algo plano e distante e preso à parede. Eu tive vontade de levá-la comigo, de ir até ela e conduzi-la para fora conosco. Para onde Bonnie iria? Que tipo de casa tinha? De súbito, cada um ia para o seu lado. Íamos nos encontrar com Roberta no dia seguinte, no lar adotivo, conhecer a menina. Dei tchau para Bonnie, uma espécie de aceno de rainha que torci para que ela tomasse como amizade, mas ela nem se mexeu.

Formando um trio um tanto estupefato, eu, Sarah e Edward saímos para o ar daquela cidade de... de quê? Uma tundra de fábricas fechando, futebol americano profissional e catolicismo temeroso. O ar da tardinha de nossas expirações adejava em nuvenzinhas efêmeras diante de nós. O balão de diálogo de minha respiração perguntava: "Como é que eu vim parar aqui?" Não era uma questão teológica, mas de transporte e neurologia.

— Vamos comer um *fish and chips* em algum lugar — sugeriu Sarah, pegando feliz o braço de Edward.

— É para já — disse Edward, me dando a impressão de um cavalheiro sulista num filme antigo piegas.

Entramos no Escort, que já não estava mais ao lado do carro negro e com apenas um arranhãozinho prateado. Ficamos dando umas voltas, passando pelo estádio, e foi então que Sarah comentou:

— Então é aqui que todos os católicos se reúnem e rezam para que os Packers ganhem.

Paramos num clube-restaurant chamado Lombardino's, e lá dentro, no alto do bar, tinha uma placa que dizia MELHOR VIVER MAIS QUE UM ELFO DO QUE BEBER MAIS QUE UM ANÃO. Havia desenhos de Vince Lombardi nos guardanapos, nos jogos americanos e até nas xícaras de chá; para a minha surpresa, tive que explicar para Sarah e Edward o que era um clube-restaurant.

— A gente é do Leste — disse Edward. — Não tem isso lá.

— Não tem? — Aquilo me parecia inconcebível.

— Quer dizer, tem restaurantes especializados em carnes, mas não são iguais. Nós gostamos de clubes-restaurantes, mas sem saber bem do que se trata. A gente meio que entende, mas é sempre bom ouvir a definição certa de quem cresceu por estas bandas — disse Sarah.

Sempre. Por estas bandas. Então aquilo era algo que curtiam, dar uma de turista.

— Olha, um clube-restaurant é só... bom, tem essas cenouras e esses rabanetes numa jarra de vidro, desse jeito — comecei, ineptamente, sem encontrar as palavras, apenas com uma noção do óbvio. Era como descrever meus braços. — E sempre oferecem carne, peixe nas sextas, batata frita de alguma forma. Aqui tem uísque *sour*, Bloody Mary, Chubby Mary, jantar, mas não chega a ser um clube de verdade. Ou seja, não tem membros nem nada disso.

— O que é Chubby Mary? — perguntaram os dois, quase ao mesmo tempo.

— Um Bloody Mary com um escalo dentro.

— Um escalo?

— Um peixinho. Morto. É pequeno. No início você só vê a cabeça aparecendo entre os cubos de gelo, mas, pode crer, ele está todinho ali.

Edward e Sarah estavam sentados à minha frente, sorrindo como se eu fosse a criancinha mais fofa. Senti o rosto enrubescer por

achar que zombavam de mim. Por alguns instantes, tive vontade de me matar.

— Na certa estão lá nos fundos, escaldando tudo, para depois dar cor com um maçarico — disse Sarah.

— Ela acha que nada mais é realmente cozido, apenas dourado com um acendedor — acrescentou Edward.

— Às vezes é verdade. — Ela deu de ombros.

— A gente usava maçarico para queimar as ervas daninhas lá em casa — comentei. — Mas isso é fazer controle orgânico de pragas, não cozinhar.

— Não. Não é cozinhar.

Sarah deu um leve sorriso de novo, como se eu ainda fosse a coisinha mais fofa, mas já não mais a pessoa que procurava para dar aquele emprego.

Edward pegou a taça de vinho e fez um brinde à esposa:

— Feliz aniversário!

— Obrigada.

— É seu aniversário? — perguntei.

— Bom, é, mas em meio a toda esta confusão, quem se importa!

Tive vontade de perguntar quantos anos tinha, mas aí lembrei que já sabia. Em vez disso, comentei:

— Ah, então você é capricorniana!

— Aham — confirmou ela, cansada.

— Como Jesus! — prossegui.

Como minha mãe era judia, eu ainda tendia a considerá-Lo uma celebridade, não o messias.

— Como Richard Nixon — disse ela, suspirando e sorrindo depois. — Os capricornianos são meio maçantes. Mas estáveis. E trabalham muito, sempre querendo o melhor. — Ela tomou o vinho de aniversário. — Labutam com determinação e lealdade, mas aí as pessoas viram as costas para eles e os destroem.

— E amanhã é o nosso aniversário de casamento — acrescentou Edward.

— É verdade. Mas a gente nunca comemora.

— Bom, é meio em cima do seu aniversário, mas a gente não deixa passar em branco.

— Não?

— Claro que não — disse Edward, sorrindo. — Você não lembra? Todo ano, nesse dia, você coloca uma braçadeira preta, e aí quando eu vou procurá-la, eu a encontro num campanário com um saco de batata frita, um refrigerante diet e um fuzil.

Sarah se virou para mim. Eles estavam encenando. Encenando o casamento deles para eu assistir.

— É uma pressão danada comemorar duas datas como essas tão perto uma da outra. Estressante. — Ela ergueu a taça para um brinde. — Vocês entenderam o que diz aquela placa do elfo e do anão? — perguntou. Eu tinha virado a tradutora juramentada.

— Não faço a menor ideia. — Talvez eles me despedissem de repente, bruscamente.

Quando a conta chegou, Edward tentou pegar a carteira, mas não a encontrou.

— Devo ter deixado no carro — comentou ele.

Sarah já pegava o cartão de crédito.

— Você deveria comprar uma daquelas pochetes — sugeriu ela.

— Lembra demais uma bolsa de colostomia — disse Edward.

Os dois mostravam-se satisfeitos e, por um instante bizarro, acreditei que fossem feitos um para o outro, uma sensação que nunca mais teria.

— Pago a minha parte? — perguntei, sem graça.

— De jeito nenhum — respondeu Sarah, sem erguer os olhos enquanto assinava.

Na manhã seguinte, acordei na minha suíte — a Presidencial, chamava-se — com um telefonema de Sarah:

— A gente vai conhecer o bebê. *Bora*, como vocês dizem por aqui?

Aquilo era polidez gratuita — ou grosseria gratuita? Será que eu deveria recusar e deixar os dois terem uma reunião convenientemente privada? Ou será que se recusasse perderia o emprego, já que talvez deixasse subentendido que não tinha o menor interesse pela neném? Como eu tinha ido até ali com eles, achei que deveria aceitar. Foi uma decisão tomada num momento de pânico, por pura ignorância. Por que eu nunca sacava rápido o que acontecia à minha volta? Por exemplo, no final de uma transação, quando a atendente me passava a compra e dizia "Até mais!", eu sempre me pegava perguntando, *até mais O QUÊ?*

— Vamos — respondi.

Os raios solares traçavam os contornos das cortinas grossas das janelas. Eu as abri com a vareta de plástico, e a manhã penetrou — límpida e fulgurante sobre o estacionamento coberto de neve. Observei no teto do quarto as infiltrações similares a um labirinto no milharal e vi nas paredes buracos de bala. A suíte presidencial! Bom, até presidentes podem tomar um tiro. As pontas do papel de parede estavam descascando, formando triângulos nas bordas, como a alça de um vestido caída para mostrar a pele enrijecida de uma puta. Havia também um termostato falso, um daqueles sem o menor propósito.

— Você pode nos encontrar no saguão daqui a meia hora? — perguntou Sarah, na dúvida.

— Claro.

Olhei fixamente para a cafeteira do quarto e me perguntei como funcionava.

Assim que vi os dois no saguão, me dei conta do meu erro. Ambos checavam os relógios, de mãos dadas, e, instantes depois, conferiam de novo a hora. Eles me olharam de esguelha e, quando entrei no carro e me sentei atrás como a filha adolescente emburrada de ambos, percebi que não deveria estar participando daquele passeio. Edward fez menção de acender um cigarro, porém Sarah o jogou longe.

— Tem medo de ser uma fumante passiva? As pesquisas a esse respeito são conflitantes.

Sarah o olhou, mas ficou calada. Da minha posição constrangedora no banco de trás, me lembrei de um cabeçalho do jornal estudantil.

— Vocês sabem o que dizem sobre fumar passivamente — comentei.

Eu era uma jovem que, na busca de seu lugar como participante brincalhona do grupo, pegava-o emprestado dos outros.

— O quê? — quis saber Sarah.

— Dá frigidez passiva.

Edward se virou no banco para me olhar. Eu o agradara com aquela tolice, e ele me observava melhor com o intuito de descobrir quem era Tassie naquele dia.

— Tomou um bom café da manhã? — perguntou ele.

— Tomei. — Menti.

— Às vezes, só isso já basta — comentou ele, voltando-se para a frente. Estudei o cabelo de carapaça de novo, com sua curva acentuada e estranha.

O lar adotivo diante do qual estacionamos ficava num bairro simples. O sobrenome da família era McKowen, e na porta da garagem havia um enorme *M* em plástico verde e brilhante.

— Está pronta para se mover? — Edward perguntou a Sarah.

— Com certeza — respondeu ela.

Edward se virou para mim.

— Para Sarah, este é o fundamento das mães: *mova-se*. Mova-se para lá. Mova-se para cá. Todos têm que se mover, e as mães são as coreógrafas de toda essa movimentação.

— É isso mesmo — disse Sarah.

— A gente nota um pouco — comentei, parecendo duvidar em vez de confirmar, como eu queria.

Sarah desligou o carro, deu uma checada rápida na aparência pelo espelho retrovisor, olhando os dentes para ver se algum resquício do café da manhã despontava entre eles e, em seguida, abriu a porta. A neve da entrada de carros tinha sido removida, e nós saímos do veículo. As batidas das portas, uma seguida da outra, me fizeram pensar numa viatura de polícia parando e os policiais saindo e pegando com cautela as armas. Sarah, que chegou primeiro à varanda, tocou a campainha. Edward e eu a seguimos, como novatos. Ela já estava parada, escorando com o ombro a porta reforçada. Desatava o lenço do pescoço. Quando a porta branca de madeira dos McKowen abriu, ela tirou o gorro, que tinha pompons nas pontas dos cordões. Rápida e desnecessariamente, ajeitou os cabelos.

— Oi, sou Sarah Brink — disse, estendendo a mão. — Viemos ver o bebê.

A mulher que atendeu a porta era uma loura grandalhona, aparentemente meio manca, como se um dos lados do quadril fosse rígido, embora tudo o que fazia para sugerir isso era alternar o apoio do peso do corpo no portal.

— Ninguém me avisou que vocês viriam — ressaltou ela bruscamente.

— Roberta Marshall disse que tinha marcado a visita — explicou Sarah, no momento em que eu e Edward a alcançamos, nos posicionando atrás dela.

— Quem é Roberta?

— Da Opção pela Adoção...

— Nós somos uma família adotiva do Centro Comunitário Católico, e ninguém ligou para nos informar desta visita.

— Puxa vida!

Sarah se virou para fitar o marido, os olhos marejando um pouco. Eu estava começando a sentir um estranho ímpeto de sequestradora, e queria ou fugir correndo, até o Canadá, ou irromper casa adentro e agarrar qualquer um. Não tinha tomado café da manhã e precisava acalmar a mente.

Todos ficaram ali parados, respirando, e sem ter a menor ideia do que fazer. A mulher encostada no portal nos perscrutava. Fiquei pensando no que parecíamos para ela. Uns tipos liberais bem conservados e demasiadamente educados de Troy, com a filha que devia estar na universidade. Ou algum ménage à trois pervertido. Também de Troy. Para o restante do estado, era naquela cidade que vicejava toda a maldade pernóstica e depravada. Muitas vezes, eu mesma achava isso.

A mulher à porta, a Sra. McKowen, suspirou, como se derrotada.

— Não sei por que é que chamam esses lugares de organizações. São todos umas bagunças. — Ela abriu mais a porta. — Bom, já que estão aqui, melhor entrarem e conhecerem Mary de uma vez.

— Mary?

Sarah nem se dera ao trabalho de perguntar o nome; obviamente, já escolhera um, diferente daquele.

— A menininha. Quer conhecê-la, não quer?

— Ah, claro. Este é o meu marido, Edward — disse Sarah apressadamente. — E a nossa amiga Tassie.

Eu balancei a cabeça para a Sra. McKowen, e ela semicerrou um pouco os olhos, evidentemente se perguntando quem diabos eu era.

Entramos numa sala com paredes pintadas de amarelo, tapete verde e sofá xadrez marrom. Na TV passava um programa matinal às alturas. Legos de cores chamativas e bichinhos de tecido baratos, novos e felpudos — uma lagarta e um abelhão — achavam-se

espalhados no chão. Uma adolescente perambulou à porta de trás, que dava acesso à cozinha escura, e apenas nos observou, sem dizer nada. A bebê Mary estava com um macacãozinho verde-hortelã claro, cujos pés haviam sido cortados para que ela ainda coubesse nele. Já era grande demais para aquele tipo de roupa. Não se tratava de forma alguma de uma neném, pois aparentava ter quase 2 anos, embora ainda estivesse num andador de plástico, que fora colocado na frente da TV, à qual assistia. Pelo que vi, algum programa de entrevistas idiota — “Então você o deixou porque ele não quis tomar o antidepressivo?”, uma mulher toda bem penteada perguntava à outra, na tela —, nem mesmo apropriado para crianças. A Sra. McKowen entrou e desligou o aparelho.

— Mary, olha só, tem gente querendo te ver!

A garotinha se virou no andador e nos deu um sorriso com os lábios cheios. Os dentes eram conchinhas brancas. Os cabelos escuros, sedosos, a tez, uma mistura de bege e pardo, os olhos, negros e brilhantes: parecia uma mercadora astuta de tapetes indianos. Ela levantou os bracinhos, para que a pegassem no colo. Podia-se dizer que tratava o andador como um miniescritório. Mas, naquele momento, queria sair.

— Oi, fofa — disse Sarah, pegando-a, mas os pezinhos dela prenderam nos orifícios de lona das pernas do andador, fazendo com que toda a geringonça fosse junto, meio desastrosamente, e, como Sarah não conseguiu desprendê-los, Mary começou a chorar. — Ah, meu Deus, esse troço prendeu.

Dei um passo à frente para ajudar e, Edward, há que se mencionar, também; nós dois tiramos o andador, só que, àquela altura, Mary berrava, querendo a Sra. McKowen e contorcendo-se nos braços de Sarah, tentando se afastar.

— Ah, Mary, venha aqui, meu bem — disse a dona da casa, tomando-a de Sarah e reconfortando-a. Em seguida, olhou para a visitante com frieza. — Você tem experiência com criança?

— Ela já está grandinha demais para aquela parafernália — ressaltou Sarah, tentando não parecer desconcertada.

— Por que vocês não se sentam? — sugeriu a Sra. McKowen, e foi o que fizemos, depressa.

A adolescente à penumbra continuou lá. Sarah se acomodou perto da dona da casa, que, por sua vez, pôs a já calma Mary no colo. Edward ficou numa cadeira próxima à TV. Reparei que ele calculava mal as distâncias sociais, o que acabava se tornando um estorvo para seu charme. Ora ficava perto, ora longe demais. Li certa vez que a distância correta devia ser de 46 centímetros, mas, ao que tudo indicava, ele nunca parecia chegar a isso, nem metaforicamente. Naquele momento, mostrava-se na maior parte do tempo indiferente e quieto.

— Não vai dizer oi para as visitas? — perguntou a Sra. McKowen à menininha. — Quer ir com a sua nova mamãe?

— Mamã? — balbuciou a garotinha, virando-se na direção da adolescente, que ainda se encontrava à penumbra. Aquela atenção súbita levou a jovem a desaparecer por completo. E foi quando ficou claro que era a adolescente que vinha cuidando daquela criança. A Sra. McKowen acolhera Mary por causa do dinheiro extra, e a jovem, que talvez não fizesse mais nada na vida além de se encarregar daquela falsa maternidade, em breve ficaria com o coração partido de um jeito novo e diferente para sua faixa etária. — Mamã? — repetiu Mary, olhando no sentido da cozinha escura.

Cheguei à conclusão de que a adolescente ensinara a menininha, discreta e sorratamente, a chamá-la assim.

— Oi, fofinha — começou Sarah, de um jeito condescendente. Mary encarou-a.

E assim teve início a tentativa de aproximação hesitante das duas. Ambas mostravam-se brincalhonas e carinhosas. Sarah moveu-se, aproximando-se, e percorreu com os dedos, como se fosse uma aranha, o bracinho da menina. Ela sorriu, encolheu os

ombros até as orelhas e disse “Pecoço”, indicando que a um só tempo queria e não queria que lhe fizessem cócegas ali, então Sarah fez e não fez, chegando à combinação certa. Dali a pouco Mary estava no colo de Sarah, brincando com seu relógio, tocando nos brincos de opala dela, e a futura mãe conversava com a menina no tom de voz agudo, agitado e insinuante que os adultos fazem de forma natural, embora ridiculamente, perto dos bebês, pois, olha só, até que dá certo.

A adolescente, que rondava próximo ao vão da porta, pareceu dar uns passos atrás, deixando entrever uma sombra sobrepujante ou talvez um guarda-louça. Pelo visto, aquilo soltou a língua da Sra. McKowen, que começou a exhibir aquela modulação interiorana, contrária ao que se costumava buscar numa cidade como Troy, onde se diziam frases simpáticas — *Olá, posso ajudar?* — com uma cadência ríspida e enraivecida. Ali, como no interior, onde eu cresci, faziam-se comentários muito provocantes com uma entonação inofensiva. A modulação era tudo. O embrulho para presente era tudo. Dominada a arte de embrulhar, podia-se colocar o que se quisesse dentro da caixa. Até fogos de artifício. Até bosta de cachorro.

— Então, já conheceu a mãe biológica? — quis saber a Sra. McKowen.

— Já — respondeu Sarah.

— E tem certeza de que quer a filha daquela mulher?

Edward começou a tossir.

— Com licença, posso usar o banheiro?

— Por que a senhora fala assim da mãe biológica? — perguntou Sarah.

— Ah, sei lá. Acho que, bom, ela não é lá muito inteligente. — E, virando-se para Edward, disse: — O banheiro fica logo ali.

Ele se levantou e foi logo ali, nos abandonando.

— A mãe biológica quer voltar para a escola — comentou Sarah.

— Cola — ecoou Mary.

— Sim, para a escola — disse outra vez Sarah.

— Sim, para a escola — repetiu a Sra. McKowen, suspirando. — Ela sempre diz isso.

— A senhora a vê muito?

— Bom, o Centro Comunitário Católico exige que ela venha visitar a filha uma vez por mês. Dá uma oportunidade de relacionamento; eles não querem ser acusados de ter negado isso a ela. E também uma oportunidade de voltar atrás. Só que eu não acho que isso vai acontecer. — Ela fez uma pausa. — Você acredita na história que ela conta do estupro?

— Que estupro?

— Lynette? — chamou a Sra. McKowen, e a voz alta demais fez com que a neném caísse no pranto. — Você pode dar comida à Mary? Já está quase na hora do almoço.

A adolescente surgiu das sombras e foi pegar o bebê, que deu um sorriso choroso quando a viu.

— Lynette, esta é a Sarah e... o pessoal dela — prosseguiu, com um gesto vago em direção a mim e a Edward, que tinha acabado de voltar do banheiro.

— Oi — disse Lynette, tirando Mary de Sarah, acomodando-a com facilidade no quadril coberto pela calça jeans e levando-a da sala. E foi só.

— Ela não disse a vocês que foi estuprada? — quis saber a Sra. McKowen.

Agora que a garotinha já não se encontrava ali, havia certa ênfase na pergunta.

— Não — respondeu Sarah.

— Hum — fez a Sra. McKowen.

— Talvez não tenha sido.

— De repente não.

— Quem sabe tenha sido só uma desculpa para o que ela fez.

— Pode ser. Mas não entendo a razão disso — disse a Sra. McKowen, que, então, ficou calada, até que, logo depois, levantou-se para ir abrir a porta.

Fomos embora e procuramos um lugar para almoçar.

— Vamos ver, aonde podemos ir? Está cedo, então os lugares não vão estar tão cheios.

Sarah ligou o rádio do carro. Estava sintonizado numa estação de música soul, e tocava um rap com gemidos femininos exagerados no fundo. “Vai, pega, mexe, balança, sobe, desce. Vai, pega, mexe, sacode...”, uma conjugação de todo tipo de verbo. Edward desligou o rádio com desdém. Mas Sarah ligou novamente.

— Sexo é a única coisa boa que o mundo deu a eles. Pelo menos escute.

Deu para notar que ela estava prestes a atingir um grau mais alto de entendimento da sociedade. De modo artificial e turístico. A experiência da maternidade com traje safári. Mas, por que não? Na certa, era melhor que outras. Melhor que a maioria.

Encontramos uma lanchonete com decoração de alumínio, entramos e sentamos à bancada, lado a lado, deixando os casacos caírem dos ombros e ficarem pendurados nos bancos, ancorados pelo peso do nosso corpo. A bancada tinha acabado de ser limpa com algum desinfetante de pinho e bem onde estávamos havia uma serpentina de Coca-Cola vermelha e antiga que lembrava o motor de popa de um barco. Eu me sentei entre Sarah e Edward, como uma criança. Ao que tudo indicava, eles gostaram da ideia, mas aquilo acabou me fazendo perder o apetite. Não pude comer, como se a alimentação fosse o ato mais inconveniente, irrelevante e talvez até revoltante que podíamos fazer naquele momento. A certa altura, virei-me rápido demais e a ponta da manga do meu casaco derrubou algumas batatas no chão. Quando eu era mais nova, conseguia dar

um jeito de não comer o que não gostava dizendo para meus pais que a comida estava muito feia ou que tinha caído no chão. (Mais tarde, eu usaria a mesma tática com as pessoas: “Ela era feia demais” ou “Ele caiu no chão; o que eu posso fazer?”) E ali estava eu, de repente pasma por minha indiferença em relação à comida. Flutuando para longe de mim mesma. Mas como meu hálito ficaria horrível e azedo se eu não comesse, fiz um esforço. Pedi um milkshake de baunilha e o tomei. De vez em quando Edward e Sarah esticavam-se por sobre mim para se tocar — uma das mãos na coxa, no braço ou no ombro — e, então, recolhiam-se aos seus espaços separados e separadores. Todos ficamos calados, embora eu não tivesse certeza do motivo.

Voltamos para o hotel e fomos para nossos respectivos quartos. Percebi que quando as pessoas de mais idade se cansavam, pareciam ser bem mais velhas, ao passo que as jovens simplesmente pareciam exaustas. Sarah e Edward estavam com o aspecto meio envelhecido; o almoço cedo não os revigorara e alguma preocupação fizera suas bocas se contraírem e os deixara com a fisionomia abatida, em geral. Eles aguardavam um telefonema, disseram, e depois que o recebessem ligariam para mim.

— Tudo bem — disse eu, indo devagar para o quarto e deitando de roupa na cama.

Eu só tinha levado um livro, *Poemas zen*, e vinha achando sua obliquidade cansativa e propícia para paródias. Resolvi, então, investigar a comédia judaico-cristã oficial, e peguei a Bíblia dos Gideões da gaveta do criado-mudo. Comecei do princípio, no primeiro dia, quando Deus criou os céus e a terra e lhes deu forma. Antes não existia forma, tudo era apenas um borrão amorfo. Deus então disse que houvesse luz para dar início a um pouquinho de dinâmica entre a noite e o dia, embora a lua, as estrelas e o sol não fossem os geradores daquela luz, mas apenas espécies de zeladores,

supervisores e administradores intermediários, já que só viriam a ser criados depois — no quarto dia — como pode acontecer com qualquer burocracia, mesmo a do tipo cósmico. Não obstante, pensei em todas as canções que haviam sido escritas sobre aqueles sol, estrelas e lua tardios, comparados com as músicas sobre a forma. Não havia nenhuma música legal sobre a forma! Às vezes uma semana só se tornava mais inspiradora à medida que passava. Ainda assim, era mesmo estranho haver manhã e noite no primeiro dia, apesar de o sol só ter sido criado no quarto. Talvez Deus não tivesse contado com um revisor até, digamos, o 47º dia, mas a essa altura todo tipo de situação estranha acontecia. Talvez Ele estivesse totalmente sozinho até aquele momento, criando um monte de coisas e esquecendo depressa o que já fizera. As pessoas estavam morrendo e retornando, tendo filhos e depois não podendo mais tê-los, de maneira que as criadas acabaram encarregadas de fazer isso por elas. Acabei pegando no sono que eu sabia que, depois do milkshake do almoço, tomaria conta de mim se eu deixasse.

Acordei com batidas leves na porta.

— Tassie? É a Sarah. Vamos dar um pulinho no hospital para acompanhar o exame do bebê. Quer vir com a gente?

— Quero, já vou — respondi.

Fui correndo até a porta do quarto, que, no entanto, abriu só até a extensão da corrente do ferrolho de metal. Por esse espaço vislumbrei, aturdida, como se estivesse atrás das grades, uma fatia delgada de Sarah.

O cochilo não adiantara muito bem para reinicializar meu corpo. Sarah estava com o casaco de inverno, mas mesmo assim percebi que deu de ombros.

— A agência está trocando a família adotiva, e marcaram uma consulta agora à tarde no hospital para a nossa menininha.

Ela também usava o gorro feito à mão com os protetores de orelha e os cordões de pompom. Aquilo tinha voltado à moda? Algum dia tinha estado?

Tive que fechar a porta na cara dela, por completo, para poder tirar a corrente e abri-la de novo, dessa vez por completo.

— Só preciso pegar meus sapatos — eu disse.

— Esta deveria ser a suíte presidencial — comentou Sarah, olhando fixamente para os buracos na parede.

— Bom, até presidentes levam tiros.

— Eu ia dizer justamente isso. — Ela sorriu. — Mas não quis assustar você.

Eu não sabia se deveria considerar aquilo interessante — que ambas tivéssemos acabado de ter o mesmo pensamento macabro — e nem se era esse o caso. Talvez se tratasse apenas de percepção extrassensorial retórica: O Guia de Etiquetas Kreskin, em honra ao leitor de mentes. Mas mesmo se fosse verdade que quase tínhamos feito o mesmo comentário, isso nos conectava de uma forma profunda e íntima? Ou era apenas algo óbvio, compartilhado por estranhas? Eu ainda não interpretava com segurança a interação mais profunda entre duas pessoas. Parecia uma espécie de texto nebuloso que emendava o tempo todo seu próprio alfabeto. *Uma narrativa esfoliante*, diriam meus professores, na certa. *O paratexto do possível*.

— Sinto muito ele ser tão mal conservado — acrescentou Sarah.

— Não tem problema.

— A nossa colcha é ainda mais assustadora que a sua — prosseguiu ela. — Talvez venham caçadores se hospedar aqui na temporada de caça. Nós estamos na suíte Packer, que é verde e dourada, com bolas de futebol americano no papel de parede. Eu achei que eram mamões. As bolas, quer dizer. Edward teve que me explicar.

— Ah! Mas pelo menos o chuveiro é bom!

— É verdade. Bom, a gente espera você no carro, lá na frente — disse ela, dando a volta para ir embora.

Será que ela tentara evitar que a irritação em sua voz transparecesse? Claro! Mais uma vez me dei conta de que não deveria ir com eles, mas eu tinha esquecido, e, em meio à sonolência, aceitei o convite.

No carro, eles trocaram ideias sobre a cadeira de bebê que tinham acabado de comprar numa loja de departamento. A cadeirinha estava ao meu lado, no banco de trás, ainda no plástico.

— Parece segura — comentei, despreocupadamente.

— Elas são bem melhores agora — disse Sarah. — As fivelas prendem com mais firmeza. Antes as crianças conseguiam se soltar rapidinho.

Na recepção do hospital, uma nova intermediária da custódia tutelar carregava Mary, que usava um chapeuzinho e uma roupa especial para neve de cor azul-clara; talvez pertencesse à instituição, pois parecia de menino.

— Oi, sou Julie — apresentou-se a mulher. — Uma das mães adotivas do Opção pela Adoção. Acabei de pegar a Mary no lar adotivo do CCC; elas meio que fizeram uma cena na saída.

Ela soltou brevemente a mão da garotinha e agitou-a na direção de Sarah, como a nadadeira de uma foca.

— É mesmo? — disse Sarah, dando um aperto de mão. — Sou Sarah.

— Sim, eu sei. E você deve ser Edward e, você, Tassie.

Ainda com Mary no colo, ela nos cumprimentou acenando com a cabeça.

— Uma cena? — quis saber Edward, sem deixar passar o comentário.

— Bom, a mãe biológica tinha tomado uma decisão, ia mudar de agência, mas aquela família adotiva ficou meio aborrecida. Elas não

queriam deixar a menina ir embora e, infelizmente, a troca foi meio dramática.

— Sério? — A expressão de Sarah denotava preocupação. — O que houve?

— Ah, vou poupar vocês. — Julia suspirou e tocou no narizinho da menina, fazendo-a sorrir. Então, virou-se para Sarah com hesitação. — Vocês conheceram a filha adolescente deles, Lynette?

— Conhecemos.

— Então não preciso dizer mais nada. Quer pegar sua filha?

— Vamos ver se ela vem para mim. — Sarah estendeu o braço na direção dela e chamou: — Vem, fofinha. — A menina foi para o seu colo com tranquilidade, e Sarah acomodou-a, satisfeita, no quadril inclinado.

Uma afro-americana mais velha passou por nós e nos olhou, concentrando-se sobretudo em Sarah, com Mary no colo.

— É sua filha? — perguntou a mulher, duvidando.

— É sim — respondeu Sarah, sorrindo de um jeito aturdido, como se tivesse acabado de ser golpeada alegremente na cabeça.

A mais idosa parou e observou Mary, e, em seguida, Sarah.

— É a criança mais linda que eu já vi — comentou ela, e seguiu seu caminho.

Edward se virou para Julie e disse:

— Essa mulher foi contratada pela Opção pela Adoção.

Julie riu.

— Duvido muito — ressaltou.

— Você não acha que a agência deve estar preocupada porque, com a escassez de bebês brancos, eles precisam gastar mais em propaganda?

— Edward! — repreendeu Sarah, embora estivesse sorrindo, o que levou Mary a fazê-lo também.

Dearth — Escassez.

Mary era *mesmo* de uma beleza extraordinária. Só naquele momento percebi. Talvez a rajada de ar fresco que vinha de fora houvesse revigorado seu rosto ou o azul-claro da roupa para neve ressaltasse sua pele — vai saber. Ali estava uma garotinha linda. Tinha um sorriso travesso mas meigo, olhos escuros profundos e marcantes e muita esperteza transparecendo sob o chapeuzinho de flanela. Era uma criança esperta, e, apesar de toda aquela confusão, trazia a aura de uma criança muito amada. Ainda assim, havia algo naquele tom de azul-claro que lhe caía muito bem. Parecia até ser uma cor diferente nela — uma que todas as garotinhas do mundo desejariam e tirariam dos meninos se elas a vissem daquele jeito, com aquele azul-piscina angelical. Numa das poucas vezes em que eu fizera compras por catálogo — com o cartão de crédito da minha mãe — acabara adquirindo todos os itens que as modelos negras usavam. As cores dos tecidos — laranja, verde, turquesa e marfim — ficavam ótimas em contraste com a pele delas; porém, quando chegaram e eu as vi em *mim*, não caíram bem. Minha própria pele, com suas manchas avermelhadas e azuladas, dava-me um tom peculiar de alfazema. Eu parecia uma coisa morta colocada dentro de uma coisa viva. Então, sempre que ouvia a palavra *dearth*, um termo que parecia um cruzamento entre *death* & *birth* — morte e nascimento —, um aborto talvez, ou o vagão-dormitório num desastre de trem, aquela cor inventada — o lilás da ausência de vida — era o que vinha à mente.

— Bebê Mary? — perguntou uma recepcionista, com uma ficha enorme, e Julie apontou para Sarah.

— Está com a gente — disse ela.

A moça sorriu para a menininha e acariciou-lhe a maçã do rosto.

— Pelo visto temos comido muita abóbora e cenoura — comentou, satisfeita.

Foi o início de um longo período em que achei que estava ouvindo coisas.

— Ela é afro-americana — disse Julie.

— Bom. Estou com a ficha da mãe biológica dela aqui também, e vocês podem dar uma olhada. Só o sobrenome foi apagado, claro, para manter a privacidade.

— Certo. Edward? Quer ficar aqui e ler? Você é o cientista. Eu e Julie vamos entrar com Mary.

— Está bem — disse ele.

Assim, continuei ali na recepção, com Edward. Pelo menos eu tinha ficado para trás — mas com ele e o enorme histórico médico da mãe biológica. Eu me sentei ao lado dele no sofá de couro sintético laranja no momento em que ele deu uns tapinhas na ficha e me olhou.

— Vamos ver o que isso tem a nos dizer?

Ele olhava através de mim; algum outro pensamento me apagara de sua visão, mas logo ele voltou o olhar para mim.

— Aham — respondi.

Edward concentrou-se na ficha. Assumira a afabilidade ríspida de quem está acostumado a ter assistentes.

Eu tinha a impressão de que era uma total invasão de privacidade ver todas aquelas descrições de problemas físicos, tão pessoais, mas em todas as páginas do histórico o sobrenome de Bonnie tinha sido apagado. Às vezes o nome também, às vezes apenas o último. As afecções que ocorriam na família dela eram doença do coração, bipolaridade (um tio se matara), acne e desvio da coluna. Em relação à paciente em si havia muitas folhas de resfriados, psoríase, depressão, transtorno de ansiedade, herpes, pressão alta e parto com cesárea. Ela bebera um pouco no início da gravidez, algumas latas de cerveja aqui e ali. Edward leu essa página com atenção.

— Os católicos confessam — comentou, sem erguer os olhos, e virou a página.

Fiquei tentando comparar toda aquela história clínica com a Bonnie que eu tinha conhecido, aquela mulher grandalhona, rígida e com as sobrancelhas raspadas com lâmina. Numa das páginas — uma com uma ultrassonografia, que o radiologista incluía noutro laudo — alguém não notara o nome da paciente e acabara não o apagando: *Bonnie Jankling Crowe*.

— Opa — exclamou Edward, percebendo também, mas sem apontar para o nome, embora não precisasse. Agora, nós dois saberíamos para sempre. — Não vamos contar a Sarah. Ela tem um lado meio obsessivo.

— Claro — eu disse.

E assim passei a fazer parte de uma miniconspiração com ele. Já nem sabia o que eu aceitava quando dizia seja lá o que me via dizendo. Não parecia fazer diferença.

Edward resolveu fechar o documento.

— Ninguém é perfeito. Todo mundo tem um ou vários parentes que sofreu de alguma coisa ou meteu o garfo no olho de alguém ou explodiu uma choupana em ótimo estado.

Aquilo me surpreendeu.

— Claro — comentei em resposta.

Ele se levantou, meteu a papelada embaixo do braço, como se já estivesse se arrependendo de tê-la compartilhado comigo, e cruzou a recepção para ir pegar água. Observei sua silhueta inclinada no bebedouro — os cabelos meio longos caíram no rosto. Edward não tirara o casaco, que estava aberto e pendurado como asas de pano quebradas. Em seguida, ele deu a volta, jogou as mechas para trás com uma das mãos e veio se sentar no sofá laranja, dessa vez mais afastado; virou-se para me dar um sorriso rápido e mecânico e, então, reocupou-se numa espécie de olhar fixo para o espaço no hospital, um dos cotovelos apoiado de forma meditativa no braço do móvel, a mão cobrindo a boca, enquanto aguardávamos a volta de Sarah. A certa altura, ele se voltou para mim e comentou:

— Não se deveria comprar bebês, claro. Como sociedade, todos concordamos. E as mães não deveriam vender os filhos. É o que ficamos repetindo para nós mesmos enquanto esses intermediários enriquecem cada vez mais e a mãe biológica continua a limpar o penico dos outros, só que com um relógio novo. — Fez uma pausa. — Elas só podem receber presentes simbólicos, como relógios. Nada real, como um carro. A lei do nada-além-de-um-relógio é considerada progressista, já que bebês não podem ser vendidos, nem trocados por carros. Então, são trocados por relógios.

— É moralmente confuso, não é? — arrisquei.

— Com certeza.

Sarah voltou sorrindo, carregando a bebê Mary, que naquele momento a agarrava e dava fungadas, os olhinhos ainda marejados. Julie veio logo atrás.

— Eles tiveram que tirar sangue do pé dela para fazer um exame de HIV. Ela já está grande demais para a agulhada não doer.

— E pequena demais para ter HIV, a menos que a mãe tenha tido. Por que não fazem o teste na Bonnie?

Julie deu de ombros.

— Não se pode fazer assim. Legislação estadual.

Havia muitas regras. Como não tínhamos o direito de levar conosco o histórico médico, Edward devolveu-o à recepcionista. Não podíamos simplesmente ir embora com Mary. Precisávamos sair com Julie, passar primeiro no Opção pela Adoção e assinar os documentos. No estacionamento, a intermediária pediu que esperássemos, pois precisava pegar alguma coisa no carro; enquanto ia depressa até lá, Sarah comentou baixinho com Edward:

— Encontrou alguma coisa preocupante?

— Acho que não.

— Acha que não?

— Não — repetiu ele, de forma enfática. — Nada muito diferente do histórico de outras pessoas.

— Nada muito diferente?
— Pare de implicar com as minhas palavras. Não. Nada.
— Você acabou de pisar no meu pé.
— Hein?
— Esbarrou em mim e esmagou o meu dedo.
— Desculpe. Tenho certeza que o seguro do carro alugado cobre isso.

— É — disse Sarah, suspirando. — Querido, lembra quando matamos aquele rapaz e a American Express deu cobertura total?

Aquela mesma piada! Só que o marido dela não estava rindo. Uma sombra perpassou por eles. Os olhos de Sarah adquiriram um matiz sépia. Os sinos de segurança de um trenó puxado a cavalo ressoaram a distância: aquela cidade transformaria o inverno num período festivo a qualquer custo.

— Família que cata unida permanece unida — sussurrou Sarah para mim.

Ou, ao menos, foi o que julguei ter ouvido, embora ela não o tenha dito catar *o quê*. Ela tirou a mão de Mary por alguns instantes para apertar a minha, em uma atitude reconfortante. Ou promissora. Ou arrependida. Ou auspiciosa. Ou então num pacto secreto que englobava um pouco de tudo.

Julie voltou com um saco de lixo branco, que meteu no banco de trás comigo, Sarah e a bebê Mary. Ela acomodou-se na frente, com Edward, e foi conosco, já que, tecnicamente, por enquanto, tinha a custódia da criança.

Edward mexia no aquecedor.

— Um carro que controlasse a temperatura lá fora também... Isso sim seria controle climático.

— Oi, fofinha — Sarah murmurava o tempo todo. — Fofinha, fofinha. — Ela se virou para mim e disse, não tão baixinho assim: — Sabe, na minha idade o estrogênio começa a diminuir e a gente não consegue se comunicar com as pessoas num tom de voz que se

poderia chamar de civil. Então aparece um bebezinho e olha só como falamos.

De um modo *civil, mas não civilizado*.

— Toda a irritação vai embora — acrescentou.

Por enquanto, pensei, como um boneco assustador de um daqueles filmes de terror no qual o ventríloquo enlouquece.

— Queria que Mary continuasse a ser seu...

— Mary — disse a menininha, alegrando-se ao ouvir o próprio nome.

Era o único fator à sua volta que se mantinha constante. Agora haveria outra vez todos aqueles nomes novos, de pessoas desconhecidas, que teria de aprender.

— Mas vou acrescentar Emma, que sempre adorei.

Notei no rosto de Sarah a expressão de uma chef comandando a própria cozinha.

— Mary-Emma? — perguntou Julie do banco da frente, mal mantendo o tom profissional e neutro.

— Isso mesmo — confirmou Sarah, sonhadoramente. — E, então, Bertha, em homenagem à minha avó: Mary-Emma Bertha Thornwood-Brink. Infelizmente, vai ser uma daquelas crianças com nomes demais.

Eu conhecia sobrenomes desse tipo desde a época de caloura na universidade: os nomes completos semelhantes a trens que pareciam um quadro de avisos de ideias políticas de todos os tipos, criatividade mal empregada, orgulho genético, obrigações e indecisões dos pais. Murph, por exemplo, tinha uma designação oficial tão longa que até o tio-avô encontrava-se metido ali, em algum lugar. Naquele momento, Sarah acariciava a mão de Mary-Emma. A menina cochilava no carro; já tivera um dia cheio.

— Ah, acho que as pessoas vão achar que deveríamos dar nomes tipo Maya, Leontyne ou Zora, algo que homenageasse a herança das

mulheres negras. E claro que vou educá-la com tudo isso em mente. Mas adoro Emma — ressaltou Sarah.

— Desde que você não escolha Condoleezza — disse Edward, do banco do motorista —, vou ficar feliz.

— Mary-Emma — repetiu Julie, olhando fixamente para algum ponto além do para-brisa, sem fazer qualquer comentário adicional. Um anoitecer de matiz azul-marinho já descia sobre nós, embora fossem apenas 16 horas. — Entre à direita, aqui — indicou para Edward.

— Obrigado — disse ele, dando um sorriso para Julie que, ao que tudo indicava, implorava por algum vínculo.

Sarah, do banco de trás, notou e não notou. Houve um longo período de silêncio, em que ela massageava protetora e suavemente o braço inerte de Mary-Emma, com seu rostinho meigo. Por fim, disse em voz alta, para ninguém em particular:

— Será que tem algum Hitler na lista telefônica?

No escritório da Opção pela Adoção, havia pequenas pilhas de documento para serem assinadas. Roberta nos cumprimentou com satisfação, admirou Mary e, em seguida, levou somente Julie para um canto, para uma conversa particular.

— Como foi com as McKowen?

— Infelizmente, fizeram uma cena.

— Era o meu medo. Elas deixaram uns recados furiosos na secretária eletrônica. Bom, mas não têm direitos maternais. Não sei o que pensam que estão fazendo.

— Acho que ficaram com ela por tanto tempo que acabaram se apegando — arriscou Julie. Continuava segurando o saco plástico branco. Entregou-o a mim. — Aqui estão os pertences de Mary. Ou Mary-Emma, perdão. Como a família McKowen passou o Natal com ela, eles compraram umas lembrancinhas. As roupas, em geral,

pertencem à instituição encarregada do cuidado tutelar. Exceto as que a criança estiver usando.

— A gente comprou algumas numa loja de departamento. Assinamos aqui? — Sarah se virou para perguntar a Suzanne e a Roberta.

— Aqui — indicou Edward, e os dois continuaram a ler e a assinar. E, então, o mais estranho: fizeram cheques, separados.

— Eu e Edward estamos rachando o custo — informou Sarah, fazendo, em seguida, um cálculo num pedaço de papel. — Eis aqui um casal que divide tudo. — Fez uma pausa e depois sussurrou: — Embora às vezes não tenhamos exatamente uma relação de divisão, mas de subtração. — Ninguém riu. — Enfim...

— Meus honorários como advogada foram acrescidos ao total, mas vocês receberão um recibo separado pelo correio. — Roberta também parecia ter ficado surpresa com os cheques separados. — O pagamento da custódia tutelar já está incluído.

Sarah coordenava Edward:

— Nove mil, cento e vinte e sete dólares e cinquenta centavos — disse ela, baixinho, embora tivesse sido melhor subir no telhado e gritar logo de uma vez.

— E a Bonnie não vai ganhar nada? — quis saber Edward.

— Vocês podem dar a ela um relógio — informou Roberta. — Mas não dinheiro, é ilegal neste estado.

Sarah tocou o braço do marido.

— A gente vai comprar um relógio bem bonito para ela — ressaltou.

Dei uma olhada no saco plástico branco. Era incrível para mim pensar que uma pessoa tão pequenininha pudesse *ter tanta coisa*. Por outro lado, fiquei impressionada em ver como aquilo tudo era tão pouco, e me pareceu triste que um ser humano precisasse trilhar seu caminho no mundo acumulando objetos inúteis e ainda patético aquilo ser tudo que ela possuía. Eu tinha certeza que a própria Mary

não sabia nem se importava. Dentro do saco havia uma lagarta de pano amarela, uma mantinha verde, alguns blocos de plástico com letras, um quebra-cabeça de papelão com um alfabeto de animais, um macaco de pano com terninho de brim.

— Parabéns! — exclamou Roberta. — Agora vocês têm uma linda bebê.

— E sem *drogas* — acrescentou Suzanne, numa espécie de silvo animado. — O que é ótimo.

No carro alugado, a caminho de Troy, Sarah se sentou atrás, mantendo a atenção redobrada ao lado de Mary-Emma, que dormia profundamente na cadeira de bebê comprada na loja de departamento, juntamente com roupas, enquanto eu cochilava no hotel.

— Está feito — comentou Edward. — De agora em diante, tudo vai mudar um pouco. Agora temos um cavalo na corrida, como dizia meu pai.

Houve uma longa pausa, os pneus deslizando pela neve derretida e cinza na estrada. Era sempre melhor dirigir no degelo de janeiro do que no gelo em si, porém, quando o degelo terminava, tudo congelava de um jeito mais traiçoeiro que antes. E ao derreter e condensar, a neve à beira da estrada se acumulava em montinhos que lembravam couves-flores salpicadas de preto. Antes nunca tivesse se liquefeito.

— Uma vez eu fui ver uma corrida de cavalos — disse Sarah. — Tinha 11 anos, e meu tio me levou, junto com um monte de estatísticas sobre os cavalos, uma pilha de papéis do tamanho de um catálogo. Ele estava analisando os dados, tentando decidir em que cavalo apostaria, quando comentei: “Olha só, tio Joe, tem um aqui chamado Laredo, que é o mesmo nome do meu cachorro.” Ele me olhou, colocou os papéis de lado e disse: “Está bom, vamos apostar nesse.” E foi o que fizemos.

— E ele ganhou? — indaguei, do banco da frente. Pelo visto, Edward já conhecia a história. Continuou concentrado na estrada congelada e sombria. O que era mesmo que envolvia a diferença de frequência entre a onda emitida e o eco recebido? Radar Doppler? Eu tinha feito uma cadeira de física no ano anterior, com uma unidade breve a respeito de sonares. — Ele ganhou? — perguntei de novo, em meio ao silêncio cortante do carro, mas ninguém respondeu.

Como Edward era cientista, estava acostumado a rumar diretamente para a escuridão sem respostas com o carro climatizado. Começou a nevar. Grandes flocos de neve caíam em lento torvelinho, lembrando o drapear de bailarinas descendo numa escada em caracol: uma nevasca clássica, digna de filme ou de ser acondicionada e vendida. Só que para dirigir, aquele cenário podia ser considerado um reino encantado assustador. Ainda assim, era hipnótico observar e logo comecei a sentir um grande cansaço; após um bom tempo achei que tinha ouvido Edward dizer algo e, então, Sarah comentou em um sussurro:

— Bom, toda relação sexual é uma forma de estupro, pode-se argumentar. — E acrescentou: — Por favor, não dirija só com uma das mãos num tempo desses.

Olhei pela janela e vi um conversível branco passar por nós com o adesivo ESQUEÇA A CULPA E CURTA A VIDA! A motorista era uma senhora miúda, de cabelos brancos, encurvada com expressão ameaçadora sobre o volante.

— Você me ouviu? — indagou Sarah, e a face de meia-idade de Edward virou-se ligeiramente, tensa com o ódio mudo de um adolescente.

Pelo visto, continuou a dirigir com a mão direita segurando de leve a parte de baixo do volante, a outra metida desafiadora e absurdamente no bolso. A pedido de Sarah, liguei o rádio, que espalhou no carro um murmúrio suave. “Quantos times de futebol

com estádio coberto em suas próprias cidades ganharam o Super Bowl?”, perguntava o locutor. “E agora, ‘Festival em Dó’, de Luigi Boccherini!” Passamos pela cidadezinha pantanosa de Sorte, cuja placa municipal de boas-vindas dizia VOCÊ ESTÁ NO CAMINHO PARA SORTE. E, apesar de na saída eu não ter visto uma que dissesse SORTE FICOU PARA TRÁS, logo cada aspecto dela passou a se aplicar. Edward pegara a saída errada, e tivemos de dar a volta e passar de novo pela cidadezinha. VOCÊ ESTÁ NO CAMINHO PARA SORTE, avisou outra placa, e eu imaginei um filme de terror em que nunca encontrávamos a saída do povoado, e ficávamos voltando para ele o tempo todo, aquela saudação uma provocação enlouquecedora.

No fim das contas, devo ter pegado no sono e, quando acordei, senti uma pontada dolorosa na nuca. O carro estava desligado, estacionado em frente à casa de Edward e Sarah.

— É ótimo entrar pela porta principal da nossa casa com um novo bebê — dizia ela ao marido. — Uma dessas superstições afirma que não se deve entrar com um neném pela porta dos fundos. Além do mais, é politicamente incorreto.

— Não tem viva alma por aqui — disse Edward.

Olhei meu relógio: meia-noite. Eu me sentia uma sonâmbula, necessária àquela altura apenas para levar o que pudesse do carro para dentro de casa, então peguei o saco com os brinquedos de pano baratos de Mary-Emma, junto com uma sacola de supermercado cheia de lanches para a viagem, que não chegara a ser anunciada — biscoitos, barras de cereal, um pacote com seis garrafas de água aromatizada — e permanecera fechada. A cadeira de bebê na qual se encontrava Mary-Emma era uma dessas modernas, que vinham com um assento em posição vertical dentro do outro, para que o sobressalente pudesse ser retirado junto com o neném. Edward conseguiu dar conta do peso considerável, levantando tudo com um simples puxão, e Mary-Emma mexeu-se só um pouquinho, enquanto Sarah procurava na bolsa as chaves de

casa. Passamos pelo portão, depois de Edward pelear com a fechadura quebrada, descer os degraus com cuidado e, em seguida, subir a escada da varanda que dava acesso à porta principal. Tudo naquela noite de janeiro possuía uma quietude e uma emoção lunar. Dava para ver a Terra dali!

Dentro da casa, Sarah foi para a sala de jantar e acendeu duas luminárias pequenas no caminho. Edward colocou a neném na mesa; Mary-Emma ainda dormia, imóvel na cadeirinha, os braços e as pernas cobertos pela roupa de neve pendendo, o queixo metido na gola. A menininha tivera um dia cheio, soubesse disso ou não.

— Bom — disse Sarah, olhando para ela.

— É, bom — acrescentou Edward.

Sarah, que continuava usando o gorro de lã com os protetores de orelha e os cordões pendentes de pompom, pegou a bolinha da direita e jogou-a para trás da cabeça, como num jogo de espirobol. Os fios grossos tricotados golpearam seus cabelos, provocando um som abafado.

— E agora, o quê? — perguntou Sarah.

Nós três podíamos ter dado uma gargalhada histérica e provavelmente o teríamos feito se uma criança não estivesse dormindo em cima da mesa de jantar, perto de dois castiçais, um açucareiro da Stengl e alguns saleiros e pimenteiros. A adoção, eu podia ver, assemelhava-se bastante a um parto: “Aqui está ela!”, exclamavam todos. E você olhava e via um porquinho conservado em salmoura e não sentia nada, sem se dar conta de que seria a única ocasião em que não teria sentimentos. Uma bebê destruíra uma vida e com isso se tornara o melhor que podia ocorrer nela. Embora permanecer ali, gloriosa e triunfantemente em meio a ruínas, talvez não fosse lá um truque tão grande assim.

— Preciso levar Tassie para casa — comentou Edward.

— E me deixar totalmente sozinha aqui? — disse Sarah, em pavor fingido, ainda com o gorro ridículo. — Você deve estar

brincando. — Ela agarrou a manga da blusa dele.

— *Você* deve estar brincando — retrucou Edward.

— É verdade. Estou brincando — acrescentou Sarah.

Só em parte, pensei. E então ela mesma enunciou:

— Só em parte.

Sorriu. Houve entre os dois um lampejo de aversão mútua.

Então Edward me levou para casa.

— Obrigado por nos ajudar nesta missão tão complexa.

— De nada — respondi. O que mais poderia dizer?

— A gente se vê daqui a uns dias. Com certeza Sarah vai te ligar logo.

— Está bem, então — entoei para o interior escuro do carro.

Está bem, então; aquela mesma resposta meio assustada de moça do Centro-Oeste. Parecia fechar um negócio e pretendia dar a mesma ideia do mais militarizado *Sim, senhor*, exceto que não continha promessas, apenas uma descrição afirmativa. Deixava você sair e se mandar. Outra vez.

Nota

* Em inglês, o nome da empresa, "Hertz", pronuncia-se da mesma forma que o verbo "*hurts*", que significa "dói", "machuca". (*N. do E.*)

IV

As aulas só começariam na semana seguinte. Ainda assim, eu já sentia o semestre se engatilhando, como se estivesse girando a manivela de uma metralhadora Gatling, preparando-se para entrar em ação. Era o trimestre da primavera! Uma designação a um só tempo adequada e inadequada. Mas, como ainda não começara oficialmente, eu dormi até meio-dia, e quando acordei preparei uma pobreza de café da manhã, uma *baklava*: um biscoito grande de trigo triturado, com mel e amendoim picado espalhado por cima. A cozinha continuava sofrendo de negligência. Outros morangos na geladeira, que eu tinha a sensação de haver acabado de comprar, apodreceram novamente, daquela vez com o tom azul-acinzentado de um telhado acobreado. O pão, também, adquirira um mofo polvorento azulado, que daria uma ótima sombra para uma corista — talvez uma que precisasse igualmente da penicilina. A ponta de outra baguete, que na certa se encontrava ali há algumas semanas, estava na bancada, dentro de um saco plástico, com o que parecia ser uma cobra dentro: uma espiral de mofo sarapintada de preto e laranja. Era o Museu de Arte Moderna da Moça Frugal.

O proprietário tinha voltado a não economizar muito no aquecimento. Alegria. Na caixa de correio, chegou um cheque de Sarah no valor de 300 dólares — a quantia dava a impressão de ser

a um só tempo muito e pouco, mas eu não me dei ao trabalho de calcular quantas horas passara com ela e qual deveria ser o pagamento. Fui até o banco, depusitei-o e saquei cem em notas de 20 para gastar em livros novos e comida. Fiquei no apartamento com as revistas mais fúteis possíveis, todas deixadas ali por Murph, e as li com a avidez e a demência típicas do inverno e de salões de beleza. “Quatro coisas que atraem os homens.” Não consegui achar todas as quatro — raras vezes eram relacionadas numericamente ou apresentadas em trechos visíveis. Depois de abrir as revistas, era preciso esmiuçar os anúncios (justamente a tática delas), tentando achá-los espalhados por ali, e, mesmo quando descobertos, sempre ficavam meio disfarçados. Obviamente, ninguém em nenhuma daquelas publicações sabia com certeza o que atraía os homens, embora esperassem que você acreditasse que eles sabiam. Ou talvez o pessoal daquelas revistas de Nova York entendesse apenas de gays, daí o receio de contar às leitoras o que sabiam sobre o que chamava a atenção dos homens.

A surpresa parecia ser um item imprescindível.

Assim como tudo relacionado à comida.

E, quanto às roupas exibidas naquelas páginas, fiquei perdida e entediada. A meu ver, não era legal gastar toda aquela grana para parecer um bolo experimental. Legal mesmo era ser algo diferente: mais homicida e irretratável. Para mim, o melhor visual envolveria não apenas algo novo, mas um traje com bijuterias descoladas e roupas sombrias de couro, expondo algo antigo, que se encontrava não apenas em nosso âmagô como também no dos outros. Eu, definitivamente, não tinha vocação para isso. Sem instruções explícitas, eu não teria o talento necessário para desempenhar um novo papel. Sentia, porém, que, se requisitada, poderia me dar bem desempenhando o outro papel — o da denunciante —, mas só intimamente. Um desempenho muito sutil, já que eu vivia fazendo denúncias (silenciosa e agressivamente).

Durante vários dias me deixei levar pela maré. Liguei o computador e fiquei navegando na internet. Clicava ali, clicava acolá, e logo estava vendo uma corrida de Stock Car ou os peitos de Demi Moore antes da cirurgia. Um bilhão de anúncios de remédios fitoterápicos e sistemas de proteção para o computador surgiram no monitor. Fiz uns testes de conhecimento sobre o Oscar. Procurei antigos amigos do colégio no Google. Nada. Procurei Lynette McKowen. Nada. Procurei Bonnie Jankling Crowe, cujo nome completo eu agora já sabia — ilegalmente. Mais uma vez, nada. Voltei para os peitos de Demi Moore antes da cirurgia e me perguntei sobre a meia-vida do arrependimento.

Quando fui me deitar, à noite, tive minha primeira crise de insônia. A morte, eu temi, seria assim: não o sono, mas a falta dele. Dormir não mais, como aprendi em Drama Inglês Pré-1700. Eu jamais havia tido medo da insônia antes — afinal, assim como estar preso, pelo menos você teria mais tempo para ler, não? Eu sempre conseguira dormir. Mas, naquele momento, fiquei deitada, irascível como um quarteto de Bartók. Minha mente perambulou pelas horas noturnas com inquietude, e foi de fato como um cárcere: quando começou a clarear, eu estava pasma, a cabeça zunindo com um cansaço infernal.

A certa altura, acordei com a sensação de que realmente tinha morrido à noite. Despertei julgando que, durante o suposto sono, eu me deparara não só com a brevidade da vida como também com sua *velocidade!*, seu chiado, sua irrelevância e seu desfecho. Como glamorizamos as nossas vidas!, os nossos corpos!, que não passavam de — batatas!, com os olhos achatados e raízes rosadas arrancáveis. Fiquei ali deitada na cama, numa espécie de depressão serena. Noutra cidade, menos hostil em relação à religião, talvez tivessem atribuído algum significado espiritual a esse estado de ânimo — pré-oração, pré-Deus, pré-conversão. Mas, para os habitantes de Troy, Deus era um transtorno da mente: um híbrido de

letreiro luminoso, charlatão, hambúrguer e rei de conto de fadas. Sempre achei que Deus fazia parte de uma negação consciente, porém ingênua da morte, que tornava a vida suportável. Por que isso seria pernicioso? Por que se dar ao trabalho de criticar tal crença? Por que menosprezar as muletas dos estropiados? Por que supor vaidosamente que seu próprio caminhar não era cambaleante? Além do mais, da religião partiram as blasfêmias. Antes do cristianismo, o que havia? "Por Júpiter"? Mas a vida em Troy devia ser levada sem nenhum tipo de amuleto. Era a neorreforma. As paredes do meu quarto de inverno pareciam cetim prateado e acolchoado, como o interior de um caixão. Comecei a sentir que não existia a tal sabedoria. Apenas a ausência dela.

Finalmente, Sarah telefonou:

— Tassie, tudo bom? Faz dias que a gente não se fala!

— Dias e noites — respondi estupidamente.

— Eu que o diga! A coitadinha da Emmie chorou duas noites seguidas. Acordava às 3 da manhã e chorava e chorava, pobrezinha. Olhava aquela escuridão do novo quarto e não sabia onde estava. Então eu a pegava no colo e ninava até que dormisse de novo. Mas agora acho que já entende e começou a se adaptar. Eu queria saber se você está livre hoje à tarde. Tenho que dar um pulo naquela doideira que eu chamo de restaurante e ver como anda tudo por lá.

— Emmie é o nome dela agora? — Aquilo me pareceu estranho.

Sarah fez uma pausa.

— Bom, a gente começou a usar só a inicial do nome dela, M., e quando vimos, bom, lá estávamos nós com Emmie. Combina bem com ela.

— Mas ela ainda atende por Mary? — perguntei, totalmente sem noção.

— Olha, eu não sei mesmo.

Não me importei em caminhar até a casa deles. Andei rápido pela primeira vez em dias. O estádio, com seu arco, assemelhava-se a um tsunami congelado fora do meu apartamento. O frio tirou o torpor da minha cabeça bem como minha alucinação atormentada, que durou dias, de profundos questionamentos existenciais. O céu estava parcialmente encoberto, com nuvens bojudas inflando incrivelmente no alto, como se para uma festa prestes a começar. Na linha do horizonte havia diferentes tipos delas, como neve velha recolhida no final da rua. Eu era como toda criança que tinha crescido em fazenda e permitia que o tempo — bom ou ruim — descrevesse a vida para mim: seus escárnios, sua magia, suas contradições, seu domínio inconstante. Por que não? Éramos indefesos, diante de tudo.

Na frente da casa, o portão ao pé da escada continuava quebrado. Passei por ele e subi até a varanda. Toquei a campainha mas como ninguém veio, bati com os nós dos dedos no painel de vidro da porta de madeira maciça. Sarah abriu a porta vestida ao estilo de Madame Curie, que logo aprendi ser seu preferido. O batom de tom vermelho fosco lhe dava certo ar de madame em versão cinematográfica: uma elegância carmesim austera nos leitos das rachaduras de seus lábios. Ela não queria a aparência das outras chefs na cidade, com suas roupas meio ripongas meio interioranas, suas echarpes e suas blusas de estampa florida. O restaurante representava uma ciência, comentaria Sarah comigo, não uma quadrilha caipira. Talvez aí era que ela tivesse se enganado.

— Olha só, prove isso — disse ela, levando-me até a cozinha.

Ali havia eletrodomésticos enormes, de aço inoxidável, do tipo que não se via em Dellacrosse, exceto nos fundos de fornecedoras e supermercados. Eu sabia que o metal cinza e frio do fogão e da geladeira deveria ser chique, mas preferia o velho verde-abacate lá da fazenda (ainda não uma canção). No fogão reluzente encontrava-se uma frigideira de tom mais opaco, como ouro branco. E, dentro

dela, umas folhas prateadas. Sarah pegou uma e me deu. Coloquei na boca a erva, que a princípio pareceu derreter levemente, mas em seguida manteve a consistência silvestre. Os sabores eram uma mescla de loja de doces e floresta.

— O que é isso? — perguntei, ainda mastigando.

— Sálvia caramelizada. — Ela me lançou um olhar esperançoso.

— Maneiro! — exclamei.

Sarah abriu um largo sorriso.

— Uma estrada direto da terra para o paraíso, esse é o caramelo — disse ela. — Salpique alguns grãos de sal marinho normando, coletados com ancinhos, e *voilà!*

Então era com isso que os norte-americanos vinham se ocupando agora que a Normandia fora liberada dos nazistas: coletar sal marinho com o ancinho. Lágrimas de soldados transportadas por milhares de quilômetros e polvilhadas numa folha frita. Encare o Dia D e diga isso a ele!

— Delicioso. Eu sou a primeira cliente?

— É. Espero que não ligue.

— Ligar?

— Opa, já ia esquecendo — Ela abriu o forno e, com um pano de tecido absorvente, tirou alguns livros com fotografias. — São da biblioteca. Assei para tirar as bactérias. Sempre faço isso com eles. Ouvi dizer que dá para eliminar os germes no micro-ondas, mas não confio muito.

Dei uma olhada nos títulos: *Lentilha* e *Abram alas para os marrequinhos*.

— Adoro esses livros... eram os meus preferidos quando pequena. Quando abri meu primeiro restaurante em Boston, chamei-o de Abram alas para o marrequinho. — Deu de ombros. — Não fez muito sucesso — acrescentou, com amargura.

— Talvez você devesse ter usado Lentilha — sugeri.

Ela sorriu.

— Na verdade, eu usei. Foi o que tentei no seguinte.

— Ah — disse eu, meio pasma. — Bom, e que tal Mirtilos para Sal?

— Nem queira saber — respondeu Sarah.

— Ou simplesmente McCloskey's.

— Desse eu consegui fugir. Mas foi por pouco.

— Bom, pelo menos você não usou Gato na Cartola.

— Emmie está dormindo — interrompeu ela, apressada. — O quarto dela fica no terceiro andar, no antigo sótão, mas você não deve ter problemas para ouvi-la quando ela começar a chorar. A acústica aqui funciona tão bem que o som viaja pela escada e também pelo duto de roupa suja. A menos que a campainha a tenha despertado, ela só vai acordar daqui a uma hora, com certeza. Já está grandinha demais para dormir a manhã toda, mas, como a noite passada não foi muita boa, achei melhor deixá-la tirar uma soneca. — Tentei não considerar como pessoal o que me pareceu ser uma leve reprimenda: "A menos que a campainha a tenha despertado." — Talvez eu devesse comprar uma daquelas placas com NOITE DE TRABALHO, DIA DE SONO — disse ela, sorrindo. — Ah, e vou dar uma chave para você. Pode ficar à vontade e simplesmente entrar. Na verdade... — Nesse momento ela foi depressa até o outro lado da cozinha e abriu uma gaveta cheia de bugiganga: fios de extensão, alicates, pilhas, termos de garantia de eletrodomésticos; pegou ali uma chave, que me entregou. — Esta aqui é a da porta da frente, querida — acrescentou, numa espécie de voz artificial, talvez a fala de um filme que nunca vi.

A frase foi acompanhada por uma piscadela, com o intuito de me ajudar a entender, o que, porém, não aconteceu.

Sarah não colocou o casaco de lã de carneiro, nem a jaqueta longa, e sim um sobretudo comprido de tweed pontilhado de preto e branco, como estática de TV. Em seguida, enrolou um lenço de caxemira no pescoço.

— Vou para o Moinho! — exclamou ela. — Infelizmente, acho que lá está um caos. Duas pratadas e um mini-incêndio só na noite passada.

Ela sorriu sombriamente. O feitiço lançado pela sálvia caramelizada e por sua escada para o paraíso se dissipara.

— O que é uma pratada? — eu quis saber.

— Ah, é como um ataque irlandês-escocês de raiva ancestral. Um dos cozinheiros joga o prato do outro no chão. Sabe, meu pai era judeu, então sou metade judia...

— Eu também! — comentei, em um arroubo, como se tivéssemos sido transplantadas dos recantos mais longínquos do Sri Lanka.

Eu nunca havia conhecido alguém metade judia antes e, por algum motivo, aquilo me empolgou: senti-me como um híbrido peculiar, porém benigno, e me pareceu fantástico saber de mais alguém estranhamente, bom, *neutralizada* como eu.

— É mesmo? — perguntou ela, pouco impressionada. Quem sabe já conhecera um milhão de meio-judeus. — Talvez tenha sido por isso que a escolhi. — Ela deu um daqueles sorrisos que vão e vêm num instante. — Mas tenho a impressão de que os judeus não agem assim. Não jogam pratos. Estão acima desse tipo de atitude. — Coçou o pescoço. — Só que minha mãe era cristã e, portanto, fui criada como uma. E minha vida inteira, em consequência disso? Tenho estado ao lado de perdedores. “Deixai vir a mim os que sofrem”, disse Jesus. E eles vieram. Os piores são os protestantes que se comportam como católicos e os melhores são os católicos que se comportam como protestantes.

As palavras me deixaram boquiaberta.

— Na verdade, Jesus falou: “Deixai vir a mim as criancinhas” — comentei.

Fiquei surpresa com meus próprios sentimentos. Segundos antes eu tinha ficado muito feliz por ser parte judia. E de onde teria vindo o pedantismo cristão? Talvez por eu ter acabado de celebrar o Natal?

— Ah, bom, não importa. As crianças não vieram a mim.

Sarah fez uma pausa, recompondo-se. Havia uma leve tensão no ar.

— Exceto a que está lá em cima — lembrei a ela, e tentei um sorriso forçado mas esperançoso.

— É, tem razão. — E acrescentou: — Deixei todas as instruções na bancada. E você vai ter que tomar cuidado com o baby-gate, aquele portão lá em cima. Não quero que Emmie se estabaque quando descer. Nem que *você* se estabaque quando subir. — Em seguida, fez uma pausa. Ficamos ali, paradas, tão inexpressivas quanto as paredes. — Baby-gate! Isso sim é um escândalo! Você é tão novinha, que aposto que nem sabe como a palavra *gate* passou a significar *desgraça*.

— Watergate — comentei, apesar de não ter certeza absoluta.

— Isso mesmo! Embora isso tenha acontecido muito antes de você nascer.

— Muitas coisas interessantes ocorreram nessa época.

— É verdade. Ah! Tirando as pratadas, tivemos algo bom na noite passada: um minestrone de inverno feito com feijões de variedade antiga e as batatas selvagens, alongadas feito dedos, como as cultivadas por seu pai. Um grande sucesso.

Sorri amavelmente, embora não pudesse imaginar aquelas batatas numa sopa. Como se tivesse lido minha mente, Sarah acrescentou:

— Nós as fatiamos. E as cortamos bem nos nós irregulares.

Era algo brutal, a comida.

— Todo mundo adorou. Ah, antes que eu esqueça. Tem xarope de ipeca no armário, perto da pia. Não sei direito nem como usar; é para o caso de ingestão de veneno. Uma mulher aqui da rua perguntou: "Você vai adotar uma criança?" E eu respondi: "Vou. Do que é que eu preciso?" E ela me disse: "Xarope de ipeca." E eu: "Só isso?" E ela: "É tudo o que eu sei." Então, é tudo o que *eu* sei. —

Nesse momento, Sarah me olhou de um jeito travesso, o olhar de uma profundidade inescrutável na qual se podia perambular, fazendo uma breve exploração, se houvesse tempo. — Se algo der errado, seja lá o que for fazer, não ligue para *mim*. Deixei um número para qualquer emergência. É o 911. — Ela sorriu.

— Telefone direto para os paramédicos — salientei, retribuindo o sorriso.

— Muito bem. Desculpe, tenho que ir. Enquanto estou aqui, de conversa, o pessoal lá deve estar queimando os centros de mesa comemorativos e defumando peixes em cima deles. — Ela foi correndo para a porta dos fundos.

Ouvi o motor ser ligado e o automóvel partir. Mas, de súbito, ela voltou — o carro, a subida apressada dos degraus, a irrompida de volta pela porta de trás.

— Esqueci uma coisa — comentou Sarah, indo até a bancada, abrindo uma gaveta e pegando uma faca de cozinha, que meteu satisfeita na bolsa de couro. — Uma arma disfarçada ou a ferramenta de um chef? Quem poderia dizer? Dirigir por aí no inverno, com uma pá no carro, já faz com que eu me sinta um serial killer. — E saiu a jato de novo.

As instruções, digitadas num computador e impressas, haviam sido colocadas dentro de uma obra intitulada *Criando bebês e crianças*. Levei tudo para a sala, onde me sentei num dos sofás encapados, primeiro folheando as páginas do livro. Dei uma olhada no capítulo “Bebês mais crescidos” e observei os títulos em negrito, tais como “Cuidado com os carrinhos de bebê leves” e “Não tente manter seu bebê limpo”. Eu teria feito justamente o contrário. *Trate-o como um trabalhador braçal. A pele é o item mais fácil de lavar.* O comentário parecia ilógico, como se se houvesse dito: *Esfregue o pescoço dele com luvas vermelhas da Bélgica.* Em comparação, o texto de Sarah parecia sensato. *Tassie, Quando a Emmie acordar, você vai se dar conta logo: ela começa a choramingar e, em*

seguida, abre o berreiro. Melhor você se reapresentar para a neném. O trocador de fralda está no quarto dela (de onde vier o choro). Todo o necessário para a troca está na estante. Tem copinhos com bico para leite e suco na cozinha, e Emmie pode comer o que quiser — ou seja, o que você encontrar. Sensato, exceto por esta parte: Tomei as providências necessárias para mandar um risoto por FedEx para ela, mas também vou levar algo da cozinha do restaurante, quando voltar à noite.

Risoto por FedEx? Dei uma olhada no guarda-louça e, além de um frasco com bolinhos de pão de ázimo num caldo, que parecia algo saído da aula de biologia do Ensino Médio, havia potinhos com banana, cenoura e ervilha orgânica para criancinhas. Eu tinha consciência de que as babás tinham a má reputação de comer a comida do bebê e, apesar de estar com fome — uma universitária faminta! —, evitaria abrir uma imediatamente. Talvez mais tarde. As bananas eu sabia que vinham com a textura de mingau e eram deliciosas. Já tinha ouvido falar numa mulher que, certa vez, num aperto, serviu compota de banana para bebê em taças como sobremesa, num jantar em Dellacrosse.

Fiquei olhando fixamente para aquelas frutas. Já que Mary-Emma ia ganhar risoto por FedEx, talvez... Não consegui resistir. Além do mais, ela já estava grandinha demais para aquele tipo de comida, e podia consumir bananas frescas, já que havia uma penca delas no balcão. Tirei a tampa, devorei tudo com uma colher, lavei o potinho e joguei-o no lixo de reciclagem, o qual consistia numa sacola plástica rasgada e encaixada na maçaneta da porta dos fundos. Embora quase tudo na casa saltasse à vista sem dificuldade, precisei descobrir algumas coisas.

Ouvi um choramingo vindo lá de cima, depois um berreiro. Como Sarah não tinha me mostrado a casa, tive que achar a escada sozinha. Havia, na verdade, duas escadas laterais, que convergiam num patamar ajanelado, a partir do qual elas se tornavam uma só

na curta distância para cima, onde um portão de plástico, preso por ventosas à parede, bloqueava o caminho. Passei por ele com uma espécie de salto-tesoura e segui em direção do choro. Passei por um banheiro com paredes pintadas num tom marrom-claro de saco de papel; na pia, havia uma série de frascos com comprimidos, como se alguém estivesse se preparando para fazer um colar. Passei também por um quarto com uma cama king size que mais parecia plebeia e uma cômoda de cerejeira que, essa sim, tinha ares reais. Sobre a cômoda havia uma caixa de joias com gavetas finas como o filó da colmeia de um apicultor.

O quarto da menina, tal como mencionado, pelo visto ficava num andar mais alto ainda, embora eu não tivesse encontrado sua porta. O choro vinha da parte oeste da casa, porém, quando abri as portas em busca da escada, achei apenas armários. Houve uma breve pausa e, em seguida, um grande choro começou.

Era enlouquecedor tentar descobrir como chegar a ele. Entrei e saí dos quartos com certo pânico, que evitou que eu os olhasse atentamente, embora minhas olhadelas perscrutadoras tivessem me dado a impressão de que eram decorados em tom pastel elegante e meio bagunçados. No final da ala leste do corredor, à esquerda, vi uma entrada. Fui até ali rapidamente, e encontrei outro portão ao pé de uma escada, trancado. Mas como a porta de madeira dali estava bem aberta, saltei por esse portão também, e subi os degraus revestidos de um tapete grosso, da cor apagada de cerume alaranjado. Por uma janelinha em outro patamar, de vidros quadriculados, vi as copas pontudas das árvores e a linha da rede telefônica. A escada fez uma curva e ali estava o quarto da neném, amplo sob o beiral. O teto e as paredes angulosas haviam sido pintados de amarelo-claro, como trigo e chablis, e nas janelas em ambas as extremidades do ambiente havia cortinas de um branco diáfano sobre blackouts pesados, que escureciam o quarto. Uma luzinha dupla, de um laranja descorado, estava ligada na tomada à

esquerda de um trocador de fralda e de uma cômoda. O berço mimoso de Emmie, com os protetores, a colcha e os lençóis do Ursinho Puff encontrava-se no canto mais distante, e ela estava de pé, agarrando a grade. No curto período que não a vira, os cabelinhos pretos sedosos haviam caído e, em seu lugar, cresciam cachos castanho-dourados, um afro em formação, na verdade. Parecia quase uma peruca. Quando ela viu que era eu, parou de chorar por um instante, curiosa.

— Oi, Mary-Emma — disse, fazendo com que ela voltasse, ao menos parcialmente, ao nome anterior.

A menininha me olhou e, então, caiu no choro de novo. Mas quando eu a tirei do berço, mostrou-se disposta e, aferrando-se a mim, ficou quieta. Ela estava quentinha e macia, cheirando a talco e a urina. Levei-a até o trocador, onde ficou deitada, tranquila. Tirei a calça com estampa de balões e a fralda descartável, feita de uma camada de papéis suaves, que eu nunca tinha visto antes e que soltou do bumbunzinho marrom-rosado como o invólucro de miúdos de aves. O quarto encontrava-se escuro, já que as cortinas continuavam fechadas, e o ar, úmido, graças a um umidificador. Revirei a prateleira sobre o trocador à procura de uma caixa de plástico com lenços umedecidos e, sem querer, derrubei-a no chão.

— Ih! — exclamou Emmie.

Já conhecia o som e a linguagem de algo que dera errado.

— Não tem problema — eu disse.

Como os lenços estavam num aquecedor, o ruído da queda foi alto. Por sorte, nenhum deles se espalhou e a luz do aparelho continuou acesa, então supus que nada tinha quebrado. Tiras de papel aquecidas! Sei que minha mãe ficaria pasma com isso. Quando bebê, eu na certa sentira os golpes gelados do inverno, o contato frio de chumaços de algodão e paninhos mornos passados rapidamente, se tivesse sorte. Minha mãe provavelmente tratava minhas assaduras com os cubos de gelo de seus refrigerantes. Ainda

assim, eu não sentia pena de mim mesma e sim de Mary-Emma e de tudo o que ela vinha enfrentando, todo dia acordando e tendo de lidar com alguma novidade. Embora talvez a infância fosse isso mesmo. Mas acho que esse não fora o meu caso. Quem sabe a criança não cresceria com a sensação de estar cercada de incompetência, e havia a grande possibilidade de eu ser providencial nesse aspecto. Mary-Emma amadureceria rodeada de afeto, mas sem sentir que os que a amavam sabiam o que estavam fazendo — o oposto da minha infância — de forma que passaria a suspeitar das pessoas, do amor e de seu valor. O que, no fim das contas, acabaria parecendo muito comigo. Então talvez não importasse o que acontecia quando você era pequena: tudo daria na mesma.

Depois de trocar Mary-Emma, de secá-la e deixá-la perfumada com um pouco de aroma de pinho, levei-a para baixo, passando sem jeito por cima dos portões de plástico de bebê. Quando dei por mim, fazia “uouuuu!” e “upa-lá-lá”. Mary-Emma simplesmente me olhava com um interesse neutro. Tratava-se de um olhar que eu esquecera e nunca mais vira em adultos. Mas era o melhor, incrivelmente empregado: nobre, angelical e livre de julgamentos. Paramos no patamar, a fim de decidir que lado da escada íamos usar.

— Qual? — perguntei. — Este?

Ah, mais uma vez, a incerteza do mundo adulto. E ela esticou o bracinho e apontou para a que dava para a cozinha. Já conhecia o caminho ou ao menos agia assim com o objetivo de demonstrar autoridade. Pelo visto, eu não tinha nenhuma, sendo apenas a sua criada feliz. Quanto mais nova a criança, mais atenção exigia, disso, eu sabia. As mais velhas ficavam mais subservientes e menos majestosas e exigentes.

Na cozinha, coloquei Mary-Emma sentada no balcão e, em seguida, virei-me tolamente para abrir a porta do guarda-louça. Ela começou a se remexer onde estava e eu tive que dar um salto rápido, no momento em que escorregava do granito reluzente rumo

ao chão. O semblante dela era a um só tempo sorridente e choroso, com uma expressão que dizia “Isso pode até ser divertido para algumas pessoas, mas não para mim”, e eu a coloquei com firmeza no colo, sentindo meus bíceps já começarem a ficar mais fortes e meu quadril mais saliente, a caminho de um estresse na articulação e de uma coxeadura.

— Vamos pegar um lanche para você. Que tal, hein?

Dei uma olhada nas prateleiras do guarda-louças. Será que eu tinha traçado a comida mais gostosa e docinha de neném?

— Gute zelado — pediu ela, apontando para o freezer.

— Está gelado mesmo ali — comentei, ainda vasculhando os armários.

Chequei a geladeira, onde havia diversas garrafas de água de Fiji. Era a primeira vez que eu via um líquido dessa ilha, mas não seria a última. Não achei que fosse real. Vender água de Fiji parecia um engodo para os crédulos, como ar alpino engarrafado num carnaval.

Mary-Emma começou a balançar as perninhas, e o calcanhar na minha coxa exerceu o efeito de uma espora suave. Upa upa cavalinho.

— Gute zelado — repetiu ela, ainda apontando.

Abri a porta do freezer e vi, entre as bandejas de gelo, uma vodca, um arquivo de plástico e meio quilo de café moído, o que ela queria: picolé de iogurte.

— Ah, tudo bem — eu disse, pegando-o.

Sentei-a no piso e em seguida fiz o mesmo, e nós duas tomamos picolés de iogurte de amora.

— Hum, que gostoso.

— Gotoso — imitou Mary-Emma, com a boca melada de um tom alfazema que lhe dava a aparência de uma drag queen.

Que milagre era a comida. Preferi esconder as embalagens no fundo do lixo, ao pensar na possibilidade de ter dado mais do que

deveria para ela.

Quando Sarah voltou, Mary-Emma foi correndo até ela e agarrou sua perna. A mãe acariciou a cabecinha da menina. Fiz para Sarah um relato do dia, a maior parte do qual eu tinha escrito num bloco de papel, com os horários em que a garotinha acordara, comera e brincara.

— Mary-Emma adora picolé de iogurte — comentei. — Espero que não tenha problema: eu dei, hã, alguns para ela.

— Ah, não tem problema não. Espero que continuem produzindo esses picolés! Quando eu era pequena, a Danone fazia um iogurte de ameixa delicioso, que vinha numa embalagem amarronzada de 200 gramas. Bom, hoje não fazem mais. Sumiram do mercado. Embora eu tenha encontrado alguns em Paris, ano passado.

Assenti, tentando imaginar a tristeza bastante específica de um iogurte da infância desaparecido, encontrado agora apenas na França. Era um tipo de melancolia muito especial, solitária e, em sua inaptidão de gerar solidariedade e em seu estímulo dissonante, eludia a poesia e entrava no âmbito da ciência. Tentei não pensar na minha única incursão, há um ano, no mercado de comida orgânica Whole Foods, onde me vi paralisada com todos aqueles alimentos especiais para pessoas especiais, cujos sussurros pareciam dizer: “Sai do meu caminho! Quero um Tofuperu!”

Quando por fim me deitei, senti o peso do cansaço. Eu voltara para casa caminhando, em meio à escuridão do entardecer. Embora a estação já estivesse mudando, rumo aos dias mais longos, o sol não reluzia com força no alto, mas movia-se rápido no outro lado do céu, pálido e retraído, como alguém doente, e a noite caía rápido na

cidade, levando todo mundo a desistir dos dias às 16 horas. Os montinhos de neve lembravam penugens com pontinhos pretos.

No meu apartamento, os aquecedores zuniam e as janelas estavam cobertas de gelo até as barras verticais, por causa do vapor que as atingia e congelava. No quarto, joguei longe as botas e as meias, meus dedos dos pés doloridos, tão nodosos quanto gengibre chinês. Quem diria que a vida com uma criancinha fosse tão desgastante? Na mesinha de cabeceira encontrava-se o chá de hortelã em infusão deixado ali desde de manhã, totalmente gelado e marrom igual remédio. Dei um gole, e o saquinho encharcado esbarrou na minha boca; em seguida, bochechei e tomei o resto. Peguei meu baixo transparente, em si uma resposta ao gelo, coloquei os fones de ouvido e dedilhei um pouco de Metallica, um pouco de Modest Mouse, além de um trecho originalmente sem baixo de "Angel from Montgomery" e um pedacinho de "Rock-a-Bye Baby". Eu me deitei no chão de novo e tentei cantar como Ndegeocello. Tirei um som lânguido, que lembrava uma rã engolindo sua dor. Em minha mente, um organista tocava cordas elétricas nos intervalos previstos. Previstos por mim, pelo menos. Senti que sabia como cantar também, o que a maioria dos baixistas, esforçando-se para encontrar o equilíbrio entre a melodia e o ritmo — não era essa a própria jornada da vida? —, nem se daria ao trabalho de tentar. Contudo, tinham me dito que eu parecia estranha ao fazê-lo — uma baixista sobrepujando a banda — então eu raramente agia assim na frente dos outros. Que mulher não relutava em ser esquisita? Ainda assim, como tinha começado a achar deprimente o silêncio daquele apartamento, cantar ajudava, embora só até certo ponto. Caí no sono de roupa e tudo, esparramada na cama como se um tornado tivesse me atingido, carregado para o alto, lançado para baixo e seguido adiante, entediado.

No dia seguinte, levei Mary-Emma para patinar no gelo perto da casa dos Thornwood-Brink. Vesti-a com uma roupa para neve, ajeitei-a no carrinho e levei-a pelo gelo irregular até o parquinho do bairro, onde havia uma pequena laguna congelada perto do lago, que o município liberara para a patinação. Os dias realmente frios foram muito poucos; um caminhão tinha tentado cruzar o lago propriamente dito e afundara no gelo, por isso aquela área fora fechada, exceto por uma pequena pista de corrida cercada. Mas as pessoas podiam patinar na laguna congelada, e era o que vinham fazendo.

Na cabana, aluguei patins para nós duas — Sarah deixara uma nota de 20 no balcão, justamente para isso — e fomos para o gelo irregular e acidentado. Amparei Mary-Emma, apoiando-a em minhas pernas e patinei com ela. Tudo era novidade para a menininha, que riu como se aquilo fosse uma piada. Os patins dela tinham duas lâminas e, quando eu a soltei, ela deslizou um pouco sozinha, mas então disparou com um passinho cambaleante, correndo toscamente pela lagoa até atingir um desnível no gelo e cair para a frente, a queda amortecida pela roupa de neve. Então ficou ali, fitando as rachaduras do gelo; sob ele havia algas onduladas e folhas congeladas turvamente em suas posições, como se estivessem em um peso de papel de vidro com espécies botânicas.

— Peixe! — gritou Mary-Emma para mim.

Fui até lá e vi que ela tentava perfurar o gelo com a luva, acreditando que a flora fosse fauna.

— Bom, mais ou menos — disse eu.

Mary-Emma estava feliz e, sob o sol brilhante, ela se levantou e deu continuidade à sua marcha tosca. Tinha gostado daquele esporte — parecia ter um talento nato —, e foi quando me lembrei de sua mãe biológica, que passava os sábados patinando com as freiras; pensei: “Está explicado!” A pequena herdara a habilidade de patinar de Bonnie. E, então, era isso que a mãe perderia: alguém

com quem se divertiria no gelo e não o faria por caridade. Alguém a quem ela pudesse ensinar a patinar. Pareceu-me, por uns instantes, algo semelhante a perder vários membros do corpo. Observei Mary-Emma passear pelo ringue e cair de novo. Ela ficou ali deitada encarando o gelo, fascinada.

— Bom, o sous-chef estragou totalmente os *mignardises* — comentou Sarah quando cheguei à casa dela —, mas eu já devia esperar por isso. Oi, fofinha — disse ela para Mary-Emma, pegando-a no colo. Continuava usando o uniforme branco de chef, que naquele momento encontrava-se cheio de manchas de gordura. Havia um corte em sua mão e duas queimaduras nos braços. — Em tudo o que eu faço, parece que sempre falta alguma coisa. Estou descobrindo que é praticamente impossível ser mãe e também fazer algo de qualidade fora de casa. Mas essa é *basicamente* a palavra-chave, e estou vivendo no seio oxigenado do mundo. — Seu rosto iluminou-se. — Aqueles adesivos que dizem que TODA MÃE É TAMBÉM UMA TRABALHADORA são uma furada. Propaganda de gente rica. É um insulto para as que de fato trabalham e têm empregos. Agora sempre que vejo um desses eu rasgo.

— Tessa — disse Mary-Emma, apontando contente para mim.

— Vocês lancharam? — perguntou Sarah para nós duas, num tom de voz jovial.

— A gente tomou sidra com chantilly no quiosque — contei.

— Sidra com chantilly? — Ela pareceu embasbacada.

— Hum, foi má ideia?

— Simplesmente nunca tinha ouvido falar nessa combinação. Sabe, vou te contar, eu sou louca por comida, mas sidra com chantilly? Meu Deus, que coisa a se fazer com sidra.

— É muito comum por aqui — expliquei, dando de ombros.

Eu cresci colocando chantilly em sidra quente; era algum tipo de perversão? Francamente, não me surpreenderia.

— Acho que colocam laticínios em tudo. Vou pôr todos os meus queijos de sobremesa na vitrine do Le Petit Moulin. Atrair os clientes com laticínios, para depois oferecê-los a eles... *físalis sauté!* — Aquele era o lado jocosos e frívolo de Sarah. — Ou talvez até uma dose de xerez — acrescentou.

Quase sempre, pelo menos nos dias bons, eu participava.

— E os clientes adorariam, pois seria muito mais que uma mera cortesia — comentei.

— Ou cometeriam *hari-kari!*

Sarah sorriu e balançou Mary-Emma, que falava:

— *Mere, mere!* — repetindo o nome que Sarah queria deixar para trás. Mary. — Tossa! — vociferou ela de novo, inclinando-se em minha direção.

Sarah deu a impressão de estar meio intrigada.

— Que perfume você está usando? — perguntou. — Que cheiro bom.

Ela colocou a menininha no chão, que veio correndo para mim e, em seguida, voltou para a mãe, numa espécie de brincadeira de ir de um lado a outro.

— Perfume?

Eu continuava com calor por causa da patinação mas ainda não tirara o casaco; não sabia ao certo se ela identificava direito o aroma, se é que havia um. Não estava acostumada com nenhum tipo de atenção relacionada ao meu corpo, e tive vontade de sair correndo e me esconder.

— Estou sentindo um cheiro tão bom vindo de você; o que é?

Ela me olhou esperançosa, as sobrancelhas arqueadas, inquisidoras. Passou as mãos pelos cabelos. O brilho de suas mechas parecia haver sumido e elas tinham naquele momento um matiz tânico e monótono. Quando os dedos percorreram os fios, notei que

eles escasseavam; sob a risca entrelaçada como cama de gato, havia uma tentativa de ocultação com mechas; intrincadas camadas em zigue-zague no alto procuravam esconder o couro cabeludo que se evidenciava. Com a idade, os cabelos tinham começado a escassear e, quando a mão dela passava por eles, antes que assumissem seu caimento natural, sua fronte sobressaía, brilhante e redonda como uma maçã.

— Não sei bem. Cheiro de alho?

Eu sabia que as pessoas sempre mentiam a respeito de seus perfumes e afirmavam que era o sabonete, como se fosse uma futilidade tentar ir além. Na verdade, às vezes depois do banho eu passava um pouquinho de um óleo aromático que Murph tinha me dado de aniversário, um frasquinho fino chamado Deusa Árabe. Na atual situação do mundo, achei que daria bandeira se fizesse propaganda dele, caso fosse confundida com uma mascote de Osama bin Laden, embora tivesse certeza de que minha amiga simplesmente o comprara na cooperativa.

— Bom, se você descobrir, depois me conte.

— Acho que é da cooperativa.

— É mesmo? Bom, vou tentar sentir a fragrância lá. — Ela pegou Mary-Emma e, com o rosto, acariciou o dela. — Como foi a patinação?

— Foi legal — respondi.

— Lecal — repetiu a garotinha.

— Olhe só como ela está começando a conversar e a se abrir! — comentou Sarah, dando-lhe um beijo na testa. — Afinal de contas, já tem 2 aninhos.

— Lecal! — gritou Mary-Emma de novo, e inclinou-se nos braços da mãe, com o intuito de voltar para mim.

— Ah, então você quer a Tassie, hein? — disse Sarah, passando a filha para mim, uma certa mágoa maternal escondendo-se apressadamente por trás do sorriso tenso como corda de piano. —

Você vai ter mesmo que me dizer o nome desse perfume que está usando, se lembrar — insistiu ela, dando um suspiro. — Caso contrário, posso ser presa na cooperativa por ficar rondando. — Algo estava errado, talvez seus lábios comprimidos: um arame que, como um garrote, de alguma forma me asfixiava. Não pude falar. Um minuto inteiro transcorreu entre nós. — Bom, é melhor eu deixar você ir — disse ela, por fim, pegando de novo Mary-Emma, que começou a se debater e a se contorcer.

As aulas começaram em meio a uma onda de frio, com máxima de -17 para a semana. Aquilo sim é que era inverno. O frio irrompia no ambiente até quando se abria a gaveta da cozinha, os garfos e as facas gelados. A calefação generosa do proprietário não era nada diante do frio. A haste das maçanetas na porta de entrada conduzia o frio lá de fora, de maneira que até a parte interna da maçaneta congelava a mão. O ar gélido penetrava pelos buraquinhos das tomadas elétricas. A roupa tirada do armário também ficava gelada, e na lavanderia do prédio, no subsolo, as peças que não secavam completamente saíam brancas da secadora, cobertas de uma fina camada de gelo. Um copo d'água deixado na mesa de cabeceira à noite podia virar gelo de manhã. Quando dava para olhar pela janela, via-se pelos sinelos pontudos, os quais lembravam os incisivos de um tubarão; era como se estivéssemos vivendo na boca morta e congelada de um boneco de neve malévolo. Kay, a vizinha lá de cima, que não fazia nada na vida, decidiu, como experiência, jogar água fervendo da varanda dos fundos da cobertura. E como nos informou, metendo um bilhete debaixo das portas, que aquilo aconteceria às 11 horas de segunda, nós nos reunimos e observamos a água atingir o ar sem ruído e descer como vapor lento e silencioso, além de neve semiderretida. Tinham nos dito que ela viraria granizo em pleno ar, mas talvez algo na água — cloro, ou

algun sal do abrandador — evitara que isso ocorresse. Na rua, a ventania era tão forte que dava a impressão de contornar o frio e virar calor. Respirar queimava as narinas. Os carros em todos os bairros chiavam, engasgavam e não ligavam. A mistura do clima frio e do aquecimento seco dentro de casa fez com que as unhas mais compridas da mão que eu usava para dedilhar enfraquecessem, rachassem e quebrassem sob a base, perfurando a carne grossa e rosada embaixo, fazendo meus dedos sangrarem e me obrigando a pôr um curativo antes de sair.

Então, o clima melhorou o bastante para que caísse uma nevasca, seguida de outra, como se o campo estivesse com soluço. Os ventos uivavam nas chaminés e sob os beirais, derrubando blocos de gelo do telhado. Aí, quando veio a calmaria, por fim, baixou um estupor, provocado pelo acúmulo de neve, que formava declives nas laterais das casas, como uma colcha jogada para acalmar um cachorro agitado. Havia no ar uma fria resignação, boa para a leitura.

Quem me dava aula de Introdução ao Sufismo era um sujeito que se autointitulava “otomanista”, o que fazia pensar em alguém deitado com os pés apoiados num tamborete acolchoado, segurando um controle remoto, no outono. Com o braço numa tipoia, ele parecia charmosamente agitado. Era irlandês, e falava com os graciosos erres e o staccato do Condado de Brokencanencork, como Murph costumava se referir a todo o país e seus antepassados.

— Para vocês que têm alguma preocupação por eu ser o professor desta matéria — disse o sujeito — podem acreditar: conheço mais sobre o assunto que qualquer um neste departamento. E para os que receiam que eu esteja ensinando sob o efeito de analgésicos para o braço, podem acreditar: também sei mais sobre dar aula chapado que qualquer um neste departamento.

Eu me sentei perto de um cara moreno, alto e charmoso, que sorriu para mim e, em seguida, passou um bilhete, como se

estivéssemos no colégio. “O que é que estou fazendo nesta aula?”, escreveu ele. “Eu sou brasileiro. E você?”

Não fazia ideia do que eu era naquele contexto específico. Anotei no pedaço de papel: “Sou quase judia. O que estou fazendo aqui?”

“Não sei”, respondeu ele.

Em letras maiúsculas, acrescentei: “QUAL A MELHOR MANEIRA DE ME MATAR? UMA CANETA ENFIADA NO PESCOÇO SERIA RÁPIDO?”, e devolvi o bilhete.

O rapaz leu e sorriu, abafando uma risada com um leve grunhido. O professor, que falava, olhou de relance para nós e prosseguiu. O brasileiro escreveu em letras maiúsculas: “VOCÊ COM CERTEZA NÃO DEVERIA ESTAR NESTA AULA.”

“Não sei bem o que é sufismo”, rabisquei em resposta, e passei o recado.

“NÃO SEI BEM O QUE É INVERNO”, rabiscou ele, outra vez em maiúsculas.

“Bem-vindo”, escrevi. “Não costuma ficar tão quente assim” — uma inversão da velha piada local. “Não costuma ficar tão frio assim”, costumávamos dizer para os visitantes durante um degelo em pleno inverno.

“O QUÊ???!!!!”, ele escreveu, de um jeito bastante enfático.

“Acho que o misticismo não está rolando aqui, neste curso”, respondi.

“NÃO ESTÁ.”

“Você é quase místico?”, eu quis saber.

“SOU PESSI-MÍSTICO”, rabiscou ele, “E OTI-MÍSTICO. OS DOIS.”

Depois da aula, voltei para casa e, com os fones de ouvido a postos, fiquei tocando meu baixo, dedilhando as cordas de aço, enrijecendo mais os calos. Eu adorava “Twinkle, Twinkle, Little Star”, à qual eu me referia como “Mozart”. Tocava e cantava em voz alta repetidas vezes o trecho “Queria descobrir o que você é”, que, sem nenhum acompanhamento audível, para a Kay-sem-vida lá em cima, eu sabia que devia parecer uma gata de rua gravemente ferida, no

cio. Kay já me contara isso. Embora homenageasse os clássicos, pelo visto, eu ainda dava a impressão de estar agonizando. Quando senti ter terminado, quando senti ter me expressado, exausta, encontrei um velho maço de cigarro de Murph e fumei um na frente do espelho do banheiro, soltando a fumaça para o alto, inclinando minha cabeça devagar ao fazê-lo. Na penumbra, até que minha aparência não era tão ruim assim.

Sarah e eu fomos ao tribunal para pegar cópias dos documentos de adoção provisórios no gabinete do juiz. Dali a seis meses eles seriam assinados, e Mary-Emma seria oficialmente de Sarah. E de Edward. Até então, estava sob seus cuidados tutelares. A caminho do gabinete, passamos por um banco no corredor, no qual havia uma série de rapazes, aguardando todo tipo de audiência. Alguns chegavam a ter 9 anos. Todos negros. Quando caminhamos por ali com Mary-Emma, eles a fitaram, e ela retribuiu o olhar, cada um deles hipnotizado e desconcertado. No gabinete do juiz, o escriturário e os papéis nos aguardavam. Sarah pegou o envelope com um sorriso.

— É a sua outra filha? — perguntou o sujeito, referindo-se a mim.

— Vinte anos é uma idade legal — comentou Sarah, mais tarde, quando voltávamos para casa no carro.

Uma vez, ela e Edward pediram que eu dormisse lá e, como babá legítima que era, aceitei. Como os dois iam sair para jantar e namorar, ficariam fora até tarde, portanto dormir lá seria a atitude mais civilizada. Ser civilizado parecia uma preocupação tardia para quase todo mundo.

— Claro — dissera eu.

Quando cheguei para a saída deles, no sábado à noite, Sarah me disse:

— Não tenha medo de ninar Emma junto ao seu corpo, sem ser por cima da roupa. Rosto com peito, barriga com barriga. Faço isso o tempo todo. Acalma crianças adotadas, que não mamaram no peito.

— Tudo bem — respondi.

— Ainda bem que você não está dando de mamar mesmo — comentou Edward com Sarah. — Na certa tentaria fazer queijo.

Ela revirou os olhos.

— Ele vive achando que eu faria queijo de delicatessen.

Depois que eles foram embora, eu e Mary-Emma passamos a tarde vendo tantos DVDs diferentes para crianças — histórias de locomotivas e canções de bebês — que ela sorria de felicidade toda vez que via o aviso do FBI no início de cada disco. Preparei biscoitos. Fiz minhas imitações de animais. Dei um banho nela e, no banheiro, passei um pouco da loção antirrugas nas maçãs ressecadas do meu rosto e, em seguida, espalhei o resto nos joelhos de Mary-Emma, que estavam secos e foscos. Havia também potes de creme feito com lesmas andinas e emulsões preparadas com saquê japonês; nós metemos os dedos ali e passamos as pequenas quantidades nos nossos braços.

Apesar de Mary-Emma já ser grandinha demais, quando chegou a hora dela dormir, levantei a blusa e ninei-a sem sutiã na poltrona reclinável do quarto dela, onde ambas pegamos no sono. Quando acordei de súbito, havia uma figura ao portal: Edward. Abaixei depressa a blusa, ainda grogue.

— Já voltamos — disse ele, baixinho.

— Melhor eu ir para casa? — perguntei.

— De jeito nenhum. Pode ficar no quarto de hóspedes, lá embaixo. Boa-noite.

Coloquei Mary-Emma no bercinho e fui, sem fazer barulho, ao segundo andar, para ir dormir de calcinha. Edward apareceu de novo ao portal, ali.

— Correu tudo bem? — perguntou ele, sorrindo.

— Sim — respondi, sob as cobertas.

— Ótimo. — Houve um longo silêncio, com um sorriso que esvanecia: o dele. — Está certo. Boa-noite, então.

Uma atitude vale mais do que mil palavras, dizia minha mãe. *O estupendo estupefaz*.

— Boa-noite.

E, quando ele saiu, eu me levantei e fechei bem a porta.

De manhã, Mary-Emma foi correndo para os nossos quartos, cantando inédita e prolixamente:

— Hora de levantar, papai. Hora de levantar, mamãe. Hora de levantar, Tassa.

Sarah fez panquecas, e nós colocamos mel em tudo, até no café. Por alguns momentos errantes parecemos uma família, rindo e comendo. Eu me senti incluída. Estávamos todos juntos no mesmo projeto.

Mas a vida em família se deparava, às vezes, com um turbilhão, como o clima. Talvez um similar a um tornado num zigue-zague silencioso: se a pessoa se aproximasse o bastante, veria lá dentro uma mulher e um caminhão-tanque rodopiantes.

— Obrigada por nos propiciar uma noite a sós — disse Sarah, quando eu fui embora.

Parecia cansada e retraída. A cada nova palavra ou frase aprendida por Mary-Emma, uma parecia ser subtraída de sua mãe adotiva.

Nas manhãs dos dias úteis, quando eu ia caminhando até a casa dos Thornwood-Brink, o ar gelado deixava minhas bochechas praticamente em carne viva — num dos cardápios de Sarah, largados no balcão, eu tinha visto, uma vez, a frase “bife de

bochecha”; talvez fossem feitos desse jeito! Meu nariz escorria profusamente quando eu parava nos meios-fios e nas faixas de pedestres. Mas eu continuava a andar — a neve tão gelada, que chiava como isopor sob as minhas botas —, e pingos transparentes isolados, como bolhas, começavam a se acumular no interior de minhas narinas e a pender oscilosamente, até eu limpá-los com um lenço de papel cinza que morrera fazia séculos, no meu bolso, para nunca mais dar sinal de vida. Para completar, a limpeza fez o papel desintegrar ainda mais, e logo ele não passava de um gelo amassado e esfarelado contra meu nariz. As meias, finas demais, também deixavam meus pés congelados, apesar das botas próprias para o inverno. Por que será que ali em Troy as meninas do interior usavam meias finas de algodão (da Home Dollar) e as do subúrbio, as grossas (J. Crew ou L.L. Bean)? Será que tínhamos pés maiores e nenhum espaço sobrando nos sapatos? Ou não considerávamos o clima como algo alheio a nós, embora devêssemos fazê-lo? Talvez aceitássemos as condições atmosféricas como parte de nós, não as temêssemos e carregássemos todo o seu rigor nos recônditos da alma, numa espécie de derrotismo. Nossa camada exterior era frágil, resignada, comportada — uma futilidade — e parte de nossa derrocada. Nosso íntimo sucumbia, autoprogramado para simplificar a vida, acompanhava o nosso exterior e nos deixava aturdidos. Daí as meias. Daí outras coisas.

Encontrei Edward sentado sozinho à mesa da cozinha quando entrei. Ele havia enfiado as mãos por dentro das mangas do suéter verde, como uma menina tentando se aquecer, mas seus cabelos — um misto de neve velha e suja e fumaça — davam-lhe o aspecto sisudo dos homens maduros e sensatos. A contradição — o cabelo, as imaturas mãos-metidas-nas-mangas — era inusitada para mim e, uma vez analisada, talvez se tirasse conclusões sobre a personalidade de Edward, porém eu não a analisei com nenhum propósito, e o visual dele simplesmente aparentava resultar num

torvelinho meio esquisito e cômico de hibridismo. Os fios começavam a recuar e escassear nas laterais da cabeça, algo que se notava mais após um corte de cabelo, o qual percebi que ele fizera havia pouco. O avanço da calvície nos homens! Vi um documentário certa vez que acompanhava as vidas de dez garotos, dos 7 anos em diante, e a cada episódio se via mais do couro cabeludo dos participantes; o filme, que objetivara examinar as dificuldades relacionadas à masculinidade e às classes sociais, foi um longo recuo glacial de cabelo.

— Ah, oi — disse Edward. — Que perfume gostoso!

O calor ali dentro da casa descongelou cada centímetro do meu corpo, menos os dedos dos pés.

— Não vai para o laboratório hoje? — perguntei, prestando atenção não na sua resposta, mas lá em cima, atenta a qualquer ruído de Mary-Emma.

Pensei ter ouvido uma lamúria insistente, mas que poderia ter sido simplesmente um detector de fumaça de plástico com a pilha fraca.

— Eu estava esperando por você — acrescentou ele.

— Por mim?

— Esperando você chegar para poder ir embora. — Ele tirou a mão de dentro das mangas.

— Estou atrasada?

— Na verdade, não. — Sua expressão mostrava-se misteriosa: uma indiferença austera e divertida. O semblante da ciência independente, talvez! Eu sabia que a clínica Mayo vinha demonstrando certo interesse em seu trabalho. — Sarah está trabalhando lá no Moinho, como a gente costuma dizer. Vai voltar às 6. Ela achou que, apesar de estar frio, você podia agasalhar bem Emmie e levá-la para passear no carrinho de puxar. É o vagãozinho vermelho que está na varanda; esse vai deslizar na neve melhor que o comum.

— Ah sim, eu vi quando cheguei.

— Ótimo — disse ele, olhando fixamente para mim.

Por um instante me vi forçada a examiná-lo também. O nariz, ossudo e meio adunco de perfil, era mais largo e protuberante de frente. Os olhos tentavam fazer algo com os meus, não sei bem o quê. Ele parecia velho demais para os nossos olhos fazerem algo. Não apenas os anos tinham consumido seu corte de cabelo — duas entradas escarranchadas num tufo central grisalho — como também Edward, ao que tudo indicava, escurecera as raízes, talvez com a graxa de sapato que eu vira na pia do banheiro, lá em cima. Ele sempre usava sapatos marrons. Tal como os de Sarah, os cabelos dele eram uma produção, da natureza e da arte: parecia que o rosto dele tinha sido arrastado pela correnteza até a cabeça, como uma maré, e deixado sua marca, e então algum artista fora até a mesma praia com um pouco de tinta.

— Sarah acredita que crianças têm que tomar ar — prosseguiu Edward, por fim. — Também acha que devemos pôr gorros neles mesmo que estejam berrando em protesto. Ela diz isso porque acha que toda criança fica linda assim, e queremos muitas fotos bonitas. Eu acho. — Soltou um suspiro. — Depois a gente enfia os gorros.

— Para ficar bonito é preciso sofrer, segundo as top models.

— Com certeza!

O barulho estridente, similar ao de um alarme, aumentou.

— Isso é a Emmie? — perguntei.

— É. Vou deixá-la por sua conta.

Subi para buscá-la e ouvi a porta batendo atrás de mim, bem como o motor ligando e o ronco do carro na entrada e depois na rua.

Obviamente, eu não sabia há quanto tempo ela estava chorando. Mas o rostinho estava inchado, as maçãs do rosto brilhando como se estivesse febril. O fedor intenso de fralda suja espalhava-se no ar; seria preciso trocá-la.

— Oi, lindinha! — exclamei, com animação. E ela ergueu os bracinhos, para ser tirada daquele berço imenso.

— Tassa — disse Mary-Emma, como se para lembrar a si mesma.

Era carente e doce. A nova história de vida, iniciando-se ali, talvez fosse de uma vencedora. E, quando a peguei e segurei, ela me pareceu tão querida e incorrupta — indiferentemente da terrível história da qual tinha sido arrancada.

Puxado com firmeza, o vagãozinho vermelho sacolejava pela calçada coberta de gelo, para a enorme satisfação de Mary-Emma.

— Upa-upa! — dizia eu, inclinando o carrinho e, depois, colocando-o de volta no lugar.

Ou então ele caía num buraco e eu precisava dar um puxão, que a lançava para trás graciosamente. Ela ria e exagerava a queda, inclinando-se para todos os lados na nova roupa para neve rosada e felpuda, uma gotícula de muco aparecendo no nariz, que ela limpava com a língua. Se ficássemos fora tempo demais, seu rostinho enrugava-se e ficava vermelho como um tomate. Mesmo com sua pele escurecendo a cada dia. Esses tipos de detalhes eu vinha aprendendo. Quando estava frio demais, eu procurava caminhos alternativos. Na rua principal do bairro, eu a levava para o supermercado, o qual tinha acesso para portadores de deficiências, e a deixava subir correndo pelas rampas, entreter-se com as portas elétricas e tentar brincar de esconde-esconde nos corredores. Ou então dava um pulo com ela na loja de colchões, para deixá-la correr por ali e pular de cama em cama enquanto eu falava de molas e firmeza com o vendedor. Às vezes ele se mostrava preocupado ao vê-la saltitando pela loja.

— Tem algum problema ela fazer isso? — perguntei, esperançosa.

— Não não — respondia o sujeito, mas com um olhar ligeiramente enfadado enquanto, pelos cantos dos olhos, observávamos Mary-Emma quicar, balançar e gritar.

Como as iminentes votações primárias do Partido Democrata, em março, *eram*, na verdade, a eleição geral — já que nenhum republicano havia sido eleito para o governo municipal, acho que nunca —, os caminhões limpa-neves da cidade passaram grande parte do período anterior a elas abrindo caminho nas ruas. Em Dellacrosse, talvez tivéssemos algumas reformas nas rodovias durante o verão, a tempo de ficarem prontas para o confronto do outono — PHIL POTT PARA JUIZ (Dickens vive!) — já que lá os republicanos tinham uma pequena chance. No entanto, ali na progressista Troy, como a sedução das massas pelo candidato, ao que tudo indicava, precisava começar cedo, o prefeito recorria à retirada contínua da neve das ruas. Os limpa-neves pareciam vir de todas as direções, com as pás frontais formando um ângulo similar ao de uma boca de peixe petrificada. O arranhar do metal no gelo e, em seguida, na superfície da rua acrescentava um som metálico agudo e contínuo ao ronco baixo dos veículos. Em consideração à relva e ao solo primaveril, Troy também comprara um caminhão que, em vez de salgar as ruas, as adocicava com uma solução de açúcar de beterraba, e seu borrifo ao longo das ruas trazia à mente o rastro de uma criatura doente dos rins.

Levei Mary-Emma à Wendell Street, a única ali perto com restaurantes de verdade, lojas e outros comércios — devia ter uns nove estabelecimentos no total. Poderia passar como o centro de um vilarejo, e eu sabia que ali as calçadas eram limpas com mais eficiência. Da Wendell, rumamos pela neve semiderretida de tanto sal até a biblioteca pública do bairro. Fiquei mostrando a ela as obras infantis, e, apesar da preferência de Sarah por livros ao forno, nos sentamos perto do aquecedor para ler. Havia poucas pessoas na rua, mas as que passavam por nós sorriam para mim, depois

olhavam para Mary-Emma e, em seguida, para mim de novo, as expressões não exatamente mudadas, tampouco exatamente iguais: ao nos verem juntas, nossa história desconhecida mas conjeturada, uma observação e depois um pensamento perpassavam por suas faces e mantinham seus semblantes inalteráveis.

A certa altura um carro do outro lado da rua, pelo visto cheio de adolescentes — não deu para determinar bem quantos anos tinham —, desacelerou e nos observou de longe. Continuei andando, em direção à biblioteca, mas olhando de soslaio notei que o carro entrara numa transversal e, naquele momento, dava a volta, regressando pela Wendell na faixa mais próxima a mim. Então, o veículo parou ao meio-fio. Um rapaz com um corte moicano laranja berrante, uma enorme argola prateada na sobrancelha, piercings de prata igual a decoração de bolo em todo o contorno cartilaginoso da orelha, e uma jaqueta grossa, de couro preta, que lhe dava a aparência de alguém que se vestira com o estofado de uma cadeira cara, inclinou-se para fora da janela. Dois outros caras encontravam-se no banco de trás — se o mau humor matasse! — e uma jovem de cabelos castanhos e aspecto ordinário estava ao volante. Achei que o sujeito de moicano ia me olhar com malícia. Talvez até pedir para ver os meus peitos ou gritar que estava a fim de abocanhá-los ou quem sabe oferecer-se para fazer de tudo usando a língua com o piercing, lambendo para cima, para baixo, chupando dos pés à cabeça, ou de repente ele quisesse meus lábios suculentos grudados nos dele ou me dizer que eu tinha um bundão, mas que ele gostava de bunda grande, ou até dizer que minha bunda era esquelética, mas que ele gostava de bunda esquelética, e se eu não queria colocar o meu bundão ou minha bunda esquelética dentro daquele carro turbinado, com a galera, para que ele pudesse levar adiante tudo aquilo? Em vez disso, o sujeito fitou a pequena Mary-Emma e gritou:

— *Crioula!*

Nunca antes na vida eu entendera tão profundamente o que significava não acreditar no que se ouvia.

— Máí-con! — exclamou a garota-motorista.

Os rapazes do banco de trás deram risadinhas zombeteiras, e o carro arrancou do meio-fio. A roda traseira girou e lançou neve no carrinho, o que fez Mary-Emma rir, no início, e depois chorar, quando os flocos gelados atingiram seu rosto. Eu não fazia ideia de que aquilo era possível naquela cidade. Em Dellacrosse, talvez... embora eu nunca tenha chegado a ouvir algo do gênero lá... mas ali? Ali, um lugar tão orgulhoso de si. Tão progressista e exemplar. Tão inflexivelmente esquerdista. Tão... branco. A única cor que conheciam naquela área era a local, que usavam como camuflagem, por conveniência. Se estivéssemos em Salt Lake City, certamente metade da população seria mórmon, de bom grado. Em vez disso, os habitantes de Troy eram íntegros, complacentes e semelhantes, todos membros da União Norte-Americana pelas Liberdades Civas e da Fundação Liberdade de Religião.

— Filhos de uma puta — me vi falando.

Peguei Mary-Emma só para abraçá-la, deixando o carrinho continuar andando um pouco e bater num parquímetro. Ela estava tão envolvida na roupa enorme e escorregadia, que mal pude segurá-la direito. Mas levei-a até a cafeteria, por acaso próxima a nós, sentei-a no sofá, perto da lareira a gás e abri o zíper do traje dela, com o intuito de aquecê-la. A lenha era falsa, e o fogo que a contornava, azul e frio como água — mais uma fonte decorativa que uma chaminé. Os cabelos de Mary-Emma estavam úmidos e grudados em sua cabeça. Bom, eu compraria chocolate quente para ela.

— Fios duma pua! — disse ela, e nós duas rimos.

— Mas não repita isso, está bem? — acrescentei, prevenindo-a.

— Ah, meu Deus! — gritou Sarah. — Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Pronto, pronto.

Ela começou a andar de um lado para o outro na cozinha assim que lhe contei o que tinha acontecido. Não cheguei a repetir a palavra que Máí-con usara, mas simplesmente disse que usou um termo racista. Eu estava com Mary-Emma no colo, que brincava com os meus cabelos, levantando-os e deixando-os caírem no meu rosto, rindo quando eu os assoprava e os fazia esvoaçar.

Sarah prosseguiu:

— Meu Deus! Quem diria que algo assim ocorreria nesta cidade? Nos pequenos festivais de música folk nos parques do condado, no verão, a gente vê todo tipo de família multirracial. Achei que esta fosse a cidade perfeita... Está certo, não perfeita, mas pensei que aqui Emmie teria as melhores condições possíveis. E que não a deixaríamos na mão. Agora vejo minha própria ingenuidade.

Os dedos percorreram os cabelos, algo que se tornara familiar para mim, mas que começara a ser feito, naquele momento, com as duas mãos.

— Talvez não exista nenhum lugar para quem é negro — disse eu, pensando no rapaz do Sufismo, e Sarah simplesmente me fitou.

— Vou formar um grupo de apoio. Não ria.

Mas eu não estava rindo.

— Usarei os próprios mecanismos desta cidade contra ela; esta porcaria de lugar presunçoso em que as pessoas...

— Bebem a água do próprio banho — completei.

Era uma expressão dellacrossiana sobre Troy que eu pegara emprestada. Algo que ao mesmo tempo podia e não podia ser considerado uma metáfora, resumindo o que as áreas remotas do estado pensavam daquele lugar: que era uma cidade convencida, metida a liberal, que reciclava seu lixo e tinha consciência de seu dever cívico, numa punhetagem do politicamente correto. Que era uma área chegada a gestos, na tentativa de se fazer sentir melhor

— o que em Dellacrosse equivalia a “melhor que todas as outras”. Que não era autêntica. Sendo esse seu verdadeiro crime. Sua falta de realismo. Seja lá o que isso significasse. Além do mais, uma vez por ano alguma jovem do interior ia passar o fim de semana em Troy, bebia demais e acabava sendo violada ou espancada até a morte num apartamento ou num parque.

Sarah fitou-me, de súbito, com uma atenção inquisidora. O tipo de olhar que, para mim, vinha se tornando familiar e que muitas vezes me fazia sentir no âmago uma mistura de espanto com questionamento pueril, *Por que tem mais alienígenas agora do que antes? Ou será que nós somos os extraterrestres, e os seres humanos, xiii, estão voltando?*

— Isso mesmo — disse ela lentamente, para então ganhar velocidade, como se tivesse caído em si de repente. — Bom, acho que a maioria das pessoas aqui bebe a água do próprio banho. Mas nem todos compram tofu *cruelty-free*! Vou iniciar um grupo de apoio, e trazer as famílias de pessoas de cor para esta casa, e vamos discutir temas, juntar forças, compartilhar nossas histórias e planejar ações coletivas e toda essa porcaria. Você supervisionaria as crianças?

— Que crianças?

Eu sabia que a dona do restaurante marroquino na Wendell tinha filhos. Será que viriam? Em outubro passado alguém atirara com balas de verdade na placa do estabelecimento, a arrancara e a prendera de cabeça para baixo.

— As hipotéticas. As supostas. As imaginadas. Esse tipo. — Sarah sorriu.

— Claro.

— Tassa cabelo pra cima e pra baixo — disse Mary-Emma, ainda brincando com ele como se fosse fio de seda.

* * *

E assim começaram os encontros semanais. Toda quarta à noite eu ficava lá em cima com as crianças: Mary-Emma, dois meninos de 4 anos chamados Isaiah e Eli, uma garotinha de 5 cujo nome era Althea, e Tika, uma menina de 8, que ora me ajudava com os menores ora ficava sentada na poltrona lendo *Harry Potter*. Muitas vezes outras famílias iam: uma médica etíope e seus filhos, o menino Clarence, do sétimo ano, e Kaz, do quarto. Tinha uma Adília, um Kwame e outros. A maioria era “de cor”, como diziam os adultos lá embaixo, uma gama de tonalidades, das claras às escuras, embora a maior parte dos pais ali presentes, notei, eram brancos. Boa parte consistia nas famílias multirraciais, birraciais, transraciais que Sarah e Edward conheciam até aquele momento em Troy e, na certa, outras seriam recrutadas. No andar de cima eu construía fortes com peças de Lego ou cantava ou bolava brincadeiras de esconde-esconde e de luta com as crianças. Suas vozes eram animadas e divertidas e, em se tratando de crianças, transmitiam suas próprias palavras: “Na-na-na, você não me pega, buuu!”, diziam uns para os outros. Eu achava interessante como as provocações infantis delas lembravam os brados e rugidos dos animais. Somente uma vez Sarah me chamou, para que eu pudesse ajudá-la a preparar uma sobremesa rápida para o grupo: colocamos compota de pêsego para bebê no micro-ondas e a usamos como calda quente no sorvete.

— A gente comia isso em Dellacrosse o tempo todo — comentei, mudando os fatos ligeiramente.

— É mesmo? — quis saber Sarah.

— Aham. Quase isso. Era melhor que a torta cremosa de passas, que sempre comíamos, mais conhecida por nós como torta cremosa encaroçada.

— Encaroçada?

— Minha mãe sempre comprava as passas baratas, ainda com os talos aparecendo.

Continuei a colocar o líquido quente de pêssego nas minibolas de sorvete, que tinham sido tiradas da embalagem com um boleador de melão. Sem nada, aparentavam estar prontas para o pingue-pongue.

Todos, menos as crianças, acharam a sobremesa deliciosa.

— Vocês podem tomar só o sorvete — eu disse a elas, lá em cima.

E, entre as histórias compartilhadas de preconceitos na escola pública, estatísticas sobre gangues e estranhos comentários sobre colegas, as observações chegavam até lá em cima, percorrendo os dois andares, longe da atenção e dos ouvidos das crianças; no entanto, se eu me esforçasse, conseguia escutar.

— ... e eu cheguei na escola para a reunião e lá estava o professor sacudindo Kaz e batendo a cabeça dele na parede...

— ... o fanatismo institucionalizado pode convencer você, sutilmente, de sua retidão. Sem levar em conta as falácias, sua perversidade pode até inspirar...

— E os adultos acariciam o cabelo dela, como se fosse a coisa mais engraçada que já viram num mamífero... e, claro, como se estivesse à disposição para o afago público, como uma cabra num zoológico...

— Tem uma mulher ótima na zona sul que faz penteados...

— Claro que o dever de casa é só um parâmetro do lar! E as crianças de cor acabam ficando para trás...

— O grupo de pais afro-americanos é o mais forte, e o de asiático-americanos, o mais fraco, ou seja, os pais asiático-americanos possuem poderes que os pais afro-americanos não possuem.

— A escola é dos brancos. E das meninas. Então os garotos de cor são os que têm mais dificuldade, e se não estiverem participando de esportes, as gangues vão atraí-los...

— Acho que já sabíamos disso, mas, ainda assim.

— É tudo tão injusto.

— Onde estão as compensações pela escravidão ou as indenizações para os índios, que receberam algum dinheiro de volta, mas não muita terra.

— Não acho que os cassinos façam diferença.

— Ah, meu bem, fazem sim.

— Tem pessoas no nosso departamento, sabem, sentadas em cima de um monte de dinheiro herdado, que não aceitam que uma pessoa negra ganhe 5 mil dólares a mais do que elas. “É o princípio”, afirmam, e você fica sem saber até por onde começar.

— Os judeus receberam indenizações dos nazistas, mas quem recebeu o dinheiro mesmo? Os netos bem de vida, que mal precisavam. Em Ohio e no Brasil, tem netos de nazistas que estão realmente desamparados...

— Bom, onde estamos agora? Como foi que chegamos a esse ponto?

— O quê?

— Alguém quer mais vinho?

— Uma dose de gim cairia bem agora...

— É certo que até os índios conseguiram uns cassinos...

— A gente já falou disso...

— Mas ninguém na África nem aqui recebeu indenizações de quem quer que seja...

— Sério?

— Sonya Weidner está se dedicando a isso, não está, Sonya?

— Bom, os judeus estão se dedicando a isso.

— É mesmo?

— E como é que eu vou saber?

Os sons não verbais eram como o vento — vinham em rajadas e então desvaneciam. Havia acessos ruidosos de espirros, o equivalente do inverno às risadas do verão, seguidos dos barulhos surdos de suspiros. Havia o vinho sendo servido e os aperitivos sendo consumidos enquanto se tentava falar.

— Essa história de cegueira racial é um conceito típico dos brancos. — Devia ser Sarah.

— Como ousamos pensar em nós mesmos como um experimento social?

— Como ousamos não fazer isso?

— Como ousamos usar nossos filhos para tentarmos nos sentir melhor a respeito de nós mesmos?

— Como ousamos não fazer isso?

— Estou desesperada.

— Desespero é confundir um mundinho pequeno com um grande e um grande com um pequeno.

— Tenho certeza de que é o que eu estou fazendo.

Houve uma algazarra, que pode ter sido de uma matilha de cães ou de uma bandada de gansos voltando ou simplesmente de aquecedores sendo acionados.

— Vamos encarar a realidade: todos nós vivemos numa bolha de algum tipo; aliás, de vários tipos.

— Vejam como os bancos estão fazendo empréstimos hoje em dia. Não importa quantas vezes as pessoas vejam *A felicidade não se compra*, ainda não entenderam!

As opiniões lá embaixo eram dadas com tanta ênfase e convicção que tudo se assemelhava a uma orquestra só de percussão: timbale, címbalo e as notas graves do piano. Até mesmo um tambor de cordas pareceria estar apenas balbuciando, aveludado e hesitante em comparação com os outros instrumentos.

— Você e sua diversidade acadêmica! A diversidade é uma distração.

— Na Amazônia, não. Tudo ali é aglutinado. O entrelaçado dos itens entrelaçáveis.

— A Amazônia! É isso que estamos discutindo? Olhem, todos os assuntos atuais, como o feminismo ou a ação positiva, são apenas

decorativos. Sem uma reestruturação do sistema de classes, toda essa história de diversidade é tolice.

— Ah, entendi! Uma comunista! Uma revolucionária que vê a simples diversidade na admissão universitária como ilusória enquanto mecanismo de mudança social. Adoro isso. Deixa eu vir para a sua *datcha* na semana que vem e explicar tudo...

— Outra falsa dicotomia. Não acha, Edward? Mo não está estabelecendo uma falsa dicotomia? Não precisa se tratar de diversidade nem de socialismo, ação afirmativa e igualdade de classes. Só uma delas é mais fácil, se feita, e não custa nada.

— Custa sim! Em termos de desvio e recurso, tudo custa!

— Mas que monte de bosta!

Eu tinha visto um monte de bosta certa vez. Foi levado para a fazenda no caminhão de Don Edenhaus e jogado no nosso celeiro para que virasse adubo pelo processo de compostagem.

— Você é uma daquelas conservadoras que veste uma fantasia de socialista no Dia das Bruxas para depois se infiltrar na esquerda e obrigar as pessoas a ouvir suas críticas; mas eu não estou ouvindo...

Eu me virei para as crianças ao meu encargo e disse de forma exagerada e caricatural:

— Senhoras e senhores, temos a satisfação de apresentar “Está na hora de calar a boca!”, estrelando eu!

— E eu! — disse Tika, a garotinha, rindo.

— E eu! — imitou Mary-Emma, e todos perambulamos pelo quarto, com as mãos sobre as bocas.

No nosso canto isolado além do portão de segurança ao pé da escada, quase não havia discussão. Às vezes ocorriam disputas envolvendo as peças do Lego, brincadeira ainda muito avançada para Mary-Emma, que se limitava a colocá-las na boca. Um dos pais, bem-intencionado, sempre as levava. Uma vez a garotinha, no início feliz da vida e satisfeita com todas as outras crianças em seu quarto, teve um ataque de tristeza e raiva por causa de Elmo, um bichinho

de pelúcia falante. E, certa ocasião, um garoto chamou o amiguinho de “boçal”, mas era uma palavra tão estranha para todos, inclusive para quem a dissera, que ninguém ficou chateado. Na maior parte do tempo, todos brincavam direitinho, apesar de levarem mais agitação para aquele ambiente do que Mary-Emma e eu estávamos acostumadas. Às vezes me faziam perguntas.

— Você está indo para a universidade? — perguntou Clarence.

— Estou.

— E você gosta?

— Gosto.

— Sério? — exclamou Tika.

— Bom, nem tudo é perfeito.

— Queria ir para um lugar onde tudo fosse perfeito.

— Eu também.

— Eu também!

— Eu também!

E então dávamos a gargalhada escandalosa dos que sonhavam com algo impossível. Parecia um eco estranho e zombeteiro da conversa lá embaixo. Cantei “Um dia uma velha engoliu uma mosca”. “Não sei por que ela a engoliu, talvez bata as botas.” Nenhuma das crianças a tinha escutado antes — talvez fosse considerada muito tétrica para elas hoje em dia, com seu “Bateu as botas, é óbvio” no final, mas todas ficaram fascinadas, inclusive Mary-Emma, que até fez o esforço de aprendê-la. Tive que ficar tirando os Legos de sua boca e, como ela estava aprendendo a usar o banheiro, eu a levei correndo duas vezes para o troninho — tamanha era a empolgação dela com os amiguinhos. Do térreo veio uma conversa que esperei que as crianças não ouvissem.

— Toda esta cidade é racialmente inexperiente, o que significa que o racismo é a base de tudo.

— Incluindo nesta casa. Não me leve a mal, mas não se pode excluir *nada*.

— Entendo.

— Ouvi falar, anos atrás, de uma família de brancos, que adotou um menino afro-americano e, quando ele fez 13 anos, instalou um sistema de alarme, para que o garoto se sentisse a salvo quando o casal fosse para festas. O sistema envolvia o chamado da polícia por qualquer coisinha, até mesmo por um movimento nas janelas, daí, o que é que aconteceu? Uma vez, quando os pais estavam num evento de Natal, a polícia entrou de repente e, vendo um adolescente negro parado ali, deu um tiro no peito dele.

— E ele morreu?

— Não na hora.

Às vezes ocorria um silêncio simultâneo, embaixo e em cima, tal qual uma camada de neve, como se naquele momento ninguém, em nenhuma parte da galáxia, soubesse o que dizer.

— Você ensinou às crianças uma cantiga sobre alguém que comia animais vivos? — assim começava a mensagem deixada por Sarah, como uma reprimenda, mas depois tomou outro rumo. — Bom, seja lá qual tenha sido, elas adoraram a música e gostaram muito de você. Obrigada. Na quarta que vem seria ótimo se pudesse vir cedo. Entre 16 e 17 horas, se der para você. Obrigada!

Geologia, Sufismo, Degustação de Vinho, Literatura Britânica, Trilhas Sonoras de Filmes de Guerra. Circulava um boato de que vários de nós estávamos prestes a ser expulsos da aula sobre vinho, já que éramos menores de idade, e havíamos sido rastreados por um computador — não o original. No fim das contas, talvez não fosse tão ruim assim. Eu continuava sem conseguir captar o buquê de carvalho. Sentia a nota cítrica, o sabor amanteigado e o achocolatado, mas a nuance violeta também me parecia complicada.

Será que tudo não passava de conversa fiada? O trabalho exigido pelo semestre aparentava estar ocorrendo apenas em um dos meus hemisférios. Ainda assim, tentei. Eu fazia minhas tarefas à noite, mergulhava no azul da tela do computador, ondulado como uma piscina californiana. Daí, depois de navegar ali por um tempo, eu emergia cansadamente com bits disso e daquilo — se não na cabeça, nos cabelos. Alguma coisa eu vinha fazendo, ao menos, era o que a área de trabalho do meu computador indicava. Começava, depois recomeçava, sem apagar o que tinha feito no início: minha tela parecia um aquário em que centenas de peixinhos de barbatanas quadradas morreram, ficando congeladas aleatoriamente no lugar. Exceto pelo Sufismo, ensinado pelo docente de Donegal, as aulas prosseguiram imemoráveis. Na Pélvis Neutra, eu também vinha tendo lições sobre o dorso com cantiléver, o mundo interior e o mantra *om*. Em Sufismo aprendemos que Rumi havia sido um homem apaixonado, e a ausência da amada fizera parte de todas as suas ânsias, o que não chegou a acontecer com Doris Lessing. Em Geologia, aprendíamos os efeitos do calor e do frio, que, no fundo, como comecei a notar, era do que todos os meus cursos tratavam. Em Trilhas Sonoras de Filmes de Guerra, recebemos uma lista — com todas as guerras, desde as antigas até agora, de *Gladiador* a *Falcão Negro em Perigo* — e precisávamos ver tantas imagens quanto possível, além de anotar suas melodias.

Sem Murph por ali, puxei minha mesa para perto da janela, onde a corrente que escapava me gelava e me fazia encolher. Transformei a própria tela do computador na minha única janela. Somente dali eu veria o mundo. Busquei meu pai no Google, para ver o que os outros estavam dizendo sobre seus produtos, ver seu site e conferir os dados sobre os cultivos da primavera. Busquei notícias sobre Sarah e o Le Petit Moulin e descobri que certa vez ela preparara um jantar

na Casa Branca, para o presidente Clinton. Talvez tivesse dado errado, e por esse motivo ela não mencionara nada sobre isso. Servir vinhos aos porcos? Batatas pearl aos marcianos? Talvez ela realmente tivesse servido carne de porco. Pelo visto, preparara uma carne daquela região, orgânica, como recheio do que me pareceu ser uma tortilla semelhante a uma fralda. Achei que foi um erro Sarah usar aquele tipo de pão mexicano. Ela também oferecera um sorbet de nozes e leiteiro. Provavelmente havia uma salada — *mesclun* com molho de chalotas e lima-da-pérsia (Eu estava criando nomes de pratos em minha mente: Carpaccio de kiwi! Funil de funcho! Cuscuz com frufu!) — e com certeza outros itens. No entanto, apenas o porco e o sorbet foram mencionados. Busquei a mim mesma na internet, a tela do laptop tornando-se não apenas uma janela como um espelho. Queria ver minha situação no mundo, ou melhor, não propriamente a minha, mas a da outra Tassie Keltjin, que descobri ser uma avó e uma voluntária do 911 nos arredores de Pestic. *Espelho, espelho meu*. Toda semana eu fazia uma nova busca, para ver como ela andava. Certa ocasião, comemorou o quadragésimo aniversário de casamento com o marido, Gus. Noutra, ficou em segundo lugar num concurso de tortas. Daí, um dia, quando a procurei, seu obituário reluziu na tela, e foi quando parei de fazer buscas por ela na internet, por um tempo.

Na vez seguinte em que fui para a residência dos Thornwood-Brink, foi Edward quem me recebeu, de novo, à mesa da cozinha. Será que ele não tinha que estudar o encontro rápido de drosófilas?

Ele sorriu para mim, de um jeito caloroso e charmoso, que me levou a olhar para trás para ver se tinha alguém mais ali. Não tinha.

— Hoje o homo da faxina vem aí, OK?

— Hã?

— Ah, desculpa. Ele é homossexual. E limpa a casa. Eu chamo o cara de homo da limpeza. Sarah me dá a maior bronca. Tenho que dizer o *homem* da limpeza. O nome dele é Noel. Mas às vezes

prefere que o chamem de Noelle. O aspirador de pó que ele usa assustava Emmie, mas agora ela está obcecada pelo aparelho. De vez em quando Noel deixa que ela o empurre pela casa um pouco. Não tem problema.

— Certo — respondi. — Ela está dormindo agora?

— Está — respondeu Edward.

E me deu um daqueles sorrisos de novo, cheio de masculinidade e malícia. Eu me virei outra vez para ver se tinha alguém atrás de mim. E ele foi embora.

Quando Noel chegou, entrando ruidosamente pela porta dos fundos com baldes, produtos de limpeza e esponjas, eu me apresentei.

— Pode me chamar de Noelle — pediu ele. — Quando eu era pequeno, me conheciam como Noel, cara de papel. Cheguei até a pensar em mandar gravar isso na lateral da minha van. Será que ajudaria nos negócios? Não sei.

— Há quanto tempo você trabalha aqui? — perguntei.

— Tempo demais. — Ele deixou escapar um suspiro. — Embora eu adore a Sarah. Ela é uma fofa.

— E o patrão?

Noel suspirou outra vez e se apoiou no esfregão.

— Homens gays não gostam de héteros.

— Sério?

Por algum motivo, eu duvidava disso.

— E por que deveriam gostar?

Dei de ombros.

— Por nenhum motivo em especial.

— A pequena Emmie é uma graça, não é? Estou felicíssimo pela Sarah. Espero que comprem um balanço e ponham lá nos fundos para ela.

— Seria ótimo — eu disse.

— Hoje é meu aniversário — acrescentou Noel.

— Parabéns! Quantos anos? — Ele aparentava ter uns 30 e poucos.

— Sessenta. É uma data importante.

— Nossa, não parece mesmo!

Embora, no mesmo instante em que dizia isso, eu tenha notado sob o seu cabelo pintado de preto a pele curtida e os olhos cansados por causa da idade ou por causa dos fortes produtos de limpeza.

— Mentira, não é meu aniversário.

— Ah — exclamei.

Eu tinha lido *um pouco* de Lewis Carroll — pelo visto, não o bastante.

— Só estava fazendo um teste; como a data *está* chegando, fico ensaiando com as pessoas.

Um teste. Talvez quisesse testar também a mim. Ainda assim, achei que podíamos ser amigos. Eu estava sentindo uma vibração legal por parte dele, meio que ao estilo suserano e vassalo — poderíamos ser ambos vassalos. Ou suseranos? Melhor ser a rota de fuga.

— Bom, como eu falei, você não parece ter 60 anos.

Ele fez um gesto com ambas as mãos.

— Ah, nem me fale! Me faz me sentir pior, como se você estivesse mentindo. Olha! A Emmie!

Quando me virei lá estava ela, com o rostinho de quem acabara de acordar, as maçãs do rosto rosadas e os cabelos despenteados. Ela pulara a grade do berço e descera as escadas, passando por todos os portões de segurança.

— Tassa! — disse ela, correndo e abraçando minhas pernas.

Na aula de Sufismo, continuei a me sentar ao lado do brasileiro. “O QUE DIABOS ESSE PROF. TÁ DIZENDO?”, ele escreveu para mim.

— Na verdade, ele é muito inteligente — sussurrei de volta. — Está falando dos quatro estágios da *tariqa* e seus rituais. Existe muita devoção, abdicação e ânsia pelo Paraíso.

Ele se inclinou na minha direção e murmurou:

— Pelo visto você não entra numa de reclamar com facilidade. É uma boa qualidade. Mas entrar numa discussão com facilidade também é.

Ao sair da sala comigo, o brasileiro perguntou:

— Sabia que estamos nos dias do melro, *i giorni della merla*?

— O que é isso? Nunca ouvi falar.

Ele me estudou por um instante.

— É uma comemoração relacionada ao melro branco, que se abriga numa chaminé e acaba ficando preto por causa da fuligem. Celebra a fuligem.

— Interessante — respondi, pensando em Mary-Emma e nos outros mitos possíveis sobre o melro branco.

— É brasileiro.

Assenti. Minha mente se encheu de abdicação da abdicação. E de ânsia da ânsia.

Comecei a me vestir para ele, contando acima de tudo com um vestido-suéter marrom-acinzentado que eu tinha comprado numa boutique com meu novo salário, uma loja em que as atendentes fashion estavam superdispostas a ajudar e em que cada peça de vestuário vinha numa cor denominada pardo ou pedra-pomes ou algo assim. Havia sutilezas do tom neutro que eu nunca imaginara antes: pedra, pecan, portobello, pinhão, platina, porcelana, pombo, parmesão, pavimento, pergaminho, pérola e, ah, purê. E existiam as cores mais chamativas também. Dava para recitar todas numa rima de pular corda. Páprica. Pinot, pau-santo! Pimentão! Peônia, pinha! Pupunha, pistache, pavão, pétala pastel, pêssego, polar, palha, pimenta, papaia, pera. Pervinca, peridoto, prímula, palmeira, pepino, papoula, púrpura. Meu vestido novo era de uma cor chamada ostra,

que na verdade parecia muito o figo-acinzentado mas que eu preferia chamar de galho, já a cor era igual à de um galho. Tendo crescido afastada do mar, o que é que eu sabia sobre ostras? Eu via ali o mesmo matiz da batata Russet lamacenta antes dela ser lavada. Achei que tornava meus olhos mais escuros e meus cabelos brilhantes, porque, ao contrário de tantas outras roupas que eu tinha, não possuía o tom verde-amarelado que combinava com meus dentes. Nos dias em que eu usava o vestido, junto com meu sutiã com enchimento de água, o brasileiro ficava mais simpático. Depois de uma lavagem infeliz mas não de todo aniquilante, passei a chamar o vestido de "quebra-galho". Será que o brasileiro sabia que aqueles não eram meus peitos de verdade, ou não? Os caras por acaso se preocupavam com isso? As mulheres perambulavam por aí com essas protuberâncias macias e os homens simplesmente faziam "Fiu-fiu", como Homer Simpson. Talvez quando Deus disse "Faça-se a luz", na Bíblia original e correta, ainda não descoberta, também tenha acrescentado "Façam fiu-fiu". Obrigada, Deus.

Depois da aula, o brasileiro e eu saíamos caminhando juntos. Ele alto, de braços e pernas compridas, ao meu lado, e, andando com ele, com os passos no mesmo ritmo, eu sentia como se tivesse ganhado um prêmio. Uma vez fomos até a cafeteria, onde perguntei se meu colega não queria tomar um café comigo, mas ele recusou o convite.

— Geladeira para esquimó e coisa e tal — salientei, enrubescendo. — Por que um brasileiro ia querer tomar café aqui? Não sei nem no que eu estava pensando. — E dei a volta para ir embora.

— Eu queria uma Coca — disse ele.

— Está bom. Eles têm Pepsi aqui. Pode ser?

— Pode.

O sorriso dele fazia com que você se desse conta de que alguns crânios continham uma miniusina hidroelétrica completa dentro, e o

calor e a eletricidade que geravam espalhavam sua tensão pelos dentes e olhos.

— Me ensine algo em português — pedi enquanto tomávamos café e refrigerante a uma mesa no canto, perto de uma outra cheia de fanzines e flyers.

E o que ele me ensinou, frases de cantigas: “*Ahora voy a dormire, bambino,/ Porque llevo el pijama: sí! no! sí! no!*” Eu as repeti e pratiquei em casa e até ensinei para Mary-Emma. Para mim, podia até ser etrusco. “*Negro, Blanco,/ Me gusta naranja!*” Muito depois descobri que, na verdade, era espanhol com um pouco de italiano misturado. Exceto pelo “Feliz aniversário”, não se tratava de português.

Assim começou minha prolongada má interpretação das línguas românicas (no colégio, eu tinha estudado alemão com Frau Zinkraub; em todos os meus testes eu desenhava blindados, tanques Panzer com Hitler em cima, batendo continência; eu tentara latim, mas não havia ninguém *in situ* com quem praticar — então, para quê? Eu ficava imaginando que *ergonômico* significava algo na linha de “por conseguinte”). As línguas românicas me desconcertavam tanto em termos gerais quanto específicos; nada era tão enigmático e sujeito a enganos quanto a linguagem física do amor de um cara. O que foi uma careta involuntária, julguei ser êxtase. O que foi uma simples compulsão masculina de participar, perscrutar e penetrar, tomei como o desejo emocional de ser envolvido ou ao menos momentaneamente sobrepujado pelas atenções constantes do outro. O que foi um movimento premente e rítmico, para a frente e para trás do corpo, considerei ser o eterno retorno romântico do amante. Beijar não consistiu numa ânsia animal, mas no coração saltando aos lábios e comunicando sua atração peculiar e seus afetos mais eternos e profundos da única forma que podia. A vibração do clímax,

tão involuntário quanto o estertor dos moribundos, pareceu-me uma assertiva da ligação desesperançada. Por que, não sei. Eu não me considerava emotiva. Eu me considerava espiritualmente alerta.

“Iiii”, diria Mary-Emma.

— Você é virgem? — ele perguntou.

— Sou — respondi. Então ele não tinha sacado logo e não estava escrito na minha testa e na minha atitude, e eu achei isso o máximo. Para fazer palhaçada, inclinei a cabeça com o abandono de uma prostituta e murmurei: — Sou sim.

Então me deixei cair para trás, como uma cebola cozida deslizava e se separava, em todas as camadas, quando mordida.

Mais tarde eu passaria a acreditar que todos os laços eróticos eram um feitiço, uma psicose temporária, talvez até uma espécie de violência — ou ao menos que eles coexistiam com esses estados. Percebi que os criminosos bem como os loucos desvairados tendiam a exercer uma fascinação palpável e vibrante, um tipo de magnetismo animal que os mantinha amados por alguém. De que outra forma poderiam sobreviver? Alguém tinha que escondê-los das autoridades! Daí a necessidade e a prevalência do magnetismo sexual nas pessoas selvagens, com os nervos à flor da pele.

Se ao menos eu pudesse ter namorado alguém que fosse ao mesmo tempo louco e criminoso. Se ao menos eu pudesse ter namorado os criminalmente insanos! Teria me divertido duas vezes mais e entrado no transe entorpecente e erótico mais puro e arrebatador! E se houvesse vivido para contar a história, talvez tivesse caído na real mais rápido. Desde o início eu andava quase sempre num estado misto de êxtase e amargura nostálgica.

— Amo você — dizia eu, e ele, nada. Mas não surgia em mim nem sequer um pinga de vergonha que me resgatasse ou me calasse. — Amo você — eu repetia. E acrescentava: — Não tem eco aqui?

— Tem — respondia o brasileiro, sorrindo.

Seus dentes tinham um tom de nata. As gengivas, o matiz rosa-salmão claro de um tomate de inverno. Ele usava um lenço branco e preto amarrado no pescoço, uma estampa que me pareceu ser do Oriente Médio, mas que também lembrava uma toalha de mesa dos navajos; vai saber!

— É, foi o que pensei. — E tirava com suavidade as mexas de meu próprio rosto: eu mesma.

Eu já tinha contado a Murph que estava a fim de um sul-americano, e, enquanto eu estava fora, ela ligara da casa do namorado uma noite e cantara na secretária eletrônica: “Pedro Pedro bo bedro, banana fanna fo fedro, fee fie mo medro...”

O nome dele era Reynaldo, e, conforme a neve foi derretendo, comecei a fazer passeios com Mary-Emma — no carrinho da Radio Flyer ou no comum — até o apartamento dele. Para levar uma lembrancinha — um donut, um pão doce ou um cappuccino quente —, eu parava no supermercado no caminho, numa área da cidade em que havia pessoas negras de verdade fazendo compras (ao contrário dos boatos das quartas à noite a esse respeito). Algumas me olhavam, em seguida fitavam Mary-Emma, depois se viravam de novo para mim e sorriam. Pareciam estar me dando as boas-vindas na comunidade. Outras saudavam a menininha. Houve apenas alguns dissabores com umas mulheres. Duas negras e uma branca me olharam aborrecidas: eu era uma vagabunda. Para algumas das afro-americanas, não restavam dúvidas de que tinha me metido com seus homens e gerado aquela menininha; além disso, o que eu sabia sobre criar uma criança afro-americana neste mundo? (Nada.) Para as brancas, eu era uma puta dormindo com todo mundo. Tudo isso vinha sendo transmitido nos olhares, para que a verdade não fosse proferida, mas senti diversas vezes o que significava simplesmente

entrar numa loja para comprar um sonho e ter uma experiência racista muda.

A maioria dos negros, no entanto, sorria e nos tratava com simpatia. Todos gostavam de uma bebê fofinha, independentemente de tudo.

— E aí, bonequinha! — diziam. E Mary-Emma sorria ou escondia o rostinho no próprio ombro.

Certa vez, achei que vi o carro de Sarah nos seguindo, mas, então, virei e não vi nada.

Quando Mary-Emma ia comigo, Reynaldo e eu não nos beijávamos nem nos tocávamos na frente dela, mas muitas vezes eu voltava para o apartamento depois de ter saído da cama dele para trabalhar naquela manhã, querendo vê-lo logo, o mais rápido possível. Ele não vivia nem perto nem longe — dava para chegar lá em 25 minutos sem muita dificuldade e, quando chegávamos, ele era muito simpático com a gente. Adorava os sonhos. Adorava aquele café específico. Estava fazendo aula de fotografia e tirava fotos de nós duas com a câmera digital nova, que acabara de comprar — dizíamos “sorria” em três idiomas, daí “xis” e em seguida “bis” e, quando não estávamos prestando atenção, ele se aproximava sorratamente e tirava uma foto nossa de lado. Ou nos congelava no quadro, melhor dizendo. As câmeras digitais ainda eram novas, e pareciam mágicas, já que no mesmo instante Reynaldo mostrava as fotos que tinha tirado para escolhermos a preferida. Preparava para mim um chá matinal forte, brasileiro, que durava o dia inteiro, e servia suco para Mary-Emma. Ela ficava explorando o lugar e mexendo nos objetos, mas ele deixava que brincasse no xilofone de verdade que tinha, usando as baquetas com pontas de algodão macio e som abafado ou as com pontas de madeira, cujo timbre era mais estridente, e tudo a divertia. Mary-Emma batia com força e, a cada nota, virava-se para me olhar, impressionada.

— Olhe, deixa eu mostrar para você — dizia Reynaldo, e com duas baquetas em cada mão ele as tocava no que, a meu ver, tornava-se um teclado duplo.

Mary-Emma parecia adorar Reynaldo, porque ele era atencioso e compreensivo, e talvez por ser moreno (a ideia de que criancinhas não prestavam atenção nas cores podia ser considerada um mito; Mary-Emma notava as diferenças e as semelhanças, praticamente com igual interesse; não havia o “Dilema da Diferença”, como meus professores, sempre chegados a aliterações, diziam; não havia nenhum “Pecado da Paridade”), e por ter o xilofone. Um dia Reynaldo tocou a única canção americana que conhecia, uma popular, com verso após verso sobre águas vastas e anseio e aflição, uma que acabava “como o orvalho no verão”. E, então, ficou calado por um tempo, e perguntou:

— Não deveria ser “como o orvalho *verá*”?

— Onde você estava? — perguntou Sarah.

— Como assim?

Havia algo em seu tom de voz que eu nunca ouvira antes. Fiquei imaginando se era o tom que ela usava no restaurante. Não tão ríspido quanto o do coulis-e-quenelle. Mas talvez o do nhoque-de-pastinaca-e-carne-de-bochecha.

— Eu estava voltando para casa, de carro, aí vi você na Maple Avenue, vindo de um lugar que me pareceu bem distante. E o Edward me disse que já viu você indo na outra direção, a toda, com Emmie no carrinho, indo sabe-se lá aonde.

— Desculpe. Eu não devo levar Mary-Emma para passear?

Eu nunca me sentira acusada antes. Talvez jamais *houvesse sido* acusada antes. No entanto, nunca tivera algo tão grande sob minha responsabilidade, não mesmo, e não tinha muita prática com essa história de ter meus atos observados e considerados falhos. Bom,

uma vez, no nono ano, cheguei a tentar ser chefe de torcida. Mas será que isso podia ser considerado? Fui pular com um joelho dobrado, uma perna esticada atrás, uma das mãos no quadril — o salto do cervo, chamava-se — então, nem um pouco ágil, caí e a avaliação acabou rapidamente.

A entonação de Sarah suavizou-se.

— Ah, claro que deve.

Em seguida, como ela deu a impressão de ignorar por completo o assunto, simplesmente colocando-o de lado e deixando-o cair pouco a pouco no esquecimento, eu não fiz nenhum outro comentário.

Com meu novo salário — Sarah tinha me dado um aumento —, comprei uma scooter Suzuki, usada, de 125 cilindradas, que eu deixava na varanda da frente e usava para ir à universidade ou ao apartamento de Reynaldo. Comprei também uma luminária, encomendada por catálogo, para a mesinha de cabeceira. A propaganda mostrava um homem dormindo tranquilo, enquanto a modelo-esposa lia um livro numa luz suave, porém boa. Na vida real, entretanto, a iluminação era tão forte que o cara teria que usar óculos escuros. Ou precisaria armar uma barraquinha canadense no seu lado da cama. A luz da luminária era tão brilhante quanto o sol do meio-dia, e, quando eu estudava ao lado de Reynaldo, ele não conseguia dormir. Outra imagem linda do amor que não questionei, simplesmente comprei. Apaguei a luz e me atrasei nas leituras.

Parecia agora que a cidade começara a abandonar o inverno monocromático para revelar os pijamas lunáticos e luzidios que usava sob ele. Embora os sabiás-americanos ainda não tivessem voltado, os cardeais já entoavam suas canções de acasalamento. A neve que ainda não tinha derretido ficou encardida com a chuva. Só uma vez uma leve nevada de madrugada cobriu a cidade com uma quietude sepulcral — um rápido lembrete antes que o inverno fosse

embora de vez —, um *amuse-bouche*, uma *mignardise*, um déjà-vu, um *je reviens*: eu tinha largado o francês havia muito tempo. *Au printemps!* A neve, que evaporava, emprestava ao céu noturno um tom lúgubre de amarelo. A iluminação de rua reluzia no que restava dela, e durante alguns dias tudo permaneceu leitoso e opaco.

Porém, logo recomeçou a jornada entre a abertura dos primeiros botões de crocus até o florescimento dos narcisos e das peônias. Flores concebidas para impressionar apenas os insetos haviam inadvertidamente impressionado outros além de mim. Jardins foram surgindo. A cada três dias havia um sol quente cor de lima, e os gramados começavam a enverdecer por causa da chuva e da neve derretida. Os estudantes das fraternidades passaram a usar shorts, e as violetas siberianas deixaram os quintais azulados. Ainda assim, via-se de vez em quando um montinho de neve, cheio de pontinhos pretos, tão sólido e condensado que não derretia. Era como se tivesse se transformado, bioquimicamente, numa nova substância, como a sílica de Marte, um resquício de alguma água ou algo assim.

As folhas grossas das tulipas haviam germinado nos canteiros e se encurvado para baixo, formando ramos parecidos com projéteis, porém inclinados (só as tulipas maiores ficavam retas, contei a Reynaldo quando o beijei; sob ele, à noite, eu vinha sendo levada a lugares tão elevados e estrelados que receei estar perdendo anos de vida, considerando, como dizem por aí, que os astronautas não vivem muito tempo). Já os brotos davam um espetáculo frondoso, as pétalas ainda súplicas encerradas nas garras de um duende. O Dia de São Patrício chegou e passou sem uma única cerveja verde sequer para beber. Meus dias eram cheios e atarefados e, sem Murph — que parecia ter sumido do mapa por completo, exceto pelo cheiro oleoso da escova de cabelo suja dela, ainda lá no banheiro, junto com o sabonete e o fio dental pretos e vários outros objetos —, de que servia a cerveja verde, hein?

As caminhadas com Mary-Emma aguçavam minha percepção dos jardins e da brandura do ar. Os jacintos, com seu design desafiador de gravidade — abelhões com seu físico “olhe, mãe, estou voando”, o que, na presença da gravidade real, mostrava o desatino dessa ambição —, floresceram e se inclinaram. Canteiros de narcisos formaram-se perto das árvores, e mil-flores primaveris deixaram as colinas do parque com um tom rosáceo. O que no verão seriam as ervas e os matos consistia, naquele momento, nos arbustos de sino-dourado e nas pontas roxas e estreladas das centáureas. Se eu subisse as ruelas para ver melhor os jardins das pessoas, e se não prestasse muita atenção nos conjuntos heterogêneos de latas de lixo, elas lembrariam ruas irlandesas, ou pelo menos as fotografias que eu vira de vielas rurais em Kerry. Eu contemplava a oscilação surreal de corações-sangrentos ou as columbinas com suas excêntricas lanterninhas nos lugares mais inusitados — perto do concreto quente — germinando tanto rumo ao céu quanto rumo ao solo. Se ninguém estivesse olhando, eu pegava uma para Mary-Emma. Tal como uma flor de boca-de-leão, dava para transformá-la num fantoche. Havia uma delicada junta, semelhante a um maxilar, que se podia apertar, para que ela abrisse e fechasse. Dava para fazer umas imitações zombeteiras de sua mãe no caminhão, no mercado produtor. Nem era preciso estar no caminhão para isso.

— Olhe só, Mary-Emma.

E ela observava. Era algo incrível, contar com a companhia de uma garotinha. Por que minha própria mãe nunca se dera conta disso? Talvez por nossas veias circulasse um inverno rigoroso e permanente demais.

Ela apontou para as sarjetas nas ruas, vendo um guaxinim passar correndo.

— Bichinho! — exclamou.

Os lírios-anões, os lírios-barbudos e os primeiros mosquitos surgiram simultaneamente, cada qual com sua padronagem violeta-

acinzentada sutilmente listrada. Onde é que estavam os “anões barbudos” para dar uma essência semântica aos canteiros? Bom, alguns jardins tinham gnomos de cerâmica, como na Alemanha.

A luz cada vez mais intensa reluzia nas folhas novas das árvores, e a fragrância forte e voluptuosa dos lilaseiros espalhava-se em ondas por nossos inúmeros caminhos. O cheiro penetrante de madressilva pairava sobre as latas de lixo. Cheguei até a conhecer os três vizinhos de porta, que finalmente saíram após a hibernação do inverno, muito bonitos. A mulher — eu lembrava que se chamava Catherine — sorriu para Mary-Emma. A menina não retribuiu o sorriso e se escondeu atrás de minha perna.

— Ela nunca diz oi para mim — queixou-se a vizinha. Os dois homens continuaram caminhando, à frente. — Espero que não seja por eu ser branca!

Fitei aquela mulher maluca, que gostava de ouvir Satie. “Mary-Emma convive com muita gente branca, incluindo os próprios pais”, tive vontade de dizer. Fiquei quieta, apenas observando-a apertar o passo para alcançar seus homens.

Os canteiros dos Thornwood-Brink tinham as flores mais estranhas de todas: talos altos e desfolhados com botões roxos redondos. Lembravam sondas, sentinelas, lampiões a gás, varinhas ou capangas boas-pintas do jardim. *Allium* era seu gênero e, na verdade, consistiam em enormes cebolinhas mutantes. Seus bulbos pareciam cebolas, eram à prova de esquilos e supostamente exerciam o papel de flores de destaque em meio a outras, mas Sarah os plantara aos montes ao redor da casa, numa espécie de cerca rústica de pomar, como se precisasse melhorar o sinal da antena de TV.

— Olhe só para isso! — exclamou Sarah da porta de entrada, pegando um papel impresso que tinha sido deixado na caixa de correio. — Os nazistas das plantas voltaram! Pelo visto, tenho amieiro e labresto e querem que eu me livre deles o mais rápido

possível! Sabe, o que acontece com esses nazistas é que eles *começam* com as plantas...

Os cachorros da vizinha se entretinham perdidamente com suas brincadeiras. No céu, os gansos regressavam, grasnando em contralto, igual ao chiado lamentoso de uma carroça.

— No ano passado eles vieram me perturbar por causa do desenho do meu gramado! Disseram que eu estava cortando a grama do lado errado e que, com isso, a grama do meu jardim adquiriu um caimento que destoava das demais no bairro. Eu estava usando o cortador assim — para demonstrar, ela inclinou o corpo todo —, quando deveria usá-lo assim. — E voltou a enviesar o corpo, dessa vez para o outro lado.

A indignação lhe dava a energia de uma bailarina. E o clima cada vez mais quente fazia sua magreza tensa emergir dos seus característicos suéteres grossos.

Uma das fotografias que Reynaldo tirou de Mary-Emma de que eu mais gostei mostrava-a olhando para cima, para a câmera, com esperança e alegria; eu levei a foto até o Kinko's, mandei ampliá-la, fui até a Walgreens junto com Mary-Emma e comprei um porta-retratos vermelho chamativo, feito na China. A atendente afro-americana me olhou de soslaio, em seguida para Mary-Emma, e finalmente disse:

— Você deveria fazer trancinhas no cabelo dela. Nenhuma menina negra usa penteado afro desde 1972.

E me deu a notinha sem me olhar no rosto. Levei o porta-retratos até a casa de Sarah, coloquei a foto, que estava na minha mochila, e deixei-o aberto na mesa de jantar, de presente. Podia ouvir Sarah ao telefone na cozinha, concentrada nos itens do cardápio daquela semana.

— Enrolado em bacon? De jeito nenhum. Parece até... Bom, não preciso nem dizer com o que parece. E reveja o frango: tem adjetivo demais. Dá a impressão de que a gente quer esconder alguma coisa.

— Quem é aquela? — sussurrei para Mary-Emma, apontando para a parede da sala, rumo à voz de Sarah.

— Mamãe — disse ela, sorrindo.

— E quem é essa? — perguntei, apontando para a foto dela sobre a mesa.

— Emmie! — exclamou a garotinha, animada.

— Isso mesmo! — confirmei, dançando com ela pela sala de jantar.

Como as janelas estavam abertas, podíamos ouvir os cachorros latindo e correndo um atrás do outro no jardim do vizinho. Quando parei de girar, vi Sarah parada ali, perto de nós. Estranhamente, senti sua presença pelo cheiro: ela estava usando o meu perfume.

— Quem tirou essa foto? — ela quis saber, mostrando a fotografia na mesa.

Fui pega de surpresa, como se uma mão mecânica, sem dono, me tocasse de repente.

— Um amigo. Achei que você fosse gostar.

Um calor intenso fez meus olhos arderem e se esbugalharem. Minha intenção havia sido apenas fazer uma surpresa, mas naquele momento me senti, de súbito, exausta. Dei uma olhada na foto de novo, para tentar vê-la do ponto de vista dela, e notei que Mary-Emma estava sentada no tapete de oração de Reynaldo. Torci para que parecesse um colchonete de ioga.

— Que amigo? — ela quis saber, com a expressão consternada e preocupada.

— Um amigo meu — repeti estupidamente, já que então me sentia assustada e insegura.

Àquela altura, ela deu a impressão de ter perdido a concentração. Na frente da casa, o motor de um carro roncava alto, apesar da baixa velocidade, e o som grave do rádio reverberava às alturas, tocando um rap. Era uma música de sucesso na região,

gravada ali mesmo, que dizia "Sai de Troy! Black Boy! Se tu mostra tua indignação, vai acabar na prisão!"

— Seja quem for, fica passando por aqui o tempo todo: já é a quarta vez esta semana e a segunda hoje. Não é o seu namorado, é?

— Não. Meu amigo é brasileiro.

Como se isso explicasse tudo: a fotografia inocente, a inocência em geral. *Uma donzela sabe tanto de seu amado quanto o céu sabe da relva longínqua.* Ou seja, conhece o benquerer apenas parcialmente e das alturas não vê todas as facetas. Minha mente estava cheia de poesia medíocre, algumas criadas por mim mesma.

— Lá vem ele de novo! — exclamou ela, indo depressa até a janela da frente para ver, pelo que pude entender, se conseguiria identificar o motorista, o veículo, os aros giratórios, a placa. Em seguida, virou-se para mim: — Já viu esse carro passando por aqui antes?

— Não sei que carro é esse.

— Bom, será que é só um carro qualquer passando por aqui devagar, justamente nesse trecho, e com um som ensurdecedor?

Na verdade, eu tinha notado sim. O rap e o carro. Dava para ouvir logo que se aproximava, quando fazia a curva, a música ressoando como o fogo de uma caldeira sob o chão, sob você. Eu estava acostumada com notas graves. Porém, o que mais percebi, e mais me preocupava, era o toque do telefone e, no momento em que eu atendia e dizia, como Sarah me instruiu, "Residência dos Thornwood-Brink", havia um longo silêncio e, em seguida, a pessoa desligava. Meus pensamentos se dirigiam a Bonnie, que estaria em casa sozinha, sem dar um jeito na vida, sem chegar nem um pouco perto do que esperara fazer, ficando deitada em posição fetal no sofá, como uma vendedora arrependida, lágrimas de desolação jorrando pelas maçãs do rosto. Como não?

Mas me dei conta naquele momento de que a preocupação de Sarah não se relacionava a Bonnie, mas ao misterioso e desaparecido pai biológico. Percebi que ela imaginava que era ele que passava por ali dirigindo, após ter descoberto, de alguma forma, o endereço novo de Mary-Emma. O rapaz ainda não assinara oficialmente nenhum dos documentos. E, mesmo depois de a agência ter feito tudo como mandava o figurino, colocando anúncios nos jornais locais e procurando-o, como exigido por lei, sem muito entusiasmo, apenas cumprindo sua obrigação, era fácil imaginar um jovem num bar, no trabalho, na calçada com um primo, voltando da igreja num belo dia ou em casa, após o colégio, tomando consciência, de repente, de que tivera uma filha e de que ela fora adotada, e querendo recuperá-la. Sarah não pensara que o pai biológico seria um dos Green Bay Packers, como eu? Que seria uma celebridade secundária, bonito, despreocupado, sem tempo para uma relação, muito menos para uma criança? No mínimo ela podia tê-lo imaginado como o filho rebelde de um dos jogadores mais velhos daquele time.

— Acho que não cheguei a prestar muita atenção — tentei.

— Tudo bem! — Seu rosto ficou rubro. — Mas prestou atenção *nisto*? — E apontou com raiva para a foto. — No fotógrafo? Prestou atenção nele? Quem é essa pessoa que fica tirando fotos de Emmie?

Eu não respondi; não conseguia dizer mais nada.

O carro com o rap às alturas passava outra vez.

— Lá vem ele de novo! — gritou Sarah, correndo para a janela. Vi seus lábios se moverem em silêncio, decorando o número da placa. Ela correu até a cozinha e anotou o número num pedaço de papel. — Vou deixar este papel ao lado do telefone. Se você vir esse carro de novo, me avise.

— Claro.

— É que... — E nesse momento ela passou as mãos pelos cabelos, em desespero, as palavras uma espécie de sussurro para si

mesma: — A minha vida inteira parece um espetáculo de terror com uma procissão de carros passando em marcha lenta... — Não entendi bem o que ela quis dizer com isso; um funeral? — Olhe, me desculpe. Acabei constrangendo você. — Sarah tocou meu ombro, num gesto que pode ter sido fraternal, mas eu estava petrificada demais para saber ao certo. — Obrigada pela foto. Eu entendo. É muito bonita. E Mary-Emma está uma graça. Mas não faça mais isso. Entendeu?

— Entendi — respondi, de forma automática.

— Não é que eu não confie no seu amigo, mas não posso dizer o mesmo da agenda dele.

— Acho que ele nem tem uma — ressaltei, tolamente.

Sarah me fitou.

— Agora vou dizer uma coisa que ainda não tinha dito a você. Nunca cheguei a ligar para as referências que você colocou no currículo. Eu a contratei porque você me pareceu angelical. Parecia ter uma aura boa. Não liguei para ninguém da sua lista. Bom, na verdade, telefonei para uma, mas não a encontrei em casa. E não me importou o que poderia dizer. Fui presunçosa no seu caso. Confiei inteiramente nos meus instintos.

Fiquei sem saber o que falar. Como todo mundo, eu sentia ser do bem. Como podia dizer a Sarah que ela deveria ter ligado e pedido minhas referências? Não tinha como dizer para ela: “Como pôde colocar sua filha nas mãos de uma pessoa sem verificar a integridade dela?”

— Sei que você adora Emmie, e sei também que ela é louca por você. Quando acorda, ela diz o seu nome. Às vezes, a primeira pessoa que ela procura é você. Não quero que pareça que estou suspeitando do seu amigo, mas simplesmente não gostaria que ele tirasse fotos de Emmie. Quando for andar com ela, vá para outros lugares, não vá à casa dele, não fique com ele. — Sarah pôs a mão

no meu ombro e sorriu. — O amor é uma febre. E só quando ela passar você vai saber se teve sorte ou não.

Fiquei calada, e ela também.

— Eu me preocupo com você, da mesma forma que me preocupo com todos — acrescentou, estranhamente.

Entrei no estado que minha mãe chamava de “então tá”. Aferrei-me ao escudo protetor da despedida da interiorana.

— Está bem, então — falei.

Comecei a procurar caminhos secundários até a casa de Reynaldo. Não era preciso usar as ruas mais óbvias. Se eu pegasse as vielas, passando pelos arbustos floridos, pelas latas de lixo e pelos depósitos de coleta seletiva, podia caminhar sem ser notada, com Mary-Emma e seu carrinho norte-americano super-resistente sacolejando nos cascalhos e nos buracos rumo à casa dele. Lá havia carinho, conversa, e então ele preparava uma água de pimenta, na verdade uma sopa com curry que, na época, imaginei ser típica da culinária brasileira, e nós comíamos. Mary-Emma brincava, e Reynaldo já não me dava as fotos que tirava dela — para a aula de fotografia —, apenas me mostrava; a maioria ele tirava por trás, enquanto ela examinava algo com as mãos: um cinzeiro, um relógio. Mary-Emma poderia ser a filha de qualquer pessoa no mundo. O brasileiro jogava futebol com ela, além de ensinar frases e músicas. Sempre dizia “*Ciao*” quando a gente ia embora, e ela passou a repetir o termo, acenando. “*Ciao, Enaldo!*”

Então eu a levava de volta para casa, e muitas vezes ela cochilava no carrinho durante o trajeto. Em sua casa, eu a levava para o andar de cima, para o quarto no sótão, onde ela logo acordava. Podia ouvir Sarah ao telefone:

— ... figos assados, javali guisado com cerejas desidratadas Death’s Door, aham, miúdo de vitela com castanha; parece bem

xerife de Nottingham! Sabe, estamos na primavera. Cadê os produtos da estação? Onde estão as batatas selvagens, os aspargos, as cebolinhas selvagens e os alhos-porros-bravos, o vinagrete e o *roux*? Que tal aquele sorbet de limão polvilhado com manjeriço picadinho?

Desvairadamente, e como Mary-Emma não iria dormir naquele momento, bati palmas ao som de “cebolinhas selvagens e alhos-porros-bravos/ vinagrete e *roux*” e, depois que Sarah desligou o telefone, desci com a menininha e a cantamos para Sarah; eu corria o risco de ela se sentir caçoada, mas não foi o que aconteceu — ao menos, eu esperava que não.

— Gostou da nossa música, mamãe? — perguntou Mary-Emma.

Sarah parecia a um só tempo entretida e constrangida, e seu riso transmitia o toque meio histórico e entrecortado de cada um dos sentimentos.

— Ah, obrigada, eu acho que gostei — respondeu ela, e a pequena correu até a mãe e abraçou uma de suas pernas, pressionando a maçã do rosto contra sua coxa. Sarah acariciou-lhe a cabeça. — Tenho a impressão de que este restaurante está me enlouquecendo! — comentou, distraída. — Alguém acabou de me acusar de violar o solo da floresta. Por causa dos brotos de samambaia. E, por causa da vitela, um dos garçons perambula pela cozinha gritando “mamãe, mamãe!”.

— Mamãe! — repetiu Mary-Emma, feliz; Sarah sorriu.

— É até meio engraçado — comentei, dando de ombros. — E triste, também.

— Só mudamos o cardápio uma vez por semana; por que haveria de ser tão complicado? E ainda tem as faltas do sous-chef, sem falar nas dos outros. Vou guardar todas as mensagens da minha caixa postal, fazer um CD com as desculpas dos funcionários: *Não vou poder ir hoje, estou tossindo sangue...* e mandar tocar a todo volume na festa de final do ano.

— Mamãe — disse outra vez Mary-Emma, querendo, talvez, que a mãe relaxasse a perna.

Sarah continuou a acariciar os cabelos da filha, mas ao mesmo tempo moveu a cabeça de um lado para o outro.

— Quando eu movimento o pescoço assim — comentou, meio sorridente, meio séria —, ouço vários estalidos aterrorizantes.

— Isso também acontece comigo.

— Ai — disse Sarah, de olhos fechados. — Todos os anos oferecemos vários pratos de carne de cerdo com fisális. Parece tão comum quanto o gelo que se tira do carro no inverno.

Um dia, voltei de uma caminhada com Mary-Emma e encontrei Edward em casa, sozinho, rindo com alguém ao telefone. Quando ele desligou, ainda estava de bom humor.

— Papai — disse Mary-Emma melancolicamente, mas ergueu os bracinhos e ele a pegou no colo depressa.

— Como é que foi? — perguntou, mais para mim do que para ela.

— Bom — respondi.

— Bom — acrescentou a garotinha, que começou a desabotoar o próprio casaco. Fui até ela para ajudá-la a tirá-lo, já que Edward a carregava. Isso fez com que nos movimentássemos em sincronia.

— Tudo bem com você? — perguntou-me ele, animado.

— Ah, acho que sim.

— Fazendo muita coisa?

Eu não sabia de onde vinha todo aquele interesse em mim. Será que eu parecia triste e consternada? Fora de alcance do charme dele?

— Sei lá. Tem as aulas, claro. — E, antes que ele pensasse que eu me queixava da dificuldade de lidar com o trabalho e a

universidade ao mesmo tempo, acrescentei depressa: — Além do mais, meu irmão está pensando em se alistar nas Forças Armadas.

— Ah.

— Espero que ele não tome essa decisão — disse eu, com sinceridade. — E acho que estou com isso na cabeça. — completei, já sem muita sinceridade, embora eu devesse de fato me preocupar. Por que não deveria?

— Ele vai acabar amadurecendo, aprendendo algumas coisas sobre o mundo — disse Edward. — O que não o matar vai torná-lo mais forte — acrescentou, de um jeito prosaico, entremeando Nietzsche.

— É, mas e *se* o matar *mesmo*?

E nós dois trocamos um olhar carregado de apreensão, relacionado em parte ao passado e em parte ao futuro, e, embora eu ainda não tivesse como saber de suas minúcias, elas irromperam no ambiente, drenando o sangue dos nossos rostos. Somente a voz de Mary-Emma nos fez voltar às migalhas calorosas do presente:

— Papai! Gute zelado!

— A filosofia nietzschiana não suja as mãos com *isso* — comentou Edward, indo até o congelador. De repente, voltou a ser o cientista. — E nem você deveria fazê-lo. Os filósofos são ótimos nas festas, mas não na faxina final. Mas, sério, deixe-me dizer uma coisa. Não vire babá do seu irmão. Não se importe com os irmãos. Isso quem está falando é alguém que tem uma irmã. Você deve se preocupar consigo mesma. Irmãos? Eles não estão nem aí para você.

Os trabalhos na universidade eram ora entediantes, ora fascinantes. Eu fazia as anotações que meus professores pediam. Na biblioteca, às margens dos livros, escrevia “a natureza equivale ao desequilíbrio”. Escrevia “destino versus livre-arbítrio”. Escrevia

“modernismo como argumento contra o moderno”. Escutava eternamente a trilha sonora de *A lista de Schindler*. E depois de *A ponte do rio Kwai*. Mas, na maior parte do tempo, ficava sozinha no quarto com Rumi. Murph continuava fora, apesar de me enviar de vez em quando um e-mail descrevendo uma longa briga que tinha tido com o namorado, daí os beijos e outros atos de arrependimento que os levava a reatar. Recebi um e-mail também do meu irmão. “Querida irmã”, começou. “Só você pra me tirar dessa, se quiser, mas só se quiser de verdade, porque sinto que ninguém se preocupa muito com meu futuro, a não ser eu mesmo, e o que eu quero é fazer algo que valha a pena. Não me importa para que parte do mundo me mandem, desde que seja bem longe de Delton.”

Então ele enviou outro e-mail, que começava simplesmente com “Por favor leia este e ignore o anterior”, então eu ignorei o primeiro e acabei não lendo o novo, já que até aquele momento não vira nada de perigosamente ousado nas mensagens que ele tinha mandado.

A primavera tinha esquentado o ar. A luz caía do céu como açúcar de um açucareiro. À noite, se eu dormia em casa, sem o Reynaldo, ele telefonava:

- Já deitada? — ele sempre perguntava.
- Não.
- Mas parece que está. Rápido. Quantos dedos eu tenho aqui?
E me fazia rir.

Noel, Noel, cara de papel. Noelle desligou o aspirador de pó quando me viu.

— Finalmente chegou o meu aniversário — disse ele. — Sério. Até coloquei patchuli na bolsa do aspirador de pó em homenagem à ocasião.

— Ora, parabéns! — desejei, e junto com Mary-Emma, que estava no meu colo, cantei “Feliz aniversário” em português.

Quando chegamos às últimas frases, “muitas felicidades, muitos anos de vida!”, demonstramos evidente entusiasmo, já que a parte final me fazia lembrar “In-a-Gadda-da-Vida”. Como bateram palmas atrás de nós, eu me virei.

E vi Sarah e Edward. Só ele sorria.

— Muito bom — disse ela, olhando-me. Usava um suéter de tricô cor de palha, com o ponto apertado, e seus braços magros lembravam espigas de milho. Na cabeça trazia um chapéu de cozinheiro. — Que língua é essa?

— Português — respondi. — Acho.

— Português — repetiu Sarah, balançando a cabeça.

— É meu aniversário — intercedeu Noel, para me ajudar.

— Ah, bom, parabéns, Noelle!

Ela lhe deu um beijo no rosto, e em seguida abraçou-o com um braço só e o manteve ali. Dava para notar que ele trabalhava para Sarah havia anos.

Noel apontou para ela, mas me olhou ao comentar:

— Eu adoro essa mulher!

— É, meu bem, mas você deixou sua Coca Diet mais uma vez na geladeira, e ela explodiu de novo.

Sarah não sorriu. Ou melhor, não chegou nem a esboçar um sorriso.

Dei a volta com Edward e Mary-Emma, já que íamos para a cozinha. O marido de Sarah balançava a cabeça:

— Ele sempre faz isso com as Cocas Diets.

Fui esquentar um muffin no micro-ondas para Mary-Emma, mas de repente Edward me deteve pondo a mão no meu braço.

— Olhe — disse ele. — Tem uma mariposa aí.

Sem colocar o muffin no micro-ondas, ele o ligou para ver o que o inseto faria. Essa inclinação por tortura em nome da curiosidade

era o mesmo tipo de experimentação doentia de certos médicos, garotos entediados, lunáticos e de Edward também. A mariposa nem chamoscou. Tampouco esvoaçou ou queimou, como um pesquisador impiedoso teria previsto. Como eu mesma havia imaginado. O inseto não fez nada, simplesmente ficou ali grudado, inteiro, na parede de plástico do forno. Na certa a pobre criatura já tinha morrido fazia algum tempo. Eu a tirei dali com uma toalha de papel e, em seguida, esquentei o bolinho.

— Eu só queria ver — comentou Edward.

* * *

Os pensamentos a respeito de Bonnie me inquietavam. Eu tinha sonhado com ela na noite anterior. Ela se aproximava de mim para dizer algo, mas então ficava calada. Pairava no ar. Entrava em close. Irrompia de quartos adjacentes. Embora não houvesse portas, de repente uma aparecia e a tragava. Mas Bonnie ressurgia através da parede. Sempre de mãos abanando. Tinha engordado. Usava roupas de tom cinza-claro igual a máquinas fotocopadoras e a impressoras de escritório. Não falava nada. Eu não consegui fazer com que dissesse uma palavra sequer.

Na casa dos Thornwood-Brink o telefone tocava com frequência, e quando eu atendia havia uma longa pausa e a pessoa desligava. Depois, por um tempo não houve mais esse tipo de ligação. Receando que Bonnie tivesse cometido suicídio, busquei Bonnie Jankling Crowe no Google de novo, esperando não encontrar nada, como sempre. Em vez disso, achei uma nota num jornal da Geórgia sobre o homicídio de alguém com o nome de Bonnie J. Crowe, que fora encontrada assassinada num apartamento em Atlanta. Nenhum suspeito. Nenhum indício de roubo. Caso ainda sob investigação. Meu coração deu um salto. Claro!, pensei. Era exatamente o tipo de coisa que aconteceria com a coitada e condenada Bonnie. Ali estava

eu, preocupada com a possibilidade dela se matar, quando na verdade ser assassinada se enquadraria mais em seu estilo.

Mas como teria conseguido dinheiro para ir até Atlanta? Será que vendera o novo relógio de ouro — pelo qual trocara uma criança — e dera início a uma aposentadoria de toda a felicidade, ou pelo menos de tudo relacionado a Mary? Deixei uma olhada no eBay e descobri um relógio de ouro colocado à venda por alguém denominada bonniegreenbay. E quantas Bonnie Crowes existiam neste mundo? E quantas bonniegreenbays? Tive que parar. Descobri demais. Resolvera questões que não estariam na prova: eu precisava me concentrar nos estudos. As trilhas sonoras de *O mais longo dos dias* e *O resgate do soldado Ryan* tocavam sem parar em minha casa.

* * *

Nas noites de sábado eu visitava Reynaldo sozinha. Já não usava o sutiã com enchimento de água — não aguentava mais aquele sacolejo, ou aquele peito-sacolejante, como Murph o chamava. Ele não dava a impressão de se importar com a minha secura de leite, como a gente dizia das vacas. Na verdade, parecia fascinado ou ao menos muito atencioso; uma vez chegou até a dizer que preferia mulheres com seios pequenos. (“E você *acreditou* nele?”, perguntou cruelmente um namorado que tive depois.) Se o vestido cinza não estivesse disponível, eu era obrigada a montar um visual com as peças pretas que tinha, que variavam um pouquinho de tom entre si: havia o negro mais azulado, o acinzentado e, mais inusitado, o avermelhado — superdesbotado, brilhante ou gasto a ponto de adquirir um matiz em si exclusivo e impossível de usar com qualquer outro item preto. Eu acrescentava um suéter prateado e um brinco de bola ou de quartzo, como um terceiro ou quarto olho em contraste com o tom escuro do meu cabelo. Usava um batom que deixava minha boca com cor de sangue. Passava um rímel que, já

pela manhã, acumulava como fuligem nos cantos dos olhos. E colocava uma jaqueta verde-exército que parecia inusitada com o lenço felpudo contornando o pescoço, igual a um cachorro chow chow.

Como se fantasiada de terrorista para uma festa, colocava meu colar com o escaravelho egípcio, o perfume de deusa árabe e um anel azul diferente feito nas ruelas de Karachi. Eu era politicamente incorreta. A ideia era fazer um ataque surpresa. E, pelo visto, funcionava. Na maioria das vezes a gente nem conversava. Os braços dele eram macios e fortes; o pênis, pequeno e tenro como um cogumelo do cardo numa cesta de Páscoa. A boca sorvia cuidadosa e ruidosamente, como se cada parte do meu corpo fosse uma ostra, a ostra dele, o que me fez ter a sensação de que o amava. Ele se afastava e me olhava com satisfação do alto.

— Você tem o nariz longo e bom de acariciar, como o de um cavalo — disse ele. — E também os olhos escuros e amáveis... de um cavalo.

E pensei em todos os cavalos que eu já vira e em como sempre pareciam estar tentando fazer os olhos focalizarem e sincronizarem. Eles tinham olhos bonitos, mas tímidos e perdidos, e, como ficavam em lados opostos das cabeças, como os dos peixes, um deles às vezes revirava, cético e temeroso, lançando na gente um olhar sério. Eu não me sentia nem um pouco como uma égua, cujos instintos eu bem sabia que eram de sair em disparada. A maior parte da minha vida eu tentara ficar imóvel como um tronco de coral, para não ser avistada por tubarões. Mas então eu tinha rastejado até terra firme e, de alguma forma, já virara uma égua.

O sexo ocorria de forma sensível porém enérgica, similar ao que ocorre quando os jovens não têm vergonha do próprio corpo — nem do que aparentam e desejam. Os beijos eram prementes mas esmerados, incandescentes e sobriamente embriagados. Ele pairava — estremeando, tenso, alçando voo —, eu arremetia, provocava e

contorcia, uma bailarina na pele de leão-marinho. Depois, ele às vezes comentava:

— Essa foi digna de entrar no álbum!

Sempre que eu caía no sono na cama dele, dormia longa e profundamente. Quando saía de lá direto para a casa dos Thornwood-Brink, em algumas ocasiões ia a pé, noutras de scooter. Sarah saía depressa para o trabalho, com explicações aleatórias.

— Não quero que o Moinho se torne um daqueles malditos restaurantezinhos em que todo é mundo sério demais, com jalecos brancos como se fossem técnicos de alguma espécie de laboratório. Mas olhe só para mim. — E ela apontou para a própria vestimenta, ao estilo de Marie Curie. — Pareço até uma assistente de dentista.

Eu notara esse tipo de esnobismo entre os democratas mais compassivos. E nem podia dizer que era imune. De que servia a educação, se não para adquirir contradições? Ao menos, assim eu pensava.

— Sabe, Edward trabalha num laboratório e não usa jaleco branco. Embora talvez devesse... E, no entanto, sinceramente, toda cozinha requer *certa* disciplina. Deixei um bilhete para você sobre Emmie. Está meio resfriada e o Tylenol em gotas, junto com as instruções de uso, estão na bancada. Tchau!

Ela comprara um novo acessório para a bicicleta que me permitia levar Mary-Emma em vez de ter que usar o vagãozinho, e assim nós duas íamos passear no parque, com a pequena cantando e cantarolando até pegar no sono, sua vozinha tremulando nos momentos dos solavancos. Eu passava pelos poucos garotos latinos e negros da cidade, pescando na lagoa à cata de algo para o jantar, e pensava nas disparidades de todos, em como Mary-Emma se tornara naquele momento uma princesinha afro-americana, enquanto aqueles meninos pobres da lagoa eram as vítimas da nova sociedade do "afaste-se e não olhe". Era aonde havíamos chegado por nunca frequentar a igreja. Não muito longe. Muitas vezes eu

admirava a devoção de Reynaldo. Ainda assim, os meninos sempre se divertiam pescando. Mas eu via que ainda não tinham conseguido fisgar nada. Contudo, estávamos na primavera, e eles eram jovens, e nem mesmo os administradores de fundos de investimento podiam tirar isso deles.

Nas quartas, quando eu ficava com Mary-Emma, o apito do meio-dia soava, e os cachorros da vizinha latiam enlouquecidos, em coro, como se saudassem um rei canino maior. Nas quartas à noite, como se ecoando tudo isso, a casa se enchia de novo de visitantes e de suas observações. Fragmentos controversos de discussão espalhavam-se no alto como poeira sacudida de um tapete.

— Pós-racial é um conceito dos brancos.

Aquela história de novo. Tudo aquilo começara a me dar a impressão de que formavam uma comunidade com vocação espiritual para bate-papos liberais.

— Muitos conceitos são dos brancos.

— É como o pós-feminismo e o pós-moderno. O termo *pós* é usado pelas pessoas que ficaram entediadas com a conversa.

— E a conversa continua sem solução porque não é solucionável. Não é esse tipo de diálogo. Só um papo animado. Mas se você coloca um *pós* na frente, o que é isso? É o mesmo que dizer: "Cala essa boca. Cansamos, vamos dormir agora."

— Se você rejeita a religião, rejeita a negritude.

— A cultura negra nada mais é que a cultura sulista deslocada para o Norte.

— Os negros mantiveram aqui os hábitos do Sul, a culinária, as expressões, os sotaques melhor que todos os sulistas brancos que vieram para cá.

— E por quê?

— Não é óbvio?

— Os sulistas brancos que se mudaram para o Norte vivem entre os nortistas brancos? E os negros se juntaram em bairros segregados?

— Estou aqui representando os pottawatomie, os oneida, os chippewa, os winnebago e os ho-chunk. Estou aqui para dizer que nossa integração não foi bem-sucedida porque não nos deram empregos de verdade, muito menos trabalhos hospitaleiros em suas casas e suas propriedades. Só em pontes altas e arranha-céus de escritórios. Sua relação conosco, desde o início, não chegou nem a ser exploradora. Foi homicida.

— Dave, senta aí, vai. Você é praticamente branco.

— O roto falando do esfarrapado?

— Acho que quando o roto fala do esfarrapado está apenas expressando seu desejo de ter uma boa comunidade. E também demonstra o hábito do roto de falar besteira do esfarrapado.

— A gente não pode consertar a história. É preciso trabalhar com o momento atual.

— O que está acontecendo agora é que os avós brancos do meu filho só o colocaram no testamento junto com os outros netos agora. E querem ser felicitados a torto e a direito. Meu Deus, ele tem 10 anos. Levaram dez anos!

— O que está acontecendo agora é um monte de gente presunçosa que diz: “Eu não me importo nem um pouco se a pessoa é negra, verde ou roxa.” Como se negro fosse uma cor absurda como verde ou roxo.

— O que está acontecendo agora é que vou andando atrás do Kwame quando a gente sai para comer fora e percebo que a garçonete fica com medo dele: um garoto negro de 13 anos entrando num restaurante. Como sou branca, não sabem que sou a mãe dele e que estou bem atrás. Não se dão conta de que eu estou de olho em tudo. E o que vejo é o que Kwame tem que enfrentar todas as vezes. A garçonete vê o suéter com capuz, agarra logo o

pagar e pergunta, rigidamente: "Posso ajudar?" Ela não diz "Está vindo jantar?" ou "Boa-noite".

— Eu tenho uma máquina do tempo no porta-malas do carro.

— Ah, eu bem sei. E todos os parentes os adoram quando são pequenos, mas cuidado, porque à medida que vão crescendo não são mais tão bonitinhos para eles; eles percebem que o neto deles é um jovem negro ou uma moça afro-americana cheia de energia e insolência. O adolescente negro sexualizado não dá certo para eles.

— Mas olha só, até os adolescentes brancos deixam a gente chocados.

Risos.

— É racismo ou inexperiência racial?

— Ah, voltamos para isso.

— As moças também sofrem.

— Eu disse moças.

— De todas as cores.

— E olha que eu nem comecei a falar do islã!

— E por nós termos abominado tanto os muçulmanos negros, os bairros negros de Chicago tiveram muita tensão, durante décadas, por causa de cada maldita mesquita e, no entanto, fizemos um baita esforço por aqueles muçulmanos branquelos da Bósnia?

— *Muçulmanos branquelos da Bósnia?*

— Querido, fique quieto e tome a sua bebida.

— Uma loteria sofrida, um jogo de azar. Quem foi que inventou esse termo, *loteria sofrida*?

— As pessoas que não estão sofrendo; as pessoas que consideram isso um esporte de grande apelo popular; será que ninguém pode dizer "ai" sem que alguém mande ela calar a boca? Que loteria sofrida que nada!? Loteria envolve prêmios! Além do mais, todo mundo que está realmente sofrendo conhece alguém penando ainda mais. O sofrimento é relativo. Pelo menos é o que me relatam.

— Quem foi que bolou o termo *torcida sofrida*?

— E olhem só um exemplo de loteria sofrida: a guerra foi concebida para contrabalançar o número de mulheres que morriam durante o parto. A quantidade de jovens que morriam equivalia à das moças que faleciam. Mas agora está tudo um caos... Então parece que os velhos estão conspirando para matar os jovens e ficar com as mulheres todas para eles.

— Ah, então foi por isso que inventaram a guerra. Para se livrarem da concorrência. A Mãe Natureza colocou em jogo uma competição acirrada.

— E quem está dando as cartas agora?

— O *Pai* Natureza.

— Ah...

— Nate... é como é conhecido entre os amigos.

— Nate.

— É.

— Isto sim é uma loteria sofrida: tanto Black Hawk quanto Otis Redding morreram nesta região. Mas quem ganhou nome de bar e de campo de golfe foi Black Hawk.

— Ele foi caçado feito um cachorro. Deveriam até erguer uma estátua para ele.

— Tem uma estátua?

— Tem uma estátua para Otis?

— Acho que tem um banco de granito.

— Um banco de granito? Ele teria preferido um bar ou um campo de golfe.

— Um jogo de azar.

— E o que é que isso tem a ver com esta discussão?

— E desde quando é preciso que uma coisa tenha a ver com a outra?

— Ah, sim, o recrutamento militar de minorias.

— Para início de conversa, as escolas não estão com nada. A transferência de alunos para facilitar a integração racial não funciona, é tudo loteria.

Lá vinha outra vez a criatura que achava que tudo era uma loteria. Ou o irmão da criatura que achava que tudo era uma loteria.

— Vejam só as escolas desta cidade. As únicas que não estão reprovando os garotos negros são as escolas-ímã, e nelas os brancos representam só vinte por cento dos alunos. Isso sim é dar poder! Basta colocar os negros num colégio de brancos, e todos ficam relegados aos cursos técnicos. São enfiados no porão, com professores de curso técnico. Daí, um ano antes de concluir o colégio, eles abandonam os estudos, enquanto os pais brancos continuam a direcionar os recursos para seus filhos talentosos e privilegiados. Se querem dinheiro para instrumentos de cordas, eles o exigem! Ganham violinos; nós, *violência*. Cara, é importante arrecadar dinheiro para investir em professores negros! É o que eu penso.

— Além disso, os conselhos escolares estão escondendo os números reais. Os valores que nos dão indicam apenas as taxas de evasão escolar do penúltimo ano. Se você sai antes, não é incluído, porque isso não pegaria bem para os conselhos. Acaba virando um desaparecido em combate.

— Então os números não passam de um conto de fadas.

— Um conto de fadas de péssima qualidade.

— Narrado por uma bruxa.

— Ah, acho que entendi o que você quer dizer.

— Pode parar!

— O estranho é que, mesmo inventados, esses números ainda são social e racialmente inaceitáveis.

Havia sussurros, acessos de riso, burburinhos indecifráveis e momentos de aparente silêncio que traziam de súbito, de uma

grande distância, tal qual o ritmo em crescendo do “Bolero”, de Ravel, uma nova melodia monótona.

— Então, o que é que está dizendo? Que só uma revolução daria um jeito em tudo?

— Bom, talvez.

— Ora, tudo isso é uma grande porcalhada.

Eu entendia de porcalhada. A gente dava lavagem à base de trigo para Helen, e ela adorava; uma montanha de trigo, depois água gelada da mangueira.

— É a postura mais inútil.

— Querido, pode até parecer inútil, mas pelo visto ajuda os outros. Sabe, alguém tem que ser idealista.

— Esse tipo de idealismo é de um descaramento excessivo e deslavado.

— Tudo tem que ser factível neste instante?

— Tudo tem que ser menos idiota.

Uma das meninas birraciais — Althea — aproximou-se para me contar uma piada. Seu rosto estava radiante, por causa da brincadeira.

— Por que os negros são tão altos?

— Não sei. Por quê?

— Porque eles se *negram* a ficarem baixinhos. — Ela deu um gritinho, empolgada.

— Quem foi que contou isso para você? — perguntei, e ela apontou para uma das garotas brancas, no canto.

O fato de terem contado a piada para mim foi tão engraçado para Althea e para a outra menina que ambas cobriram os rostos com as mãos e riram tanto que eu acabei rindo também.

Reynaldo e eu íamos ver filmes no campus, filmes românticos, de ver com o namorado, e ele ficava mexendo as pernas, inquieto,

fazendo brincadeiras a respeito da previsibilidade deles.

— Ah, eu sabia que eles iam fazer isso. Claro.

— Como? — eu murmurava em meio à penumbra bolorenta do cinema.

— Me avisaram pelo celular.

Eu prendia o riso, e então, alguns minutos depois, Reynaldo podia dizer, com seu sotaque inconstante:

— Meu celular está dizendo que ela vai se virar e ir embora agora, mas vai dar uma olhadinha para trás.

E, claro, ele tinha razão. E eu ria. A gente voltava para o apartamento dele e tomava chá.

— Na primeira vez que usei um celular, morri de vergonha de andar por aí falando sozinho. Falando com ninguém. Igual maluco. Mas Deus, quando criou este mundo, colocou tudo nele. Ele sabia tudo o que precisava colocar aqui para que um dia tivéssemos telefones celulares.

— Me dá um beijo — eu pedia.

Às vezes íamos para um comício palestino, depois voltávamos para casa, acendíamos velinhas de chá e íamos deitar, a luz oscilando no quarto como uma câmera oculta. Reynaldo me beijava como se o fizesse havia décadas. Tentei aprender o que ele sabia.

À noite, ele envolvia o corpo no meu, braços e pernas, e dormíamos aconchegados assim até que, durante o sono, um dos dois precisasse se mover um pouco. Ainda assim, nunca deixávamos a pele desencostar de todo um do outro.

— Você acredita em erros espirituais? — perguntou ele, sussurrando, certa noite.

— Acredito.

— Acredita que um país inteiro poderia se envolver num erro espiritual?

— Acredito.

— Acredita que um país inteiro poderia *ser* um erro espiritual?

— Acredito.

E, embora ele continuasse a não expressar uma palavra sequer de amor por mim, em nenhuma das várias línguas que sabia, eu não entendia a indireta. Acho que seria preciso desenhar um aviso no céu com a fumaça de vários aviões — eu era uma burra. E nem mesmo isso era garantido: talvez a mensagem não cobrisse o céu inteiro ou fosse borrada por uma brisa qualquer, e então, quem poderia afirmar com certeza o que dizia? NEM UM AVISO NO CÉU TERIA FUNCIONADO! Anos depois, eu me perguntaria por que eu pensara que meus sentimentos por aquele homem não eram nada mais que uma paixão rudimentar, vibrante e observadora. Mas mesmo assim eu chamava de amor. Estava apaixonada. Aprendera como falar *amor* em português e em árabe, tudo por nada. À noite, no quarto dele, apenas com as luzinhas vermelhas do aparelho de som, do telefone e da impressora a laser iluminando o breu, ele me contou, em meio a suspiros, que eu era sua única amiga, que ele acabara de se mudar para lá, em janeiro, depois que seus negócios em Nova York tinham degingolado — uma empresa de entregas, que levava e trazia mercadorias de Nova Jersey e do Queens numa van branca que dizia NENHUM PACOTE É PEQUENO DEMAIS. Depois do 11 de Setembro, Reynaldo já não conseguia transitar em tempo hábil pelos túneis e pontes. Devido à cor de sua pele, era parado o tempo todo e revistado, à procura de drogas. Um a um, ele foi perdendo os clientes. Os pacotes não chegavam mais com a rapidez devida. E já em dezembro ele vendera o veículo de entregas para um sujeito branco e, com o dinheiro, matriculara-se em uma universidade em Troy.

— Achei que seria bom voltar um pouco a estudar.

Gostei da forma como ele disse “um pouco”.

— E por que aqui? — perguntei.

— Boa pergunta! — respondeu Reynaldo. Alguns amigos de Nova York tinham me recomendado a cidade. — Além do mais, não tem

túneis para assustar ninguém.

— Não, nenhum terrorismo. Aqui você só tem que se preocupar com *fungo de milho*.

— Você é filha de fazendeiro mesmo.

— Você teve algum problema com o green card enquanto estava com aquela empresa?

— Green card?

Nenhum dos dois sabia direito como aquilo funcionava.

— A situação de imigrante e coisa e tal.

— Ah, não. Nenhum problema. Como é que você acha que Mohamed Atta entrou aqui? É fácil. *Hasta la vista, baby*.

— Será que Mohamed Atta alguma vez disse "*Hasta la vista*"? — comentei.

— Ah, com certeza falou — ressaltou ele com seriedade.

E então ele me virou e fez em mim uma massagem. Seus dedos pareciam feitos de aço, e, tal qual talheres de abrir lagosta, suas mãos punham-se ao trabalho com entusiasmo. Os músculos das costas, do pescoço e das pernas se soltavam, e até os pés davam a impressão de se espalhar, como um leque. Quando fui retribuir a massagem, ele pediu:

— Coce as minhas costas com suas unhas compridas de guitarrista. — E foi o que eu fiz.

— Onde é que está coçando? — perguntei.

— Ah, isso, aí mesmo.

— Não me venha com essa de "aí mesmo". Precisa dizer em cima, embaixo, à esquerda, à direita.

— Tá — disse ele, e acrescentou: — Sua direita é certa. Isso, bem aí, no alto, um pouco atrás...

— Está vendo, não começa com esse "no alto, um pouco atrás".

— Eu disse "direita".

— É, mas não para indicar a direção. Eu não sou vidente. A coceira vai de lá pra cá. Mas...

- ... não a feiticeira?
- Isso, não a feiticeira...
- Ah, mas ela é ótima.

Quase tudo ia além das palavras, situando-se num patamar de prazer e dor que fazia a língua ficar de fora e arrastar no chão.

Por outro lado, para Reynaldo, eu parecia simplesmente uma diversão. Depois de fazer amor, ele ficava de barriga para cima, alongava-se e anunciava seu relaxamento.

— Relaxado? Você só se sente relaxado e mais nada?

— Não — respondeu ele, virando-se para mim. — Eu também vejo fogos de artifício e Jesus passando com seu manto e coisa e tal.

— Ótimo!

Eu deixava que Reynaldo zombasse de mim. Encontrava qualquer hora, qualquer momento, qualquer desculpa para pegar a scooter e ir depressa até ele. Ia sem nada na cabeça, deixando meus cabelos esvoaçarem lisos feito gravetos ao vento. Parei de usar o capacete em todas as ocasiões, embora às vezes colocasse um lenço de musselina para manter as mechas afastadas do rosto, e entrava no apartamento dele junto com ele. Reynaldo achava que eu chamava o tecido de “muçulmana”, em vez de “musselina”.** Colocava as mãos em minha cabeça, como se estivesse me abençoando.

— Você podia ter um filho meu — sussurrava, e eu suspirava, assentia e dizia:

— Tá bom.

Mas era Mary-Emma, que eu já adorava, que eu imaginava minha e dele, pertencendo a nós, e nós a amaríamos, junto com suas risadinhas, seu sorriso, sua pele cor de caramelo. E às vezes era verdade: saíamos os três juntos, como uma família. Se ele tivesse me amado, ou ao menos se houvesse dito isso, eu teria morrido de tanta felicidade. Mas não foi o que aconteceu. Então não morri de felicidade. Frase para uma lápide: ELA NÃO MORREU DE FELICIDADE.

Nas noites de quarta o grupo de Sarah continuava a se reunir, e suas observações, como sempre, afluíam suavemente até o sótão. O conduto de roupa suja as levava com mais rapidez ainda que as escadas: talvez as palavras simplesmente subissem elas próprias os degraus, sem parar nos patamares. As vozes eram alternativamente líricas, vaudevillescas, sibilantes e tediosas. Às vezes o que aparentava ser cantoria era, na verdade, zombaria. Às vezes o que aparentava ser zombaria era um pedido de algo para comer. Às vezes os comentários pareciam enjoados, puídos ou desconectados, como uma estação de rádio.

— O sistema de saúde, o sistema escolar e a previdência social tinham mais é que verificar a renda dos usuários. Precisam agir de um jeito bem diferente do que têm feito: deveriam passar a atender as pessoas pobres e rejeitar as ricas.

— Toda essa história de cegueira racial. Essa gente que insiste em dizer que nem percebe de que cor as pessoas são. Esses pais que vão pegar os filhos na creche e fingem que nunca notaram a cor da pele de Jared. Tenho vontade de dizer: “Querido, se você é realmente cego para com as raças como diz, então tem alguma deficiência. Melhor eu te dar um óculos. Cedo ou tarde, aliás, você vai notar que ela é branca. Ou talvez, já que você é daltônico, isso não aconteça.

— De onde é que surgiu a frase *cartada da raça*, como em “jogar a cartada da raça”, hein?

— Do O.J.

— Acho que antes dele.

— *Cartada da raça*; o que diabos isso significa? Outra invenção dos brancos.

— Bom, como eu disse, nós, os brancos, tivemos um monte de ideias brilhantes.

— Uma pessoa negra não pode acusar uma branca de jogar a cartada da raça, já que os brancos dão cartadas todos os dias.

— Na verdade, não chega nem bem a ser uma cartada. É o baralho inteiro.

— Não é só o baralho, é o jogo todo.

— Vocês conhecem Alta?

— É uma poetisa artificial e ruim. Opa... Eu disse isso?

— Eu pressinto tudo o que ela personifica só de ler sua obra.

— Ah, é tão artificial que não personifica nada.

— Uma poeta com dublê de corpo.

— Bem que eu gostaria de ter uma dublê, só para fazer compras.

— Vocês sentem aqueles olhares nos corredores, quando estão com seus filhos? Aqueles que dizem: "Estou vendo que você anda aprontando com gente de cor; espero que esteja pagando em dinheiro."

— Acho que sei o que quer dizer.

— As suspeitas.

— E as suspeitas relacionadas a religião também. Acho isso racista.

— E olha que eu nem comecei a falar do islã. — Era aquela pessoa do "e olha que eu nem comecei a falar do islã".

— De que adianta a transferência de alunos para promover a integração social? Eles levam as crianças negras para outras escolas e acabam por segregá-las do mesmo jeito, metendo-as no porão, jogando os cursos técnicos em cima delas.

— Você veio na semana passada? Ou já andamos conversando sobre isso antes?

— Quando eu levei Kaz para fazer uma avaliação e ver se ele entraria como aluno do pré-escolar ou do primeiro ano? Fiquei sentada do lado de fora, escutando enquanto a mulher fazia um teste maluco com ele, coisas do tipo... "O *pé* está para o *sapato* assim como o (espaço) está para a *echarpe*." Ele só tinha 5 anos! Como é que ia saber o que é uma echarpe?

— Um dia ele vai saber!

— Dá um tempo! Mas sabe, essa é simplesmente a analogia mais antiga e ridícula! Acho que meu filho disse algo totalmente aleatório, tipo “coelho”. E, depois, a mulher saiu com um olhar consternado, disse que ele tinha problemas de aprendizagem e que teria que entrar num programa de educação especial. Ele tinha 5 anos!

— Eles vão atrás deles cedo, por causa das verbas. Precisam de um número alto, para justificar a contratação. Então as crianças negras acabam pagando o pato.

— Todo mundo sabe que existe segregação interna até nas escolas integradas.

— Eles não têm um plano concreto além disso?

— Só um traste atrás do outro.

Eu já tinha visto muito traste na vida — uns estragando no celeiro, outros quebrados, outros lindos. Todos vazios. Não me lembrava de nenhum sequer que tivesse conteúdo.

— Com isso a gente tem uma ideia do que é ser afro-americano neste mundo.

— Bom, sim e não.

— Obrigada.

— Sinto muito falar de cabelo de novo: alguém mencionou uma pessoa antes, uma mulher que cuida de cabelos crespos? Eu estava querendo o endereço. Estão me enchendo o saco por causa do afro de Emmie.

— É, ela deveria usar trancinhas!

— A Elva, lá na South Elm, faz. É ótima e adora crianças. No Natal ela vai a abrigos de sem-teto e corta o cabelo de todo mundo, branco ou negro, de graça.

— É Sarah Vaughan que está tocando?

— Claro.

— Gente, escuta só o improvisado que ela faz com esse jazz.

— E você diz que não acredita em cultura negra.

— E não acredito.

— Já ouviu Julie Andrews improvisando jazz?

— Não acredito em cultura gay nem em cultura branca nem em cultura feminina nem nada disso. Tudo tão...

— É o mundo dos sonhos, querida.

— Já ouviu Julie Andrews cantando alguma vez?

— Ei, ninguém precisa de olhos azuis se tem brincos azuis.

Na maior parte do tempo eu não sabia do que eles estavam falando. Mas às vezes, ao lembrar umas observações, o contexto as esclarece. Certas frases, como grãos numa tempestade de areia, flutuavam em minha mente e consolidavam-se numa espécie de espelho. Eu já tinha escutado jazz improvisado, e naquele momento ali estava ele, como algo digno de ser admirado.

— Vaughan pega "Autumn Leaves" e a transforma em *Finnegans Wake*.

— Então é esse o seu argumento?

— É. Típico de um irlandês: regado a cerveja. Afinal, é o que eu estou tomando.

— Quando nós estávamos na França, os funcionários da alfândega nos olharam com perplexidade. "Mas vejam", disseram, como se estivessem mostrando algo que ainda não tínhamos percebido, "vocês são brancos e seu filho é negro; como pode ser?" Como se isso desafiasse a ciência ou como se nós nunca tivéssemos notado a cor de nossas peles antes. E tive que dizer em inglês, furiosa: "É assim que é uma família americana!"

— O resto do mundo não entende a diversidade ilimitada deste país.

— A diversidade tornada ainda mais extrema pelo capitalismo.

— E por Karl Rove. Eu estava num restaurante e o vi, sentado no outro lado. Durante uns cinco minutos fiquei pensando: "Bem que eu podia pegar essa faca de carne, ir até lá e mudar a história. Agorinha mesmo."

— E?

— Bom, como vocês podem ver, optei por continuar a ser uma mulher livre. Alguém quer timbale?

— O recheio é de carne?

— Ah, pare com essa história de carne. Ela já é um membro da PETA.

— Ainda não.

— Não. Que bom. Embora daqui a uns dez anos vocês vão ver: eles vão ganhar o prêmio Nobel. No ano passado eu dava 15 anos para isso acontecer, mas acho que o clima está mudando rápido demais, a favor deles. A justificativa vai ser que tratar animais com mais humanidade acaba fazendo com que as pessoas sejam tratadas com mais humanidade. — Eu tenho um problema com esse pessoal que defende os direitos dos animais.

— É, eu também. No mesmo instante começam a comparar os animais às pessoas negras. Dizem: “Nós fizemos a mesma coisa com os negros.” Aí você fala: “Mas eles eram pessoas.” E eles retrucam: “Hoje nós sabemos disso, mas não era o que se dizia naquela época.” E você ressalta: “Ora, muita gente falava isso naquele tempo. Mas, que eu saiba, ninguém diz agora que uma vaca é uma pessoa.”

— Um espécie-alista!

— Tem austríacos por aí dizendo que os chimpanzés são pessoas.

— E olha que eu nem comecei a falar sobre as pesquisas com primatas. Estão doidos para colocar os negros no mesmo patamar dos símios: ambos são animais mesmo.

— Fazem isso até com os judeus.

— Bom, austríacos...

— Por que o “até”?

— Por nada. “Até com as galinhas”, eu poderia dizer. Aliás, ouvi falar que o pessoal da PETA compara o que fazem com as galinhas com o que fizeram com os judeus.

— Ué, de que outro jeito você vai obrigá-los a ficar quietos no ninho e pagar os impostos se não for cortando as pernas deles?

— Seu senso de humor é negro demais.

— Algum problema em ser negro? Que racista.

— Já notou que quando as pessoas dizem “Não sou racista” você percebe na mesma hora que são?

— É que nem aqueles homens nem um pouco conscientes de si mesmos que afirmam “Eu não sou machista”, e você tem vontade de retorquir: “Querido! Claro que é!”

— Eu queria que as pessoas entendessem e dissessem “pais de nascimento” e não “pais biológicos”. Todos são biológicos.

— Em parte, esse é o lado ruim de todos.

— Não gosto de usar a palavra *adoção* para animais. As sociedades de proteção aos animais usam esse termo o tempo todo, mas é confuso para as crianças que são adotadas.

— Uma vez escutei I.B. Singer falar do holocausto de galinhas.

— E agora tem aquele outro, Peter Singer.

— Tem certeza de que não quis dizer Pete Seeger?

— O eticista que diz: matem os bebês deformados, mas não comam carne.

— Ah, ele é o cocô do cavalo do bandido.

Eu já tinha visto esterco de cavalo; muito esterco. E também o rabo enorme que, tal qual um bicho em si, espantava as moscas.

— Tem Singers demais.

— Agora voltamos a Sarah Vaughan. Isso. Vou querer um timbale sim.

Eu já tinha visto trastes. Eu já tinha visto esterco. Mas timbale, nunca tinha visto não.

— Tem Sarahs demais.

— De jeito nenhum.

— Tem timbales demais. Por favor! Comam mais.

— Existe a teoria de que as pessoas são tão cruéis umas com as outras que, até darmos um jeito nisso, nunca conseguiremos nos acertar com os animais... Então, como eu estava dizendo, existe a teoria de que as práticas humanitárias com os animais vão acabar melhorando nossa relação com as pessoas. Diremos: “Espere aí: Nós não fazemos isso nem com os animais. Por que fazemos com as pessoas?”

— Às vezes não importa por onde se começa.

— É isso mesmo o que os eticistas da moral estão dizendo agora, não é?

— Eu não sei nada a respeito deles. Meu campo é, na verdade, a ciência dos laticínios.

— Eles acham que, a menos que um animal esteja expressando toda a sua animalidade inata, está sendo usado cruelmente e sua vida é indigna. Seria de pensar que isso os levaria a encarar a morte como uma bênção. Mas o falecimento não é a questão. E sim a vida.

— Eu diria que a matança em si é o problema; como deve ser feita?

E, nesse momento, pensei ouvir a voz de Sarah:

— Como devemos matar galinhas: o suficiente para alimentar o planeta? Sabe, será que não aprendemos nada com o Holocausto? Não podemos juntá-las e ligar o gás?

Mais risos por todos os lados.

— Isso expressaria a natureza judaica das galinhas ou será que quero dizer a natureza galinácea dos judeus?

— É por isso que temos Israel, querido. Não tememos mais nada e agora protegemos nossas ninhadas.

— Isso é uma tremenda baboseira. Nem os seres humanos conseguem expressar de todo sua natureza humana inata. Vocês acham que o desabrigado dormindo no carro sem janela está expressando sua natureza humana? E, no entanto, todo mundo

passa apressado e segue adiante. Faz com que as nossas melhores intenções não passem de um monte de bosta.

Eu já tinha visto bosta. E já tinha visto galinhas correrem até a bosta e a comerem quentinha.

— Tudo o que eu sei é, caramba, você rega sua planta! Uma planta, você rega! E para uma criança deformada, você não dá água não?

— Alguém quer água? Tem vinho suficiente aí?

— Não tem não. Preciso encher a taça!

— Achei que a gente devia estar falando de famílias inter-raciais.

— A Sonya não consegue se concentrar num assunto.

Eu tinha visto, certa vez, um esquete cômico em que uma anfitriã anestesiava um convidado com clorofórmio para impedir que dissesse mais uma palavra.

— Tudo é genético! Pelo visto, tem gene para tudo! É triste, mas verdade, ou talvez não seja tão triste assim.

— Ou talvez não seja tão verdadeiro.

— Tudo o que sei é que nosso filho tem o gene atlético. E é adotado, claro. Ninguém em toda a nossa família o tem. Nós vamos a todos os jogos dele, e ele lembra até um deus grego lá; ficamos na arquibancada parecendo vendedores de amendoim.

Ouvi a voz de Edward. A proximidade com a ciência, cientistas e o mundo acadêmico fez com que falasse numa espécie de mimetismo de professores. Usava a expressão *por assim dizer*. Muito.

— Chamemos isso de reidratação recombinante, por assim dizer.

E a voz de Sarah contra-atacou, depressa:

— Edward. Vou lhe dar uma sugestão: esqueça esse negócio *por assim dizer*.

Houve uma longa pausa.

— Eu preferiria jogar areia nos meus olhos.

Um burburinho alegre.

— Só estava brincando.

— Que caldeirão de culturas? Mas nem assim dá para dissolver tudo o que se coloca nesse caldeirão. Tem o DEN, Dirigindo Enquanto Negro, e tem o DEJ, Dirigindo Enquanto Judeu. Adivinhem quem é parado e revistado?

— Eu não entendo muito do assunto.

— Talvez você não entenda muito de muitos assuntos.

— Qualquer um que tenha lido toda a obra de Proust e mais *O homem sem qualidades* com certeza ainda precisa saber um pouco mais.

— Com certeza.

— Sabem aquelas cortinas corrediças de janela, para prevenir que os bebês fiquem queimados pelo sol? A gente precisava delas? Claro! Mas ele discutiu comigo, dizendo que não... Edward, foi o que você fez sim. Discutiu comigo.

— Porque ela não é branca?

— Eis o meu sistema de segurança: eu. Um homem negro em casa. Afugenta todo mundo.

O peso macio de pés nos degraus atapetados. Olhei para cima, do lugar em que me encontrava, no chão com Mary-Emma. Uma mulher apareceu ao portal, negra, alta, magra, os cabelos presos com belas tranças rastafári, a cabeça similar a um vaso de videiras, a imagem contrabalançada estilosamente com claro e escuro. Ninguém a chamou de "mãe" e correu até ela. Nenhuma criança a reivindicou. Apenas duas chegaram a erguer os olhos. Edward surgiu atrás da mulher, tocou em seu braço e ela se virou. Então ambos retrocederam, deram passos atrás e desapareceram.

No final da noite, quando os pais foram pegar os filhos, vários lhes perguntaram como tinham passado, e as crianças responderam "irado" ou "um saco" — não havia meio termo, nada que não fosse o máximo ou um desastre. Eu adorava a forma como as mulheres negras pegavam seus garotos e os puxavam para perto. Gostava

muito da forma como os pais brancos carregavam as filhas negras bem alto. Somente Mary-Emma, com seu sorrisinho, nada dizia enquanto uma a uma as demais crianças iam saindo do quarto. Lá embaixo, eu ouvia a voz de Sarah, sozinha com Edward na cozinha.

— Você esvaziou a parte de cima da máquina de lavar pratos, mas não a de baixo, então os pratos limpos se misturaram com os sujos... e agora você quer fazer sexo?

Será que eu estava ouvindo coisas? Será que era a lamúria popular de um importante movimento social ou uma loucura despreziosa e profunda? Se dois objetos caíam na floresta e faziam o mesmo som, qual deles era a árvore?

Peguei Mary-Emma. Com um lenço úmido, limpei um restinho de chocolate perto dos seus lábios.

— Vá dar um abraço na mamãe — pedi, colocando-a no chão e mandando-a entrar correndo na cozinha, para interrompê-los.

Dei um boa-noite e saí. Por educação, eu me retirei rápido, para ir viver minha vida. Embora não houvesse ido de Suzuki, cobri os cabelos com o lenço, como se tivesse. Eu era uma *sharmoota*, com um *hijab* que não fora amarrado da forma adequada, sob o queixo, mas — uma concessão, o meio-termo — atrás, no cangote, como Grace Kelly usara em *Amar é sofrer*. Ou será que havia sido em *Janela indiscreta*? Eu caminhei e caminhei e então, tal como nos meus sonhos recorrentes em que eu voava, mas a apenas alguns centímetros do chão, sem ambição, porém no ar, comecei a correr de leve. No caminho, quebrei um ramo florido da macieira silvestre de um vizinho e, pela noite úmida de abril, fui direto, tórrida e rapidamente, para o apartamento de Reynaldo. Colocaria o ramo na água quando chegasse.

Porém, quando me aproximei, vi que algo estava errado. Não havia luz nas janelas. Subi a escada e bati na porta. Uma inquietude percorreu meu corpo e, ao ver que ela estava destrancada, girei lentamente a maçaneta e entrei. Encontrei Reynaldo sentado no que

se tornara um apartamento desocupado e escuro, no meio da sala, a única fonte de luz vinha do laptop. Isso me fez lembrar do papel alumínio que colocávamos nas capas dos velhos álbuns da mamãe para refletir o sol no verão e bronzear o rosto. Todos os outros móveis haviam sumido. Tudo — a cama, o xilofone, a mesa. Na parede, restava apenas um único pôster, com letras brancas em fundo preto: “Reinou um vasto silêncio na terra. Ela, em si, desolada, sem vida, desprovida de movimento, tão solitária e fria que seu espírito nem podia ser considerado triste. Havia nela um esboço de riso, porém um riso mais terrível que a tristeza...” Eu sabia que era da primeira página de *Caninos brancos*, um livro que lera no sétimo ano. Nunca o vira pendurado na sala antes, embora talvez, naquele momento, simplesmente sobressaísse, por ser o único item além do próprio Reynaldo e do laptop. Ele fechou com força o computador e olhou para mim, ou, ao menos, em minha direção. Estava sentado no tapete de oração, o qual apontava para o leste. Eu me lembro de quando achei que fosse um colchonete de ioga, como o do meu irmão. Tirei os sapatos à porta, como Reynaldo às vezes gostava que eu fizesse, mas não relaxei: meu coração, agitado como uma britadeira, estava na boca. Chegou a me ocorrer o pensamento de que tanta vibração assim poderia até afrouxar minhas obturações.

— Oi — disse ele, sem sorrir e como se estivesse a uma distância grande e lúgubre.

Ele apontou a luz de um chaveiro em minha direção e colocou-o no chão, onde ficou sendo nossa única fonte de iluminação. Olhou de esguelha para meu rosto e, então, para outro lugar. Havia uma xícara no chão a seu lado; ele pegou-a e tomou o chá, enquanto fitava a parede. Eu vira precisamente essa expressão e esse movimento antes — onde? (Edward. Eu a notara nele, logo no primeiro dia em que o conhecera.) No futuro, eu viria a conhecer esse olhar como o começo do final do amor — a morte da tentativa

de um homem. Podia ser interpretado como Fadiga Profunda. Como o nome de uma stripper. Havia o sagrado, a imersão, a intrusão e a violência relacionados aos aspectos corriqueiros que precediam o amor romântico e, então, havia a Fadiga Profunda, a stripper, que usurpava tudo.

— O que está acontecendo? — perguntei.

Como não vi nenhum lugar onde pudesse acomodar o ramo de macieira, fiquei ali em pé, segurando-o. Em seu esmaecimento notei que já começava a murchar, um aspecto das flores que eu estudara em fotos.

— Estou indo morar em Londres — respondeu ele. — Mandei o xilofone para o seu apartamento. Deve chegar daqui a alguns dias. Mary-Emma pode brincar com ele lá. E você também, claro.

O pôster de Jack London era uma pista? Um código? Tudo se tornara estranho. Nossa relação se dissolvia como um cubo de gelo num copo: quanto menor ele ficava, mais rápido desaparecia. Assim o mundo inteiro acabaria, tinham me dito.

— Não faço parte de uma facção — ressaltou Reynaldo.

— Isso nunca me passou pela cabeça. — Embora, naquele momento, houvesse passado. Ele aceitara alguma missão. Só podia ser. Havia algum mulá manipulador na vida dele; corriam boatos de recrutamentos secretos em todas as partes, embora eles fossem cochichados, às vezes como piada. — Por que Londres?

— Os ingleses são ao mesmo tempo críticos e conformistas inveterados, um estágio que os americanos pularam por completo, indo do estoicismo de um idiota para a lamúria de um neurótico em menos de meio século.

— Essa é uma resposta de merda.

— Faço parte de uma instituição de caridade islâmica para crianças afegãs. É só isso. Eles acham que faço parte de uma facção. Não é verdade. Se alguém perguntar para você, se a

interrogarem quando eu for embora, por favor, diga que não é verdade.

Não havia nenhum espaço naquela conversa para “E quanto a nós?” A conversa se enchera de outras criaturas. Talvez tivéssemos enfim chegado àquele estágio de intimidade que destrói a intimidade.

— Você é brasileiro. De que tipo de facção você participaria? A da depilação de virilha?

Uma vez eu encontrei o exemplar de um catálogo de lingerie na pilha de jornais dele. Quando o peguei e olhei de perto, meu próprio nome estava na etiqueta de endereço. Numa das poucas ocasiões em que Reynaldo estivera lá em casa, ao que tudo indicava ele o pegara, sem que eu notasse, talvez para olhar as modelos peitudas. Agora que, pelo visto, ia para Londres, todo tipo de detalhes no qual eu me recusara a pensar durante muito tempo voltou num vendaval, como se as tempestades de areia quisessem fazer os olhos lacrimejarem.

— Eu não sou brasileiro.

— Não é?

Claro que não era. Como eu já não tinha percebido isso antes? Onde estavam as bossas novas? Por que ele não sabia uma única frase de “Garota de Ipanema”?

— Eu menti sobre isso.

— Por quê? De onde você é?

Talvez eu descobrisse que ele conhecia a letra de “Kashmiri Love Song”, minha música predileta de Rodolfo Valentino. Minhas mãos estavam brancas como cera! Embora ele não as tenha amado ao lado do Shalimar. Meu coração tamborilava de encontro ao peito como dedos numa mesa.

— Hoboken, Nova Jersey.

— Hoboken? Que nem o Frank Sinatra?

Ele deu uma risadinha, com um olhar bastante pedante.

— Até mesmo a primeira revolução nos Estados Unidos foi conduzida de Nova Jersey.

— Jogo de apostas e doenças. Desde o início. Vamos falar sobre a história americana?

Contemplei seu rosto bonito e familiar. Ele me deixava tão misteriosamente quanto surgira. Uma agonia. A saída como a entrada, mas invertida. Um palíndromo.

— Você é uma menina ingênua, embora não seja pura. Mas, ainda assim, acho que é inocente. Ainda mais para uma judia. O que é bom.

— Uma judia?

— Sim.

Aquele tom de julgamento não combinava com Reynaldo; ele notou que percebi isso e esboçou um sorrisinho rápido, deixando o personagem de lado, permitindo que escapulisse de propósito para ser captado por mim naquela cena de despedida.

— Isso significa que você não vai me dizer mais nada, certo? — Comecei a torcer a bainha da minha camiseta, enroscando-a. Na vida, como nos filmes, às vezes se podia confundir um robô com um ser vivo. — O que foi que aconteceu com o seu sotaque? Como pode ser de Nova Jersey?

— Quando você descobrir quem é, já não vai ser inocente. Vai ser triste para os outros verem. Todo esse conhecimento vai ficar nítido no seu rosto e vai mudá-lo. Mas vai ser desolador só para os outros, não para você. Você vai sentir que tem uma espécie de sabedoria, um erro que lhe dá certo poder, de forma que você vai gostar e vai deixar que cresça. Mas vai estar enganada.

— Que tal antes eu só descobrir quem você é. — Eu tinha sido apenas o minibar, e não o *minbar*, naquele apartamento de hospedagem temporária. Era uma espécie de festa americana, e eu tinha levado cerveja. — Você é um hadji: uma espécie de jihadista.

— Não é o jihad que está errado. São as coisas erradas que estão erradas.

— Obrigada, guerreiro sagrado, pelo sermão islâmico-fascista.

— Como disse Maomé, nós não conhecemos Deus como deveríamos.

— E de quem é a culpa? Nem sua nem minha! Talvez Deus não tenha se apresentado direito. Talvez Deus não tenha se promovido o bastante.

De súbito me senti como um velho chefe indígena, um que vê que o mundo mudou irrevogavelmente e que a geração mais nova jamais conheceria a mais velha, mesmo os mais fortes, de ombros caídos em seus cavalos, no final de alguma trilha. Mas, se Reynaldo pudesse reconhecer a incerteza de seu próprio caminho, talvez nós dois nos desesperássemos juntos. Apesar de tudo, eu não pensara nele como irremediavelmente religioso. Ele não comia *bratwurst*, mas quem podia condená-lo? Quando você as mordida quentes, elas se mostravam gordurosas ao partir. Já as frias eram o fim da picada...

— Eu nunca poderia imaginar tanta blasfêmia em você — comentou ele.

Aquilo fora um sorriso?

— É, bom, às vezes a criatura supera o criador. Sabia? Um computador pode derrotar um campeão de xadrez, um filho pode ser mais esperto que o pai. — Eu não citaria Frankenstein. — Talvez a Bíblia, com seu Deus rabugento e vaidoso, esteja nos dizendo que a criatura, também, é mais divina que o Criador. Olha só, eu acabei de dizer isso e não fui castigada!

— Às vezes essas coisas levam tempo.

— O castigo?

— Claro. Tudo.

— Ótimo. — E acrescentei: — Que tal um jihad mais suave e amável?

- A gente deve ouvir a Deus.
- Bom, Deus deveria falar em voz alta. Ele resmunga.
- Ele fez de nós seus mensageiros.
- Que bom ele ter a própria equipe e alguns escritórios fora da cidade.
- Nós somos suas ovelhas...
- Não me referi a esse tipo de funcionários.
- ... e também seus lobos.
- Isso parece complicado demais.
- O ser humano é a fonte de todo sofrimento.
- E a fonte de todo Deus. — Eu tinha passado do limite. — Mas, como disse, a criatura geralmente supera o criador. — Excesso de confiança ou design inteligente?

Ele ficou calado, com um sorriso que não era um sorriso. Quando dei por mim me inclinava na direção dele, como se a onda de sentimentos que me dilaceravam pudesse magicamente se tornar uma afeição útil: talvez se eu tentasse beijar Reynaldo... mas ele se afastou. Então, devagar, levantei-me, e fui andando para trás, uma passada cuidadosa após a outra, enquanto ele falava. O ramo de macieira silvestre que eu levava jazia a seu lado.

- Tem um bilhão de muçulmanos no mundo — comentou ele.
- E daí? Quer dizer então que vou encontrar outro?

Reynaldo me fitou de forma penetrante. Tinha aquela habilidade peculiar de impressionar só pela forma com que olhava.

— Existe essa possibilidade. — Por um instante, um compadecimento por nós dois reluziu em seus olhos. — Não se pode tirar sangue de pedra — acrescentou, com tristeza. Referindo-se, suponho, ao amor. Era uma expressão de que ele gostava, que já tinha usado antes comigo.

- Pode sim — salientei. Eu sempre tentava fazer isso.
- Pode?
- Qualquer um pode. Você pode.

— E como se faz isso?

— Vá até uma pedreira.

— Uma pedreira?

— Isso mesmo, sempre tem um corpo jogado lá.

Ele riu.

— O Corão não proíbe que você ria de uma piada de mau gosto?

— Eu zombaria um pouco dele. Por que não?

— Não.

— Em todo livro há muitos espaços em branco...

— É o silêncio...

— Então, quem sabe o que acontece, de verdade, entre as linhas? Todos esses silêncios significativos!

Mas então, sentindo estar sendo ridicularizado, ele ficou com o semblante frio e pálido, dando a impressão, de súbito, de alguém que não se encontrava mais ali, já tendo partido. Encontrar os resquícios de vida em Reynaldo seria como encontrar um mineiro nos escombros de uma mina: eu podia perfurar, escavar e iluminar várias galerias, mas as chances de achá-lo novamente, ao menos como ele fora antes, bom, não eram nada boas.

— Você evita muitos pontos difíceis nas conversas — comentei.

— Espero que sim!

— Mentiu para mim — disse eu, finalmente.

— Uma mentira para o infiel não passa de uma conversa na língua dele.

Aquilo me lembrou uma das inúmeras mensagens fortuitas dos biscoitos da sorte marcando ociosas as páginas dos meus livros.

— Nunca fui infiel com você.

— Não, de acordo com a sua definição, não.

— É a partir deste ponto que você vai começar a dar um longo sermão sobre os Estados Unidos exauridos? Será que não entende? Eu concordo com você!

Ele não disse nada.

— Espero que você não esteja tendo lições de pilotagem!

Reynaldo balançou a cabeça.

— Não.

Um rolo de papel higiênico e duas pílulas brancas luziram do peitoril da janela próximo a mim, enquanto eu continuava a recuar.

— Para quê isso? — perguntei, apontando para os comprimidos.

No peito, meu coração passara do rápido estalido de uma carta de baralho no aro do pneu de uma bicicleta ao baque alto e errático de um tênis sacolejando numa secadora de roupa.

— Para emergências. E para limpeza, claro. Os comprimidos? São de batatas brasileiras, dois interesses seus.

— Claro.

— Batatas e Brasil.

— Eu entendi. — Pavor e mágoa se mesclaram como incandescências que anulavam uma a outra. Todo sentimento construtivo desertara meu corpo. — Por mais que você queira que este mundo acabe, não é o que vai acontecer. Sementes de tudo o que existe estão sendo guardadas, neste momento, em caixas no subsolo permanentemente congelado da Noruega.

— E quem vai encontrá-las?

— As pessoas.

— É, tenho certeza de que você tem razão.

— Tem mesmo? — No outro peitoril, havia um pacotinho de absorvente interno. — Para quê isso?

— Em caso de emergência. Os piores casos possíveis: eles estancam sangramentos.

— Claro.

— Quando pedirem que você dê o nome dos meus amigos, vai ter que dizer que não sabe, porque não sabe mesmo.

— Eu não sei. — E por que não sabia? — Essa forma de desespero político e espiritual — prossegui, desesperançada, recordando-me de algo escutado numa das quartas-feiras —

confunde tudo, um mundo pequeno com um grande e um grande com um pequeno.

Reynaldo sorriu, mas, benevolmente, evitou dar uma risada.

— Você não faz ideia do que está falando.

— Talvez sim. Mas talvez não, também. — Essas eram palavras de uma criança. Mas não significava que fossem inexatas. — Talvez você esteja sendo recrutado por um espião. E se estiver sendo vítima de uma conspiração?

— E se eu *for* o espião — disse ele, fingindo estar brincando. — E se eu *for* a conspiração?

— Escute! Os líderes jihadistas não respeitam os estrangeiros. Acham que esses recrutas fervorosos são loucos, já que vêm de outros países, e os usam e riem deles.

— Quem disse isso para você?

— Dom Donegal. Num dia em que você faltou.

— O quê?

— Ele tem familiaridade com a língua árabe e é louco por conversas. Foi o que alguém me disse.

— “Louco por conversas”! Escute só você!

Eu simplesmente o fitei, sentindo que o nosso caso já era: nunca mais o veria de novo.

— Não é o jihad que está errado — repetiu ele. — Não é a guerra que está errada. São as coisas erradas que estão erradas.

Parecia Gertrude Stein falando do interior de uma burca. Continuei a andar para trás, e meu pé descalço esbarrou em algo pontudo, talvez um diminuto prego de tapete sobressaindo da tábua de assoalho. Numa espécie de postura de ioga ergui o pé, que sangrava. Apertei e pude ver o sangue pingar sombriamente no chão, embora nada tivesse ficado preso nele. Mas tê-lo erguido pareceu fazer com que gotejasse mais. Como havia aquele rolo de papel higiênico no peitoril da janela, fui mancando até lá e arranquei um pedaço, enrolando-o no dedo.

— Você está bem? — quis saber Reynaldo, quase lembrando o doce rapaz que eu sabia que era, no fundo, embora essa parte já não importasse mais.

— Sim. Não está doendo.

— Eles acham que faço parte de uma facção, mas não faço, juro. Espero que você sempre acredite nisso.

— Em nome de Alá... ah, sim, acredito.

Coloquei os sapatos.

Foi como uma cena clássica de cinema em que um amante está no vagão, o outro na plataforma, e o trem entra em movimento; o indivíduo que se encontra ao lado de fora começa a andar depressa, então aperta o passo e, em seguida, põe-se a correr, desistindo por completo quando o comboio se afasta depressa, irrevogavelmente. Exceto que naquele caso eu exercia todos os papéis: era a amante na plataforma, era a amante no trem. E também o trem.

— Em nome de Alá.

Em nome de lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá. Saí até a rua, chorando. Corri e corri, sem jamais olhar para trás, e ninguém foi correndo atrás de mim. Passei velozmente pela Liga dos Estudantes Muçulmanos, uma casinha não muito distante do apartamento de Reynaldo, pintada de branco e turquesa; eu sabia que algum tipo de mesquita improvisada fora construída nos fundos. O próprio Reynaldo fizera parte de uma equipe que ajudara a pintá-la. Àquela hora da noite, não havia ninguém nela nem perto dela; em algumas ocasiões, durante o dia, eu a vira completamente lotada. Nada, pensei, devia ficar lotado. Tudo devia ser lento e pausado. Passei correndo por um quarteirão no qual eu geralmente andava, mas, como havia ali um trecho em obras, por causa de um tubo de esgoto, no meio da entrada havia uma placa com as palavras RUA INTERDITADA. Sob elas, mas ainda no letreiro, um grafiteiro borrifara, com tinta preta, *Eu te amo*. No céu havia toxinas estreladas, como as centenas de aranhas que, segundo se dizia, ao longo da vida de

um ser humano, caíam na boca dele, enquanto ele dormia de boca aberta. Corri rumo ao norte, mais e mais ao norte, e talvez pudesse ter ido até o Canadá, onde, paralisados de tristeza e exaustão, meus braços e meus dedos enrijeceriam, arqueando-se para o alto e eu, numa das míticas transformações da amargura, viraria um bordo, minhas lágrimas pujantes transformadas no xarope da panqueca de alguém.

O interessante de uma ferida no pé era que só a pressão de pisar nela, sem qualquer cuidado, estanca o sangramento e a cura: sem dúvida alguma uma verdade da Nova Era ou o quê? RUA INTERDITADA, *Eu te amo*. Quando cheguei ao apartamento, tirei a roupa e entrei na banheira sem nem esperar que enchesse; fiquei sentada com água à altura da cintura e desabei, caindo em forte pranto. O papel higiênico que eu enrolara no dedo do pé se despedaçara e desprendera em filetes leitosos, flutuando pela água, e quando submergi por completo — para desaparecer, para me purificar, para alterar meu estado de consciência, seja lá qual fosse —, as tirinhas flutuaram rumo à minha cabeça e se enroscaram nos meus cabelos. Quando não pude mais prender a respiração, irrompi para o alto e vi que o calor do banho levava meu dedo a sangrar de novo, fazendo um tom carmesim luzidio arrastar-se desenfreadamente pela água, formando torvelinhos como uma forma de vida recém-libertada — embora fosse na verdade uma saudação da morte. Saí do banho, me enrolei numa toalha e girei e girei, deixando a toalha cair, os cabelos molhados pingando água por todo o banheiro; fiquei girando até não sentir nem a morte nem a vida, num arrebatamento vertiginoso, algo que eu tinha certeza de que não tinha a ver com sufismo nem com os recônditos reluzentes de minha alma erguendo-se da terra e precipitando-se numa tempestade: foi mais como pressão sanguínea baixa combinada com Educação Física — algo que acontecera muito comigo quando era criança —, uma leve separação do corpo, servindo como lembrete do que se era.

Notas

* Jogo de palavras com o nome *Mary*, que se pronuncia da mesma forma que o adjetivo "*merry*", que significa "feliz". (*N. do E.*)

** Palavras praticamente idênticas no inglês: *muslin* (musselina) e *muslim*. (*N. do E.*)

V

Os relógios foram adiantados uma hora, e a claridade começava cedo, perdurando até a noite. Meu sono era leve, e as noites longas e repletas de conversas repreensivas de pessoas que pareciam, na verdade, estar dentro do meu quarto. Mas, quando eu acordava, não havia ninguém. O apartamento estava quente e úmido. Notei que a pradaria resistia cada vez menos à primavera. Era como se não houvesse galhos suficientes para agarrá-la, nem colinas para mantê-la — a tração mostrava-se precária, de fato, e o calor úmido do verão era penetrante. Logo as críticas de pessoas que me rodeavam durante o sono foram substituídas pela sensação de eu estar sendo picada por mosquitos que não podia ver. Tudo o que eu comia parecia formar uma bola argilosa nas minhas entranhas, e meu pulso parava durante o sono, para recomeçar de novo, às pressas, descompensado, acordando-me de sonhos sobre becos sem saídas, corridas em pelo, cólera. Eu saía da cama com o passo entorpecido de pés adormecidos e unhas estranhamente frouxas, sem a aderência de outrora — tudo isso, por causa do meu coração partido.

Eu passara meses sem varrer nem passar pano nos pisos. Usava toalhas de papel quando derramava algo e esperava que todo o chão do apartamento ficasse limpo desse jeito. Esse método de

faxina, aos poucos, a meu ver era o mesmo que escrever um poema todos os dias, até um belo momento dizer tudo o que havia para ser dito sobre a condição humana. Mas, na verdade, não era assim que os fatos se desenrolavam, nem mesmo em poesia: os cantos ficaram encardidos, ao passo que certas tábuas do assoalho mostraram-se lustrosas, com um brilho diabólico e escorregadio. Às vezes, quando as toalhas de papel acabavam, eu usava um dos lenços umedecidos que eu guardava na mochila para Mary-Emma, daí começava num dos cantos e ia esfregando: pelo visto, podia limpar um ambiente inteiro com apenas um — era a esse tipo de administração doméstica e ilusória do qual me tornara adepta.

Ninguém me perguntou sobre Reynaldo, o que fez com que eu me desse conta de como nossa relação era reservada e restrita. Temporária e etérea. Como uma *Brigadoon* com lenços de cabeça. Minhas próprias emoções estavam em frangalhos. Ao que tudo indicava, não restara nenhum indício da minha presença no apartamento dele — exceto o sangue — e ninguém fora bater à minha porta. Fiquei tão tristemente descolorida quanto os lábios de um peixe, que era apenas uma frase de uma música que me passou pela cabeça. “A relva não tá nem aí/ a brisa passa/ a pradaria — antigamente um mar — não canta nenhuma melodia pra mim.” A ortografia ruim era um verdadeiro ritual dos baixistas na fossa.

O que acontecia de verdade era o seguinte: eu me sentia como uma árvore decepada, e percebia que esse sentimento estranho, juntamente com todos os demais que surgissem dali em diante, seriam ruins. As surpresas já não seriam boas. E os estados psicológicos poderiam virar, na verdade, estados físicos, como os lábios tristes e descorados de um peixe, uma boca arpoada levada ao silêncio ofegante ou a algo pior. Sacudi os cabelos e golpeei o contrabaixo como Jaco Pastorius, apertando os olhos para o braço do instrumento até ver apenas um borrão sem trastes; talvez um dia eu arrancasse todos os trastes e tapasse os buracos com epóxi.

Às vezes eu acordava cedo demais na minha cama e sentia meu pé tremular sob os lençóis, sem saber, a princípio, que era o meu. Percebia apenas o movimento da coberta gelada e tinha a sensação de que alguém mais estava ali, na cama comigo, e virava rápido, acabando por ver que não havia ninguém, mas sempre somente eu. À noite, antes de cair no sono, não era incomum olhar fixamente para o telefone. *Está aí? Sim. Está pegando no sono? Não. Quantos dedos eu tenho aqui?*

Na verdade, ninguém me perguntava nada. Ninguém disse uma palavra sequer, com exceção de Sarah.

— Você leu no jornal a história de um estudante que desapareceu? Encontraram sangue no apartamento dele, mas não sabem de quem é.

— É mesmo? — disse eu.

— Não foi o cara que estava tirando fotos de Emmie, foi? Ou algum amigo dele?

— Não que eu saiba.

— Está vendo, é esse o problema: “Não que eu saiba.” Tem espaço para a possibilidade.

Ela me lançou um olhar furtivo. Eu simplesmente a fitei, sem ver muito, e devo ter transmitido uma expressão desvairada de infelicidade, porque daí ela se aproximou de mim, acariciou a manga do meu suéter e afagou meu braço.

— Sinto muito — pediu. — Não sei por que estou agindo assim.

— Tudo bem — respondi. Estava quase tudo bem.

Ela voltou a se concentrar nos cardápios temáticos. Noite das Espécies Invasoras: o nhoque com folha de mostarda; os mexilhões-zebras ao vapor; a sopa de pastinaca e cenoura silvestres; a salada de chicória, mostarda-de-alho, botões-de-ouro, agrião e bardana. Guardanapos de cabelos humanos! Bom, isso eu acabara de inventar e sugerir de súbito para divertir Sarah, mas ela disse:

— Hum. Que delícia!

E, então, havia a Noite das Espécies Ameaçadas: arroz selvagem e bisão orgânico; enguia-americana gratinada e galo com pastinaca grossa e pequena. Comer espécies ameaçadas fazia algum sentido ecológico, alegava Sarah — se elas fossem gostosas e se tornassem populares, as pessoas as salvariam? —, mas eu não dava muita atenção. A ideia geral era a de que a comida sempre sobrevivia. Eu fiquei me perguntando.

— Vou para o Moinho! — ela costumava gritar lá de baixo. Dava para ver a ponta da sua veste branca.

— *Ciao*, Mama! — gritava Mary-Emma, lá de cima. Já dizia tantas palavras naqueles dias. — Qué naná — pedia.

Ela adorava assistir aos filmes antigos de Esther Williams, que eu pegava na biblioteca da universidade, mas nem sempre eles a animavam; às vezes ela ficava entediada.

— Está bom. Vamos — respondi.

— Eu desapareço — comentou ela.

— Bom, um dia. Mas ainda vai demorar muito.

— Eu desapareço na piscina. — E pulou no futon novinho, que Sarah acabara de comprar para tirá-la do berço.

* * *

Duas vezes, no meu apartamento, o telefone tocou e, quando fui atender, escutei apenas um barulho pavoroso: uma fala abafada, gemido eletrônico, sons de água.

— Alô? — eu gritava várias vezes.

Mas ouvia apenas sussurros abafados, ruídos eletrônicos e som de água agitada. O identificador de chamadas do nosso telefone da Radio Shack dizia “ligação de celular”, nada mais. Discar asterisco-69 não adiantava nada. Mais tarde, cômica e talvez corretamente, imaginei que fosse o celular de Reynaldo, que, ainda com meu número na discagem rápida, esbarrara sem querer numa tecla,

fazendo com que eu o acompanhasse ao banheiro inadvertidamente. Algum banheiro num lugar qualquer. Na certa era um barulho de descarga que eu ouvia. Ou talvez ele estivesse no outro lado do mundo, num lugar quente, e seu celular tentasse detonar algo — não era à toa que o nome do aparelho tinha a ver com célula — e o código de explosão secreto houvesse discado errado e se deparado com uma interferência romântica: eu.

Comecei a sentir falta de Murph. Tudo que eu precisava era de sua companhia, a sensação de sua presença ali de novo. Todos os dias tinha a sensação de que, se ela de alguma forma voltasse à minha vida, tudo melhoraria.

Então, surpreendentemente, foi o que aconteceu. Como se eu tivesse feito o pedido com uma moeda da sorte: naquele momento perfeito para mim, minha amiga voltou e, se tivesse feito isso mais cedo, teria sido até meio chato, já que nos últimos tempos eu vinha usando as coisas dela, baboseiras tipo o seu “ionizador de cabelos”, o qual supus que fizera minhas mechas brilharem, eliminando a estática, e o seu dispensador que borrifava com suavidade água mineral no rosto da pessoa. Mas, arrasada do jeito que eu estava naquele momento, já não usava nada, deixando apenas a eletricidade estática golpear meus fios de cabelo nos dentes! Eu deixara meu rosto cair aos pedaços. Até que, certa vez, entrei em casa numa tarde, e lá estava ela, sentada no sofá. Ela chegara no mesmo dia que o xilofone, o qual levava para perto da varanda.

— Legal isso daí — disse, apontando para ele.

— Alto lá! — exclamei. Larguei os livros e a abracei. Fiquei tão feliz em vê-la.

— Estou alta mesmo. — Murph sorriu.

— Você está? Alta?

— Aham.

— Feito uma pipa?

— Feito o Hubble! — Ela parecia cansada. — Eu me sinto uma veterana.

— Das altezas?

— Não.

— Do quê, então? Das Bundezas?

A linguagem chula fazia parte do ritual sufista dos *muwallahin*, se eu lembrava corretamente.

— Uma veterana da guerra dos sexos.

— Ah, é? Bom, eu também. Mas acho que essa daí nunca foi declarada.

— Aquela porra inútil do Congresso! E a gente nunca chegou a ter um desfile nem nada!

— A gente tem bandas de música — comentei, apontando para o estádio.

— Isso não é um desfile.

— É um semidesfile.

Murph e o namorado também tinham terminado.

— Ele me colocou na geladeira — queixou-se ela. — E nem teve a decência de antes me fazer picadinho! — Nós duas ficamos ali, juntas no nosso apartamento, fumando e criando melodias inspiradas na nossa melancolia. — Ele me fez de gato e sapato! Se ligar, bate o telefone na cara dele, tá legal?

Mas ele nunca ligou.

— Você sabia — comentei — que quando nós mulheres temos orgasmos as ressonâncias mostram que grande parte do nosso cérebro desaparece da tela?

— Bom, isso tem tudo a ver com a minha pesquisa incidental na área.

— Com a minha também.

Eu pegava meu baixo, embora o fio soltasse o tempo todo:

— Espera aí, deixa eu enfiar esse negócio — eu dizia, e Murph gritava:

— Hum, delícia!

Não havia nenhum duplo sentido que ela não fosse a primeira a notar e a salientar com exclamações.

Nós tocamos tudo que eu criara ultimamente. Embora na vida real o amor de um cara fosse algo raro, a gente gostava do efeito desse sentimento num poema ou numa canção. “Dan Desorientado não tinha nada planejado / Pete Pradaria sentiu apenas covardia / Jake Lago Grande era um tratante.” Então a gente retribuía com nossas próprias canções cheias de tristeza às personificações desconcertantes do amor. Tínhamos até uma música chamada “Personificações desconcertantes”. Também uma melancólica e lenta intitulada “Por que é que o trem num para aqui, hein?”, que Murph achou sertaneja demais; mesmo quando eu troquei *num* por *não* ela a achou desfocada, com um dos versos falando de uma igreja derrubada para dar lugar a um condomínio, embora essa fosse minha parte preferida.

— É como em *They paved paradise and put up a parking lot* — protestei.

— Não tem nada a ver — retrucou ela. — Sério. Não mesmo.

Ela sabia como falar ao mesmo tempo sem delicadeza nem malícia, e preferia minha música “Todos são você... nos seus sonhos”, baseada em algo que alguém me contara uma vez a respeito de devaneios, com a proposta de ser uma canção desafiadora que nos incitasse contra o narcisismo do amante traidor! Ah, sim: vingança impotente, querida, cante sua música! O que poderia ser melhor que palavras que englobavam todos os sentidos? Quem dava a mínima se o trem parava aqui ou não? Eu dava o ritmo com meu baixo e Murph se dedicava ao xilofone com êxtase e dor, um cigarro ao lado, apoiado num pires, enviando sua fumaça como

uma minúscula fogueira de acampamento de duas minúsculas peles-vermelhas aprisionadas. Quem diria que ela sabia tocar?

— Na verdade, é um brinquedo — comentou ela. — Qualquer um pode tocar.

— Não é nada. — Eu estava impressionada e nem um pouco convencida.

As mãos e os braços de Murph moviam-se para cima e para baixo no teclado com os movimentos ondulatórios de um esquilo, seno e coseno interconectando. Aí ela parava de repente e apontava a baqueta da direita para mim, indicando que chegara a hora do meu solo; então, eu mandava brasa, ou tentava. Murph gostava mais do nosso trabalho conjunto do que dos meus esforços solitários, como “Bosta de cachorro num embrulho de chocolate pro meu irmão”, e nós parecíamos nos sair melhor com as agitadas, tipo “Carne enlatada numa tarde de verão”, uma canção que tínhamos escrito combinando a frase mais linda do idioma com a mais feia, resumindo assim nossos pensamentos sobre o amor. “Tarde de verão” era o que Deus nos dera. “Carne enlatada”, o terrível corpo humano em si. Quando eu dava o ritmo com o baixo, quando fazia isso bem, Murph assumia o controle com o xilofone e o som saía incrível. Bom, talvez não tão incrível. Meio bobo, mas legal.

— Deixa a sua face baixista brilhar! — gritava ela.

Na certa eu estava com o rosto contraído, em sinal de concentração e arrebatamento. Entre os momentos mais ruidosos, em meio a um cansaço proveitoso, a gente até brincava com as nossas baladas em ritmo de valsa:

*Você partiu para os céus
e me deixou para trás?
Meu bem, eu também iria
se você não se importasse.
Subiria essa escadaria*

*passando por ursos e leões,
não estivesse ela trancada
ao pé da escada.*

*Você está no paraíso
com alguém que se importa?
Ah, joga a chave da escada para o portão aqui para baixo
A gente vê as passadas iluminadas
e acha que o amor basta,
então fica sentada embaixo, esperando.
A ascensão rumo à doçura requer mais do que o meu amor:
Meu bem, por favor, simplesmente abra o portão.*

Será que alguém pode abrir o portão?

— Eu também quero escrever alguma coisa — disse Murph uma noite.

Como já tinha escurecido e tínhamos tomado duas cervejas cada uma, ela pegou meu baixo e começou a tocar desajeitadamente uma nova melodia de ouvido, criando-a ali, do zero, num instrumento transparente de quatro cordas; uma bolava uma frase, a outra criava a seguinte e assim em diante.

*Por que deixei você virar a minha cabeça?
Agora quando eu saio, finjo que você morreu.
Mas, se eu topar com você por aí,
sei lá o que eu vou fazer,
porque eu nunca fui tão louca
por alguém tão louco quanto você.*

*A loucura é uma armadura —
eu te amava mais que tudo.
Agora meu futuro é o lar*

*do seu fantasma enlouquecido.
Por que as folhas continuam verdes e reluzentes
e o céu, tão desgraçadamente azul?
Será que não veem que sou louca
por alguém tão louco quanto você?*

Murph queria rimar “não somos melhores nem piores, mas com certeza maiores” com:

— Qual dos dois? — perguntou ela. — É *clitóris* ou *clitores*?

Eu não sabia. E por que não?

— Deve depender de qual tipo é o seu — arrisquei.

Dizer que tudo isso nos fazia morrer de rir não dá muito bem a ideia do consolo que era. Logo, toda noite eu pegava meu baixo, e a gente tocava o que conhecia nos fáceis tons de sol menor e mi menor, com riffs que davam a impressão de que se subia as mesmas três escalas várias vezes. Começamos a bolar músicas sem refrão, apenas um impiedoso e amaldiçoado verso após outro, reclamando como uma faca atirada sem rumo, agitada, sem ponto de chegada. Linha após linha, tentávamos compor frases expressivas com finais que combinavam: *sinistro* rimando com *ministro*, *cúbico* com *púbico*, *reboque* com *retoque*, *razão suportável* com *traição abominável*, *atroz* com *Illinois* — bom, as canções coléricas não faziam nenhum sentido. A gente se revezava, cada um dos versos parecendo as rimas de espreitadores tristemente embriagados de amor, uma leve esperança tal qual terra debaixo das nossas unhas, resquícios das nossas escavações, embora tudo tivesse falhado, e nós houvéssemos perdido o rumo, porque, meu bem, você era tudo o que eu tinha, aguardando no estacionamento, sob as estrelas, longe dos bares, lá estou eu, meu bem, lá, lá, vagando na relva, esperando você vir me salvar, só que você não está em lugar nenhum, por que ignora que o amor é raro — *meu amor é raro!* — vou passear de carro por aí... para ver o que você pensa de mim.

Chegamos a um ponto em que, na verdade, era bom não termos refrão.

Certa noite, vestimos nossas roupas esfarrapadas, enchemos um carrinho de compras de cerveja e fomos para a via férrea só para uivar como lobos. Era um sufismo de estágio avançado, de médio a avançado.

— Quando fizermos o nosso CD — comentou Murph, quando caminhávamos penosamente de volta para casa —, vamos pôr uma lâmina de barbear dentro de cada um.

— E aquelas garrafinhas de gim — acrescentei. — E uma pistola.

— Você é ótima — disse Murph, me abraçando.

— É, bom, sinto que estou rumando para um futuro em que vou ser apenas a irmã de todo cara — me queixei. — Acho que o fato de eu ter lido *As 35 regras* em mandarim não ajudou em nada.

Murph sorriu, mas o que falou a seguir foi desconcertante. Pôs ambas as mãos com carinho no meu rosto e ressaltou:

— Olhe só para você! Você não é irmã de ninguém.

Lá fora, nos canteiros de flores, os íris-amarelos haviam desenrolado ao sol, com suas línguas que lembravam caroços de nectarina à mostra. Havia uma espécie de tique-taque, de zumbido por toda parte, como se todo ser vivo estivesse pensando na possibilidade de explodir.

— Não sei por que é que Emmie anda cantando essa música — disse Sarah, de forma enfática, na cozinha. Estava com o chapéu de chef, não o convencional, simplesmente uma boina sem aba de lona.

— Música?

— “Pete Pradaria sentiu apenas covardia.”

— Ah, já sei. Eu inventei essa daí.

— Tudo bem — disse Sarah, como se eu precisasse ser perdoada, o que, pelo visto, ocorreria.

— Eu também tenho cantado as tradicionais para ela — acrescentei, esperançosa.

— Certo. “I Been Working on the Railroad”. Já a ouvi cantar isso. Só dois aspectos me preocupam com relação a essa: a gramática e o uso de trabalho escravo na ferrovia.

Eu não sabia se tinha escutado bem. O senso de humor dela carecia de clareza e transparência, nem sempre era de bom tom e às vezes me fazia sentir totalmente deslocada.

— Está falando sério? — deixei escapar.

— De certa forma, sim — Sarah me olhou de forma penetrante. — Não tenho certeza. — E subiu, como se fosse tentar descobrir. Quando desceu, mais tarde, acrescentou: — A concordância correta entre sujeito e verbo é melhor assimilada quando as crianças estão aprendendo a falar, então cuidado com o que você canta. É uma preocupação quando se educa os pequenos de cor. Uma simples questão gramatical pode empatá-los na vida. No futuro.

— Está bem — respondi, mecanicamente.

— Nós somos pioneiras — prosseguiu Sarah. — Estamos fazendo algo importante, inédito e incrivelmente difícil.

E saiu de novo. Eu me virei para esconder meus próprios olhos marejados atrás da porta, porque estava cansada e não sabia direito do que Sarah falava.

— Tassa? — ressoou a voz preocupada de Mary-Emma.

Desencavei todas as músicas escocesas e irlandesas que conhecia, com suas atmosferas pesarosas, sobre bebidas, cheias de *yonders*, *e'ers* e *lochs*, embora também usassem muito *bonnies*, e, quando as cantei, tive medo de que uma expressão medonha tivesse se apoderado do meu semblante, porque Mary-Emma simplesmente ficou me olhando, sentindo que algo estava acontecendo. Fiquei sem saber se essa palavra era ou não familiar para ela. Ainda assim, Mary-Emma sempre queria aprender as músicas. “*Bonnie-oh, oh bonnie-ei, nonny-bonnie*, lindo dia.” O telefone tocava e eu parava,

atônita. Se Sarah estivesse ali, ela atenderia e eu geralmente ficava aliviada ao ouvir a voz dela.

— Sopa de quesadilla? Não, nós não servimos isso, esse prato é da concorrência... Sim, claro que é a receita secreta deles. Eles precisam fazer isso, já que se você soubesse quais eram os ingredientes, nunca mais pediria de novo.

Mas, às vezes, eu a escutava perguntar “Quem está falando?”, para em seguida bater o telefone.

Como Mary-Emma não só passara da cadeira alta de bebê para o assento portátil como também já dormia havia um mês em cama de gente grande, o futon no chão, eu costumava me deitar ao lado dela, na hora do cochilo, lendo, cantando e, às vezes, tirando uma soneca junto. Em algumas ocasiões, acordávamos com Noel e seu aspirador de pó, no momento em que ele progredia na faxina, com o iPod ligado no bolso do avental, os fones de ouvido bloqueando o som da algazarra. Era o primeiro aparelho daquele tipo que eu via e, quando o aspirador não estava ligado, dava para eu ouvir o volume baixinho vindo dos fones e Noel cantarolando com o tom desafinado e abstraído, sem ouvir a própria voz e, dando, então a impressão de ser surdo. Ainda assim, eu consegui discernir uma das canções que ele punha para tocar com frequência, de Bonnie Raitt, “Não posso fazer você me amar”, palavras que eu conhecia, porém não reconhecia de fato. Se houvesse uma chamada “*Posso fazer você me amar*”, eu a teria decorado muito tempo antes.

Noel me viu, sorriu e desligou o aspirador de pó. Tirou os fones. Notei que os olhos dele estavam marejados.

— Difícil pacas ouvir essa música — comentou.

— É triste — concordei.

— Um ex-namorado meu se ofereceu em leilão no “Escravo do amor”, um evento beneficente em prol dos portadores de HIV, ao som dessa música.

— Meu Deus, bem que eu gostaria que o meu tivesse feito isso! E foi a última vez que você o viu?

Eu já não entendia o mundo, então só fingiria que tentava fazê-lo.

— Mais ou menos.

— Vocês terminaram?

— Bom, ele pegou Aids naquela mesma noite. E morreu; no verão passado.

— Caramba. Sinto muito.

— Obrigado — disse ele.

— Acho que Bonnie Raitt te deve uma nova música.

— Alguém deve.

Segunda-feira de Páscoa e não houve aula, como se estivéssemos no Canadá. Saí em meio ao ronco da minha scooter. Os gramados verdejavam cada vez mais, embora o céu mantivesse um tom pérola nebuloso. Os cachorros latiam no vizinho. Como presente de Páscoa atrasado, eu tinha levado dois peixes-dourados nadando num potinho de comida para Mary-Emma. Eu ia procurar ainda um vaso de vidro para colocá-los — pelo visto, Sarah tinha uma centena deles.

Dentro da casa dos Thornwood-Brink, encontrei os resquícios do feriado: um coelhinho de chocolate de 90 centímetros, um trem da Brio. E também os ovos de verdade que Sarah cozinhara em chás de cores diferentes para criar diversos aspectos marmóreos. Estavam todos empilhados juntos, numa única cesta de linho.

— Vi que você colocou todos os ovos numa só cesta* — disse eu, de um jeito que pensei ter sido espirituoso, embora ela não tenha me dado ouvidos.

— Emmie está dormindo. Nem essa sua Suzuki a acordou.

— Ah. Desculpe.

Na certa eu estava me acostumando com as reprimendas indiretas e aleatórias dela. Coloquei os peixes na mesa.

— Eles são tão lindos — comentou Sarah. — Prometo nem considerar a possibilidade de temperá-los. — Ela se encontrava à bancada da cozinha, fazendo um purê com os bulbos dos narcisos-de-inverno, formando uma pasta numa tigela. — Achei que seria oportuno comentar algo com você. — Parou de bater um pouco. — Sobre uma situação que está ocorrendo. — Até mesmo imóvel, parecia ocupada e tensa. — Mas, quer saber? Vamos tomar uma taça de SB. — Eram as iniciais de sauvignon blanc. Eu já sabia disso. Um mês antes teria pensado que se referia ao Super Bowl, a uma guitarra Gibson SB clássica ou às próprias iniciais dela. — Estou com uma garrafa na geladeira. Já faz algum tempo, então deve estar estupidamente gelada. Hum. — Sarah parou de esmagar os bulbos das flores. — Vamos sentar na sala. — Ela levou o vinho, um abridor e duas taças, e nos sentamos nos sofás encapados, da mesma forma que fizemos quando ela me entrevistou para o trabalho. — Não podemos contar para Edward que tomamos branco, em vez de tinto. Você é menor de idade?

— Menor de quê? — perguntei, sorrindo e dando um gole. Sarah simplesmente fez um gesto com a mão, no ar.

— Bom, se você tomar mais de uma, não volte para casa de scooter.

— Uma só tá bom.

Ela sorveu o vinho, sentindo o aroma do SB na ponta da língua.

— Gosto desse, com toque de cravo.

— Cravo e... canela! — comentei.

Eu não estava aprendendo nada muito sério sobre vinhos, mas, após um único gole, era óbvio que podia dizer qualquer coisa.

Preocupada demais para sorrir, ela parecia estar à beira de um ataque de nervos, ou *on the brink of*, como dizem no inglês. Nossos nomes e sobrenomes realmente não são em vão.

— Acho que você precisa tomar conhecimento de algo que está acontecendo — disse ela.

Em seu rosto havia uma expressão que eu já vira antes: bravata interligada com perdição, como gordura com carne.

Uma sensação de *iih* tomou conta de mim. Dei um gole no SB.

— Mas, antes, você precisa saber que existe um precedente infeliz. Que vou ter que contar. Mas você precisa entender: foi anos atrás, e nós éramos diferentes naquela época.

Ela afundou nas almofadas, enquanto eu me inclinava para a frente, afastando-me do encosto.

— Você e Edward? — quis saber, tomando mais vinho gelado, com aroma de grama.

Eu já não entendia bem a quem as pessoas se referiam quando diziam “nós”. A universidade tinha feito aquilo comigo. Em Dellacrosse, eu sempre sabia a quem todo mundo se referia. Eu também não sabia direito o que as pessoas queriam dizer quando citavam a si mesmas, ressaltando que eram “diferentes naquela época”. Parecia parte de uma ficção científica com toques dramáticos, algo que uma cidade pequena não permitia. *Que diabo é isso de que você era uma pessoa diferente? Não me venha com uma asneira dessas não! Eu conheço você desde que era uma pirralha!*

— Edward e eu — começou ela — morávamos na Costa Leste, em Massachusetts. Nos chamávamos Susan e John e tínhamos um filho.

Eu estava chocada? Não conseguiria nem dizer. Ninguém, pelo visto, era quem afirmava ser.

— Você está surpresa?

Ela arqueou a sobrancelha, esperando que eu fizesse algum comentário.

— Está falando sério? — foi minha opção. Parecia que se podia dizer “está falando sério?” pelo resto da vida e nunca seria

injustificado e sempre requereria uma resposta para dar continuidade à conversa.

— Susan e John — Sarah balançou a cabeça.

— Eram seus nomes do meio?

Ela fez uma pausa.

— De certa forma.

Sarah estava a ponto de continuar, quando ouvimos Noel na porta dos fundos, com sua chave agitada e intrometida na fechadura e os esfregões e os baldes fazendo barulho.

— Talvez a gente tenha que tratar disso em outra oportunidade — disse Sarah, inclinando-se para a frente e colocando a taça de vinho na mesa.

— Está bem, então — concordei, ainda sorvendo a bebida.

Noel entrou na sala com o tênis tingido e um buquê de narciso silvestre para ela. Eu sabia que haviam sido tiradas do jardim do cliente anterior.

— Nossa, muito obrigada! — exclamou Sarah. — Você aceita um vinhozinho?

— Aceito — respondeu ele, sorrindo. — Vai cair bem com a minha Coca diet — acrescentou, com uma risada nervosa.

Noel raramente arrancava flores do jardim de Sarah (para o cliente seguinte), embora uma vez houvesse pegado umas hortênsias do arbusto e ela tivesse lhe avisado que deveria cortar as de baixo na vez seguinte; ele tinha deixado um buraco no meio do canteiro. Sarah achava que as pessoas mais pobres tinham direito a coisas que os ricos não. Meio que um substituto para uma revolução. E, de modo geral, menos sangrento. Eu a ouvira fazer esse comentário numa das quartas-feiras.

— A gente conversa depois — disse-me ela.

E eu levei minha taça até a pia e joguei o vinho fora. Depois, subi para dar uma olhada em Mary-Emma.

Ela estava deitada, mas totalmente acordada, quando espiei para dentro do quarto.

— Tudo bem?

— Você tem olho castanho. Eu também tem.

— É verdade.

— Quero olho azul, que nem o papai.

— Não quer não. Os seus olhos são lindos. Precisam ser castanhos como os meus!

— Tá bom — disse Mary-Emma.

Ela estava numa idade em que, após breves cochilos, acordava subitamente 3 centímetros mais alta ou falando frases completas ou assolada por ideias lúgubres e perturbadoras.

— Quer ir ao parque? — perguntei.

— QUERO! — gritou ela, animada.

— Antes, tenho que te mostrar: trouxe dois peixinhos de presente de Páscoa. — Descemos e ficamos olhando para eles. Como continuavam em potinhos de cozinha, peguei uma tigela de vidro transparente do guarda-louça e os coloquei dentro. Eles nadaram rápido e ficaram focinho a focinho. — Que nomes vamos dar?

— Suquinho! — exclamou Mary-Emma.

— Suquinho?

— Esse é o Suquinho. E aquele ali, aquele ali é o... Steve!

— Steve?

— Aham. Eles são irmãos. — Mary-Emma os observou até ficar meio estrábica e entediada.

No parque, eu a empurrei no balanço, cada vez mais alto, e, quando ela saiu, foi correndo até o escorregador; engoli em seco, temendo os perigos, mas deixei-a ir. Era um brinquedo rápido e, por causa dos passeios anteriores, eu sabia que as crianças costumavam sair a toda, aterrissando de bruços, com as coxas avermelhadas pelo contato com a extremidade plana do metal escorregadio, aquecido

pelo sol. Mary-Emma não fora uma exceção, mas nada disso a intimidara. Ela e outra menina tinham iniciado uma brincadeira juntas, revezando-se exultantes no escorregador para, em seguida, tentar fazer a outra rir lá de baixo, com diversas poses bizarras. Às vezes uma fingia estar inconsciente ou morta, enquanto a outra a obrigava a viver, o que era indicado com as risadinhas e levado a efeito com cócegas ou com areia jogada nos cabelos ou nas barriguinhas expostas. Em algumas ocasiões eu tinha a impressão de que as crianças acreditavam que a morte ocorria de forma diferente do que pensavam os adultos, em graus diversos, supondo que ela se intercruzava com a vida de várias maneiras extraoficiais. Eram os adultos que achavam que a morte vinha igual para todos. Por que não podia ser tão variado quanto a vida? Ou ao menos ter sua igualdade disfarçada?

Após um tempo, a mãe da menina se aproximou de mim.

— A Maddie adora a sua filhinha — comentou ela, colocando a bolsa no ombro, preparando-se para partir.

— Elas parecem mesmo se dar muito bem — respondi. Deixaria que ela pensasse que eu era uma mãe adolescente.

— Qual é o nome dela?

— Mary-Emma.

A mãe da menina mostrou-se constrangida, mas decidida; uma combinação ruim, na minha experiência.

— Você acha que elas podiam brincar juntas um dia desses? — perguntou. — A Maddie não tem nenhuma amiga afro-americana, e eu acho que seria bom para ela ter uma — sorriu.

A perplexidade me fez ficar calada por alguns instantes. De súbito, todas as noites de quarta que eu entreouvira se destilaram numa única oração por ventriloquia:

— Sinto muito, mas Mary-Emma já tem muitas amigas brancas.

Não esperei para avaliar a expressão da mulher nem para aliviá-la com palavras pacificadoras. Eu me levantei, peguei Mary-Emma,

inclinei o quadril e encaxei-a ali. Levei-a para casa empurrando o carrinho vazio na frente. Ela não balançou nem se agitou para que eu a pusesse no chão e a deixasse correr. Estava cansada.

A ideia de que Mary-Emma fosse usada daquele jeito — para divertir e educar crianças brancas, dar-lhes experiência, como se fosse um palhaço contratado — enfureceu-me, mas andar apressadamente, empurrando o carrinho com força em meio às fissuras da calçada, ajudou-me a apaziguar o ânimo. Em casa, na cozinha, demos pedacinhos de pão para os peixes, os quais eles mordiscaram; talvez não fossem o alimento ideal, sobretudo para Suquinho, que morreu em questão de dias, embora Steve fosse durão e aguentasse firme, imortal.

Em geral, no início da tarde eu dava o almoço de Mary-Emma, colocava uma fralda nela e a colocava na cama. Cantava "Swing Low, Sweet Chariot", embora a letra tratasse do reencontro com pessoas mortas e da visão do além como um lugar agradável para os amigos e os amados. Será que isso suscitaria uma preocupação? Será que tinha algum erro gramatical? Mary-Emma me fitou com olhos arregalados enquanto eu cantava.

— Canta de novo — pediu, assim que eu terminei de entoar todos os versos que conhecia.

— Agora está na hora de mimir — disse — e de ter bons sonhos.

Pensei em levar as roupas sujas dela até a lavanderia, no porão. Geralmente, jogava-as pelo conduto do quarto, mas, daquela vez, sem ter muito o que fazer naquele momento, decidi ser prestativa e lavar as roupas de Mary-Emma. Sarah tinha saído.

Mas, quando cheguei lá embaixo, no porão (um lugar atapetado, onde eu e Emmie às vezes brincávamos nos dias de chuva), notei que havia uma luz acesa. Entrei assim mesmo, e encontrei uma jovem que eu nunca tinha visto antes. Era bonita, com o estilo

pálido, sardento e agárico das ruivas: encantadora, possivelmente venenosa, ao mesmo tempo prosaica e exótica. Estava concentrada num ferro de passar e tocava a superfície quente com o dedo que acabara de lamber, embora ele ainda não chiasse.

— Ah, oi! — falei. — Não quis assustar você. Meu nome é Tassie.

— Ah. O meu é Liza.

Pude ver que sua tarefa imediata era selar com o ferro os novos sacos de chá com a erva exclusiva de Sarah.

— Eu cuido da Mary-Emma.

— Eu ajudo com a lavanderia e outros detalhes — explicou ela. Viu que eu estava carregando umas roupas. — Olha, deixa isso comigo que eu vou lavar todas elas com sabão suave.

— Ah, tudo bem — respondi. — Você vai ver que tem alguns vestígios de... — E então, bem atrás dela, vi, embaixo de uma portinhola que conduzia a uma espécie de adega ou despensa, os sapatos marrons e bem cuidados de um homem, junto com a bainha da calça, escondidos sob as sombras. A pesquisa sobre vinho tomara uma forma nova. Era como ver os calçados da pessoa sobre a qual aterrisou a casa de Dorothy, em Oz. Pés de bruxo debaixo da portinhola, embora esses sapatos conduzissem a pessoa a qualquer lugar, menos a casa. — Você vai ver que tem alguns vestígios do parque. Grama e terra.

— Sem problema.

— Está bem, então — acrescentei, antes de dar a volta e sair.

— Eu conheci a Liza — disse para Sarah no andar de cima, quando ela entrou pela porta dos fundos horas depois, naquela tarde. — A lavadeira.

— Ah, ótimo — comentou ela, animada, colocando uma sacola de compras na bancada. — Agora você conheceu quase todo mundo, menos o rapaz que cuida do jardim.

— Noelle não faz isso?

— Noel? Não.

— Nem Edward?

— Nem Edward.

Ela não ergueu os olhos, simplesmente ficou tirando as compras da sacola. Brócolis e ovos frescos.

— Mary-Emma está dormindo lá em cima, então pensei em ir agora.

— Ah, sim, está bom. Você por acaso pode vir na sexta?

Fui voando para casa na minha Suzuki. Havia uma prova final em Trilhas Sonoras de Filmes de Guerra e, embora eu tivesse escutado "Adagio for Strings" de *Platoon* dia e noite, ainda não assistira a *Os melhores anos de nossas vidas*, que era obrigatório e acabei vendo, por fim, embaixo das cobertas, deitada no sofá. Adorei o cara com as mãos de gancho. Já não faziam mais ganchos para os homens. Tudo era plastificado, digital e disfarçado. Já não se poderia ter um pirata de verdade. Mãos de gancho seriam úteis para tocar baixo, para alcançar as prateleiras altas em casa ou para limpar as unhas dos dedos dos pés, e se ele, seu homem, seu marmanjo mãos de gancho, coçasse a cabeça com um deles, nenhum pensamento que lhe ocorresse poderia ser descartável ou idiota. O amor devia ajudar. O amor devia contribuir para algo.

Na sexta-feira, Sarah tentou novamente me contar seu segredo. O segredo de Susan. Susan e seu segredo. Sarah me fez sentar com mais sauvignon blanc, enquanto Mary-Emma dormia.

Começou tratando de cabelos, o que diminuiu minha apreensão.

— Ainda estou sendo criticada por causa do cabelo de Emmie.

— As pessoas não gostam do cabelo afro dela — comentei, ciente.

— Ah! Você está sabendo. Isso. Elas acham que eu deveria deixá-lo crescer e trançá-lo, apesar de ela ser apenas uma criança. Creio que têm a impressão de que ela é Rapunzel e vai precisar de todo esse cabelo para fugir de mim, a bruxa que a adotou e quer cortá-lo.

— Ninguém pensaria isso.

— Ultimamente, temos tido que lidar com algo difícil, provocado por nós mesmos — disse ela, servindo mais SB na minha taça. — Bastante rascante — acrescentou —, o vinho.

— Rascante. Certo. — Eu teria que me lembrar dessa para a final.

E, então, ela começou a história. Ou recomeçou.

Eles estavam passando na autoestrada, John, Susan e a nova criança misteriosa, o filho deles, Gabriel, com nome de anjo porém levado, aos 4 anos, no banco de trás. Ele queria sorvete naquele instante e estava chorando por causa disso.

— Fique quieto, menino — disse John na frente, meio aborrecido.

Mas Gabriel começou a se inclinar para a frente na cadeirinha, dando soquinhos na cabeça do pai, agarrando seu cabelo curvado, que parecia uma carapaça. John gritou de dor.

— Pare com isso, Gabriel — Susan pediu, seja lá quem fosse Susan. — Vai acabar provocando um acidente.

Ela se via dividida entre aquelas duas energias masculinas, uma desenvolvida e a outra em formação, amorfa feito fogo. Ainda assim, a já formada possuía fulgor próprio, como a faísca intensa de algo em curto-circuito. É preciso deixar os machos das espécies se agredirem, disseram-lhe certa vez. Quem fora? Quem fizera esse comentário?

— Não! — gritou Gabriel, e John virou-se, enquanto dirigia, para dar um tapa no joelho do menino.

— John — disse Susan, num aviso vago.

O próprio garoto não fez nada. Não chorou. Em vez disso, tirou um dos sapatos, que, do banco de trás, usou para bater na cabeça do pai.

— Ei, já chega! Estou dirigindo! Susan, quer pedir para ele parar?

Por que ela haveria de fazê-lo parar? Caminhões passavam ruidosos em meio à neve semiderretida.

— Pare, Gabriel — pediu Susan.

Ela se voltou para acalmar o filho e tentar pegar o outro sapato, mas o menino estava cismado com o pai. Ele se inclinou de novo e atingiu a cabeça de John novamente. Era um menino difícil. Podia ser um amor. Mas, então, tinha momentos de rebeldia. Um fio desencapado agravado pelo confinamento do carro.

— Ah, meu Deus! Chega! — exclamou John. Ele girou o volante e desviou o carro de forma brusca até o acostamento da rodovia, ligando o pisca-alerta, dirigindo ruidosamente pelo cascalho rumo a uma área de descanso pitoresca mais adiante. Os outros motoristas buzinaaram indignados atrás dele. Então, John colocou o carro em ponto morto, deu a volta no banco e tirou o cinto da cadeira de Gabriel. — Se não consegue se comportar neste carro, não vai poder ficar aqui dentro. Sai já do carro!

— John, a gente está numa autoestrada!

— Tem uma mesa de piquenique ali; ele pode esperar naquela área. A gente já aguentou isso demais! Nossos pais nunca teriam aturado esse tipo de comportamento! — O refrão de uma geração, proferido com perplexidade.

— Nossos pais não teriam feito muitas coisas!

— Bom, talvez tivessem razão. Saia! — gritou ele para Gabriel, que parecia apenas um pouco aturdido.

De repente, o menino obedeceu. Puxou a maçaneta e saiu depressa, batendo a porta com toda força. Começou a caminhar rumo à área de piquenique, com apenas um dos sapatos. Não havia

ninguém ali, e as mesas estavam cobertas com a mesma neve escura e primaveril, que derretia parcialmente nas estradas.

— Ah, meu Deus, agora olha só o que aconteceu — disse Susan.
— Vou sair também!

Ela se virou para pegar a bolsa no banco traseiro. O carro começou a rolar aos poucos.

— Nem posso acreditar que ele obedeceu, ao menos desta vez!

— John, ele só está com um sapato. Entre nessa área de descanso agora.

Susan continuava tateando no banco traseiro, em busca da bolsa e talvez do outro par de sapato. Onde é que estavam?

— Pelo visto, não posso parar aqui. Ou eu entro totalmente no acostamento ou...

Os caminhões faziam soar os bramidos aborrecidos de elefante atrás dele.

— Tem que parar. Anda. Aqui.

— Estou tentando — disse ele, mas, ao acelerar, acabou passando da entrada da área de descanso, restando apenas uma vala íngreme à frente.

Sua única alternativa seria dar marcha a ré. Alguém estava buzinando atrás dele e, naquele instante, a pressão dos carros buzinando fez com que sentisse que deveria acompanhar o tráfego e, ao conduzir o veículo mais à frente, para evitar uma vala, viu os automóveis pelo retrovisor e, em seguida, entrou na rodovia.

— O que é que você está fazendo? — A voz de Susan mostrava-se estridente e ofegante.

— Eu não podia voltar para a faixa e dar a volta ao mesmo tempo.

— Desacelere e vá para o acostamento! Eu vou sair.

— Quer que eu faça isso aqui? Não posso fazer isso sem causar um acidente. Espere. Tenha paciência. — Em vez de parar, ele acelerou. Pelo visto, achava que ir mais rápido seria melhor, para

que tudo aquilo terminasse mais depressa. — A gente vai ter que usar a criatividade! Embora eu tenha ouvido falar numa pessoa que fez isso.

— *Isso o quê?* Me deixa sair!

Ela tirou o cinto de segurança e virou-se de novo. Um gemido formava-se no interior de sua garganta.

— Não se preocupe. Vai ser uma espécie de intervalo para o Gabriel — disse ele, dando a impressão de estar entrando em pânico, checando o retrovisor de novo. O que era um intervalo? O tempo parava mesmo enquanto tudo o mais prosseguia sem ele? As pessoas podiam ser tiradas dele? Mas não por Einstein. Isso era feito por gente que era o oposto de Einstein. — O Gabriel precisa entender algumas coisas sobre o mundo, e talvez isso ajude. A gente vai entrar na próxima saída e dar a volta para buscá-lo. — O contorno da masculinidade. O semblante de John começara a se enrijecer de nervoso, a tensão do arrependimento. — Tenha paciência. Vamos ter que improvisar um pouco.

Susan viu Gabriel pelo retrovisor lateral, perdendo-se na distância, cada vez mais diminuto, até a rodovia tirá-lo por completo de seu campo de visão.

Nesse momento crítico, algo explodiu, como um tiro, na cozinha — a lata de Coca esquecida por Noel —, e nós duas demos um salto. Liza surgiu do porão, com uma cesta de roupas. Embora eu só a tivesse visto uma vez antes, àquela altura ela parecia estar em todas as partes.

— Aposto como é a maldita Coca do Noel — disse Sarah, abrindo o freezer e vendo gotinhas marrons congeladas por todo lado. Ela suspirou. — Liza, quer vinho?

— Ah, sim — respondeu a outra, listando em voz alta o que ainda estava na máquina de lavar e na secadora, o que se encontrava

pendurado e dobrado, o que se achava amassado e passado. Eu me sentia extremamente ansiosa.

— Tassie — acrescentou Sarah, começando a fazer o cheque de Liza —, a gente conversa depois.

— Está bem — concordei, saindo depressa.

Assim que o fiz, vi um entregador do FedEx de pé na varanda, com um pacote de entrega rápida; provavelmente risoto!

Fui para casa na Suzuki, deitei na cama, tentei ler para a aula de literatura: "*O cachorro na manjedoura!*", disse eu, pois sabia que ela, no fundo, o desejava... Eu ingressara profundamente em alguns dos segredos de madame — nem sei como... Tampouco por que motivo... Cobri a cabeça com o lençol.

— Você está bem? — gritou Murph de onde estava, ao computador.

— Não — respondi, mas, no nosso apartamento, isso não causava quase nenhum impacto.

Houve apenas, na verdade, mais uma quarta-feira. As notas normalmente espumantes adquiriam uma aresta crepitante, como a dissolução desigual de uma orquestra em aquecimento, que de súbito resolvera não tocar. O coro fora dominado pela voz de uma nova mulher, alguém cujo discurso era tão breve e rápido quanto o de um leiloeiro.

— Os únicos negros que você conhece foram estudar em Yale.

— É, e todos os brancos que ela conhece também foram estudar em Yale.

— A pessoa mais branca do mundo é Dick Gephardt; já notaram isso? Ele não tem sobrancelha! É translúcido!

— Não foi realista o suficiente para se tornar presidente!

— Veja mais ou faça com que o vejam mais.

— Você disse "De mar a reluzente mar"?

- Você está brincando de surdo?
- Hein?
- Brincando de surdo. Adoro.
- E olha que eu nem comecei a falar do islã.

Outra vez o cara do “e olha que eu nem comecei a falar do Islã”! Será que tentava descobrir algo? Era um espião? Difícil escutar daquela distância de dois andares e acompanhar tudo, quando as crianças que eu supervisionava queriam que eu cantasse “Knick-knack-paddy-whack-give-your-dog-a-bone” — as palavras que eu cantava no ritmo da música de amor do Barney, elas achavam a brincadeira diferente e hilária.

— Todos nós deveríamos trabalhar em restaurantes populares, distribuindo sopa para os necessitados.

— Bom, eu *já* trabalho num restaurante popular. Crio uma criança afro-americana no século XXI.

— Olha só o que deveríamos fazer: minimoinhos de vento nos quintais, painéis solares nos telhados...

- E tamancos de madeira!
- Tenho fé nesta nova geração.
- Eu não. São todos uns sonâmbulos!

— Vocês já notaram que as crianças birraciais acabam encontrando umas as outras? Estão crescendo em meio ao próprio grupo.

— Elas se autodenominam “mestiças”, não birraciais.

— Para essas crianças, ter uma mãe negra dá mais prestígio. Muitas delas têm mães brancas, então até elas formaram *seu* próprio grupo. É o que a Jazmyn me contou.

— Estamos tão ocupados falando do mundo para os mais jovens, que esquecemos que em algumas situações eles sabem mais do que nós.

— É, não, eu concordo. Esses estudantes são os melhores de ambos os mundos. São maduros, sérios, éticos e gentis, de um jeito

que nunca fomos. E lindos, de um jeito que não serão em dez anos.

— Entendo o que quer dizer! Quer devorá-los de uma só vez. Abocanhar seus troncos. Também não tem nada de errado em usar garfo e faca.

— Os riscos de uma cidade universitária.

— Alguém quer cerveja, ou todo mundo está tomando vinho?

— Estou preocupado com toda a cultura preciosa que vem agora do nada: ou seja, vem de autores de livros infantis patrocinados por conglomerados de empresas. “As aventuras do Beco do Aspargo” e coisas assim. Os adultos estão vivendo cada vez mais como crianças: totalmente em suas imaginações. Lendo *Harry Potter* enquanto cada jornal do país fecha as portas. Sabem tão pouco da realidade.

— É, você já mencionou isso antes.

— Sinto muito. Acho que preciso de mais gente com quem conversar.

— Quando uma árvore cai na floresta e ninguém está lá para testemunhar, ela caiu mesmo? Sei que a expressão não é bem assim...

— Se a árvore cai na floresta e não tem ninguém lá, isso é sorte. É assim que a expressão *deveria* ser.

— Hein?

— A gente vai voltar *de novo* às piadas de surdez?

— Hein?

A surdez de alguém era sem dúvida a razão pela qual eu sempre conseguira ouvir aquele pessoal. Da distância de dois andares, muitas vezes eu não sabia direito o que estava escutando, mas ainda assim os sons evoluíam em vários tempos e acidentes musicais. A acústica da casa sempre fora estranha. Observações ora ficavam altas, subindo pelos dutos de ventilação, pelas escadas e pelo conduto de roupa suja, ora cessavam. Seria apenas a boca

humana ou também sua mente? De volta à floresta: se dois objetos caem ali e fazem o mesmo barulho, qual deles é a árvore?

— O mais irritante é a forma como a integração escolar é usada com o intuito de educar os brancos, não os negros, para dar aos brancos o conhecimento de uma raça, em vez de dar aos negros o conhecimento da álgebra.

— O único diretor negro que temos nesta cidade proibiu o uso de bonés.

— Daqui a pouco, vão ser essas calças jeans com a cintura no meio da bunda os causadores de hérnia. Querem saber? Estou torcendo para que sim.

— Quando você é branca e adota uma criança negra, não sente que a sociedade a rebaixou para um nível inferior?

— Em termos de como é tratada e das novas preocupações que tem de enfrentar?

— É o que temos conversado desde o início. Todo mundo tem histórias.

Às 20 horas os pais subiram para pegar as crianças, os dentes tingidos de zinfandel, os lábios estriados e cheios de crostas preenchidas pela uva. A maioria das crianças correu até os pais com entusiasmo, mas alguns, concentrados num quebra-cabeças no canto, recusaram-se até a erguer os olhos. Mais uma vez, adorei a forma como as mães negras chegavam ali, pegavam os filhos, apoiavam os rostos dos mais velhos no peito e diziam: "Oi, querido!" Embora poucos pais afro-americanos tivessem participado dos debates das quartas, eles também buscavam mais contato físico, abraçando os filhos. Alguns desses adultos tentaram me dar dinheiro extra, como gorjeta, e, apesar de eu não me sentir à vontade para aceitar, não consegui fazer com que meus lábios pronunciassem as palavras para recusá-los. No momento em que uma garotinha, Adília, saía, ela disse para a irmã:

— Você não se sente viva se não estiver atormentando alguém, não é mesmo?

O pai dela virou-se para mim e comentou:

— Às vezes essas pessoas que achamos se tratarem de crianças são, na verdade, adultos pequenos.

Acenei, como uma tia enviuvada se despedindo de todos na ferroviária. Eu me inclinei e pressionei a cabeça de Mary-Emma contra meu peito. Então, desejei boa-noite.

Fui para casa, e pesquisei por “crioulo” no Google, liberando assim um esgoto infundável de racismo.

Para o último capítulo de sua história pavorosa, Sarah deveria ter mudado para vinho tinto. Não só por causa da cor, como também pelo calor reconfortante. Em vez disso, ela abriu um SB esverdeado, que, segundo ela, era não só rascante como encorpado.

— É doloroso e estarrecedor, na verdade, ter que contar tudo isso para você, mas, como verá, tenho meus motivos. Não é que a gente não seja o que parece. Embora eu tenha consciência de que, por termos tido outros nomes antes, você talvez pense assim.

— É. — E como não? — Mas, poxa, o que há num simples nome? — comentei. Era sempre possível encontrar momentos adequados para Shakespeare.

Sarah colocou a taça na mesa, apoiou ambas as mãos na testa e, em seguida, deixou os dedos espalharem-se pelos cabelos.

— Não lembro onde eu parei.

Aonde ela se precipitaria? Às vezes a pessoa está nadando num lago, com o intuito de chegar a um raio de luz, e acaba por descobrir que ele não passa de espuma colorida e chamativa.

— Vocês estavam no carro — contei.

E tive vontade de tapar os ouvidos com as mãos, só que não o fiz.

— Certo. Foi, claro, um pesadelo — disse Sarah, agitando de leve o antebraço esquerdo, olhando para o relógio de pulso, como se estivesse lendo uma revista. — Tirei esse relógio tão rápido da caixa de joias que um brinco ficou preso nele. — E me mostrou uma geringonça de metal presa na pulseira. O surrealismo daquela casa parecia um poltergeist. — A gente estava no carro — concordou ela, que levantou repentinamente e começou a andar de um lado para o outro na sala, enquanto falava.

Susan agarrou o braço do marido.

— John! Ele só tem 4 anos! O que é que você está fazendo? — Quanto mais ele acelerava, mais o tempo passava com lentidão.

O marido se desvencilhou do braço.

— Me deixe dirigir! Vai acabar provocando um acidente! — Ele já pegara a saída e contornava o trevo que o levaria para a rodovia no sentido contrário. — Olhe só, ele ainda está lá: estou vendo-o.

Susan tinha crescido numa família em que os homens sempre eram cruéis com outras pessoas do mesmo sexo — de um modo aparentemente apoiado pela tradição. Ela nunca soube qual deveria ser o papel de uma mulher nesses rituais masculinos, todos uma espécie de refinamento da malícia. Um polimento por meio da dor. *É preciso deixar os machos da espécie se agredirem.* As moças já eram polidas. Polidas via polidez — dessa forma, não precisavam desse tratamento.

Ainda assim, por que Susan tinha tentado pegar a bolsa? Acabara perdendo um minuto. Que diferença faria aquele acessório ou até mesmo o sapato?

— O Gabriel não está na mesa de piquenique, está no acostamento, parado, chorando! O tráfego é tão assustador e barulhento!

— Vou acenar, para que ele saiba que estamos a caminho.

A velocidade foi a solução de John. Ele acelerou ao máximo. Enquanto corria pela via contrária, ele buzina. E, ao ver os pais passando a toda velocidade, Gabriel deu um passo rápido em direção à rodovia, mas então recuou. Tinha tentado ir até o canteiro central, para sinalizar para os pais? Foi o que pareceu, embora tudo houvesse transcorrido com tamanha lentidão, o tempo desenrolando-se com tanta hesitação, que nada era claro. A vagarosidade de cada momento, o início cauteloso de cada instante, podia ser considerado um presente a ser usado, se se soubesse como. Essa dívida do tempo, essa chance, era uma oportunidade de resgate. Mas só se a atitude necessária para o salvamento fosse tomada. E a capacidade de fazer com que isso ocorresse consistia num mecanismo de sobrevivência; os sobreviventes passariam essa capacidade de desacelerar o tempo para suas proles. No entanto, detrás do vidro, onde Susan estava, era complicado usá-la, difícil descobrir a atitude adequada mesmo em se tratando de seu filho — deveria ter se jogado do carro? — e, então, ela não sujeitara cada momento a uma ação, mas a interpretações.

Será que Gabriel tinha tentado acenar? Ou tinha tentado alcançá-los? Será que queria ficar com eles, apesar de tudo? O perdão das crianças era um dos presentes brilhantes de Deus.

Susan, outra vez totalmente contorcida no banco do carro, cruzando a rodovia como uma bala sem o benefício de uma verdadeira bala de fogo, começou a bradar:

— Volta! Volta! Volta! — Havia um momento para tudo.

— Não dá!

— Passa pelo canteiro! A gente precisa pegá-lo! Mete o carro por ali! John, temos que chegar lá antes que ele tente correr!

— A gente já vai chegar!

Aquela obediência às leis e ao fluxo do tráfego talvez fosse o procedimento científico. Com certeza era o procedimento científico.

— Volta agora!

Susan agarrou o volante. O carro passou sacolejando pelo canteiro, e a sirene de uma viatura disparou a distância, atrás deles. Como se fazendo um dueto, um zumbido estridente ressoou no ouvido de Susan, que não pôde ser escutado por mais ninguém além dela, um vento uivante em sua cabeça. E, conforme tudo transcorria da forma mais lenta para eles, o bastante para pensarem e agirem, ela percebeu, olhando adiante, que seu filho tinha começado a correr, e que, embora um carro tivesse parado para permitir sua passagem, outro veículo, sem ver, acelerara gananciosamente para ultrapassar pela faixa da esquerda e, diante dos olhares de todos, Gabriel se tornou o efêmero anjo de cachinhos dourados em homenagem ao qual recebera aquele nome.

— Não sei bem o que acabou de acontecer — disse Susan, que repetiu essas palavras várias vezes e abriu a porta do carro com o automóvel ainda em movimento.

Conforme eles se aproximavam de novo da área de descanso, situada à sua direita, desabitada e desprovida de equipamentos para piquenique e sossego, um espaço em que a paisagem continuaria a ser um mistério, Gabriel permanecia deitado mais longe, à esquerda, no canteiro lamacento diante daquele ponto de parada. Vários carros frearam, e Susan saiu do deles enquanto o motor ainda estava desacelerando. Caiu, e se levantou. Os motoristas começaram a esticar os pescoços. Ela atravessou as faixas, em meio aos veículos, até chegar ao filho: os olhos do menino estavam abertos, e ela atirou a jaqueta sobre ele, abaixo e ao redor, como uma bandeira arredondada. O tempo continuava a passar em câmera lenta, porém já não mais de um jeito que, nem mesmo teoricamente, pudesse ser útil.

O julgamento foi marcado, houve uma audiência e uma sentença de prisão, não longa o bastante para o que mereciam. Ambos se declararam culpados de todas as acusações, grandes e maiores ainda. O juiz inclinou a cabeça, massageou o próprio rosto com as

mãos: já tinha visto coisa muito pior. Seu trabalho era uma maldição, e ele se acostumara com o pior. Então, surpreendentemente, suspendeu as sentenças. A perda de ambos foi considerada suficiente pelo tribunal.

Os dois mudaram de nomes e dirigiram 1.600 quilômetros em direção ao oeste.

— Nosso advogado era bom demais — disse Susan.

Enquanto essa história foi contada, Mary-Emma, graças a Deus, estava em cima, entretida com seus sonhos. Seus pais tinham passado de um casal que seria diferente, que seria melhor que qualquer um, que estava decidido a ser melhor que a maioria, a um casal que seria diferente por ser pior.

— Aquela mulher que ficou sentada lá e, de algum modo, deixou um homem cometer aquele tipo de erro já se foi — comentou Sarah.

— Ela morreu — disse eu.

— Gabriel morreu.

Meus ouvidos ardiam. As notas do baixo de uma música de Peter Gabriel ecoavam de forma absurda em minha mente.

— Mas Susan também — ressaltei.

— Susan — repetiu Sarah, como se estivesse em transe. — Não há morte que alivie seu sofrimento.

O sol apareceu por uns momentos detrás de uma nuvem, cobrindo-a por um instante com uma luz purificante, porém, em seguida, prosseguiu como se houvesse mudado de ideia, deixando-a no escuro de novo.

Eu queria ir para casa e ver filmes pelo resto da vida. Queria ver monstros maiores e mais vorazes e menos patéticos que aqueles.

— Nós não tivemos coragem, na nossa condição de condenados, mas legalmente impunes, de olhar mais ninguém nos olhos. Não onde a gente vivia. Não chegamos nem a organizar um funeral

digno. Como continuamos juntos, não consigo entender. — Sarah andava novamente de um canto para o outro. — E, por outro lado, como não? Éramos o único consolo um do outro. Só *eu e ele* entendíamos o tipo de redenção que se exigiria de nós.

— Claro — sussurrei. Embora o quão juntos os dois estivessem pudesse ser tema de debate.

— Por incrível que pareça, é mais fácil dar continuidade à vida, esquecer as perdas e os delitos, quando não se recebe uma punição formal. As pessoas muitas vezes pensam o contrário, só que não é verdade. O castigo oficial, quando é adequado, cria uma sentença dupla e confere solidez e contorno duradouro a uma experiência, que, de outro modo, teria a possibilidade de desaparecer e anuviar e ser negada com o tempo.

Desaparecer. Será que os eventos poderiam voltar, retraçar seus rastros de passos pesados, regressar ao lugar em que ocorreram inesperadamente? Será que até mesmo uma criança poderia se tornar cada vez mais etérea e... *desaparecer*?

Sarah prosseguiu:

— Muito se fala sobre a maldição de não recordar. Mas a lembrança tem seus limites. Pode acreditar em mim, é bom esquecer.

— É — falei.

Embora tudo que eu tivesse esquecido, sempre lembrasse mais tarde; então, talvez não contasse.

— Às vezes, quando penso no que ocorreu, como um caminho de absolvição, recrio tudo e coloco Susan no volante. Ainda assim, o resultado é o mesmo. Às vezes.

Eu não sabia se fazia diferença. Tampouco tinha noção do que falar. Sentia estar vendo a domadora de leões sendo devorada pela fera.

— Foi um acidente — comentei.

— O termo legal é negligência. Ao menos, um deles.

Fiz uma rápida varredura mental: orgulho, fraqueza e uma demora inquietante na tomada de decisão. Opressão paralisante do inconsciente, amnésia da conveniência, distorções sombrias de personalidade e segredos do passado? Balbuciar em meio ao pesar? Contar piadas à beira do túmulo? Eu já não fizera um teste parcial nesse sentido?

Àquela altura eu já chegara ao fundo da taça de vinho, onde não restava mais nada encorpado nem rascante para ajudar.

Sarah continuava a falar:

— Sempre fui contra a ideia da mulher adotar o sobrenome do marido, mas, quando mudei o meu, senti de repente que alívio isso representava. Era uma desopressão que imaginei que todas as que se casavam sentiam desde o início dos tempos, mergulhar numa nova vida, num novo caminho, numa nova identidade, em vez de se aferrar ao seu velho eu como se ele fosse sólido e pleno, e não parcialmente rudimentar e agredido, algo que sempre ocorria.

Eu jamais adotaria o nome de um homem. Sabia disso, nos recônditos da consciência, embora também suspeitasse de que as mulheres que o faziam compreendiam o casamento de uma forma diferente de mim. Eu? Não deixaria nem um homem dirigir.

— É claro que, então, nós já não podíamos mais ter filhos. Eu era velha demais.

— É mesmo?

Nada daquilo dizia respeito a mim. Que me importavam as tramas e as sementes da fertilidade de outrem, a polpa retirada de um melão num piquenique no qual eu nem me achava presente? Com o que é que me importava? Eu estava ali, envolta pela jaqueta, com Gabriel, Peter Gabriel e São Pedro e seu portão.

Sarah serviu mais SB para ela e para mim, e eu o tomei com sofreguidão.

— Tive que lhe contar essa história, porque a agência de adoção descobriu tudo agora. E está pondo obstáculos no processo com

Emmie. Talvez seja a coisa certa a fazer. A culpa é minha. Nós não fomos muito abertos.

Como? Quem eram essas pessoas, "Susan" e "John", "Sarah" e "Edward"? Elas não conseguiam se ater a nada.

O vinho aqueceu minha nuca.

— Você vai ter que desistir de Mary-Emma? — perguntei, com a voz embargada demais.

— Esse, finalmente, será o nosso castigo formal — ressaltou ela. — Quando você come o pão que o diabo amassou, come o pão apenas ou come *com* o diabo?

— Não sei bem — respondi.

Minhas mãos aferraram-se uma à outra.

— Bom, vou te contar.

Pasma e furiosa com todos, eu já não podia acreditar no que ouvia. O SB encorpado e rascante tocou meus lábios.

— Você foi atrás dela e a trouxe para cá. Ela a ama! Sinto muito dizer isso, mas você tem uma responsabilidade agora maior do que... do que... — Maior do que o quê? Do que antes? Do que a dos outros? Do que a minha? Aquela era a minha tentativa de dizer "Olha só, que atitude devo tomar? Não faço ideia, mas isto que estou dizendo é a minha opção". — Tem que lutar contra a agência! Por ela!

— Pelo visto, Edward não quer — disse Sarah. E, naquele momento, ela me pareceu mais cansada do que eu a vira naqueles meses exaustivos. — Não depende totalmente de nós, sabe? Mesmo se sairmos perdendo ou se decidirmos não lutar, talvez seja melhor assim. As pessoas descobririam. As coleguinhas de Emmie poderiam ficar sabendo, no futuro. Talvez nós *devêssemos* deixá-la ir. Mesmo se *não* houvesse aquele episódio no nosso passado, talvez ela não devesse ficar conosco. Sabe, esse tipo de adoção é complicada. Se as noites de quarta-feira me ensinaram algo, foi o seguinte: só amor não é suficiente.

Todos os debates informais das quartas lhe haviam ensinado que só o amor não era suficiente? Era dali que vinha recebendo informações? E fora aquilo que captara? Cadê a mulher que mataria Karl Rove? Não fora ela? Me deu vontade de sacudi-la.

— Eu não sou suficiente — acrescentou Sarah. Lutava inflexivelmente contra o desalento. Onde é que eu tinha visto aquilo antes? Em Bonnie.

Fiquei quieta. Ela não contava comigo para ajudar? Não era por isso que eu estava ali? Será que fracassava também? *Você pode contar comigo*, tive vontade de deixar escapar, mas não o fiz.

— Edward não está de acordo. Não posso ressaltar isso o bastante. Emmie merece algo melhor que nós. O ideal seria que estivesse com pais negros. Ao menos um dos pais. Isso seria o ideal.

— Mas Mary-Emma é mestiça. Além disso, não surgiram pais negros para ela.

Sarah pareceu ter ficado surpresa com minhas palavras.

— Eu sei, mas a essa altura já transcorreu algum tempo: de repente, acabaram de surgir alguns. A gente tem que ver o lado bom da história. Mary-Emma deveria contar com pessoas melhores para lhe mostrarem o caminho. Eu e Edward não estamos bem na posição de sermos a estrela-guia de alguém. Estamos mais para duas luminárias defeituosas que se olham e se perguntam: “Estamos indo aonde achamos que estamos indo?” Dava para escrever todo um livro sobre o triste assunto. As tristes lâmpadas estavam prestes a queimar!

— E os sentimentos de uma menina de 2 anos?

Sarah começou a falar com uma força cada vez maior.

— Sabe, de repente não sou boa nisso. Na semana passada, estava tão estressada, que disse para ela: “Se você não for ver TV agora, não vai ver nenhum outro programa pelo resto da semana.”

Tentei sorrir, na certa amargamente:

— E isso é tão errado assim?

Sarah enrijeceu-se.

— Talvez as mulheres tenham caído numa armadilha: trabalhamos mais para poder ter mais babás, para podermos trabalhar mais a fim de ganhar mais dinheiro para contratar mais babás. — Tentei não ficar magoada com aquilo. — Quase peguei todos os picolés de iogurte dela e os joguei no micro-ondas. Como castigo. Acho que atacar as guloseimas é sinal de que algo não vai bem.

— Bom, você não chegou a fazer isso. — Eu não sabia o que fazer.

— Não? — indagou ela, para me testar.

Uma coisa era não saber o que fazer, outra, ficar totalmente perdida. Meu coração bateu com força contra o peito, como um prisioneiro contra as grades. Eu podia jurar que vira aquela expressão em algum lugar e, naquele momento, soube o que significava. Quando as pessoas em águas profundas começavam a se afogar, partes delas explodiam.

— Não — reforcei.

— Não — concordou ela. — Não fiz. Ela é uma garotinha incrível. Com certeza. Eu a amo tanto que chega a doer.

Fiquei calada. Sarah empalideceu diante das próprias palavras.

— Eu também — acrescentei. Iria resgatá-la.

— Sei que você a adora. Quando Emmie começou a fazer parte das nossas vidas, os vizinhos passavam aqui para deixar lembrancinhas; sempre olhavam para ela, sorriam e diziam “Que menininha de sorte”. Achavam que ela era sortuda por nos ter. Mas, um dia, fui passear com ela pelo bairro, e a pessoa mais racista da área se aproximou de nós, sorriu para Emmie e comentou *comigo*: “Você tem muita sorte.” Ela foi a única que acertou.

— Quem sabe todos tenham sorte — comentei, desajeitadamente —, quer dizer, se *tiverem* sorte.

— Ou talvez, no fim das contas, ninguém tivesse sorte. Mary-Emma não deveria ter tido um pai carrasco cuja ideia de igualdade racial foi levar um arco-íris de mulheres para a cama. — Naquele momento, tudo começou a me angustiar de novo. — Esqueça o que falei! É só o vinho! Mas, bom, *você* sabe que Edward é namorado.

Eu não disse nada. Se ela não tomasse cuidado, todos sairiam correndo de sua vida, como se escapassem de um edifício em chamas.

— Ele não consegue se relacionar. Não consegue lidar com colegas. Não consegue lidar com as pessoas. Na verdade, deveria se manter longe do transporte público! — Sarah tomou mais vinho. — De todas as formas de transporte!

— Ele anda muito de bicicleta — comentei, estupidamente.

Ela deu um sorriso amargo, contorcendo o rosto.

— O problema de se ver o próprio casamento como uma farsa — prosseguiu Sarah — é que todas as portas que se fecham estão no seu coração. Bom, esse não é o único problema.

— Tem sempre o Farsantes Anônimos. — Naquele momento não havia dentro de mim apenas o vinho encorpado e rascante, como também a encorpada e rascante Murph. — Eu já ouvi falar mesmo nisso — acrescentei, mentindo.

— Sério?

— Sério — menti de novo. Talvez tivesse perdido a cabeça.

O tom de voz dela foi mordaz:

— Um par caído dos céus; onde é que se consegue um? Bem que eu gostaria de saber!

Eu já tinha colocado a taça de vinho na mesa, e retorcia as mãos tal como fazia quando pequena.

— Acho que só indo para o céu para conseguir isso.

— É verdade — concordou Sarah. — Acho que não dá para mandar pelo correio. Na verdade, algo assim não resiste *bem* ao transporte.

— É, você tem que ir direto na fonte. Onde é fabricado. Tem um monte de escadas. E degraus. Escadas e degraus. Sempre tem obstáculos.

— Ontem, sem querer fui embora com o tubo usado nas transações do caixa eletrônico drive-in. Talvez o que Emmie não devesse ter era alguém ocupada demais, como eu.

Mais uma vez, o que ela dizia dava a impressão de *me* anular. Eu é que fora contratada para neutralizar ou ao menos amenizar a situação. Mas não conseguira e, em vez disso, sentia estar sendo neutralizada e amenizada.

Naquele momento, Sarah inclinou-se para a frente e tocou meu rosto, o que me fez lembrar de Murph. Por que as pessoas faziam aquilo de repente?

— Claro que Emmie tem você, o que é ótimo. — A mão baixou, e o olhar desviou-se. Sarah não parecia estar falando com ninguém em especial. — E daí que eu não chamei Emmie de Maya, Kadiria nem Tywalla? Foi tão errado assim? — Notei que ela entrara mais uma vez numa de fazer análise crítica, sua atitude desde o início. — Sabe o que o vizinho da casa do outro lado da rua me disse? “Sempre vejo a babá com a Emmie, nunca você.” Dia e noite estou trabalhando no Moinho.

Onde estavam as palavras prementes e pertinentes quando o mundo mais precisava delas? Senti que eu precisava persistir. Mas tudo se assemelhava aos sonhos ruins: o sonhador, mesmo sonhando, pensa, “O que é que está acontecendo aqui? O que devo fazer?” Nos sonhos agradáveis, as pessoas sempre pareciam saber o que fazer, algo que também causava estranheza.

Sarah prosseguiu:

— As mulheres dilaceraram suas vidas tentando se curar dos péssimos acordos feitos com os homens; toda essa cura não é nem um pouco agradável, e sim, entediante. — Então, acrescentou: — Qualquer coisa que evite que uma jovem negra fique na rua da

amargura é positiva. Infelizmente, não posso ser incluída nisso. Oficialmente, não sou qualificada.

— Nada é ideal. Você é a mãe de verdade dela agora — comentei, com audácia.

— Você não está entendendo! — exclamou Sarah, o rosto rubro de irritação. — Fomos pegos em flagrante tentando salvar o prato.

— Salvar o prato?

Ela suspirou.

— Uma gíria lá do restaurante que significa jogar de volta na panela alguma comida que caiu no chão. Uma fraude. Significa uma fraude. Mesmo se por algum milagre contestarmos a agência e ganharmos, nossa história será divulgada. E Emmie será marginalizada.

— Não, não, não é possível.

— É sim! — exclamou ela, como se eu fosse uma bocó irritante. — Vão falar de nós! E, quando Emmie crescer, vai nos odiar.

Talvez eu tivesse assumido o papel da filha adolescente da Sra. McKowen, que conhecemos no primeiro lar adotivo de Mary-Emma. Talvez estivesse me aferrando a algo que não fosse meu para amar. Talvez estivesse cultivando um amor que não coubesse a mim cultivar. Minhas mãos se retorciam do jeito que sempre fazia minha mãe gritar comigo. Quando eu era pequena, ela simplesmente se inclinava e dava um tapa em meus dedos.

Sarah pegou as taças, e eu a segui até a cozinha.

As pessoas naquela casa, incluindo eu, atuavam como personagens, cada qual num conto de fadas diferente, lúgubre e horripilante. Nenhum de nós estava na mesma história. Éramos seres grotescos e egocêntricos, mas em narrativas distintas, de forma que nossas interações pareciam estranhas e muito sem sentido, como os personagens de uma peça de Tennessee Williams, como seus diálogos intensos e triviais, porém loucamente cativantes. Ao que tudo indicava, somente Mary-Emma era imune, por não ser

uma aberração, nem fazer parte daquela história toda, embora, de certa forma, fizesse, e contasse com os próprios solilóquios apenas para se situar, e isso a acompanharia pelo resto da vida — como não?

Sarah abriu a geladeira, que a iluminou de novo.

— Toda essa história me traz um monte de pensamentos terríveis. Acho que eu deveria adotar uma postura filosófica melhor. Os franceses com certeza fariam isso! Teriam uma perspectiva cômica, porém adequada. — Ela fez uma pausa. — Claro, eles também têm piadas que terminam com “E então o bebê rolou escada abaixo.” — Sarah colocara o purê de raízes, o mesmo que eu a vira preparando dias antes, num recipiente de plástico. Ela já não achava que deveria ficar ali. — Por favor — comentou, entregando-o a mim —, não coma isso. Deixe lá no fundo da sua geladeira, em casa. Depois eu vou pedir que o traga, mas não quero que fique aqui agora. Não com as crianças vindo nas quartas.

— O que é isso? — perguntei.

Não haveria mais quartas. Já dava para sentir.

— É, hã, uma espécie de pasta venenosa que, bom, tira manchas. Só não a confunda com tapenade de pastinaca.

— É feita de quê?

— Com... nada. Mas não misture com comida.

Então eu me dei conta de que era o purê de narcisos-de-inverno que eu a vira preparar havia pouco, fatiando e esmagando os bulbos com um cortador de queijo e um pilão.

— E funciona. Na lavagem de roupa? — quis saber. A docilidade voltara a me encobrir e a turvar minha visão, como um véu.

— Supostamente — respondeu ela, enigmática e evasiva —, talvez um dia eu peça para Liza testar em algumas manchas. Se você a mantiver gelada e úmida, e esfregá-la com uma escova, parece que dá certo. Por favor, leve para a sua casa, por enquanto. Vou pedi-la depois. Tome, leve.

E ela me passou o recipiente de plástico fechado para mim. Eu o peguei e coloquei-o na mochila. Lembrou-me as histórias que eu tinha lido sobre indivíduos que traziam da Europa amostras de leveduras em lenços úmidos; o rompimento com um mundo e o reinício de tudo em outro, onde a pessoa cultivaria e germinaria coisas do antigo universo. Ou talvez alguém pudesse matar um sujeito instantaneamente com aquilo. Ou curar uma verruga. Eu não tinha familiaridade com suas aplicações, mas, condescendentemente, levei-o para meu apartamento, onde talvez eu cultivasse toda uma nova vida com ele ou limpasse o tapete ou nada fizesse.

As tragédias, como eu estava começando a me dar conta com os estudos diários na área de ciências humanas, tanto dentro quanto fora da sala, podiam ser consideradas um luxo. Eram criações de uma sociedade abastada, cheia de pesar e franqueza, contudo sem traços de moralidade. As histórias de derrotas espirituais costumavam ser retratadas de modo a ressaltar e a inspirar certo comedimento por parte da alta sociedade. O esmorecimento da alma, as narrativas de derrocadas e reveses — trens perdidos, cartas não recebidas, orgulhos flamejantes, aniquilações da prole de certo indivíduo, da qual se fazia picadinho — tudo não passava de um entretenimento triste e inspirador, contado futilmente a mesas confortáveis, cheias de amor e dinheiro. Nas áreas em que se levava uma vida desprovida e em que as mesas eram pouco providas, o triunfo cômico dos destituídos podia ser considerado uma meia-verdade. As piadas faziam-se necessárias. “E então o bebê rolou escada abaixo.” Isso podia ser engraçado! Sobretudo num lugar e numa época em que ocorriam as piores cenas. Não que o sofrimento fosse uma loteria, mas sem dúvida alguma era relativo. Para sua compreensão e seu melhor entendimento, o sofrimento requeria a

pesagem numa balança de açougueiro. E, para atenuar a angústia do ouvinte, era melhor que as situações fossem engraçadas. Apesar de nem sempre o serem. E, assim, às vezes, as histórias nos decepcionavam: não se mostravam muito engraçadas. Ou pior: nem um pouco.

Esqueci-me por completo do recipiente no congelador. Tal como ocorrera com o wasabi no Natal, eu era descuidada com as quentinhas. Os troços se amontoavam na geladeira e na pia conforme eu e Murph deixávamos uma vida de chuvas primaveris, atmosferas esquentando, dissoluções amorosas e composições inúteis fazer mais picadinho da nossa vida doméstica. Entrei em pânico e tentei inter-relacionar o trabalho de diversas aulas: “Perspectivas sufistas da narrativa esfoliante de Brontë” ou “Encontro em Shiraz: perspectivas sufistas da Pinot Noir”. Eu estava tendo um monte de pontos de vista sufistas. “O hino sufista de *Os doze condenados*.” “O silêncio sufista da frente ocidental.” “A sufista Sra. Miniver.” Eu decorara a melodia sibilante de *A ponte do rio Kwai*, mas não fizera diferença, porque ninguém pedira que eu a assobiasse. Pratos cheios de crosta acumulavam-se na pia, juntamente com uma poça de água encardida, que não escoava. Xícaras de café pela metade ficavam nas estantes de livros, com moscas voando ao redor. Quando meus trabalhos universitários foram devolvidos, havia interrogações em todas as margens.

Quando não estava trabalhando, Murph navegava na internet, cada vez mais obcecada por astrologia. Desejando se ver delineada nas estrelas reluzentes ou esperando trazer o céu, no mínimo, a atividades fecundas aqui na terra — pelo menos, era a sensação que eu tinha — ela dizia que as pessoas com signos solares eram solitárias, no alto da montanha. Calorosas, atraíam dinheiro e deveriam se cercar de tons de madeira. Os planetas entravam e

saíam, sibilando, da conversa de Murph. As estrelas eram fogo ou água ou terra ou ar e continham conselhos e segredos que humilhariam uma caixa de biscoitos da sorte. Quando perguntei:

— Mas como as posições das estrelas e dos planetas podem influenciar as nossas vidas aqui embaixo?

Ela simplesmente me olhou, magoada porém solene.

— E como não? — retorquiu.

* * *

Eu e Murph tínhamos um grande volume de trabalho na faculdade, e nossas sessões musicais diminuíram quando comecei a ir para a biblioteca de scooter. Recebi uma mensagem da minha orientadora e fui obrigada a sair de Degustação de Vinho, já que, por fim, haviam descoberto que eu era menor de idade. O computador cometera esse erro com vinte alunos. Meus pais receberiam um reembolso parcial da matrícula. Do outro lado da rua, no estádio, as equipes de futebol começavam a treinar e a brigar pela bola naquela primavera; os fãs de verde e amarelo lotavam as arquibancadas para incentivar os jogadores, embora as partidas não valessem a pena. Levava-se a vida das mais diversas formas. Vi *Além da linha vermelha*. Vi *Apocalypse Now*.

Os problemas verdadeiros, a meu ver — e eu não enxergava muito longe —, continuavam na casa dos Thornwood-Brink, e a remoção temporária do purê de bulbo de narciso triturado da casa deles não resolvera nada.

— Como tranquei uma disciplina, tenho algumas horas sobrando — comentei com Sarah quando ia embora, certa tarde, pensando que ela talvez gostasse de ter mais ajuda. Quando a fitava, já não reconhecia mais o que via.

Senti que ela percebeu, pois disse:

— Bom, vamos ver o que acontece. Sei que não estou sendo justa com você, em termos de horário e orçamento. Mas vou tentar compensá-la.

Ela se referia a um bônus. Eu já tinha ouvido falar neles. Sempre vinham à tona. Recordei daquele aperto de mão promissor que ela me dera meses antes, em janeiro, quando estávamos esperando no estacionamento do hospital. Então, voltando ainda mais no tempo, ficou claro para mim algo que ela dissera: não fora *cata* unida, e sim *mata* unida.

E a troco de quê? Se ao menos eu pudesse tê-la usado no trabalho sobre *Macbeth*, no último trimestre!

Mordacidade: isso sim era algo que não podia ser ensinado. Mas podia ser imputado e esfregado na cara de uma pessoa, arranhando-a como a casca de uma árvore.

Uma vez, quando eu estava lá sozinha com Mary-Emma, o telefone tocou e, quando atendi, fez-se apenas silêncio.

— Bonnie! — exclamei, com severidade. — É você? — Havia coisas que eu queria contar a ela. Detalhes que ela deveria saber e agora! — *Bonnie?*

E então uma voz familiar começou a falar. De algum modo, eu soube que se tratava da voz da mulher com as lindas tranças rastafári. Da mulher que soltara todas as piadas sobre surdez. Ela falou:

— Desculpe. Foi engano.

Em outra ocasião, quando Sarah e eu estávamos em casa, o telefone tocou de novo. Atendi lá em cima e ouvi alguém dizer:

— É a Suzanne, assistente da Roberta, da Opção pela Adoção...

Mas, como Sarah tinha pego o aparelho lá embaixo, desliguei e voltei a me concentrar em Mary-Emma. Steve continuava nadando na sua tigela, que nós havíamos colocado no alto da estante, no quarto dela. Nós duas dançávamos e cantávamos com "Ain't No Mountain High Enough", de Diana Ross. Houve *ooohs*, *aaahs* e a

parte falada/cantada do começo, as quais imitei, ensinando para Mary-Emma. Quando eu era pequena, costumava ser a única música que eu conhecia de uma mulher negra, a única que minha mãe conhecia, já que ela me ensinara. Estiquei os braços e lancei-os para o alto.

— *If you need me, call me* (Se precisar de mim, basta me ligar). — Fiz o gesto, próximo ao rosto, de quem fala ao telefone. — *No matter where you are* (Onde você estiver). — Braços abertos outra vez, enquanto eu sorria e balançava a cabeça. Mary-Emma fazia o mesmo. Lá embaixo, o telefone tocou várias vezes. — *No matter how far* (Por mais distante que esteja).

Eu podia ouvir a voz de Sarah no térreo:

— Não. Sim. É verdade.

Continuei a brincar com Mary-Emma, que estava radiante e alheia ao que acontecia.

— *No matter where you are, just call my name, I'll be there in a hurry* (Não importa onde estiver, simplesmente me chame, irei rápido até você).

Houve um gemido alto lá embaixo, que até certo ponto coincidiu com a música.

— *On that you can depend and never worry* (Pode contar com isso e nunca se preocupar). — Aumentei o volume. — *No wind* (Nem mesmo o vento!) — cantei, praticamente gritando.

Daí Mary-Emma vociferou:

— *NO WIND* (Nem mesmo o vento).

— *No rain!* (Nem mesmo a chuva) — prossegui.

— *NO RAIN* (Nem mesmo a chuva!) — repetiu ela.

Em seguida a levantei, como sempre fazia, e encaixei-a no quadril, dançando com ela na frente do espelho, onde ficávamos nos vendo.

— *Or winter's cold can stop me, baby, if you're my goal* (Nem mesmo o frio do inverno pode me deter, minha querida, se você é o

que eu quero).

E então, por um breve momento, ouviu-se um lamento angustiado vindo da parte de baixo da casa, que nada teve a ver com nossa canção; ainda assim, deixei a música tocar, com seu brado animado, aumentando ainda mais o volume, para que não ouvíssemos nada do térreo. Mantive Mary-Emma ocupada por quase meia hora com isso. Ela acompanhou todos os gemidos modulados e gritos fantasiosos, além de repetir, ao meu comando, a frase que eu tinha acabado de cantar.

— *Life holds for you one guarantee, you'll always have me* (A vida lhe traz uma garantia. Você sempre contará comigo).

Estávamos quase gritando.

— *YOU'LL ALWAYS HAVE ME* (Você sempre contará comigo).

— *And if you should miss my love, one of these old days* (E, se sentir falta do meu amor, um dia desses...).

— *THESE OLD DAYS* (Um dia desses...).

— *If you should ever miss the arms that used to hold you so close, just remember...* (Se sentir saudades dos braços que costumavam abraçá-la forte, apenas lembre...).

— *JUST REMEMBER* (Apenas lembre).

— *... what I told you that day I set you free!* (O que eu lhe disse quando deixei você ir!).

— *SET YOU FREE!* (deixei você ir)!

Daí, durante uma pausa na música, a campainha da porta da frente tocou. Um pouco antes do refrão. Sarah foi correndo para o quarto. Abaixei o volume. Ela usava o meu perfume, a mesma fragrância, e a sua subida fez o aroma acalentar o ar. Deusa Árabe.

— Mamãe! — gritou Mary-Emma.

Sarah abraçou-a junto ao peito e começou a acariciar as costinhas de forma frenética, enquanto a garotinha brincava com seus cabelos, puxando-os para o alto e conferindo se os fios ficavam ou caíam.

— Rápido, Tassie — disse Sarah, num sussurro sibilante, tomado de pânico. — Dá para você atender a porta para mim, por favor?

— Claro. — E acrescentei: — Hã, o que devo fazer?

— Ganhe tempo — respondeu ela.

Desci penosamente. Assumi uma postura defensiva.

À porta encontrava-se uma mulher que ou me lembrava alguém que eu conhecia ou *era* alguém que eu conhecia, ou as duas coisas.

As duas coisas mesmo: tudo demorou alguns momentos para se evidenciar, mas ocorreu sem demora. Ela deu um sorriso tenso e disse:

— Oi, Tassie. Você provavelmente não se lembra de mim. Sou Roberta Marshall.

Da agência de adoção. Eu me recordava bem dela. Ao menos, não era a própria Bonnie. Talvez isso tivesse sido demais para mim.

— Lembro sim. Oi.

Trocamos um aperto de mãos. Senti certa impertinência tomar conta de mim, não como se eu fosse Bonnie ou a tímida jovem McKowen, mas Amber Bowers, no restaurante familiar Perkins, em Kronenkee. O que quer que a presença de Roberta ali significasse, achei que não podia ser bom. Ela era como a polícia, mas vestida de cinza-amarronzado e bege. Uma policial estatal usando brincos. Estranhamente, um sentimento protetor em relação à casa me dominava. Eu trabalhava ali pelo que me parecia um longo tempo, e me apegara às suas portas e paredes mais do que percebera.

Como Roberta nunca se encontrara com Amber, não faria diferença se eu fingisse, por um momento, ser ela. Meus dentes eram melhores — valeu, Bess e Guess! —, mas se eu não abrisse muito a boca, talvez ela jamais os visse. Eu poderia estar escondendo todo tipo de caninos e fósseis e ainda ter outros fragmentos para cuspir. Esse segredo me daria o poder de uma vagabunda.

— Como vai a pequena Mary? Tudo bem?

Roberta me olhou direto nos olhos. Se ao menos eu estivesse com um boné de brim, colocado num ângulo que ocultasse mais os olhos! Se ao menos estivesse usando acessórios casuais, ou quaisquer bugigangas, talvez tivesse podido me igualar de fato a ela.

Todos, eu só notara naquele momento, por algum motivo, chamavam Mary-Emma de um nome meio diferente, como se ela não fosse ninguém.

— Vai bem — respondi, como se estivesse conversando com uma espiã.

Ainda parada sob o portal, eu me apoiei numa das pernas e coloquei a mão na parte alta da ombreira. Encarei Roberta sem convidá-la para entrar. Que soubesse, não tinha noção de como dar um sorrisinho afetado. Não deliberadamente. Tampouco estava mascando um chiclete. Mas podia mover a boca um pouco, como se tivesse uma sobra de comida no dente, e foi o que fiz; daí, franzi os lábios de um jeito que beirava a grosseria. Tudo aquilo era uma novidade para mim, e tinha certo apelo.

O dever e o propósito conferiam a Roberta uma atitude firme.

— Sarah está? — quis saber ela, esperando se livrar de mim, a escória.

— Deixa eu pensar — respondi. Era realmente o que eu precisava fazer, para bolar o que dizer. Não tinha certeza de que forma Sarah gostaria que eu agisse. Roberta estava começando a se aborrecer comigo. A irritação brotou dos seus olhos como uma chama diminuta e fria. — Vou dar uma olhada.

Lá em cima, Sarah estava parada no corredor, meio paralisada, mas já com Mary-Emma trajando uma jaqueta de cotelê rosa e usando uma tiara de veludo da mesma cor, contornando o afro. A cabeça da garotinha estava recostada em seu ombro, como se o fato de se vestir daquele jeito tão arrumado a cansasse; a hora da soneca se aproximava.

— Roberta Marshall está lá embaixo — informei.

— Meu Deus, nem acredito que ela veio tão rápido. Nem acredito que ela apareceu hoje.

Sarah parecia petrificada. Então, respirou fundo e passou, esbarrando em mim, junto com Mary-Emma, para ir falar com a mulher.

Ela tampouco a convidou para entrar; ali do patamar, de onde fiquei observando tudo, perto de um saco de lixo preto aberto, com bichinhos de pano, um trem da Brio e mantinhas de criança dobradas, eu me dei conta de que meus instintos tinham acertado em cheio. Sarah nem mesmo abriu a porta externa, e ficou parada, meio apoiada no umbral da porta interior, que estava aberta.

— Oi, Sarah. Oi, menina Mary — estridulou Roberta da soleira, através da tela.

Mary-Emma a fitou sem dizer nada, em seguida, escondeu o rostinho na manga de Sarah, de novo.

— Nem um pouco do contra — prosseguiu a mulher, mudando o gracejo.

— Você não deixou claro que viria hoje — disse Sarah.

— Sinto muito. Pensei que você tivesse entendido. Legalmente, seu tempo de mãe adotiva acabou, e se os papéis de adoção não são finalizados, temos que passar para o próximo casal da fila. O que significa...

— O que significa o quê?

— Eu estava chegando lá. Significa que Mary tem que voltar para o orfanato que usamos. Só por enquanto, claro.

— Por que não podemos exercer o papel desse orfanato? — O pesar dominou a face de Sarah.

— Porque vocês não são uma instituição. Nossa agência trabalha com instituições específicas. Teve aquele problema com a omissão de informações por parte de vocês, que nós já discutimos. Não quero tratar disso agora.

— Bom, eu e Edward fomos os pais adotivos durante todos esses meses. Sabe, ainda somos agora, acho.

— A posição de vocês de pais adotivos foi um detalhe técnico, conforme expliquei, até a adoção ser concluída. Como não vão poder continuar, temos que tomar outras providências.

— Você a tiraria de mim agora, neste minuto, por causa desse detalhe?

— Receio que é o que manda a lei.

— Creio que preciso discutir esses pormenores com meu marido.

— Você teve todo o tempo.

— Bom, certo, mas ainda precisamos de mais tempo. Para fazer a transição. No mínimo. Ao menos para fazer a transição. Lidar com essa decisão e com a mudança.

— A lei não oferece esse fase de adaptação. Sinto muito. Gostaria muito que fosse possível, por você, mas não é. — E, nesse momento, ela abriu devagar a porta externa de tela, insinuando o corpo pela soleira. — Ei, Mary? Quer ir dar uma volta?

Roberta inclinou-se para olhar Mary-Emma nos olhos, com um semblante falso e disfarçado de felicidade.

— O que você está fazendo? — Sarah começou a reclinar-se em direção à casa.

Roberta esticou os braços para pegar a garotinha. Haveria uma cena. Sarah girou Mary-Emma, afastando-a.

— Não toque nela! — gritou Sarah, e Emmie iniciou um choramingo.

— Você pode facilitar as coisas para a criança ou dificultar tudo.

Ela se aproximou mais, chegando à soleira, com a porta de tela agora totalmente atrás de si. Estendeu os braços outra vez, insinuando os dedos ao redor de Mary-Emma.

Sarah puxou a menina bruscamente.

— Escute aqui — protestou Roberta, repreendendo-a —, não transforme isso num cabo de guerra.

O rosto de Sarah virou uma máscara.

— Você tem uma cadeirinha no carro? — perguntou, em voz baixa.

O derrotismo começava a dominá-la. Na certa devia haver algum tipo de passarinho lustroso ou de peixe espinhoso que fazia isso, abandonava a própria prole, golpeando a própria família, e levava tudo a efeito camuflando-se de pedra, para evitar ser comido.

— Claro que tenho — respondeu ela.

Os assuntos mais pessoais eram supervisionados por burocracias, de maneira que a compaixão não interferisse nem criasse obstáculos. Todos podiam ignorar e contestar as pequenas leis da vida.

— Está certo. Bom, eu vou levar Mary-Emma até o carro. Não quero que você simplesmente a tome aqui na entrada. — Sarah carregou a menininha até o veículo de Roberta e colocou-a atrás. — Espere um pouco. Tenho as coisas dela.

Dito isso, voltou depressa para casa, com o rosto pálido, e pegou o saco de lixo no patamar. O branco original fora substituído por um novo, maior e preto; dentro haviam sido colocados os objetos originais de Mary-Emma, além de outros itens: as roupas, o ursinho Puff da Gund, o trem da Brio, uma xícara de prata e o CD de Diana Ross, que eu pusera ali um pouco antes de amarrar tudo com um fio plástico amarelo. Também incluía Steve o peixe, amarrando-o bem dentro de uma bolsinha com água e colocando-a num recipiente de plástico descartável. Não parecia muito, perambular pelo mundo somente com aqueles sacos de lixo. Achei que seria capaz de resgatar Mary-Emma daquela triste música country — “nesses sacos de plástico está minha vida, meu amor” — ou ao menos daquele verso peculiar, mas não fui forte o bastante nem para me desvencilhar da música, quanto mais de uma realidade tão cruel. Eu tentara ser Amber, recalcitrante, confrontante, porém, tal como

Sarah, acabara agindo de forma passiva, translúcida e arruinada, como Bonnie, simplesmente assistindo à partida de sua criança.

— Tome — disse Sarah, jogando a bolsa na direção de Roberta. Na outra mão, levava um copinho com bico, que entregou a Mary-Emma pela janela aberta do carro.

— Mamãe? — Ela parecia assustada.

— Não posso ir com você — disse Sarah, simplesmente mandando um beijo para ela. — Mas vai dar tudo certo. Eu prometo.

— *Ciao*, mamãe! — Mary-Emma começou a gritar e a esticar os braços da cadeirinha. Sarah ficou parada ao meio-fio, calada. — *Ciao*, mamãe! *Ciao*, mamãe!

A despedida dela não fora nem na língua da mãe adotiva nem na da babá, mas na do ex-namorado de Tassie. Os gritos da pequena ressoaram através da janela aberta, conforme o carro se afastava em disparada e pegava a primeira rua à direita.

Nem pude acreditar no que Sarah fizera.

Claro que o rei Salomão estava coberto de razão. A mulher colocada diante dele com o bebê em disputa, a que consentira que o neném fosse cortado ao meio, não era a mãe de verdade.

Mas ela era a esposa de verdade.

Sarah virou-se e voltou correndo para casa. Eu a segui. Nunca vira o pranto invadir uma casa daquela forma. Lá dentro, Noelle entrara pela porta dos fundos com o aspirador de pó e os baldes.

— O que aconteceu? — perguntou, colocando a Coca diet outra vez no freezer.

— Quem tem que contar para você não sou eu — respondi.

E saí o mais rápido que pude.

Por uma semana me ocupei mecanicamente com minhas tarefas, meio que esperando o telefone tocar — que fosse Sarah, Reynaldo ou até, o mais incrível, Mary-Emma, já que sentia a falta dela.

Queria ouvir que todos aqueles pequenos pesadelos tinham terminado — quantos erros haviam sido cometidos! —, que a maior parte fora remendada, aberta e colada de novo, queria ouvir alguém me chamando com urgência, dizendo que eu me fazia necessária! Um dia de primavera findava após o outro, idêntico e tedioso, e o semestre parecia ter esgotado todas as possibilidades, ignorando-me. Participei de duas pesquisas de campo da cadeira de geologia — em ambas as ocasiões, quase como um zumbi. Preparei meu trabalho de pesquisa para Conhecendo o Geólogo: “A geologia sufista plausível de Stonehenge.” Eu me sentia exausta. Mal estava ali. O acúmulo de infortúnios — eu sentia naquele momento — deixava qualquer um bombardeado, reduzindo a pessoa à espessura de uma camisola e à translucidez de uma papeleta. A luz parecia atravessar nossas mãos, o sangue já não mais vermelho: a pele ondulava à brisa, como uma água-viva. A flutuação ao longo do dia assumia todos os contornos de um transe, desencadeando lembranças longínquas, porém esparsas. A passagem do tempo transcorria com a mais leve pincelada. A vida — dissoluta, porque não parava quieta — deslizava e irrompia. Consistia num monte de lixo aleatório, mesmo quando se percorriam as horas como um fantasma convidado a desfrutar de um dia ensolarado na praia.

Murph estava deitada no sofá quando cheguei, à noite, da biblioteca. Falei com ela, mas não recebi resposta. Sacudi-a. Ela continuou imóvel. E gelada, com lábios azulados. Quando a sacudi de novo, houve um gemido. Perto dela, na mesinha de centro, estava o até então esquecido recipiente de plástico com a tapenade de narcisos-de-inverno e um pacote de creme cracker, que fora derrubado no chão ao lado de tudo.

— Ah, meu Deus! — gritei para ninguém em especial, e liguei para o 911.

Enquanto esperava, enfiei os dedos em sua boca para ver se conseguia retirar qualquer restinho de pasta que ainda estivesse ali. Havia um bocado perto da bochecha, simplesmente armazenado; eu a tirei e, em seguida, passei toalhas de papel úmidas por toda a boca da minha amiga. Só uma vez achei tê-la ouvido gemer. Será que era a ipeca?

Uma ambulância e um carro de bombeiros estacionaram em questão de segundos, e Kay desceu e ficou parada na varanda, colhendo novidades.

— Vamos precisar de algum tipo de fita para isolar a cena do crime? — perguntou ela. — Eu tenho um rolo amarelo enorme, lá em cima!

Os paramédicos eram três caras charmosos, em cuja beleza só fui reparar quando me lembrei deles mais tarde. Levaram maletas com cotonetes, injeções, tubos e aparelhos de medir pressão. Mediram os sinais vitais e colocaram Murph numa maca.

A respiração dela era lenta, embora não alarmantemente reduzida. Ainda assim, eles tiraram o piercing de prata do nariz e puseram uma máscara de oxigênio em seu rosto. Fui com ela no fundo da ambulância, segurando sua mão, primeira uma, depois a outra.

— Bulbos de flores? — perguntou um dos paramédicos. — Bom, para tudo tem uma primeira vez.

— *Tem*, não é mesmo? — disse eu, de súbito animada, já que me dei conta de que minha amiga viveria e tudo ficaria bem.

E foi o que aconteceu. Murph era dura de matar — uma mistura de boi com cavalo e com urso e com trator; igual a Steve, o peixe! —, e, depois de tudo isso, ela aparentemente voltou a ser a mesma de sempre. Porém, nos meus depoimentos para a polícia, e no meu novo entendimento do potencial autoabortado de Sarah de matar

alguém — quem mais além de Edward e ela própria, a menos que ela quisesse incluir Liza e os outros? —, a análise de todo o ocorrido foi como uma lâmina que ofusca ao refletir a luz, desafiando todas as armas. Eu me tornara vaga e irreconhecível para mim mesma, em meio à culpa e à inércia. Ou melhor, talvez, recém-descoberta.

Os lagos locais já estavam verdes de espuma. Não passei na final de Pélvis Neutra. Simplesmente esqueci de ir. Quando fui conversar com a professora para explicar:

— Mas a garota que divide o apartamento comigo estava vomitando sangue!

Ela respondeu:

— Essa história é mais velha que a fome!

Entreguei meus trabalhos e provas. Não havia uma palavra inteligente neles. Eu não fazia ideia do que dizia, embora aqui e ali despontasse com uma intensidade constrangedora de argumentações. Minhas notas foram 8.

— Quem era aquela bruxa para quem você trabalhava? — perguntou Murph antes de ir para casa, em Dubuque, passar o verão, de estômago lavado, pulso ritmado, as matérias concluídas.

— Ela não era uma bruxa. — Soltei um suspiro. — Pelo menos eu não acho. — Pensei um pouco mais no assunto. — Pelo menos não uma bruxa lá muito boa.

— Uma bruxa boa, então?

— É, talvez.

— Ainda assim, bem que eu queria dar uma bofetada nela.

Dei uma risada irônica.

— Meu Deus, eu também.

Murph tocou meu braço.

— Não faça da sua própria vida um projeto: uma perda total de tempo. Não digo isso especificamente para você, mas para todo

mundo. Foi a revelação que tive quando regresssei da grande luz branca da morte.

Eu não sentia nada além de admiração por Murph. Sentia que minha amiga era uma terapeuta. Sentia que ela podia ler mentes.

— Você tem a sensação, às vezes, de que certas pessoas são mediúnicas? — perguntei. — Sabe, tipo, você conhece alguém e, lá no fundo, acha que essa pessoa é paranormal, mas que ela mesma nem se dá conta disso?

— Tenho — respondeu Murph.

— É mesmo? Intuiu isso em relação a alguém?

— Você.

Pareceu tanto uma piada que eu ri.

— Sério. — Ela sorriu e me abraçou. — Tenha um ótimo verão.

Tínhamos devolvido o apartamento e nenhuma das duas sabia o que faria quando chegasse o outono, mas não seria nada uma com a outra. Tínhamos colocado quase tudo o que possuíamos num depósito, o que era uma metáfora dos 20 anos, tal como tantas outras coisas.

Meu pai me ligou para perguntar se eu queria ajudá-lo na fazenda. Havia pouco ele dera início a uma fase de “alfaces de três estações” nos negócios e precisava de ajuda: eu correria diante da nova máquina desbastadora-debulhadora e afugentaria os camundongos. Meu irmão estava fazendo as malas para ir ao campo de treinamento em Fort Bliss e ficaria fora durante todo o verão e a colheita. Eu tinha algum outro emprego em vista? Estava interessada?

Eu disse que achava que seria um ótimo exercício e agradei a oferta. Por coincidência, informei a ele, o outro trabalho tinha terminado. Eu chegaria de ônibus, na segunda, e poderíamos

conversar mais sobre o assunto. Tive que limpar o apartamento para receber o dinheiro da caução de volta.

— Você vai perder a formatura do Robert se não vier antes. É no domingo.

— Bom, então vou pegar o ônibus bem cedinho, no domingo — disse eu.

O que eu aprendera até aquele momento na universidade? Você pode fazer um processo de exclusão, eliminando certos fatos de sua vida, mas em sua jornada até um lugar mais seguro e solitário verá, passando pela janela, todos aqueles que já conheceu.

Eu também aprendera que em literatura — talvez na existência — não se devia falar da intenção do autor, mas da intenção da história em si. O criador era inconveniente — Deus estava morto. Porém, a criação em si tinha personalidade, esperanças, desejos próprios, planos, piscadelas, passos de dança e projetos em colagem. Dessa forma Jacques Derrida coincidia com Walt Disney. A história possuía pés e boca, caminhava, conversava e impunha as próprias vontades!

Aprendi que tinham ocorrido várias eras glaciais. Que elas iam e vinham. Aprendi que não havia mamíferos originários da Nova Zelândia. Aprendi que o espaço não estava somente à deriva, com rochas frias e inflamáveis. Aqui e acolá uma criatura andava numa delas, apesar do giro sufista da pedra. Os esporos da vida sem luz encontravam-se em toda parte. Acho que aprendi isso.

Nota

* Referência à expressão em inglês “não coloque todos os ovos numa só cesta”, que equivale a “não jogue todas as suas fichas num só número”. (*N. do E.*)

VI

Meu pai e meu irmão me pegaram na estação de ônibus, pensando que eu estaria com uma bagagem enorme. Robert estava com a beca de formando, carregava o capelo na mão.

— Bom, você não trouxe muito — comentou meu pai, intrigado.

— Coloquei a maior parte do que eu tinha num depósito — expliquei. Dei um puxão na beca de Robert. — Poxa, parabéns.

— É uma façanha maior do que você imagina — comentou ele, constrangido.

— A que horas é a cerimônia?

— Só às 2.

— E você já colocou a beca?

— É isso aí.

— E a gente já tirou um montão de fotos — acrescentou meu pai.

— Você não respondeu meu e-mail — disse meu irmão.

— Que e-mail? — perguntei.

— O último que eu te enviei!

— Você me pediu para ignorá-lo!

— Não, não esse. O que eu mandei depois! — Aos poucos eu me lembrava de que o tinha guardado para responder mais tarde. — Seu endereço ainda é caradebaixista-arroba-isp-ponto-com?

Eu sempre achei que o meu endereço eletrônico fosse engenhoso e moderno, até ouvi-lo em voz alta.

— É. Caramba, desculpa. Não sei o que aconteceu. — Eu mudaria de assunto. — Como tem andado?

— Ando esperto à beça!

— Sério? Ninguém se sente assim!

— Bom, não é bem isso. Na verdade, é e-x-p-e-r-t. Num sentido não tão bom assim.

— Sei. O que foi que aconteceu?

— Sou um verdadeiro expert em arranhar o caminhão no meio-fio.

— Rá! E como! — exclamou meu pai.

— Você acabou de inventar isso? — perguntei ao meu irmão.

— Não — respondeu ele, sorrindo e subindo no caminhão. — Venho trabalhando nisso há semanas.

— *Semanas?*

— Bom, semanas não. Meses, na verdade.

Ele se esforçou para parecer *otimista* e chegara ao *estranhamente alegre*.

— Você deixou aquela sua Suzuki em Troy? — perguntou meu pai, enquanto íamos embora dali.

— Deixei.

— Que pena! — disse meu irmão. O tema do e-mail perdido trouxera junto um sentimento de remorso e descaso, o que não fora divertido. Ao contrário da scooter. — Eu queria ver você dar umas voltas durante a cerimônia hoje à tarde. Ia provocar uma comoção danada!

— É exatamente o que eu gostaria de fazer.

Fiquei olhando a vista da janela do caminhão. Aspersores de irrigação, como esqueletos de brontossauros, espalhavam-se pelos campos das fazendas.

Em casa, tive que ajudar minha mãe a se vestir, no quarto que ela chamava de "a loja". Ali ela guardava caixas de roupas que comprara pelo correio, mas que nunca vestira para saber se ficaria com elas ou se as devolveria. Quando dava na telha, minha mãe as checava, abrindo uma por uma, porém, até esse momento, elas ficavam na loja — que, no fundo, era uma espécie de posto dos correios.

— Gail? — meu pai chamou minha mãe.

— A gente está na loja! — vociferou ela.

Ajudei-a a provar algo que achei legal, e aí fui lá e arranquei as etiquetas.

— Devolva o resto — sugeri. — Mas espere aí, o que é isso?

Havia um lindo chapéu preto, com uma pena esticada no alto, e uma fita pendurada ao lado.

— Isso não é para uma formatura.

— Não, não é. A menos que você estivesse se formando: então poderia agitar a fita ao caminhar pelo palanque e dar um assobio com a pena entre os polegares.

— Mas vai servir para alguma coisa — comentou Gail, segurando-o com mais carinho do que apropriado. — Não sei para quê, ainda.

— Uma festa de época, de cinquenta anos atrás, talvez.

— Ei, por estas bandas? Tem um monte dessas. Mas nem assim dá para usar meu chapéu.

— Onde foi que você o achou?

— Ah, na internet, em algum lugar. O que é que tem na caixa?

Coloquei o chapéu.

— Ficou ótimo — disse minha mãe. — De repente eu deveria dar pra você.

— Aham, deveria sim! — ri. — Eu iria com ele para as aulas! — Guardei-o de novo na caixa, que cheirava a cedro e inseticida.

A colação de grau foi realizada dentro do ginásio, por causa da previsão de chuva, e bem no meio dela o alarme de tornado

disparou, mas nós simplesmente ficamos no lugar. Todas as garotas usavam salto alto sob as becas pretas e andavam cambaleantes no palanque, com muita insegurança, exceto as que caminhavam rápido, daí escorregavam e quase caíam. Eu não conhecia nenhuma delas. Elas usavam peônias brancas e grandes, que pareciam cabeças de gatos angorás, alfinetadas à altura dos seios. Os rapazes agitavam os punhos no ar ao menor sinal de brincadeira velada. Quando Robert caminhou pelo palanque para pegar seu diploma, o diretor, espirituoso, fingiu querer manter o documento, mas meu irmão sorriu, junto com ele, que então lhe deu uns tapinhas nas costas, passou o papel e mandou-o seguir adiante. Notei que gostavam de Robert. As pessoas realmente gostavam dele. No meio da multidão, seu grupo gritou "Pé de Chumbo!" e "Pé de Chumbo, está com chumbo?", e foi quando me dei conta de todas as implicações dele ir para o Exército. Por que é que eu não tinha ponderado a esse respeito até aquele momento? Bom, era fácil responder, mas, ainda assim. Não era desculpa.

Quando o alarme de tornado parou de tocar, nós saímos, e o sol brilhava por todas as partes. Aquela podia ser considerada a estação das flores brancas; para combinar com as peônias das moças, havia grinaldas-de-noiva e margaridas nos jardins no limiar dos canteiros da escola. Restava apenas uma nuvem escura no céu, que, como um gênio maligno, retirava-se apressadamente em meio à brisa.

Meu irmão partiu para o ironicamente chamado Fort Bliss naquele mesmo dia. Nós o levamos até a estação de ônibus e nos despedimos. Aproveitamos para lhe dar umas lembrancinhas. Um cadeado com um pé de coelho. Uma escova de dentes de casco de tartaruga. Eu dei um exemplar com poemas de Rumi e um cartão 7x12 que dizia *Aqui está a resposta para o seu e-mail esquecido:*

não esqueça de escrever!, o que, caso parecesse implicância de irmã, me levou a envolvê-lo e dar-lhe um abraço apertado.

— Melhor você pôr um pouco de *soul* em *soldado*! — sussurrei para ele. — Não vai fazer uma daquelas tatuagens com a bandeira.

Robert afastou meu abraço.

— Por que não? — quis saber, e percebi que meu irmão ansiava pelo conhecimento e o raciocínio por trás de tudo. Notei que se sentia realmente despreparado e desequipado, em todos os sentidos. Até na noite anterior, ele perguntara: — O Afeganistão tem províncias? Que nem o Canadá?

— Ah, sei lá — respondi naquele momento, dando de ombros. Robert deu um largo sorriso, de qualquer forma. Ele deixara de ser criança e virara um rapaz. Como isso acontecera? Nada do que eu dizia ou sabia era do meu conhecimento há muito tempo, de maneira que esse conhecimento não tinha raízes profundas, estáveis, indevassáveis. — Não fique nervoso com o serviço militar — acrescentei. Eu tinha ouvido aquela frase numa música, em algum lugar. — Vai dar tudo certo. Ah, e tome isso — falei mais rápido e só para ele, metendo discretamente um absorvente interno no bolso lateral da mochila dele.

— Meu Deus, para que é isso?

— Só... para uma emergência. Para a pior situação possível: estanca sangramentos.

— Onde é que você aprende esses troços? — perguntou meu irmão.

— Nos filmes. Eu já disse isso para você antes.

A gente tinha levado Blot, e Robert ajoelhou e segurou a cabeça do cachorro.

— Tchau, Blot, seu bundão — despediu-se, puxando o cão para si e afagando-o.

Meu pai meteu um maço de notas no bolso da frente da jaqueta de Robert. Minha mãe estava com os olhos mais marejados de

todos, e meu irmão, como se para acalmá-la e agradá-la, deixou transparecer uma animação tão artificial e benevolente, que dava para notar que ele não fazia ideia do que estava fazendo. Até mesmo ao levantar as mochilas, ele transmitiu certa insegurança. Mamãe se inclinou para beijá-lo e passar a mão em seus cabelos ondulados.

— Puxa, eles vão raspar todos esses fios.

— Não vamos nos sensibilizar por causa de cabelo — avisou meu pai.

— Venda para quem faz peruca! — sugeri, dando um tapinha no braço de Robert. — Vai ganhar uma grana e tudo!

Não consegui deixar de me lembrar da vez em que meu irmão colocara gordura vegetal no topete para ajeitá-lo. Ela congelara a caminho da escola, antes mesmo da gente chegar ao ponto de ônibus na esquina. No meio da manhã, a gordura começou a derreter e a escorrer na testa. Tentei não pensar nas outras ocasiões em que ele era mais novo e tirava, distraidamente, melecas crostosas do nariz. Aquele não era o momento de imaginá-lo como uma criança infeliz.

Quando o motor roncou e o ônibus se afastou, com a face de Robert ainda pressionada contra a janela suja, minha mãe enxugou as lágrimas e disse apenas:

— Eu vou estrangular aquele recrutador.

— Ora, Gail! — exclamou meu pai. Em seguida, acrescentou: — Se você fizer isso com ele, como é que vou poder ouvir o sujeito gemer e gritar quando levar os meus chutes?

Isso alegrou minha mãe.

Comecei a trabalhar no campo de brotos de alface naquela mesma semana. Tinha que correr na frente do desbastador, um acessório especial do debulhador, inventado por meu pai, que se divertia com

ele e o conduzia orgulhosamente como um carro pelo nosso campo tão pequeno que era difícil fazer a volta. Eu corria na frente com umas penas falsas e extensões plastificadas de asas de falcão nos braços, batendo nas folhas para afugentar os camundongos e evitar que entrassem na máquina. (Se tivéssemos que levar as plantas até as instalações de lavagem tripla, reduziria os lucros.) Meu pai desenhara meu traje justamente para fazer isso, aproveitando em parte uma pipa que tínhamos levado para o festival de Pipas no Gelo de Dellacrosse. A fantasia incluía uma máscara com bico aquilino e longas asas que eu enfiava nos braços e agitava enquanto corria, roçando no solo, golpeando as folhas, simulando um predador de verdade e estimulando os roedores a fugirem do desbastador: ninguém queria rato fatiado na salada. Pelo menos, não naquela década.

Eu andava a trote, arremetia o corpo e gritava "xô, xô". Era a criação alada de meu pai, como Ícaro. Eu tinha quase a sensação de voar, como ocorria nos meus sonhos: não muito alto, mas seguia em frente, às vezes decolando ligeiramente, de maneira que meu estômago ia parar no coração. Por um instante. Não muito diferente da scooter passando num quebra-molas.

Eu também tirava pedras do campo; às vezes ele ficava tão cheio de cascalhos quanto uma praia, os seixos brotando à superfície, oriundos de um submundo parecido com uma pedreira. Colocava tudo num carregador para remendar o criadouro de peixes ou para vender na loja de sementes. As que eles vendiam nesse estabelecimento procediam do Oriente. Lá da China! Tudo vinha de lá, até os cascalhos! *É como levar pedras a Dellacrosse* ainda não era uma expressão do tipo *é como levar carvão para Newcastle*, mas, seria em breve, dissera meu pai, sem dúvida uma realidade desconcertante.

Foi desse jeito, na maior parte do tempo mascarada e alada, que passei os dias de verão. Correndo 6 metros à frente do meu pai, que

ia no debulhador redesenhado, eu me deslocava rápido, inclinava o corpo, sibilava e, teoricamente, espantava coelhos também. Os camundongos saíam em disparada, as cobras serpenteavam sorrateiramente. Durante aquelas manhãs, eu tinha criado uma canção com meu pai: “Esquilos, ratos e toupeiras, melhor dar o fora/ quando eu viro um falcão em caça/ quando eu viro um falcão em caça com topete e tudo.” Até Miles Davis teria curtido aquilo.

Meu pai receava que eu estivesse fazendo tão bem esse trabalho que acabasse espantando até os predadores de verdade, que ajudariam a reprimir a população de roedores.

— Ei, a vida no te-a-tro é assim! — comentei.

Toda a trilha sonora de *Oklahoma* tocava em minha mente. O sol ardia. Uma névoa seca, dourada e reluzente, perdurava em todos os prados. O céu brilhava tão azul quanto miosótis, e muitas vezes a impressão digital parcial de uma lua matinal permanecia suspensa, no alto. O ar antes do meio-dia era suave, com o cheiro cúpreo de poeira. Na maior parte das vezes, nós trabalhávamos de manhã cedo e, depois, à tardinha, quando as coisas (eu, as alfaces) esfriavam. Eu passava o meio-dia descansando e lendo, tomando limonada gelada e Coca-Cola colocadas em jarras de vidro, que já tinham perdido a tampa fazia muito tempo. Às vezes, de tarde, ocorriam trovoadas que riscavam o céu de tal forma que era como se estivéssemos em um outro planeta, inteiramente novo. As tempestades pareciam diferentes das da minha infância. Ocorriam em toda a extensão do céu e derrubavam árvores, movendo-se pelo estado com a fúria de saqueadores — ventos e chuvas torrenciais, que podiam mudar o curso de um riacho — e, logo depois, havia uma total calma no ar, lampejos, e brisa, como se nada houvesse acontecido.

Embora eu evitasse a maioria dos piqueniques da comunidade — nunca gostei de me acomodar na grama com prato descartável e mosquitos mordendo a perna, nem de sentar espremida num banco

cheio de lascas a uma mesa velha —, no Quatro de Julho fui com meus pais até o campo de beisebol do condado para assistir aos fogos de artifício. Como aquela foi a primeira apresentação pirotécnica desde o 11 de Setembro, o município tinha alugado um detector de metal pelo qual todos tiveram que passar, com os lírios, nos tons de dourado e verde dos Packers, vicejando nas laterais.

— Como se a al-Qaeda tivesse ouvido falar de Dellacrosse — disse meu pai quando nos sentamos. — Acho que todo mundo quer entrar mesmo no mapa. Não importa qual.

— É uma forma de terrorismo *não* bombardear esta cidade — comentei. Meu pai me olhou.

— Falem baixo, vocês dois — ordenou minha mãe.

Ela levara de lanche biscoitos doces recheados com glacê de limão, os favoritos da minha infância, e, quando nos sentamos, ela passou o potinho de um lado para o outro, para mim e meu pai.

Assim que o sol se pôs por completo, seu tom rosa-enevado estendeu-se horizonte afora como bala puxa-puxa, o ar ficou mais gelado e o show começou. Como se fossem espaçonaves, os fogos de artifício foram programados para estourar em pontos específicos no céu. Peônias e crisântemos floresciam após espasmos e explosões. A gente estava se divertindo? Faíscas em queda chiavam e esvaíam, então reiniciavam; o silêncio que antecedia cada estouro começou a me deixar apreensiva. Alaridos, assobios e estouros: o verde bórico e o azul acobreado traziam presságios demais da guerra. Formávamos um trio taciturno, meus pais e eu, os pescoços todavia arqueados e as cabeças inclinadas apoiadas nos capuzes achatados dos casacos, observando os chuveiros incandescentes. Nosso lanche acabara. Comêramos tudo o que estava no potinho.

Teria sido tão ruim assim se tivéssemos continuado como colônia da Inglaterra? Eu me perguntava furiosamente, a cada estouro. Teria sido tão ruim assim as sobremesas serem chamadas de pudins, embora fossem bolos, deixar alguns artigos de lado, soletrar

algumas palavras de um jeito diferente, amortecer os erres, ter um rei ocioso, uma rainha ociosa e fabricar carros com o volante do lado direito? Bom, talvez valesse a pena lutar pelos volantes. Talvez nossos Pais Fundadores houvessem tido um pressentimento nesse sentido.

— Teve muita varíola no século XVIII — comentei a caminho de casa, espremida entre meus pais, no banco da frente do caminhão.

— Com certeza — confirmou meu pai. — Mas acho que eles começaram a dar as vacinas perto da guerra.

— Bom, pelo menos podemos comemorar isso — disse minha mãe. — Às vezes eu acho que não teria sido tão ruim assim ser inglesa.

— Deus do céu; eu estava pensando a mesma coisa!

— Reacionários no armário! — exclamou meu pai.

— Bom, por que não haveria de ser bom? A Inglaterra fica linda nas fotos. Você foi lá na nossa lua de mel!

— A gente teria sido colono — salientou Robert.

— E daí? Por acaso teríamos que usar Cs enormes e vermelhos em torno do pescoço?

Meu pai se inclinou na minha frente com o intuito de comentar algo com a minha mãe:

— Você manda uma filha para a universidade, e olha o que recebe em troca.

— A Corinne Carlten usa um C grande de ouro *porque quer* — falei.

— E como é que ela anda ultimamente? — quis saber minha mãe.

— Não faço ideia — respondi, e depois fiquei calada.

Todo diálogo com os meus pais acabava num lugar tedioso, no qual eu não queria estar.

— E a Krystal Bunberry, desde que o pai dela ficou doente e tudo mais?

— Sei lá — falei. — Mas foi legal ela mandar todo aquele papel higiênico.

— Se a gente ainda fosse inglês — acrescentou meu pai —, estaria enchendo mais a cara e dirigindo do lado errado; mais ou menos o que o pessoal já faz no Quatro de Julho, aliás.

— Eu não gosto de todas as palavras no nosso hino nacional — comentou minha mãe. Ela desistira de mim e das minhas amigas como tema de conversa. — “Bombas explodindo no ar.” Que espécie de letra é essa para se cantar? Quando tem uma multidão, todo mundo respira fundo e acaba parecendo “bombas explodindo no lar”.

— Silêncio! — pediu meu pai.

Então todos nós nos pusemos a observar a estrada. Os crucifixos altos de postes de eletricidade e linhas telefônicas, ladeando o caminho, multiplicados e diminuindo a distância quase até um ponto de fuga, fizeram-me lembrar da cena final de *Spartacus*.

— Vocês acham que o milho está na altura do joelho? — perguntou minha mãe, e dali a pouco as luzes dos faróis do caminhão giraram e reluziram no caminho de entrada da fazenda e chegamos a casa.

Assisti aos filmes que aluguei na Farm & Fleet. Não eram muito bons; a loja recém-ingressara nessa área e não oferecia muita variedade, mas a gente nunca usava a frase *matando cachorro a gritos* na nossa casa; teria trazido má sorte. Que nem colocar a carteira no chão ou o chapéu na cama. Mas eu estava vendo muitos filmes de Jennifer Aniston e documentários sobre o Brasil e a Argentina. Já no dia seguinte, devolvia tudo. Às vezes ficava passeando de carro, pegando o caminho mais longo. O clima de verão estava ótimo, os acostamentos ficavam com marcas azuladas das chicórias e, em seguida, nevadas por causa das canabrás;

mesclavam-se por um tempo, formando uma espécie de rastro de ervas à beira das estradas. As flores das relvas na pradaria foram replantadas em alguns lugares e, em outros, nunca deixaram de estar: rosa selvagem, martagão, orquídea, loureiro.

Minha mãe já não se dedicava tanto ao seu canteiro. Não era a Rosa da Esperança. As plantas em seus jardins floridos com espelhos espalharam-se pelo gramado, que logo ficou com ervas de aproximadamente 1 metro de altura, disparatadas e úmidas, e por dez dias em meados de julho demonstraram se constituir não apenas de erva-espirradeira como também de beladona e flox. Um campo purpúreo. Uma profusão de violeta — campânulas, dedaleiras e sálvias. Era uma piada estranha e boa o canteiro de flores dela nunca ter ficado tão lindo assim antes. As malvas-rosa mantiveram-se reluzentes, retas e da altura das janelas, com apenas uma leve inclinação. Guetos de equináceas brotaram, mil-folhas e flores de tabaco de matiz fúcsia, como se todas tivessem tomado a decisão de fazê-lo em conjunto. Somente as hortênsias não podadas abriram uma exceção, tendo se tingido prematuramente de verde, denunciando o processo autodestrutivo que lhes era peculiar; saturadas de clorofila, ao mesmo tempo virginais e infrutíferas, seus ramos despencavam no solo, com botões robustos em tons creme e limão. Somente em sua postura curva e degradada, absorvedora do solo, notava-se a ausência de minha mãe. Normalmente, ela nunca teria permitido isso.

Às vezes, à tarde, no meu quarto lá em cima, e ainda com a fantasia de falcão, eu pegava o contrabaixo, vulgo Velho Bob, com a aljava que continha arcos afixada no estandarte, embaixo do cavalete, como um saco escrotal, sacudia a poeira e improvisava uma melodia. Dava certo ânimo tirar um som que não fosse uma endecha daquelas quatro cordas de tom grave. Era um instrumento que requeria perícia — em comparação, o baixo, com seu dedilhado suave e piegas, podia ser considerado um brinquedo — e às vezes

eu simplesmente o tocava com as cordas soltas, algo básico tipo “Nardis”, de Miles, que, de trás para a frente, significava *estrelado* em latim, ou algo parecido, e que eu adorava e não exigia muito de mim. Certa vez, no concurso de música do estado, fiz um solo de um concerto em contrabaixo de Sergei Koussevitzky, que, em 1930, estivera na capa da revista *Time*. Era só isso que eu sabia a respeito dele. Mas, das duas uma, ou eu não toquei bem ou a visão daquela menina, de pé ao lado daquela imensa criatura de madeira, agarrando seu braço, arranhando suas entranhas, arrancando a melodia das cordas à força, não agradou a ninguém, e não fui selecionada. As faces dos jurados durante a audiência eram a própria encarnação do ceticismo, como se todos dissessem *Vejam só isso!*, e eu nunca fora alvo da artilharia de tais expressões antes. Depois disso, eu me afastei por completo da música clássica, precisando deixar para trás a lembrança daquele evento. Era um aspecto da infância no qual os adultos se esqueciam de pensar quando estimulavam os filhos a embarcar em novas aventuras.

Minha mãe ficou ao portal certa vez, observando como eu estava envolvendo com as asas o contrabaixo, com uma das mãos movendo-se como uma lula ao longo do seu braço, a outra ricocheteando o arco numa espécie de staccato, e disse:

— Não é à toa que não consegui dormir. Olhe só para você. Que visão.

Ali estava eu, podia até imaginar, um pássaro com cara de baixista, abraçando os ombros caídos de outra ave, cuja cabeça com crista de madeira e cujo pescoço longo, como o cavalo do xadrez, pairava sobre a minha, parecendo outra criatura dando-me conselhos a respeito do que fazer. Ainda assim, minha mãe sorriu. Eu estava tocando: “Bye Bye Blackbird”. Ela achou que eu tinha feito os arranjos, mas, na verdade, havia copiado ou tentado copiar — se ao menos eu tivesse mais dedos e eles fossem mais ágeis — Christian McBride.

— Sua avó costumava cantar essa música — acrescentou minha mãe, e voltou para o quarto, para descansar.

Veza por outra eu gostava de dar batidas na parte posterior do contrabaixo à cata de ritmo. Minha música era cheia de partes errantes, que voltavam para extrair a melodia ou um punhado que fosse de suas notas, antes de se aventurar de novo. Toquei um prelúdio de Bach para violoncelo que só aprendera um ano antes. Em algumas ocasiões era divertido usar esse recurso, levar o contrabaixo ao nível de um violoncelo, como fazer alguém mais velho cantar uma música de jovem. O Velho Bob reclamava e bramava, mas ia em frente de um jeito mais lento e claudicante, sua ocasional vivacidade veterana num abraço de despedida da juventude perdida. Aquilo me emocionava. Não cheguei a conhecer meus avós, mas, se eles tivessem vivido mais, imaginava-os muito parecidos com Bob. Era o nome da família, afinal de contas.

Como comecei a sentir falta da minha Suzuki, com a permissão dos meus pais peguei um ônibus de volta para Troy para retirá-la do depósito. Meu pequeno compartimento de armazenagem — anos atrás um cadáver em decomposição fora encontrado a duas unidades dali, informara o gerente — ficava bem ao lado da rodoviária. Porém, após a viagem de ônibus, eu precisava dar uma caminhada, esticar as pernas. No depósito, além da minha scooter, havia uma caixa e, ao examiná-la, encontrei meus livros do ano anterior, bem como o colar de pérolas, que minha mãe me dera de Natal e que tirei rápido dali, metendo-o na bolsa. Depois de fechar tudo e deixar a Suzuki num estacionamento público, fui dar uma volta, com passos largos e decididos. Enquanto caminhava, tirei o colar da bolsa e o coloquei no pescoço.

Fui rumo ao centro. Troy parecia silenciosa e vazia sem a costumeira agitação dos universitários. Parecia estagnada e sem

sincronia. Parecia pertencer a um passado adorável e entorpecido.

Sem perceber, segui na direção do Le Petit Moulin. Eram 17 horas de sábado, hora do happy hour, e o sol de verão lustrava tudo que estava à vista, desde as folhas das árvores às vitrines das lojas; até o granito de Baraboo, nas calçadas, brilhava. Naquele horário, as sombras se projetavam em escalas fantásticas e translúcidas. O sombreado bruxuleava nos momentos em que a brisa agitava as árvores.

Eu iria até o restaurante e veria se Sarah estava lá. Sentia a necessidade não só de vê-la como também, estranhamente, de checar se poderia trabalhar para ela de novo, de alguma forma, no restaurante, no outono, quando as aulas comesçassem; então, daria um pulo no LE PETIT MOULIN para me encontrar com ela e pedir um emprego. Na certa só começariam a acomodar as pessoas às 18 horas, então haveria somente funcionários naquele momento.

Passei pela vitrine da frente, com seus queijos expostos sob tampas de vidro antigas, que davam a impressão de serem potes de biscoito com vinagre no fundo. Subi os degraus de cimento da entrada. E tanto que se falava em acesso para portadores de deficiência. Eu nunca, jamais, tinha ido ali, daí não dava para entender bem por que estava tão sem fôlego. Perto do alto da escada havia um camará num vaso, embora, naquela época, eu não soubesse como se chamava nem que tinha custado 900 dólares. Tudo o que eu vira fora algo parecido com uma planta saída de um conto de fadas, com suas flores nos tons rosa e amarelo... Como podia formar duas cores diferentes — ambas graciosas, delicadas e exuberantes? Tinha que ter sido por enxerto ou hibridização. Ali estava uma pequena árvore absurdamente bela.

— Posso ajudá-la? — perguntou um jovem que saía de trás do posto do maître.

Como os clientes ainda não haviam chegado, um cozinheiro de veste branca estava sentado ao bar, e, atrás dele, um barman

limpava os copos com uma toalha. Sobre eles, havia rodas de moinho antigas penduradas, compradas no interior e presas decorativamente nas vigas do teto.

— Estou procurando emprego.

— Não estamos contratando — informou o rapaz no posto do maître.

— Posso deixar meu currículo mesmo assim? Posso fazer qualquer coisa. Lavar pratos, espantar baratas da salada! Qualquer coisa!

Minha própria observação me divertiu, e ri por dentro, mas o cara pareceu inquieto.

— Esta é a nossa última noite.

— Como assim? — perguntei.

— O restaurante vai fechar amanhã.

— Ah, meu Deus.

— Eu sei.

— Sarah Brink está?

— Sarah? — Isso o pegou de surpresa, e ele perscrutou meu rosto, em busca de algo; ou do que eu sabia ou de como a conhecia.

— Não — respondeu, devagar. — Ela não está.

Olhei ao redor. As mesas estavam elegantemente postas, com jogos americanos de tecido e guardanapos brancos. Em todas havia astromélias em jarras de vidro, e o sol, penetrando ali obliquamente, mostrava apenas uma diminuta flutuação astral de poeira. Em breve, com todos perambulando alvoroçados, ela desapareceria.

— Bom, tem uma mesa disponível?

— Perdão?

— Eu queria uma mesa. Para jantar. Para uma pessoa. Eu.

— A gente só começa a servir às 17h30, mas posso acomodá-la agora sem o menor problema, se quiser.

— Quero sim. Gostaria muito. Obrigada.

Ele me conduziu a uma mesa distante e me entregou uma capa de disco antiga, com uma folha impressa que servia de cardápio. Sarah tinha reciclado todas as capas de LPs antigos e colado molduras de fotografias, como nos porta-retratos, para que os novos menus fossem xerocados, podendo ser inseridos e retirados quando preciso. Eu recebi *Harvest*, de Neil Young — talvez houvesse um tema agrícola na seleção de discos dela —, e, embora os cardápios de vinhos e de pratos ficassem sobrepostos à capa, tentei ver quem era o baixista daquele disco. Seria Tim Drummond? Stanley Clarke? O próprio Mingus? Tive que espiar por trás dos nomes de vinho para ter certeza. Drummond.

Voltei a analisar o cardápio — não era uma espécie de poesia? Tomei vinho lentamente durante meia hora, avaliando cada palavra em relação a sua imagem e sonoridade. Havia cebolinhas selvagens e alho-porro-bravo, vinagrete e *roux* — o verão ainda não os tirara do menu. Foi só naquele momento que me dei conta de que não se escrevia *roux* como *ruir*, o que aparentemente aconteceria em breve, ao menos com Sarah. Havia itens surpreendentes: musselina de caranguejo com cappuccino de crustáceos. Avelãs de salmão defumado à erva-doce com espuma de champanhe. Nenhum Chubby Mary naquele restaurante. Havia carpaccio de bisão com folhas secas da estação — será que eram as do meu pai? Havia saladas de quenopódio, com hortelã, azeda, beterraba, brotos de ervilha, tomates selvagens, que eram verdadeiras relíquias, como broches antigos, e queijos que tinham ganhado prêmios em shows, como cachorros. Tanto as sopas quanto as saladas eram buquês de florescências de abóbora e flores de ervilha. E, por fim, quando li embaixo de uma das escritas mais incríveis que eu já lera, tudo picado, refogado, trufado e “guarnecido com” — *confit* de *cipollini*! nabo-japonês! *aïoli* de raiz-forte! —, vi as batatas de meu pai: batatas Bo Keltjin, dos tipos selvagem e alemã, assadas. Naquela parte, com um lombo de carneiro assado, encontravam-se os

refinados e usurpados “ovos de pato Keltjin” — em forma e tamanho de ovo, tão perfeitos quanto batatinhas enlatadas, mas com o sabor de manteiga sem sal, maçã e vinho rascante. Porém não encorpado. O sabor não tinha consistência, carecia dela.

Considerando tudo o que eu vira no cardápio, tentei não achar que as batatas da família pareceram ter sido minimamente descritas — incluídas sem as palavras *primaveris* nem *amanteigadas* nem *polpudas* nem *leitosas* nem *douradas* nem *crocantes*, tampouco *clandestinas* ou cultivadas em *solo compacto e fértil para ajudar a condensar o sabor*. Ainda assim, ali estavam elas, pelo visto simplesmente falando por si sós. O que já era algo. O nome de meu pai estivera naquele cardápio durante todo aquele tempo, talvez por anos, sem que eu soubesse. E, como era apenas uma folha impressa, perguntei:

— Posso ficar com o cardápio?

— Claro! — respondeu o garçom, que não só encheu de novo minha taça com Prairie Fumé como também me ofereceu um guardanapo preto. — Vi que está usando essa cor.

Não entendi.

— É para combinar?

Minha calça era preta, mas minha blusa, na verdade, azul-marinho.

— Bom, de repente não vai gostar de ficar com fios de guardanapo branco na sua roupa. — Ele se afastou um pouco. — Você é quem sabe.

— Ah, claro — concordei. Comer ali era algo sério, eu sabia. — Ainda bem que eu trouxe meu fio dental preto! — Talvez eu fosse louca; o garçom com certeza me olhou como se fosse.

— Existe fio dental preto? Ou ele simplesmente fica assim? — Era possível que ele me odiasse.

— Não sei bem — respondi. Voltei a me concentrar no cardápio. — Como estão as batatas? — perguntei, sem erguer os olhos.

— Muito boas. — O garçom sorriu. — E tem dois pratos que não estão no menu mas que posso lhe informar, se quiser. O primeiro é a truta-de-lago com crosta de amêndoas, por 34 dólares. — Trinta e quatro dólares por um peixe provavelmente fígado no laguinho do outro lado da rua da Escola de Ensino Médio de Dellacrosse me pareceu, bom, um preço alto. (E naquela região, a gente, tão tapada, chamava *ensino médio* porque todo mundo achava o ensino ali bem mais ou menos!) Ah, o vinho: frutado como suco. Pronto, nada como uma pesquisa de verdade sobre vinho!

— Obrigada. — Assenti e coloquei o guardanapo preto no colo, colocando o branco na lateral do banco, caso tivesse de assoar o nariz. — E o segundo?

— Ah, perdão. É fraldinha servida com shiitake no próprio sulco.

— No próprio sulco?

O cara deu a impressão de ter ficado pasmo.

— Aham — confirmou. — Acho que sim. — Olhou depressa para as anotações no bloco, que tinha metido rápido no bolso. — Isso.

— Obrigada. — Tentei sorrir. O sotaque de Delton nunca passava. — Por um instante pensei que você fosse dizer “fraldinha em sua própria fraldinha”.

— Não — disse ele, virando-se e retirando-se apressado.

O ângulo do sol pouco a pouco diminuiu e o ambiente se aqueceu; mas em seguida o sol caiu um pouco mais, sombreando a área.

O garçom me levou uma xícara pequena de pasta de pastinaca com agrião e *crème fraîche*.

— O que é isso? — perguntei.

E ele explicou. Um *amuse-bouche*.

Será que me envenenaria como a tapenade de Sarah fizera com Murph? Quem se importava?

— Certo — falei.

E levei a diminuta xícara com asas até a boca e bebi ruidosamente. Eu parecia uma gigante atacando de surpresa uma casinha de bonecas. Uma imensa Cachinhos Dourados entre ursos pequeninos. Sentia-me monstruosa. O talinho do agrião foi até minhas narinas.

Então, levaram outra miniporção de boneca: um figo com filo caramelizado e pinhões. Um bombom dos deuses.

Eu nunca tinha provado uma comida preparada tão minuciosamente, e degustá-la naquele tipo de solitude compenetrada e contrita, num lugar público, no qual àquela altura ninguém, senão eu, estava sentada sem companhia, fazia com que cada mordiscada que eu dava fizesse barulho e ressoasse. Não obstante, era uma experiência estranha, ter o paladar tão bem cuidado e o espírito tão intocado. Tratava-se de um estado de adoração sem prece. Comunhão infindável. Igreja sem evangelho.

Como se cada molho fosse um chofer, cada prato aparentava ricamente ter o seu. Pedi o ravióli de aspargo caseiro — ravioluses! — com tomilho, aspargos e ervas picadas, vegetais em lutas corporais contra si mesmos. Gradativamente, senti que tinha começado a ascender a uma espécie de primeiro estágio do paraíso. Era surpreendente consumir pratos com aquele sabor. Houve alguma outra época no planeta, antes dos dias de hoje, em que as pessoas consumiam alimentos tão bons assim? Com certeza se comia de um jeito não previsto nem preparado pela evolução. Aquilo era um milagre, gratuito, estonteante e deslumbrante. Um “purê de aipo-rábano” sem dúvida poderia curar todas as feridas e remover todas as manchas, mas o que era *torchon*? Um *ganache*? Um *sofrito*? Um *rillette*? Até mesmo a “escarola tenramente refogada” parecia uma frase numa suposta língua nova, palavras familiares reestruturadas, com bastante sorte, para atingir a mais alta pontuação num jogo de Scrabble.

Pedi um prato de acompanhamento de batatas da fazenda Keltjin.

— Com *o ravióli*? — perguntou o garçom, friamente.

— Sou parente — informei.

— Do ravióli?

— Das batatas.

Eu o pouparia das conversas que tinha às vezes com Sarah, sobre o *terroir*, e o elemento-chave, a areia, que se movia e as empurrava para fora, mas não muito longe.

— Uau! — exclamou ele, como se isso fosse ainda mais engraçado.

Pedi uma espécie de peixe chamado kona kampachi. Não era esse o nome de uma estrela exótica dos anos 1940? Ela não tinha usado um traje de banho de uma única peça, com sainha, os seios como chapéus pontudos de festa? O prato veio servido com um limão parcialmente envolto numa redinha ornamentada. Eu espremi, borrifei, respinguei e não precisei retirar as sementes. Nunca havia visto um limão numa rede. Uma frutinha vestida de princesa. *Leve isso para o abrigo dos sem-teto*, eu ouvira uma das vozes de quarta à noite exclamar. As batatas chegaram cozidas ao ponto, e poderiam ter sido penduradas num colar para Barbara Bush.

Eu comi lentamente, pedi mais e fiquei até tarde. Os funcionários tinham começado a limpeza e eu ainda me encontrava ali, no restaurante quase vazio.

— Não se preocupe. Apesar de estarmos fechando cedo, por ser a nossa última noite, não precisa ter pressa.

Pedi xerez e queijos de sobremesa, com seu sabor persistente de putrefação, amônia e bandagem adesiva. Havia queijo de trufa com ervas, cheddar de 12 anos com açúcar picante, pedaços de queijo de cabra com a consistência de pasta de dente seca. Queijo de vaca, queijo de ovelha, queijo de cabra — todos os animais da minha

infância estavam ali. Exceto porco. Onde é que se encontrava o queijo de suíno? Acabei não perguntando, apesar do vinho.

Comi uma tigela de morangos frescos regados com um vinagre balsâmico tão espesso que tinha a viscosidade do mel. A mesma sálvia caramelizada que eu provara na casa de Sarah os guarnecia. Toda porção que eu tinha comido até aquele momento pareceu-me diminuta e delicada, de forma que aparentava ser menos um jantar que uma metáfora de ceia. Comecei a pedir mais. Pedi uma segunda sobremesa, de sorbets caseiros, com acompanhamento de ervas tais como hortelã ao chocolate, alfazema e framboesa com os gominhos pilados e espalhados pelo prato, parecendo insetos sangrentos. Eu tinha ouvido Sarah falar nesses sorbets: em fevereiro ela dissera que os prepararia em vários sabores e cores e que os deixaria do lado de fora, expostos ao frio na escada de emergência, para conservá-los gelados; ali ficariam, nas forminhas, reluzindo a noite toda, sob o luar de inverno. Quando mencionei isso para o garçom, que eu tinha ouvido dizer que aqueles sorbets eram caseiros e congelados na escada de emergência no clima gelado, sob o luar, sua face contraiu-se, como se houvesse um mau cheiro ao seu redor.

— Quem foi que lhe disse *isso*? — perguntou.

Minha scooter não era realmente feita para uma viagem de 100 quilômetros à noite, mas teria que aguentar. Passei a toda por um ônibus lento que ia com o motor roncando, espalhando fumaça. Assim que saí de Troy, senti o cheiro de esterco ladeando-me, em meio ao crepúsculo cada vez mais intenso. O céu, que começara a adquirir um matiz acentuado de ameixa, expunha em certos pontos o tom lúgubre verde-dourado da polpa dessa fruta. Os ventos mudaram de uma forma que me deixou apreensiva. A chuva acabou chegando, como um animal a galope. Ir para casa daquele jeito — teria sido uma idiotice da minha parte?

O papa era católico?

A água era molhada?

As folhas mostraram seus lados prateados, voltando-os para o alto. O céu apresentava o aspecto dourado da tempestade. Algumas nuvens haviam captado a luz da cidade, que se perdia a distância, e pude ver que elas faziam um movimento de rotação. Eu ia o mais rápido que podia. Às vezes sentia as rodas derraparem e precisava frear para endireitá-las a tempo. Durante um longo trecho, entre dois milhares intermináveis, tive a sensação de que estava realmente parada, sem ir para lugar nenhum, a paisagem tão exaustivamente igual. Daí, a estrada recomeçou a fluir, e surgiram as árvores, mas o ar continuou parado, embora com rajadas súbitas e ruidosas. No escuro, era preciso dar guinadas repentinas para evitar atropelar os animais — gambás esmagados podiam deixar o trecho escorregadio, guaxinins eram bichos grandes e, muitas vezes tesos, por causa do rigor mortis, podiam derrubar um motociclista. Além disso, um porco-espinho azarado, com a aparência de um cacto ornamental no canteiro central, podia ser perigoso.

Eu me distraí com o idioma: *Tire o cavalinho da chuva* — o que é que isso realmente quis dizer algum dia? Eu era filha de fazendeiro, e não saberia informar. *A chuva era molhada?* — essa eu entendia: usar o óbvio de modo sarcástico parecia ser algo típico da gente do interior e ficava ainda mais evidente quando realçado por um excesso de irresponsabilidade individual. O papa era católico? O urso vivia na floresta? Desopilava o fígado lá? E se o papa estivesse faminto (e se se deparasse, no bosque, com esse mesmo animal, tanto ele quanto o bicho deslocando seu volume corpóreo, debatendo-se em arbustos e deixando rastros) comeria o fígado do urso? E morreria por causa disso?

A chuva começou a me bombardear como granizo — e talvez fosse mesmo: gelada e pungente. A fria umidade feria o nariz e as maçãs do rosto. Tive a sensação de que fragmentos atingiam os

para-lamas da scooter. Eu estava sem capacete. Meu farol solitário aparentava irradiar sua luz apenas alguns metros adiante, enquanto eu continuava a correr em sua direção, como um galgo na direção de uma lebre provocadora em movimento. O vento rodopiava em torno de minhas orelhas como um turbilhão, fazendo minha mente galejar, o que me lembrou do nome da minha mãe, Gail: eu seria a filha da tempestade. Além disso, eu tinha provado a comida de Sarah e, sem dúvida, enlouqueceria e viraria a própria medusa! Meus cabelos esvoaçavam e se embaraçavam, formando touceiras rígidas de palha. O principal era não perder o ânimo. Em todos os aspectos, na certa. Até mesmo para medusas. E eu estava decidida a não fazê-lo.

— É perigoso você andar nessa sua motoca durante horas, e à noite.

Meus pais esperavam por mim quando eu cheguei, completamente encharcada, os cabelos açoitados a ponto de virar corda de esfregão.

— Você está usando o colar de pérolas — comentou minha mãe.

Eu tinha esquecido. E verifiquei de novo, para senti-lo. Estava ensopada.

— Ele pode molhar — acrescentou ela, tentando ocultar a surpresa e a aprovação. — Não tem problema. É até bom. A gente recebeu um cartão do Robert hoje.

— É mesmo? — Minha mãe entregou-o para mim.

— Nunca mais, hein? — disse meu pai, inflexivelmente, tentando chamar minha atenção. — Você só vai andar de scooter durante o dia.

Dei uma olhada no cartão de Robert. *Oi, gente*, dizia, em vez de "Querida família". E quem falava "querida família", aliás? Ninguém. *Saudações das profundezas rechonchudas do Texas. A comida aqui mais parece um cruzamento entre Alien 5 e Predador 3. A gente vai*

embora amanhã. Com carinho, R. Não era nada. Não dizia nada. Na frente havia uma foto de El Paso, com o característico céu azul implacável, o qual parecia ser formado de lobélias, que desvaneceram e ascenderam ao firmamento, invadindo tudo. Nunca pensei que um céu azul pudesse parecer tão sinistro.

— Você ouviu o que eu falei sobre a scooter? — perguntou meu pai, tenso.

— Ouvi. Está bem. — Então, peguei a cópia do cardápio e dei para ele. — Encontrei as suas batatas.

— É mesmo — disse ele.

Fiz o que me pediram para fazer. Só usei a scooter durante o dia, para ir até a cidade tomar refrigerante e alugar filmes. Às vezes, depois de trabalhar com meu pai nos canteiros de hortaliças, eu ia, ainda com a roupa de ave, perambular pelas ruas do condado com seus nomes que se reduziam a letras — F, M, PD — as quais não correspondiam a nada que fosse do meu conhecimento. O vazio delas, bem como as rpm's da scooter nas curvas e colinas, embalavam-me noutro tipo de voo. Às vezes eu voltava a pensar que era uma extraterrestre tentando retornar para casa, no espaço cósmico. Ou que, de alguma forma, tal como minha condição de meia-judia, eu fosse apenas parcialmente alienígena, uma raça mestiça, uma mulata trágica saída duma ficção científica; como qualquer um podia notar, eu não tinha a menor noção de como voltar para o espaço exterior. Não restava dúvida de que estava colocando tudo a perder. A brisa me refrescava, até mesmo como ave de rapina, embora, com uma tempestade se aproximando, os insetos a pressentissem e entrassem em pânico; mutucas do tamanho de abelhões em voo rasante, juntamente com mosquitos e libélulas, começaram a se chocar contra o meu rosto, a grudar nas minhas asas e, em certas ocasiões, nos meus dentes e na minha

garganta, se eu estivesse cantarolando. Eu teria que dar a volta e ir para casa.

Alguns dias, após o trabalho, eu simplesmente vagueava pela propriedade. Solo arenoso era bom não só para batatas como também para tílias e choupos, que na nossa fazenda eram gigantescos e formavam sombras. Eu andava pelo nosso minúsculo pomar fantasmagórico, no qual as cerejeiras, sem poda havia três estações, até aquele momento, estavam cobertas de espinhos, nodosas e, em sua maior parte, sem frutos, aguardando, talvez, uma serra circular, um carpinteiro que fizesse uma mesa — ou uma peça teatral russa! Às vezes eu achava um punhado de cerejas maduras demais e, tal como ocorria com as maçãs no pomar das três macieiras, gostava de encontrar as frutas ligeiramente passadas. Tinha o hábito antigo, não desencorajado por minha mãe, de morder as partes machucadas das maçãs e das cerejas, para chegar aos pontos sob a casca em que elas haviam feito o próprio vinho, adocicado e marrom.

Após o velho esfriadouro, agora usado como barracão, e o silo construído firmemente numa pequena colina perto do arboreto, eu muitas vezes ia até o criadouro de peixes com Blot, só para dar uma olhada. Meu próprio cachorro se interessava mais em localizar seus excrementos do verão anterior, dejetos que haviam ficado tão brancos e secos quanto lanches espaciais.

— Blot! Vem aqui!

Eu precisava gritar, temendo que ele partisse em disparada numa peregrinação odorífera e autocentrada e que nunca mais se ouvisse falar nele. Lucy, nossa cabra ama-seca, tinha acabado de ser amarrada para o verão, já que havia ido muitas vezes para a construção vizinha e mordiscado os quiosques de compensado.

Em certas ocasiões o solo encharcado cedia sob meus pés: túneis de toupeiras. Ao longo do caminho, algumas vezes as raízes dos velhos carvalhos retorciam-se em torno de si mesmas, circundando

um canteiro de plantas silvestres; noutras, estendiam-se caminho afora, tomando a forma de degraus ou de coluna vertebral de um animal ancestral que despontasse do fundo da terra. Impressionava-me a aura de magia de algumas dessas árvores, mesmo após as luzes se dissiparem; os carvalhos com folhas alongadas, os restos acabados da antiga savana e os bordos, árvores enormes com folhas em forma de estrelas, nas quais eu e meu irmão havíamos subido, para ler em seus galhos firmes. Algumas tinham troncos ocos, permitindo que você entrasse, numa espécie de terapia de cura, e sumisse de vista até se sentir melhor; ou então, era possível entrar nelas e sair rápido, pelo simples prazer da surpresa. O lume vital delas nunca parecia se extinguir por completo. Ao longo dos anos, e com o encorajamento abstraído do meu pai (talvez para nos tirar das árvores), tínhamos passado o tempo reforçando as margens do criadouro de peixes com pedras que nós tirávamos dos campos e amontoávamos. Pelo visto, a lagoa sempre precisava de apoio. A gente formava pilhas com as mais redondas, do tamanho de um punho, encontradas nos arredores, antes de ajeitá-las nas beiradas. Algumas vezes, elas nos davam a impressão de ser tão acolhedoras quanto nossas próprias batatas; outras, lembravam um aglomerado de roedores sem rabo e, dependendo da luminosidade, podiam até espantar.

Eu sabia que os cascalhos do campo que não fossem levados para ser vendidos aos jardineiros das lojas de suprimentos ficariam reservados para o criadouro. As estruturas desse viveiro só haviam aguentado tanto tempo porque tínhamos sido crianças e nos dedicado à sua manutenção com entusiasmo, encaixando as pedras com a mesma firmeza com que montávamos Legos. Também usávamos diversos materiais para agregar à argamassa, tais como gergelim, pasta de dente, chiclete e cola. E, embora as misturas tivessem sido carregadas pelas águas fazia muito tempo, os cascalhos haviam se perpetuado sem problemas, por causa do nosso

projeto original e empenho em sua construção. Além disso, o riacho era tranquilo. Os peixes ainda encontravam seu caminho e ali ficavam. Durante certas semanas, no verão, o café da manhã consistia em perca com pão torrado.

O campo de tênis também fazia parte de meus projetos, como algo a ser recuperado — mas, para quê? O mato havia penetrado pelo cimento da quadra, carriços-da-areia e eulálias; ervilhacas e pés de cizirão, bolsas-do-campo e lisimáquias espreitavam nas bordas; todo tipo de erva-moura, capim “pé-de-peru” e grindélias agarraram suas oportunidades. Em algumas partes, a quadra se desintegrara, virando pó seco, noutras, fora circundada por um bolor granuloso e ferruginoso. Àquela altura, não se distinguiam os resquícios das linhas de saque do líquen que causticara as beiradas partidas de concreto, pedaço a pedaço. Macadame sedimentado. “Macadâmias!”, brincava meu pai. Para ele, o tênis de nada servia: levava-o a se lembrar da própria infância, que ele deixara para trás, do período em que, na Inglaterra, o campo era sinônimo daquele esporte. O que mais queria dizer? Era o que ele estivera determinado a descobrir.

Resolvi fazer da campina um miniprojeto. Primeiro, peguei as tesouras do meu pai e cortei as margaridas e os buquês rosados dos painas-de-seda, para colocá-los em alguns vasos espalhados pela casa; porém, constatei depressa que se encontravam cheios de formigas. Então, de posse do cortador de grama e do ancinho, removi os cardos, os bredos e tudo o mais que vicejava. Com o maçarico de mão do meu pai, queimei plantas e abri espaço entre os dois postes de madeira, onde deveria estar a rede. Ambos achavam-se rachados e estufados, por causa dos anos de exposição ao tempo. A erva-de-são-joão os envolvera como laços natalinos em garrafas de vinho embrulhadas. Com o ancinho, capinei o meio da quadra desintegrada, formando uma trilha limpa e chamuscada, de 60 centímetros. Daí, coloquei ao longo dela um pedaço de tapete para áreas externas ou internas, de 6 metros, que eu encontrara no

celeiro. Pendurei uma corda grossa e velha entre os postes, peguei minha coleção de poemas de Rumi, cuidadosamente estiquei-a, desprendendo as páginas para poder pendurar as folhas dobradas nos vincos e prendendo-as nas cordas com tachinhas; então, deitei ali debaixo e li. Sempre tive vontade de ter um aparato que pendesse do teto com um livro iluminado — por que ninguém inventara isso ainda? — e aquilo foi o mais perto que cheguei da ideia.

Eu encontrava tempo todos os dias para ir até ali, um santuário em relação às motoniveladoras e às escavadoras que funcionavam a todo vapor na terra do gazebo. Se houvesse mosquitos demais, eu levava repelente e borrifava o ar, daí entrava na nuvem formada com ele como se fosse um spray de colônia. Deitava e olhava fixamente para o alto: as sombras daquelas palavras criavam uma tenda mágica. Como a campina formava um abrigo contra as brisas, as páginas não esvoaçavam muito no ar e, se eu quisesse, podia rearrumá-las e reposicioná-las ao bel-prazer. Enquanto lia, vez por outra borboletas pousavam ali, como se para checar aquelas novas primas e, em seguida, alçavam voo de novo. Eu absorvia Rumi e refletia sobre o amor e seus êxtases, bem como sobre a extinção do eu diante da essência divina; em determinados momentos, revirava os bolsos em busca de chiclete, que eu desembrulhava, assoprava para tirar qualquer resquício de poeira do bolso e mastigava, enquanto lia. Quando eu cansava de Rumi, colocava Plath, cujos gritos enérgicos e refinados nunca me exauriam, até me cansar; aí, ansiando por algo diferente outra vez, passei a pendurar receitas diversas, cuidadosamente tiradas de livros velhos de culinária, que minha mãe já não queria mais. Estudava suas anotações, sua magia segura, seus segmentos úteis. Eram o oposto da poesia, salvo se, como eu, você raramente cozinhasse; nesse caso podiam ser considerados semelhantes. Eu recolhia as páginas quando terminava, caso chovesse.

Cheguei a ir nadar — uma vez, na piscina municipal do Dellacrosse Village. Com trajes normais, fui de Suzuki até lá, no dia mais quente de agosto, então, tirando as peças até ficar com um dos maiôs velhos da minha mãe, cujo corpete acolchoado me ajudava a flutuar, dei voltas de ponta a ponta na água turquesa, até ficar exausta.

Não encontrei nenhum conhecido, exceto uma moça que estudou comigo no ensino médio, Valerie Bochman, a qual já estava com um bebê rosado e gordinho que corria de fralda pelos irrigadores da piscina inflável adjacente enquanto a mãe observava, acomodada numa toalha. Estranhamente, o neném não era lá muito fofo. Tinha uma cor pálida, era gordo e seu olhar, inexpressivo. Eu sabia que Valerie tinha se casado, mas já não me lembrava mais com quem e não fazia ideia de qual seria seu sobrenome. Ela enterrara o antigo e adquirira um novo, como uma testemunha num programa federal de proteção. Como é que nós mulheres conseguiríamos encontrar umas as outras quando chegássemos à meia-idade, voltássemos e tentássemos achar as amigas no catálogo de endereços? Todas estaríamos ausentes. *Havia* um programa de proteção para o sexo feminino. Antes de voltar para o vestiário de ripas de pinho a fim de tirar o cloro e observar com desânimo o chuveiro coberto de limo, com seus bocais de borracha lembrando uvas passas, e concluir que aquela ducha mais parecia um queijo Stilton de mirtilo, acenei de leve, do outro lado da piscina, para Valerie. Porém, ela não retribuiu o gesto. Simplesmente me lançou um olhar vago, sorrindo de um jeito reservado, que não dava o menor indício de reconhecimento. Então, fui embora. Talvez Valerie se lembrasse de mim quando voltasse para casa.

Todas as noites eu deitava na cama e ficava acordada até depois das 22, lendo. A luz da luminária atraía os insetos, que entravam pelos buracos das telas e, às 23, quando eu olhava para o teto, ele já

estava repleto de bichinhos, pequenos, médios e grandes, claros e escuros, todos reunidos ali numa nuvem sombria, como se aguardassem Tippi Hedren. Certa vez, uma criatura albina alada e pernalta pousou no meu livro, e sua esquisitice me fascinou, embora logo depois eu a tivesse esmagado com toda força entre as páginas. Numa outra ocasião, acordei no meio da noite e vi uma longa faixa de luz, vinda do corredor, que penetrava pela fresta entre minha porta e o alizar mal-encaixado, e os vaga-lumes, esvoaçantes, adentravam meu quarto por ali, tremeluzindo como fadas, como se a porta não fosse nada, como se não houvesse um obstáculo separando aquele ambiente dos outros. Pareciam frutos da imaginação, na verdade, porém eram visões que eu não tivera quando pequena, já que, naquela época, dormia profundamente a noite inteira, com uma tranquilidade já não mais possível.

Sempre que eu vestia a fantasia de ave, sentia-me novamente como Ícaro — aí está, professor Keyser-Lowe, de Clássicos 251! — apesar de saber que, de acordo com o mito, aquilo não significava nem sorte nem perspicácia. Mas, para mim, estava revelando ser a melhor diversão daquele ano. Às vezes, à tardinha, com a lua de verão mostrando-se como um gomo de tangerina — uma casca de laranja deixada ali como sobra do almoço de Deus! —, eu me preparava toda para sair, então meu pai dizia:

— Ah, sinto muito, a gente não vai fazer a colheita agora.

E eu comentava:

— Tudo bem.

Mas, ainda assim, saía de qualquer forma. Talvez estivesse ficando viciada em ser águia ou falcão ou seja lá o que fosse. Talvez só precisasse do exercício noturno. Muitas vezes Blot ia junto comigo, andando a trote ao meu encalço. As aves chilreavam suas

músicas sertanejas melodiosas: “Vem cá, sabiá, vem cá, sabiá / por que não vem para mim?” Pareciam felizes, porém insinceras.

A luz do poente emprestava às nuvens os tons amarronzados e avermelhados que as tornavam semelhantes a uma cadeia de montanhas. Em meio ao crepúsculo, eu corria em disparada entre os canteiros de alfaces de três estações, e os meus sonhos de voar retornavam. Como sempre ocorria com eles, eu nunca saía muito do chão e, naquele instante, ali, quando eu dava um salto sentia as asas me sustentando, como uma pipa, por alguns momentos sobre o campo. Flutuando, animada, a parte alada encontrava um pouquinho de ar, de forma que quando eu aterrissava, saltava de novo, imediatamente, tomando impulso com um pé — sentir por uma fração de segundo a capacidade de voar era uma emoção empolgante. O voo constante teria sido irrelevante e, além do mais, assustador. Aquele era meu sonho modesto tornado realidade: um voo desprezioso. Do tipo que nunca ganhava altitude o bastante para ampliar a visão.

Sozinha, à noitinha, eu ficava quieta; não cantava nada. Nas extremidades do campo e próximo ao celeiro e ao silo, a luz se mantinha no espetáculo da erva-lanceta. Assim que o sol se punha de todo, as andorinhas irrompiam de seus ninhos de lama para se alimentar. Em seguida, partiam os morcegos do celeiro — os pequenos arremessando-se, os maiores, como pumas alados, arrastando-se no ar, ignorando os mosquitos, indo na direção dos vaga-lumes. Às vezes eu analisava seus voos, que nunca seriam meus, e eu nem queria que fossem, pois os movimentos dançantes, a um só tempo perscrutadores e ágeis, eram dignos de ser admirados.

Eu aperfeiçoava meus saltos e voos todas as tardes, enquanto o céu escurecia lentamente. Toda a maquinaria diária da construção vizinha parava, e as asas dos grilos davam início ao *scherzo* serrado e repetitivo do verão — como as cordas enérgicas de uma peça de

Philip Glass. As cigarras chiavam e vibravam como o chocalhar de pandeiros, os pintainhos gorjeavam — todos unidos, formando um só coral. Vez por outra ressoava o grasnido de um ganso solitário e longínquo. Eu rumava para o arboreto distante, dirigindo-me a um ponto em que havia grama-azul intercalada com centeio, o que deixava a área perfeita para um campo de futebol. Eu corria em direção a essas ervas e voltava, sentindo as asas flutuando levemente e até mesmo certa ausência de gravidade por alguns instantes. No outro lado do arboreto, os sumagres, que avermelhavam, estavam frutificando naquele ano, e, às vezes, eu ia até eles também. Se Blot latisse com muita empolgação, mordiscasse meus calcanhares ou pulasse nas minhas asas, eu o levava correndo de volta para casa e regressava aos campos sozinha, para em seguida percorrer os caminhos de chão batido que ladeavam os canteiros de hortaliças. Ficava correndo para lá e para cá, sentindo-me flutuar ligeiramente acima da terra.

E, então, numa tarde de atmosfera tênue em que a vida pululava com o grasnido das pererecas e o ocasional coaxo de um macho cortejador na lagoa, e em que o firmamento mostrava-se coberto por uma miríade de estrelas de verão — quantos desejos! se alguém quisesse torná-los reais; quantas guias para os navios! se alguém estivesse comandando um! — ambos estavam lá: Reynaldo e Robert. Parei, com o corpo acalorado em virtude da corrida. Eles se encontravam lado a lado no final do campo, Robert com o colchonete de ioga, Reynaldo com o tapete de oração. Cada qual com um celular e um exemplar de poemas de Rumi. Encarei como um mau presságio a quietude dos dois, aparições que pareciam recuar e manter a mesma distância em relação a mim, não importava o quanto eu tentasse alcançá-los, e o fato de não terem dito uma só palavra antes de se virar e se afastar, esvaindo em meio à escuridão, embora o céu continuasse mapeado e reluzente com suas constelações. Eles tornaram a voltar na noite seguinte da

mesma forma, nem vaporosos nem cadavéricos, porém mudos, dando a volta e se afastando, daquela vez com um garoto meio machucado que, percebi na hora, como numa visão, tratar-se de Gabriel Thornwood-Brink: compreendi então que estavam irremediavelmente mortos, todos eles, e me dei conta de que, naquele momento, os itens realmente úteis da vida, como as estrelas, iriam se tornar adornos indecifráveis.

Eu não estava quando os dois oficiais militares foram de carro até a entrada da fazenda para anunciar o falecimento de meu irmão, embora anos depois viesse a conhecer alguém que vivia disso. “É muito difícil e estranho”, comentaria ele. “Foi o trabalho mais estranho que eu já tive. Apesar de saber que cumpria meu dever, era um exercício de total ignorância, o que, para qualquer um que tenha passado algum tempo nas Forças Armadas, quer dizer muito.”

Não ficou claro como e por que a morte de Robert ocorrera tão cedo, tão repentina e instantaneamente — após oito semanas de treinamento acelerado, eles foram rapidamente enviados para as bases no exterior, já que a capacidade de reunir tropas de voluntários nas Forças Armadas começava a se esgotar. Eles tinham acabado de desembarcar numa área perto da província de Helmand; encontravam-se ali havia menos de três semanas; houve um BBIED, mas não um QRD, pois as forças encontravam-se todas em TK ou J-bad, junto com as MREs. Todos estavam equipados com AKs, no entanto, até mesmo uma varredura de rotina em busca de minas terrestres podia dar errado. A carta informava algo diferente do que fora dito ao telefone. Em reconhecimento à nossa perda, um cheque no valor de 12 mil dólares chegou de imediato, por correio expresso, com *Keltjin* escrito errado.

Não relatarei o lamento de minha mãe. Um verão passado na cama não lhe dera nem um pouco de forças para enfrentar a morte

do filho, mas, pareceu, em vez disso, estabelecer uma rotina de luto por Robert. Uma vez ela desceu, simplesmente para gritar com meu pai.

— A gente nunca devia ter dado o seu nome para ele! Os judeus sabem disso. Dá azar! Por que você insistiu tanto?

— Achei que você quisesse dizer que dava azar para mim! — vociferou meu pai. — E eu não acreditaria mesmo. Nunca liguei para a superstição do velho mundo.

— Bom, olha só a superstição do velho mundo agora! — bradou ela, voltando depressa para cima.

Meu pai não estava em casa quando os oficiais apareceram, e também ele entrara silenciosamente num estado de choque, embora tenha comentado, aborrecido:

— Vou dar uns telefonemas.

Não sei ao certo se havia feito ligações o bastante para se satisfazer. Uma expedição para desativar minas. Uma emboscada durante a patrulha a pé. Que tal uma pancada na cabeça com uma retroescavadeira? Ou uma fratura causada por uma empilhadeira? Os rapazes tinham ficado tempo demais à noite, nas montanhas, apesar de os macacos os haverem prevenido, com seus alaridos. De acordo com o PL e o CO, ocorrera um BBIED. Pelo visto, havia uma forma novinha em folha de morrer: via celular. Supostamente, um comboio da OEF deveria ter feito um DDR, porém os DUs não tinham acionado os ECDs. Ninguém chegou, na verdade, a sugerir outras causas, como os próprios temores e a inépcia de Robert ou a possibilidade de haver sido “fogo amigo”, mas a profusão de explicações alternativas levantou suspeitas. Falaram sem cessar com meu pai, o NOK, ou parente mais próximo, com siglas e eufemismos espantosos. KIA por Talib RPGs, informaram — morto em ação por lança-rojões talibãs.

— Bom, pois eu quero uma explicação de verdade ASAP! — gritou meu pai, com um tom de voz frio e furioso. — Quer dizer

então que a perna dele está numa árvore em algum lugar?

Outro oficial fora se sentar na nossa sala para dar mais explicações a respeito do que ocorrera.

— Na verdade — disse o militar —, a perna dele foi obliterada. A mão ficou numa árvore. Num lugar muito alto. Tivemos que deixá-la.

Meu pai não ficava deitado na cama de manhã, como minha mãe fazia, mas se ocupava nos campos sem mim.

— O senhor deveria descansar — sugeri a ele.

Mas ele disse:

— Não posso ficar lá deitado, pensando. É assustador demais ficar lá deitado, pensando. — Às vezes ele passava o dia só cortando lenha.

Minha mãe cobriu todos os espelhos da casa com fronhas e lenços. Já os dos canteiros externos foram cobertos com lençóis.

O corpo de Robert foi de avião até Chicago e, de lá, dois homens viajaram cinco horas rumo ao norte, para levá-lo à funerária, num Hummer, como se ali em Dellacrosse até mesmo os mortos precisassem da proteção desse tipo de veículo, embora o cadáver de fato requeresse refrigeração e talvez fosse essa a explicação. Ao cumprimentar meu pai, o motorista entregou-lhe as placas de identificação de meu irmão, que meu pai pegou com uma das mãos como se fosse um punhado de trocados, sem olhar.

O funeral, numa antiga igreja luterana à qual o próprio Robert nunca fora — a que era agora unitarista, para as pessoas que achavam que Deus deveria ser eleito democraticamente, após uma longa campanha —, estava repleto de amigos de Robert. Chuck Buzlocki. Ken Kornblach. Cooper Dunka. Um após o outro, todos fissurados em carros, eles se levantaram, e era preciso reconhecer:

tinham inúmeras histórias entediantes para contar sobre Pé de Chumbo, que os deixaram comovidos, em meio a risos e lágrimas. Nós, a família, ficamos ali sentados, pasmos e mudos, como se não conhecêssemos nenhum deles, incluindo o indivíduo sobre o qual eles falavam. No entanto, não tínhamos acabado de nos encontrar com esses rapazes na formatura? Ao ouvi-los, percebi por que as notas de Robert tinham sido tão ruins.

O pastor fez uma breve menção a Deus, em termos que fizeram o Senhor parecer ter um desígnio e uma força, porém meio indiferente aos nossos destinos e, portanto, não passível de adoração. Como um sistema ferroviário. No entanto, poderia levá-lo aonde estivesse indo, aonde quer que fosse. Uma autoridade do trânsito! Porém, não poderia retribuir sua devoção com amor. Aqui e ali, no santuário da igreja tinha-se a impressão de haver uma prece, mas cada uma delas revelou-se ilógica aos meus ouvidos.

Pai nosso, que és pagão,
desconexo seja o teu nome.
Venha a nós teu mudo reino.
Seja feita tua torpe vontade
assim na terra
como ao nascer.

Eu não tinha nada contra orações. Os que achavam que eram sussurros vãos de desejos talvez tinham menos a ansiar. A religião, eu podia ver naquele momento, sem o auxílio de nenhuma matéria na universidade, era destinada aos que enfrentavam a morte de seus doces filhos. E, quando as crianças ficavam fortes e morriam menos, tornando-se, na verdade, menos doces, a religião desaparecia. Quando as crianças voltavam a ficar doces e a morrer, ela voltava.

Mas, sentada ali, comecei a me dar conta de que parte de mim não acreditava que Robert tinha morrido. Parte de mim achava que talvez estivessem pregando uma peça. Como todos, meu irmão teria adorado ir ao próprio enterro. Claro, a pessoa sempre ia ao próprio enterro. Mas, geralmente, ela estava tão concentrada no papel de defunto que não prestava atenção nas belas palavras que os indivíduos diziam a seu respeito, de pé.

O pastor continuou a estimular os presentes a participar, levantar-se e falar, e outros o fizeram: uma jovem chorosa e uma professora de geometria. “Eu adorava Pé de Chumbo”, ressaltaram ambas. A moça leu um poema chamado “Pé de Chumbo finalmente conseguiu seu chumbo”, o qual era intolerável.

No final meu pai se levantou e foi à frente com passos morosos. Agarrou o atril, contemplou os presentes e limitou-se a isso. Não foi um silêncio particularmente constrangedor. Todo o evento foi tão constrangedor que seu olhar fixo e silencioso não chegou a crescer mais nada. Não obstante, a meu ver seu olhar aparentava dizer: *Como é que seus próprios filhos ridículos e detestáveis continuaram vivos, e o meu não?*

Ele começou com uma história:

— Quando Robert era pequeno, gostava de balançar escondido nas cordas das medas de feno. Os meus dois filhos sempre adoraram a sensação de voar, então eu fingia que não era comigo. Talvez não tenha sido a melhor atitude. Saber quando fazer vista grossa e quando interferir nunca foi lá o meu forte. Uma vez, quando Robert tinha uns 6 anos, ele caiu da corda, tombando da meda, e bateu o queixo num balde velho enferrujado. Então, chegou para mim, segurando o balde metálico e disse: “Pai, não grita não: eu sei que vou precisar levar pontos e tomar injeção, mas foi muito legal.”

A história era só isso, e meu pai simplesmente ficou lá, de pé, como se buscasse outra que cativasse mais a plateia, uma mais

reveladora e agradável, já que até mesmo os que iam a um funeral esperavam descaradamente por momentos, aqui e ali, de entretenimento. Porém, notei que aquela narrativa resumia tudo para ele. Fiquei sentada ao lado da minha mãe, que não estava muito bem. Ela usava o chapéu preto com a pena esticada em cima e ficou puxando a fita que pendia com os seus lábios trêmulos. Eu estava com os cabelos presos no alto por um prendedor preto, que imitava uma gralha.

— O que é que um homem pode dizer sobre perder um filho? — vociferou meu pai, por fim. Ele começara a falar mais alto, como se estivesse fazendo uma súplica. — Seu único filho? Bom! As palavras não são suficientes para expressar a falta que sinto dele. Ele não só era um bom filho como também uma boa pessoa; melhor impossível — foi tudo o que disse antes de sua face se contrair e ficar vermelha, e ele se virar e descer.

Minha mãe tinha lhe dado um lenço, o qual ele não usou para enxugar os olhos, mas para pressionar aberto no rosto, como a toalha quente de um barbeiro. Quando deixou o púlpito e caminhou na nossa direção, pegou minha mãe pela mão e a levou para fora, deixando-me para trás. A música de um órgão começou a tocar, e todos se levantaram com o intuito de se retirar, de sair à luz do sol de setembro e reconfortar meus pais. Eu simplesmente fiquei sentada. Dali a pouco, a organista também ficou de pé e partiu, anuindo sorridente quando o fez.

Sozinha na igreja, não me movi por um longo tempo. Finalmente, estiquei o pescoço para os lados e não vi ninguém; então, saí do banco e fui até o caixão, o qual se achava numa carreta forrada com um manto de veludo pesado. Sobre ela encontrava-se o féretro cor de conhaque, um troço longo envernizado, um reluzente piano de salão com uma bandeira pendurada em cima. Acaricieei a tampa. Uma vespa americana, do tipo que se vê zunindo ao redor de latas de lixo em áreas de piquenique, caminhava na extremidade. Tirei o

sapato e esmaguei-a. Em seguida, ao removê-la dali com o folheto dobrado, que tinha a fotografia de Robert na frente, a relação de leituras bíblicas na parte interna e, no verso, as datas incrivelmente absurdas de 1984-2002 — o que esses números podiam de fato significar, sobretudo com as entranhas de uma vespa amarelado os dois últimos algarismos? —, ocorreu-me que o caixão talvez não estivesse trancado. Meti os dedos na fresta do canto. Dava para abri-lo — e foi o que fiz. Quando levantei a tampa, a bandeira caiu no chão. Não era uma daquelas sob medida para ataúde, que viriam a ser feitas em quantidade mais que suficiente depois.

Lá dentro, como se colocado num estojo de guitarra acolchoado, havia uma guitarra esmagada: um uniforme esverdeado, parte pinho, parte portobello e parte perrexil, bem como com partes de um rapaz dentro dele. Calcei o sapato e coloquei o folheto na bolsa.

— Oi, Robert — falei, receando chorar.

Eu sabia que havia superstições relacionadas ao toque de falecidos. Porém, segundo uma das crenças, se você tocasse num morto nunca mais ficaria sozinha de novo. Subi na carreta, entrei no caixão e me aninhei ao lado de meu irmão. Magra em virtude das semanas como falcão nos campos verdejantes, eu me enrolei ao lado dele, de bolsa e tudo, levemente arquejante, já que mal ousava respirar, receando algum fedor ou algo assim. Mas era preciso absorver ar. O cheiro dele, no início, pareceu-me o de substâncias químicas, como um fertilizante de fazenda da agroindústria. Fertilizante de fazenda! Não se podia inventar coisas assim! Embora o interior do caixão fosse branco e acolchoado, como uma linda mala, o que pude ver de meu irmão parecia lixo jogado ali dentro. Como, pelo visto, Robert não tinha pernas, havia espaço para as minhas. Embaixo do uniforme, ele usava um casaco com capuz, vestido de trás para a frente, de forma que seu rosto estava coberto. Eu o puxei com cuidado para ver. Sob ele, alguém colocara uma touca de banho de plástico transparente, esticada sobre a face.

Embaixo da touca, a qual não ousei tocar, vi que o nariz e o maxilar tinham sumido, mas que restavam o lábio inferior cheio, tão familiar para mim — naquele momento cor de alfazema e empolado —, e o superior, com seu punhado de sardas avermelhadas sob a barba incipiente, a qual continuava aparentando ser recente e preta feito pimenta. Sua pele, pelo que pude ver, tinha a cor amarelada da icterícia ocorrida num mau tempo que viera e nunca fora embora. Sua quietude sem sua gagueira parecia a coisa mais assombrosa e solitária.

— Robert — sussurrei. — Sou eu.

Nós seríamos crianças de novo, deitados num lugar qualquer do bosque; porém o cheiro começava a ficar horrível, e eu me aninhara junto ao meu irmão de tal forma que me dera conta de que fora recheado com materiais, isopor ou algo, já que tantas partes dele estavam faltando. Uma das mangas fora abarrotada com folhas de jornal, uma linguixa de papel, que rangeu quando apoiei a cabeça nela. A mão saindo do punho era a de um manequim, tão sem juntas quanto um peixe. Pude ver que a morte o fizera assentar e murchar, da forma como uma salada — de, digamos, com alfaces de três estações — assentava-se e murchava depois de ter ficado fresca e viçosa e volumosa na tigela!

Para o caso de eu começar a chorar, fechei a tampa sobre nós, um teto de cetineta, e ficou muito escuro ali dentro, embora, pelo que pude ver, o lado da dobradiça não se achasse nivelado com o resto, permitindo que entrasse uma faixa de luz que eu podia fazer desaparecer ao fechar os olhos. O ambiente ficou quente e apertado.

Ouvi os amigos de Robert voltarem para a igreja. De súbito, eles se aproximaram do féretro para carregá-lo outra vez.

— Ei, a bandeira caiu — comentou um, e eles a recolocaram no lugar.

— Dá azar — disse outro.

— Cala essa porra dessa boca — ordenou um terceiro, e logo nós estávamos sendo conduzidos na carreta, da igreja ao carro fúnebre.

Prestei atenção à voz de meu pai, porém não a escutei. Fomos içados e colocados dentro do veículo, daí sim, escutei a voz dele:

— Cadê a Tassie?

Em seguida, a da minha mãe:

— Não sei. Acho que de repente ela foi na frente para o cemitério, com alguns amigos.

Eu ficaria ali deitada com o meu irmão para sempre. Iria resgatá-lo daquele monte de lixo que era o esquecimento; talvez nosso velho morteiro remendado de chiclete, cola e sementes de gergelim ajudasse; um bom gole d'água; um pedaço de queijo. Pediríamos pizza e Coca-Cola. O motor do carro foi ligado, e nós fomos levados até a extremidade da cidade, perto do Cemitério de Dellacrosse Village. Um nome que, pelo visto, sugeria que todos os que eram enterrados ali viviam numa espécie de povoado. Bom, nós poderíamos fazer uma espécie de piquenique do que encontrássemos quando chegássemos lá, quem sabe; partiríamos as baquetas dos tocadores de tambor, como se fossem ossos da sorte, para ver de quem seria o desejo a se realizar. Acariciei Robert e as migalhas do que ele fora, porém o cheiro horrível — como dejetos se decompondo num estojo de plástico — fez com que eu já não sentisse que estava perto dele. Eu tinha estado muito mais próxima naquele campo de hortaliças, naquela noite. Aquele não era realmente, de verdade, ele, naquele lugar fétido.

Meu nariz começou a sangrar. Eu pensara que estava chorando, no entanto comecei a sentir o gosto metálico do líquido viscoso. Não tinha muita experiência com sangramentos nasais, e minha boca encheu-se de grumos coagulados, similares a diminutos pedaços de fígado. Limpei o nariz, e senti os coágulos entre o muco e o sangue. Ainda assim, permaneci deitada ao lado daqueles restos — não havia palavra mais adequada para a figura remendada na qual eu

me apoiava — e ficaria ali e o protegeria de alguma forma, com lembranças. Eu juntaria seus pedaços com conversas. Diria *Bom-dia* de manhã. *Boa-noite* ao escurecer. A ideia de nunca mais cumprimentá-lo era simplesmente inaceitável. Eu ficaria ali deitada e lhe contaria as histórias de todos os filmes que já vira. Não seria a irmã de ninguém. Eu ficaria ali deitada até... até começar a avaliar minhas alternativas.

Quando chegamos ao estacionamento, e os homens da funerária ajeitaram a carreta e os carregadores de caixão foram de novo retirar o cadáver do carro, decidi anunciar minha presença. Eu não estava saindo exatamente no melhor momento, mas, ao menos, diante do menor grupo de pessoas. Assim que os amigos de Robert colocaram o féretro na carreta empurrei a tampa, meti a cabeça para fora e apareci. Saí dali com dificuldade. A luz do mundo feriu meus olhos.

— Que diabo é isso?! — exclamou um dos amigos do meu irmão.

— É a irmã do Pé de Chumbo — falou outro.

— O que você estava fazendo aí?

Minha mãe veio correndo, com lágrimas escorrendo no rosto, e me limpou, abraçou e fez um gesto para os rapazes fecharem a tampa do caixão.

No cemitério, fuzis apontados para o alto deram uma saraivada de tiros, em saudação. Mais chumbo para Pé de Chumbo. Eu me lembro disso. Havia um parque de concreto com gárgulas angelicais ou querubins bestiais — quem podia dizer qual era a diferença entre uns e outros? Havia cruzeiras brancas, vasos repletos de gerânios e teixos formando cones perfeitos. Havia um tocador de tambor, tal qual imaginei, embora ninguém tenha chegado a quebrar suas baquetas e a fazer um desejo. Havia “toque de silêncio”, fúnebre e familiar:

*O dia acabou,
O filho voou
Isso vai doer,
Sem mais prazer,
Sair e beber.*

E então o desfecho, em que o corneteiro encheu os pulmões:

*Nesta tarde finda.
Faça a despedida.
Gente perde a vida.*

Havia uma bandeira enorme, que foi dobrada primorosa e surpreendentemente de maneira a formar um triângulo e, em seguida, ser oferecida à minha mãe, que não a levou ao coração tampouco agradeceu ao dobrador habilidoso. Ela se limitou a enfiar o troço depressa na bolsa. E, em seguida, voltamos para casa, de carro. Diversos pratos de forno, cobertos com papel alumínio, haviam sido levados pelas pessoas e espalhados na mesa da cozinha. Ao que tudo indicava, alguém havia falecido. E, como isso de fato tinha ocorrido, não precisaríamos de mais rodeios. Subi para meu quarto cor-de-rosa e lá fiquei basicamente um mês.

Meus pais conseguiram uma dispensa médica da universidade para mim. Disseram-me que eu deveria descansar até me sentir melhor. Nossa casa se tornou uma espécie de *krankes Haus*. Levavam os jornais locais até o meu quarto, e eu tentava lê-los. No nosso município, aprendi, todos os marrecos tinham se encorujado: eu seria apenas mais um deles. Mas, na verdade, foi amplamente divulgado que todos os que se encontravam naquela área não podiam voar, por terem contraído uma espécie de botulismo —

causado pelo peixe que comeram e que tinham bebido água poluída. Aquela contaminação originava-se do resíduo de clínicas ou era a ocorrência natural de toxinas nas folhas das ninfeias? Quem poderia dizer? Havia defensores de ambas as hipóteses. Mas as asas das aves congelaram no lugar, de maneira que elas não só não podiam voar como também se afogavam ali mesmo, na água. Outros artigos mencionavam patos que, transtornados por causa do mercúrio, vinham se afastando de seus ninhos e fazendo outros, esquecendo-se dos primeiros. Eu ficava deitada na cama, enferma, sem comer, desengonçada sob os lençóis, os pensamentos refletindo arbitrariamente sobre isso ou aquilo, como a luz movendo-se por uma janela. O sentimento de plenitude da minha vida não só vacilara como também deixara de existir por completo.

O tempo esfriou; as joaninhas japonesas, trazidas anos antes para controlar pragas da soja, haviam tomado conta das fazendas, incluindo a nossa. Elas formavam invólucros alaranjados e reluzentes nas janelas e portas e, se a gente tocasse nelas, mordiam. À noite, as que tinham entrado em casa passavam o tempo todo atirando-se contra as luminárias.

Os passarinhos, inebriados pelas amoras fermentadas e depositando de vez em quando as pequenas porções fecais arroxeadas nos galhos e nas grades, confundiram-se outra vez e não voaram para o sul, permanecendo, em vez disso, nas árvores desfolhadas.

Na Hoopen Street, três vacas haviam sido eletrocutadas numa tempestade.

A vida era insuportável, ainda assim, em todas as partes, vinha sendo suportada. Eu estava me lembrando das velhas tarefas de Mitologia para Iniciantes. No início, lidar com o pesar, aos trancos e barrancos, pareceu-me uma tarefa hercúlea. Em seguida, sisifista.

Depois, econiana. E então, algo digno de Perseu. O próximo passo seria a transmutação prematura numa flor ou numa árvore — inerentemente inclinada como a flor ou anelando as alturas como a árvore. Paralisada. Mas com sapatos. E jantares. E afazeres. Eu, de fato, *melhorei*, para usar um jargão da medicina, sem realmente estar me sentindo melhor e, à medida que as semanas outonais foram passando, fui saindo cada vez mais do quarto, ajudando meu pai na colheita e, às vezes, até andando de carro com ele, pegando as estradas menores, entre as morainas e as colinas rumo a Chicago, entregando batatas e nossa mistura de alfaces de três estações para alguns restaurantes, bem como participando ocasionalmente dos mercados produtores de lá. Meu pai usava as placas de identificação de meu irmão aonde quer que fôssemos. Em certos momentos toda a terra parecia uma cova. Em outros, mais animadoramente, um jardim.

Nós começávamos de manhã bem cedo, ao crepúsculo, o solo exalando seu orvalho em vapores tão mágicos e intensos que, quando se estava nas depressões da rodovia, não se podia ver a dois palmos de distância, tendo-se a impressão de que os campos ardiem em chamas esfumaçadas, preparando-se para a visita de deuses que subiam ou desciam. Qual delas era a alternativa correta? Talvez fosse verdade o que as pessoas costumavam dizer sobre o nosso condado: o espaço cósmico estava interessado. Porém, então, o ar se purificava e o dia se inundava de luz. Estudei o feno da terceira colheita armazenado em rolos apertados nos campos e colocados a distâncias exatas um do outro, como se organizados por um departamento de arte.

Era preciso continuar a viver, quando menos por uma questão de boas maneiras. Meu pai e eu iniciávamos conversas casuais.

— Os cavalos-marinhos dão à luz — começava eu. — Mas são machos. Por que é que a gente os chama de machos, se eles parem?

E ele ficava calado, dirigindo, ponderando. Então falava:

— Porque insistem nisso. Não querem que aconteça com eles o que aconteceu com as joaninhas. Elas já têm problemas de masculinidade de sobra!

Eu tentava rir. Apreciava o fato do meu pai tentar trocar ideias comigo, acompanhando-me, apesar de fazer isso a duras penas. À nossa frente, nuvens bojudas flutuavam absurdamente, como se para uma festa prestes a começar. Bandos de gansos avançavam com lentidão céu afora, os grasnidos metálicos declarando sua partida rumo ao sul.

Nós parávamos em um lugar qualquer para comer e fazíamos apenas isso: parávamos e comíamos. Pedíamos sanduíches de bacon e sopa, e seguíamos viagem. As relvas e as folhas reluzentes e douradas, os capins-rabos-de-gato e as barbas-de-velho pareciam, num belo dia, um hino aos raios solares, embora, na verdade, ao se analisar a situação com cuidado, se pudesse perceber que o processo de diálogo de todas elas com o sol havia se dispersado por completo. Os espinheiros-da-virgínia tinham começado primeiro, espalhando trilhas luzidas de esporos nas sarjetas das ruas da cidade. Então, foi a vez dos bordos com matizes de aipim e carmim. As estradas pelas quais passávamos eram ladeadas por trilhas de folhas delicadas de tom caramelo ou rastros de grãos de milho ou ambos. Tudo tão semelhante ao amor que chegava ao fim e deixava um belo resto mortal. Quando os carvalhos dourados e majestosos não contrastavam com o céu azul, apresentavam aquele escarlate escurecido e tosco de uma laranja de polpa vermelha, e meu pai e eu os contemplávamos pelo para-brisa ao passar, cada qual mergulhado nos próprios pensamentos. Certa tarde, pássaros migratórios, voando em direção à lua, confundiram a luz vermelha de uma torre de telefonia celular com seu destino, e nós os observamos enquanto eles se retalhavam nos apoios de aço da estrutura. Mais uma vez o amor trágico representado por símbolos.

Enquanto cruzávamos por eles, meu pai desacelerou, daí voltou a acelerar. O silêncio não era o pior, embora ainda contivesse pesar e arranjos de última hora. Aqui e acolá um coelho corria à nossa frente.

— Os coelhos têm hábitos noturnos? — perguntei.

— Aham.

— Bom, então por que é que a gente encontra vários durante o dia também?

Meu pai ficou quieto por um longo tempo.

— Trabalham em turnos — respondeu ele, por fim.

Engordando na bunda, tímida, ressentida e enjoada, exceto em caminhões, talvez eu combinasse mais com a vida do campo do que jamais pudesse imaginar. Quando nós voltávamos, à noite, meu pai batia com força a porta do veículo e contemplava o céu vasto e observador.

— Tem um firmamento e tanto lá em cima — dizia.

Dentro de casa, ele se sentava para assistir ao noticiário da noite, que acabara de dar início à divulgação de uma lista de honra quinzenal de militares norte-americanos, soldados rasos de rostos imaturos, mortos no Oriente Médio. Mostravam as fotografias deles, um grupo de cada vez, em silêncio, com nomes, patentes e cidades destacados embaixo. Eram as fotos de bebês, bebês de boinas, e, nas raras ocasiões em que aparecia alguém mais velho, um oficial, meu pai bradava:

— A-há! Olhem só isso! Pegaram um tenente-coronel!

Peixe pequeno. Certa vez, um peixe grande — um coronel — arrancou um brado amargo de meu pai. Cada rosto de soldado olhava fixamente da tela de vidro da TV como uma criança doce e acusadora na janela de despedida de uma creche terrível, terrível. Meu pai começou a fumar os cigarros da minha mãe, Camel Lights, que nunca afetaram muito a saúde dela, mas que o deixavam com a voz rouca e seca, ao menos à noite; o conhaque se acumulava

próximo à poltrona dele, primeiro em taças de licor, em seguida em copos de uísque, depois em canecos. Na noite em que vimos a fotografia de Robert na lista de honra, por acaso estávamos todos juntos, meus pais e eu, e ficamos pasmos, paralisados. O rosto do meu irmão também era o de um bebê com uma boina enfiada na cabeça. Esta era absurda, não acrescentando nada além de um adorno sombrio, talvez para ressaltar a composição da foto. Seus olhos mostravam-se esbugalhados por causa de algo — da política externa? de uma observação tediosa do fotógrafo? do clarão agourento do flash? — e ele não sorria.

— Robert está com cara de cansado nessa foto — comentou minha mãe, por fim.

— É mesmo — concordou meu pai, que, em seguida, desligou a televisão e saiu da sala.

Os relógios foram atrasados, e o sol começou a se pôr às 16 horas. Resolvi abrir meu laptop e escrever para Murph. Ela estava tirando o ano sabático, trabalhando com crianças em idade escolar em Baton Rouge. Conte para ela o que acontecera com meu irmão, e ela me mandara um e-mail horrorizado e consolador, junto com uma canção que escrevera para mim. Era amável e idiota e cheia de *falecimento* rimando com *alento*, *mano* com *fulano*, *guerra* com *terra*, *chorar* com *indagar*.

Nos meus arquivos encontrei o último e-mail que meu irmão me enviou, numa época que me pareceu tão longínqua — apenas na primavera passada — e congelei quando o vi. Por que não o tinha lido? Porque simplesmente o enfiara num canto qualquer, como se não fosse nada? O que é que havia de errado comigo? Eu não era a irmã de ninguém. Meus olhos arderam e eu os semicerrei, porém abri o e-mail para ver por fim, em meio a uma névoa, o que dizia.

Querida irmã,

Eu não sei se você se dá conta de que sempre fico vendo você avançar na vida e de que acho que sabe o que está fazendo, algo que admiro. Na certa você encara tudo de um jeito diferente, e pode ser que eu esteja falando aqui apenas como um irmão caçula, mas sempre a considere inteligente, independente e segura de si, alguém que saca tudo. Ao menos, é a impressão que se tem. Que eu tenho. Talvez seja uma atitude típica de garota, mas, sejamos realistas: você é diferente à beça da mamãe. De repente eu sou mais parecido com ela porque — sou obrigado a admitir — estou meio perdido aqui, e é por isso que escrevo agora. Neste momento, sinto que só as suas palavras poderiam impedir que eu faça o que acho que provavelmente vou acabar fazendo — e, se não for uma boa ideia, mas apenas desespero e atordoamento, então o arrependimento está a caminho. Ainda assim, na minha opinião, é o certo a fazer, apesar do que dizem por aí. O que a maioria comenta não me afeta. Só que se você disser “SIM” ou “NÃO” talvez faça diferença. A opinião dos outros não parece importar. Eu devo me alistar nas Forças Armadas? O exército vai ser uma boa experiência? Se eles me mandarem logo para o Afeganistão, vou me arrepender ou ficar feliz por poder um dia receber a ajuda de custo adicional para ajudar o papai a me mandar para a universidade ou quem sabe até para a DDD? (Brincadeira.) Lembra o que o Sr. Holden sempre dizia em Ciências: “É só na física que a gravidade somada à inércia resulta em órbita.” Eu sei que às vezes os caras conhecem outros sujeitos no exército, daí quando saem montam um negócio juntos. O que é que você andou ouvindo sobre isso? Me dá um retorno com toda a sua sabedoria e os seus conselhos assim que puder! Me faz desistir disso, se puder!

Beijos do seu irmão mais querido e, claro, favorito,
Robert Keltjin, o “Pé de Chumbo”

ps.: Não fosse a minha coleção de barbantes eu já teria enlouquecido.

ps.1: Estou brincando.

Mais uma vez fiquei impressionada com sua voz escrita, que não demonstrava nenhum indício das construções hesitantes e dos

titubeios de sua fala. Quando desviei os olhos da tela e me virei para olhar pela janela, observei a migração outonal dos urubus-de-cabeça-vermelha, com sua sinistra capacidade de farejar o cheiro da morte e vir limpar tudo para você, embora naquele ano estivessem meio atrasados. Uma centena deles muitas vezes pairava no céu sem bater as asas, as extremidades plumosas parecendo dedos, fazendo curvas praticamente sem movimento.

Eu queria voltar no tempo. Só para enviar um e-mail — seria pedir muito? Quando o Super-Homem regressava no tempo, quando dava voltas no sentido anti-horário ao redor do mundo a toda velocidade, apesar de aparentar ficar bastante cansado, com certeza teria condições de levar uma passageira, como os golfinhos que davam caronas para as crianças. Eu queria que esse super-herói me levasse para circundar o globo de trás para a frente, como um raio. Só para enviar um e-mail. Nada mais. Não era muito. Mas, o que eu diria? Que gramática, que sintaxe interligaria frases nesse voo sibilante ao passado? *Os meus dois filhos sempre adoraram a sensação de voar.* Existiria um sinal ortográfico com a mesma solidez dessa conexão aeronáutica para eu levar comigo? O acento do “*não*” fixado com os nossos chicletes e as nossas sementes? Já daria para quebrar o galho. Pelo menos por alguns momentos.

Depois de deixar o e-mail flutuar como um peixe moribundo de consultório dentário na tela do computador, armazenei-o num arquivo e nunca mais o li de novo. As leis da metafísica às vezes eram mais inflexíveis que as da física: nunca se podia voltar atrás. Embora os cientistas dissessem que isso era possível. Nenhuma informação podia escapar de um buraco negro. Embora os cientistas insistissem que algumas escapavam.

Os cientistas e as histórias em quadrinhos estavam em conluio!

Nesse ínterim, todos os demais mortais continuavam cientes de que as coisas eram simples e inexoráveis: a vida se debatia como um inseto numa janela, então, um dia, simplesmente se interrompia.

Eu sabia por causa das aulas de física nos meus tempos de caloura que havia uma teoria da mecânica quântica segundo a qual era possível algo estar vivo e morto ao mesmo tempo: se uma partícula podia ser uma onda e depois se transmutar, dissociando-se de si mesma, então era também possível um ser composto inteiramente de partículas desse gênero se transformar em ondas, estando em dois lugares ao mesmo tempo, paraíso e inferno, bar e arena, vida e morte. Os universos paralelos existiam em todos os âmbitos. Teoricamente. E a observação de um universo era a única coisa que privava o outro da sua realidade.

Robert só apareceu mais algumas vezes. Na primeira, acordei no meio da noite e o encontrei andando de um lado para o outro no meu quarto, no escuro. Falava algo. Dizia:

— Eu fico esperando que doa, mas isso ainda não aconteceu. Quem sabe vai machucar mais tarde. — E, em seguida, acrescentou: — Pelo visto, é um insulto para os habitantes do além perguntar onde se está, dar a entender que não se tem certeza do lugar onde se foi parar. Supostamente, a pessoa já deveria saber! Já deveria saber só de olhar! Sem fazer perguntas! Mas que droga! É difícil!

Em outra ocasião, eu não conseguia dormir e, quando me sentei para tomar um copo d'água, vi que ele estava em pé ao lado da cômoda, segurando um cartaz com a frase SIM, SOU UM HOMEM. Numa outra oportunidade, acordei e o encontrei sentado, mudo, ao pé da cama. Não parecia ter mudado nada em relação a quando estava vivo, exceto que usava uma touca de banho, uma diferente, colocada na parte de trás, na sua cabeça; ele segurava a mão falsa de manequim e a girava repetidas vezes, como se ela fosse uma pedra interessante que houvesse acabado de encontrar. Em seguida, levou-a ao olho e olhou para o céu como se ela fosse um telescópio.

— Robert, o que você quer? — perguntei-lhe, mas ele não respondeu, talvez porque sempre tivesse sido este o caso: ele nunca sabia o que queria, nem mesmo morto. Abri e fechei os olhos, e ele

continuava ali. — Robert, o que você está fazendo aqui? — Cerrei os olhos com força outra vez e, quando os abri, acrescentei: — Você não deve sentir pena de si mesmo!

Ele continuava a perscrutar o quarto com a mão de manequim. Com isso, mantive os olhos bem cerrados por diversos minutos e, quando voltei a abri-los, ele havia partido de vez, para sempre.

Supus que só no último minuto possível a alma deixava, de alguma forma, o corpo moribundo. Quem poderia culpá-la por sua relutância? Nós amávamos nossas vidas muito mais do que imaginávamos e, no final, tomávamos consciência de suas dádivas, como se dizia na igreja, reconhecíamos inclusive o valor das inúmeras oportunidades perdidas, ou apenas entendíamos que elas significavam mais do que nos déramos conta ao vivê-las, fazendo tantas renúncias. Às vezes eu imaginava que, um pouco antes da inconsciência, quando a pessoa se encontrava no leito da morte, podia fazer um brinde virtual com os amigos, num recanto aconchegante da mente. Até mesmo a máquina em curto-circuito, antes de pifar de vez, restituía seus prazeres da melhor forma possível. Havia uma canção! E não era uma troca irresistível, causar sensação para o espírito e vice-versa? Essa troca durava a vida inteira e talvez se destacasse ainda mais na morte: os sedentos se acomodavam à fonte em busca de uma gota. Essas haviam sido as questões levantadas em todas as minhas aulas, e nós tínhamos corrido atrás delas em movimentos circulares, como cachorros enlouquecidos caçando os próprios rabos.

Quando entrei no antigo quarto de Robert com minha mãe, para ajudá-la a encaixotar as roupas e enviá-las para a caridade, assim que tirei o casaco de inverno dele de um cabide, um morcego saiu pelo punho da manga quarto afora, e nunca mais o vimos. Aquele

foi o último resquício de vida em suas vestes, ao menos na nossa casa.

Os feriados do outono se mesclaram como o subúrbio de uma megalópolis. O Dia das Bruxas fundiu-se com o Dia de Ação de Graças, que já se tornara uma prévia do Natal, assim como Kenosha se tornara Racine, que se tornara Milwaukee. As abóboras tinham guirlandas! A temporada de caça começou no Dia dos Veteranos, e sujeitos que nunca haviam estado nas Forças Armadas vestiram-se com as cores chamativas dos pirulitos vendidos em circo e perambularam pelas fazendas em busca de veados. As operárias do sexo, cuja alta estação coincidia com a da caça, montaram temporariamente os seus negócios numa loja térrea com vitrine no Condado H, a qual chamaram de *Farra, Birita e Papá*, bem ao lado da Home Dollar. Meu aniversário chegou e, como eu já podia beber legalmente, meu pai comprou champanhe, e ele e minha mãe fizeram um brinde.

— Para a nossa querida e encantadora Tassie — disse meu pai.
— Vinte e um! O tempo voa de tal forma que me faz refletir sobre ele quando eu me deito.

Eu lera certa vez sobre um geólogo francês que resolvera se confinar numa caverna escura por 61 dias e que, quando saíra, tivera a impressão de que ficara apenas 45. O tempo voava! Acontecesse o que acontecesse.

— Pelo menos a gente conseguiu que um de vocês virasse adulto — acrescentou minha mãe.

— Gail — repreendeu-a meu pai.

— Desculpe — disse ela.

Seu rosto se tornara redondo e inchado. O luto a alargara, em vez de estreitá-la. Talvez fossem os calmantes que lhe tinham receitado fazia pouco tempo. Àquela altura, por trás dos óculos

grandes, minha mãe tinha a aparência das pessoas de meia-idade, com o rosto que se duplicava em três dimensões: o mais saliente, que representava aquele que ela costumava ter, havia sido replicado num outro mais oval, um verdadeiro camafeu de carne e osso. Em vez de fazer dieta, comentou minha mãe, ela meteria um pavio na barriga e o queimaria para o Chanuca.

Procurei de novo no Google a outra Tassie Keltjin, para ver se algo estava sendo feito para resgatar a sua memória cada vez mais longínqua e, caso contrário, para checar se as pessoas estavam meio tristes com seu falecimento. Talvez estivessem. Talvez devessem estar. “Se o universo é grande o bastante, tudo o que puder acontecer vai acontecer, de maneira que se olhássemos longe o suficiente descobriríamos réplicas exatas de nós mesmos.” Isso eu tinha lido no jornal. No *Science Times*. Seria o mesmo que imaginar, porém em proporções cósmicas, o que aconteceria com um número incalculável de primatas, que, se vivessem por um tempo incalculável, acabariam escrevendo *O Rei Lear*. O que, em termos evolutivos, era um fato científico. Quando se pensava no assunto.

A outra Tassie Keltjin continuava morta e não significava muito para as outras pessoas. Ninguém dava a mínima.

Depois do Dia de Ação de Graças, voltei para Troy. Meu pai começara a fazer experiências com um espinafre de inverno plantado numa tenda circular aquecida com propano. Esse tipo de hortaliça — grossa, macia, cultivada lentamente — estava em demanda em cidades como Evanston e Chicago, onde ele esperava vendê-la a tempo para o Natal. Meu pai sorriu e disse que quase nunca precisava de mim e que eu deveria voltar a estudar antes que virasse uma tapada.

Certos dias eu me sentia firme, melancólica, forte. As pessoas morriam, no entanto, se você se esquecia de que elas haviam partido, mesmo por um minuto, elas alcançavam uma espécie de imortalidade; ou seja, continuavam a viver, embora estivessem mortas. Com a Suzuki no depósito, eu caminhava para todos os lugares. Os pináculos góticos do campus pareciam ataques desafiantes a Deus ou postes para os santos descascados. Fadiga Profunda! O pátio de zoologia, que nós chamávamos de “o *hippocampus*”, estava sendo demolido para dar lugar a algum tipo de construção, e havia guas, retroescavadeiras e barreiras de concreto, das quais tínhamos que nos desviar. Nos quiosques próximos ao grêmio eu parava com frequência para ler os pôsteres do cineclube.

Encontrei um apartamento, alugado por uma moça chamada Amanda Prague, uma garota de Pardeeville, Wazeeka e Mukwanago. Ela era um quarto afro-americana, um quarto oneida, um quarto tcheca e um quarto irlandesa — foi o que ela me informou, como se precisasse esclarecer logo esse assunto.

— Mas que quantidade de quartos, hein? — comentei.

— Com certeza — disse ela, dando de ombros. Ela precisava encontrar alguém para dividir o apartamento, já que a jovem com quem ela começara em setembro havia voltado para casa no meio do semestre, com mononucleose. — Você parece ser tranquila — acrescentou. — Se quiser, pode vir.

Então aceitei, anotei o telefone dela como sendo meu e levei alguns objetos para o quarto da ex-companheira dela, o qual tinha uma cama, uma cômoda e uma luminária. Acrescentei um edredom, uma caneta e uma prancheta. De que mais eu precisava? Eu esperaria até fazê-la se acostumar com a ideia do meu contrabaixo. No depósito a apenas 2 quilômetros dali ainda estavam não só a Suzuki como também o xilofone. Eu não diria nada sobre eles também, por enquanto, embora talvez em março recomeçasse a

andar de scooter, como outras moças que vira: sem capacete e serenas, com o olhar angelical hipnotizado dos já mortos, enquanto o tráfego se desviava por todos os lados.

De novo, outro dezembro, e eu me vi procurando emprego. O céu levemente opaco dava a impressão de ser a fotografia em preto e branco de um firmamento. O que fez com que parecesse estranho, em vez de familiar; sua estranheza não se tornou mais atraente por se assemelhar a uma foto. Um céu vasto e impenetrável não deveria lembrar uma fotografia mais do que um tapete. Com exceção de ocasionais pensamentos desse tipo? Eu vinha perseverando. Imprimi um novo currículo e, além dos Schultz e dos Pitsky lá em Dellacrosse, acrescentei os Thornwood-Brink na lista de referências. Não descartei algumas escolhas de emprego dúbias: um pequeno anúncio que dizia *Conecte-se com a Sabedoria Coletiva, Faça \$ Predizendo Acontecimentos Futuros*; outro requisitando voluntários para uma pesquisa de produtos farmacêuticos; ou uma posição como a nova "Bad Girl", que um cara podia contratar para escrever cartas românticas para ele e espalhá-las pela casa, a fim de provocar ciúmes na namorada. Também me candidatei para um serviço que envolvia a simulação de certos sintomas físicos para clínicas e laboratórios envolvidos com médicos residentes e estudantes de medicina.

— Descreva uma leve dor abdominal — pediu um sujeito de jaleco branco.

— É intensa por alguns segundos, daí se nivela e lateja um tempo atrás da minha costela direita, antes de se dispersar aos poucos, de um jeito difuso, para o sul.

O homem ficou quieto.

— Sente enjoo?

Fiquei surpresa com a pergunta. Talvez eu estivesse me saindo bem.

— Não. Bom, sim. Às vezes.

— Você tem experiência com arte dramática?

— Acho que tenho, agora — respondi. Mas não me chamaram.

Certo dia, motivada por uma angústia profunda, fui perambular pelo centro. O lago encapelado de águas escuras anunciava a chegada de uma tempestade. Passei pelo antigo restaurante de Sarah e vi que, embora estivesse fechado, não havia outro no lugar. Vi um cadeado na porta. A placa com o le petit moulin continuava na fachada, apesar de as três últimas letras de *Petit* terem caído — com certeza para serem penduradas na porta do quarto de um universitário em algum lugar.* Na vitrine, os queijos que Sarah costumava expor sob tampas de vidro permaneciam, mas murchos, azuis, podres: grana e govarti, cocoa cardona. Ninguém os tirara dali. O cheddar de 12 anos que, nos dias bons, apresentava um tom dourado-açucarado mostrava-se rachado e esbranquiçado, cheio de mofo. Os queijos de cabra brancos e pastosos amarelaram e esverdearam. O restaurante fora fechado às pressas, e ninguém, nem uma pessoa sequer durante todo o outono, limpou a vitrine. Fitei aqueles queijos em decomposição como se fossem seres vivos — algo que, na verdade, não deixavam de ser — morrendo sem receber alimentos num zoológico. Embora estivessem disformes continuavam expostos, o colapso e a tristeza de uma pessoa concretizada detrás do vidro. Negligência no mundo do restaurante! Achei ter visto num dos queijos de cabra as marcas dos dentes de um rato. Sem dúvida nesta cidade alguém já escrevera uma carta ao editor sobre isso.

Já em meados de dezembro eu me matriculara para as aulas do trimestre da primavera e encontrara um emprego de meio período

no Starbucks; preparava-me para passar o Natal em casa e, então, me mudar por completo para Troy em janeiro. Não fora difícil encontrar trabalho, já que os reservistas haviam sido convocados em preparação para a guerra; estabelecimentos, restaurantes e lojas de informática ficaram, de súbito, desfalcados. No quadro de avisos da porta interna do Starbucks, vi um cartaz escrito à mão que dizia PROCURA-SE BAIXISTA PARA BANDA. Peguei uma das etiquetas, que haviam sido cortadas embaixo como uma franja, e meti-a no bolso.

Enquanto isso, eu passara a gostar do chiado do leite quente nas xícaras, do ruído dos frascos de essência, do som das músicas internacionais, as quais nunca ouvira antes. Aprendi a fazer adornos artísticos — sinais da paz, samambaias, cabeças de alienígenas lembrando *O grito*, de Munch — na espuma do cappuccino. Fazia parte do nosso trabalho sermos simpáticas, e as pessoas retribuía o nosso carinho. Minhas horas não eram nada entediantes. Volta e meia havia momentos mágicos, que pareciam obra de algum deus brincalhão e piedoso. Certa manhã, uma mulher na fila pagou o café do homem atrás dela, daí ele se virou e pagou para o cliente atrás *dele*. Em seguida, o sujeito pagou para a jovem atrás e assim sucessivamente por 45 minutos, até surgir uma bonança e a fila esvaziar. Um espaço de tempo tranquilo, sem clientes, quebrou a corrente — ainda assim: fora um momento mágico enquanto durara.

Do lado de fora da vitrine do Starbucks, os universitários davam início aos protestos contra o aumento das tropas de Bush e contra o plano urdido por intelectuais neoconservadores que, na qualidade de ex-membros em idade avançada do clube de xadrez do Ensino Médio, haviam viabilizado um torneio do qual queriam sair vencedores. Eles removiam os peões e atacavam com as torres. NÃO BOMBARDEIEM O IRAQUE, diziam os cartazes dos estudantes. “A guerra não é a solução”, vociferavam os manifestantes, bem como “Não em nosso nome”, seja lá o que isso significasse. Nos meus intervalos, eu saía e marchava com eles, pensando criticar a corrompida

inteligência do país; ou estaríamos saudando a *combalida* inteligência da pátria? Minha audição podia ter sido afetada pelos moedores de espresso, além do borbulhar e sibilar dos vaporizadores, e eu não estava cem por cento segura no que dizia respeito às palavras de ordem. Seja lá quais fossem. Eu estava ao lado da dissidência e do desespero. Em seus intervalos, as pessoas entravam no Starbucks e pediam lattes de feriado. Contrabalançávamos a ansiedade, o frio e a descrença política com pão de mel e uma causa em comum. Ou, ao menos, era o que pensávamos. Eu dava chá-sujo ou olho-vermelho, assim chamados pelas doses extras de espresso. Ou então olho-roxo — cafés com doses duplas, uma bebida que nós secretamente denominávamos “dickwheeler”, não só porque imaginávamos que era o que ela podia fazer como também porque um tal Richard Wheeler havia ido lá uma vez e pago três deles com o cartão de crédito.

De onde viriam todos os soldados de Bush? “Mobilizar as tropas significava esgotar todos os seus recursos”, dizíamos. A ex-gerente do Starbucks, ela mesma uma reservista de final de semana da Guarda Nacional, já fora levada. “Ouvi dizer que estão procurando até nas creches”, brincou um homem, desolado. “Ei, crianças são ágeis e gostam de ganhar!” O Afeganistão já era considerado como a boa guerra, e até mesmo alguns dos que marchavam em prol da paz me disseram, quando ficaram sabendo, que meu irmão também fora um herói.

— É mesmo? — perguntei.

— Bom — avisavam, enquanto bebiam cafeína e colocavam as luvas —, nenhum herói pode aguentar firme quando se depara com tantos “é mesmo”.

* * *

Um dia, o telefone tocou e Amanda disse:

— É para você. — E me entregou o aparelho de um jeito quase carinhoso.

Levei-o, com seu longo fio até meu quarto e apenas encostei a porta, para que não parecesse que tinha segredos inquietantes.

— Alô?

— Oi, Tassie Keltjin, aqui é o Ed Thornwood!

— Ah! — Fiquei estupefata demais até para dizer oi.

— Sei que provavelmente deve ser uma surpresa para você. Um resquício explosivo do passado.

— É.

— Mas não de um passado muito distante.

— Não, não muito.

Resquícios explosivos do passado eram como os quartos nos quais se entrava, para em seguida sair, nos sonhos: não se mantinham constantes. Quando se voltava para eles, já haviam mudado; de súbito ficavam mais espaçosos ou se inclinavam ou apresentavam uma porta que não estivera ali antes. Pessoas diferentes moviam-se de forma confusa, os pisos ondulavam e o sol passava a refletir estranhamente nas janelas ou a atravessar o teto agora aberto pela explosão ou, então, a não brilhar, como se houvesse escapulado do céu.

— Como você está? — perguntou ele.

Eu nunca mais saberia de novo a resposta a essa pergunta. Acreditava que minha vida transcorreria de tal forma que não me permitiria saber.

— Bem, acho.

— Ah, que bom. Também vou bem, acho. — Eu não perguntara. Não soubera como indagar nem me interessara em fazê-lo. Houve uma longa pausa. — Não é por isso que estou ligando, mas acho que você deveria saber que a Sarah e eu nos separamos.

Um pouco mais tarde na vida, quando esse período parecesse pouco importante e distante e todas as amigadas de então tivessem

minguado, eu conheceria muitas mulheres com vidas bem mais tristes que a de Sarah. Ainda assim, sem me concentrar muito, eu sempre conseguia trazer à tona a história dela — embora ela estivesse guardada de um jeito irreal no recanto mais remoto da minha mente — e fazer com que parecesse a mais triste de todas. Lembrava *Madame Butterfly*, exceto que Sarah podia ser também Pinkerton e Kate. A diferença entre a ópera e a vida, eu notara, era que na vida uma pessoa representava todos os papéis. Não obstante, não se tratava, estritamente falando, da narrativa da vida de Sarah. No final, senti que a história pertencia tanto ou mais a Mary-Emma, que, concluí, eu nunca parara, nos recônditos da inconsciência, de buscar, tendo sempre ficado fascinada por garotinhas que teriam sua idade em lojas, shoppings e parques. Olhava duas vezes em todas as ocasiões nas quais via uma menininha negra e animada de 3, 4, 5 ou 6 anos — os anos foram se acumulando. Eu me aproximava e olhava de perto, o que, a meu ver, Sarah, em algum lugar, devia fazer também. E Bonnie. Se ainda estivesse viva. E até mesmo Lynette McKowen. Emmie! Uma garotinha com quatro mulheres ao encalço, procurando por ela, ou algo assim, sem que a pequena soubesse. Aquele era o tipo de amor mais inútil, a menos que se acreditasse no poder do amor de se teletransportar de um céu em chamas até a relva que elegera como sua donzela, a menos que se acreditassem nas preces de freiras num retiro longínquo, a menos que se acreditasse em milagres e mágica, enlevo, dados e cantos sufistas, talismãs atrás de cortinas e nuvens esmeradas em distâncias brumosas e insondáveis. O amor e a virtude — sua autoconvicção era algo espantoso: uma pantomima de desejos, um falso devaneio que fazia os sonhos reais, detectáveis e sonháveis tão concretos quanto rochedos. Quando eu pensava em todas essas mulheres com os corações buscando e irradiando seu amor inútil e fútil pelo ar na direção de Mary-Emma, eu as via todas enfileiradas, formando a um só tempo uma equipe de salvamento e

um campo de refugiadas, e, na minha mente, eu as mandava para uma trilha, que passava por colinas, várzeas e até prados e árvores. Claro que eu ia junto. E, como isso ocorria, e de qualquer forma era tudo fruto da minha imaginação, eu também acrescentava a porca Helen ao desfile, só para dar um toque pitoresco. Bem como Lucy, nossa cabra babá, pois deveria haver uma espécie verdadeira de ama-seca. E, só porque eu queria também, incluía Robert para ficar um pouquinho com ele, já que sentia sua falta e, em minha mente, eu podia fazer o que bem entendesse.

— Sinto muito mesmo — falei.

Sarah uma vez gravara um CD com músicas variadas, cheio de melodias que ela ouvira quando jovem, com letras a respeito do assombro diante de um mundo, que melhorava cada vez mais. *Um novo dia desponta. Meus amigos, estamos mudando. Não é impactante... o crepúsculo de uma nação.* O mundo aparentava ter vindo do período medieval de outro planeta.

O amor é a resposta, diziam as canções, e tudo bem. Eu supunha que tudo bem poderia ser considerada uma forma de responder. Mas não mais do que isso. Não se tratava de solução, nem mesmo, na verdade, de uma resposta, mas apenas um tipo de reação.

— Algo inevitável, talvez — comentou Edward. Eu não conseguia pensar nele como Ed. — E, com certeza, será para o bem. Ela foi para o Leste, para Nova York, desta vez.

Por algum motivo eu achava essa mudança de Sarah difícil de acreditar. Eu me lembrava dela comentando certa vez: "Para viver em Nova York você precisa ter ganhado na loteria e seus pais também e todo mundo precisaria ter investido o dinheiro sabiamente." Às vezes, ela me lançava um olhar enigmático e dizia: "Em Nova York, todos os bebês brancos têm babás negras. A gente fez o contrário. Bate aqui na minha mão."

— Para Nova York?

Aonde eu achava que ela estava indo, Prairie du Chien? (Um vilarejo que só me vinha obcecadamente à mente como sendo um destino lúgubre, já que não significava cão-da-pradaria, mas pradaria-do-cão. E, então, de repente me pareceu que Nova York seria o local aonde as pessoas meio-judias teriam que ir e para onde eu também iria, um dia. Embora, como Sarah comentara certa vez, a cada esquina eles vendessem pretzels com o tipo de sal usado em Troy para degelar estradas.

— É, bom, nem me deixe começar a falar sobre isso — disse ele.

Eu sabia que o divórcio vinha ocorrendo com todo mundo numa escala só antes vista com estrelas de cinema. No casamento, todos tinham virado celebridades. Você queria realismo na TV? O resultado tinha sido aquele. O que haveria de tão errado assim com casamentos arranjados? Nesses casos, a frieza era imbuída nos corações dos pais logo de cara, em vez de mais tarde, tão desagradavelmente, nos corações dos amantes.

— Olha, eu consegui seu número de telefone com o pessoal do Starbucks, que me ligou pedindo referência. Eu queria que soubesse que elogiei muito você. Até não poder mais. Então, pensei em dar uma ligada. Já que, quando dei por mim, estava pensando em você.

Será que nem mesmo o pesar conseguia evitar que ele tomasse atitudes tão torpes?

— Bom, obrigada — respondi.

Eu tinha a sensação de que a voz de Edward trazia os gritos de tantas outras pessoas, sem que eles soubessem. E, quando tentei evocar seu rosto, o que vi foi a face de um rato, que, ao sair correndo, deixava de alguma forma o rastro de uma cobra.

— A gerente do Starbucks me ligou, querendo saber se você era honesta e confiável! Até ri disso. É claro que eu disse que você possuía essas virtudes e milhares de outras. — Fiquei calada, e ele prosseguiu: — Não sei o que teríamos feito sem você.

O que se poderia dizer? “E olhe o que aconteceu, independentemente disso?” Estávamos entrando num território minado.

Edward continuou, cegamente:

— Eu entendi muita coisa sobre o meu coração na última primavera, quando você estava lá em casa com a gente.

Será que a pesquisa dele não o auxiliara a desvendar o funcionamento do olho humano? A compreender os mecanismos básicos da visão? Talvez a situação não estivesse muito boa no laboratório!

Não fiz nenhum comentário indulgente. Não disse absolutamente nada.

Ele prosseguiu:

— É estranho como a gente, quando vai ficando mais velho, aprende certas coisas com os mais jovens. Parece até que as pessoas mais novas sabem mais. Você acaba pensando, como cientista: *Caramba, a evolução é real!*

Contive a risada encorajadora que, supus, ele queria.

— Com a sua ajuda, e a de outros, eu me dei conta de que a vida, ao mesmo tempo em que é tudo, também, estranhamente, não significa muito. Exceto quando a luz incide sobre ela de um jeito diferente, daí você percebe que significa muito sim! Não obstante, no final, suponho que a gente sempre vai olhar para trás e pensar: *Muito pouco, com muito pouco no seu âmago*. Porque, no final, as luzes vão diminuindo, claro. Não existe sabedoria: essa é a única sabedoria. O que existe é a ausência dela. Eu tento me lembrar disso.

Fora de mim que ele captara essa afirmação de parcimônia e austeridade? Esse show de luzes? Esse blá-blá-blá sobre a ausência da sabedoria? O que eu aprendera com Edward além do fato de que ele acreditava, ou certa vez acreditara, que os meninos deveriam aprender sobre o mundo pelo caminho difícil?

— Ah, bom — comentei —, a verdade vos libertará. E depois?

— E depois. De fato. — Ele pigarreou. Deixara de lado, talvez, os “por assim dizer”, mas agora havia os “de fato”. O que achei pior. — Olha, eu queria saber se você gostaria de ir jantar comigo uma hora dessas.

Sacrifique as crianças para aplacar algum deus ancestral. Havia muitos deuses, e todos eles queriam algo.

— Jantar? — perguntei. Naqueles dias eu comia pouco nas refeições: na maior parte das vezes uma tigela de cevada vermelha aferventada até virar um punhado de carrapatos gordos e lustrosos. Eu colocava manteiga derretida naquilo e comia na frente da TV.

— Sim. Jantar.

— Jantar? — repeti, sem poder acreditar.

Quando perguntaram a minha avó, na sua festa de aniversário de 90 anos, que conselhos daria aos jovens, dada sua perspectiva específica de fim de vida, ela contraiu o rosto e perguntou, irritada e surdamente: “Hein?” Porém, na verdade, minha avó estava ganhando tempo. E, quando a pergunta foi refeita, ela olhou para toda a família, os filhos e os netos, e bradou: “Não se casem!” Ficamos pasmos. Foi como se ela tivesse dito “Atirem para matar”. Foi como se tivesse dito: “Se vocês atirarem só para ferir, eles vão se levantar e avançar contra vocês de novo.” Eu costumava pensar que aqueles romances essencialmente felizes e sentimentalistas, que terminavam com um casamento, estavam todos errados e que deixavam de fora a parte mais interessante da história. No entanto, agora eu voltara a pensar que não, que o casamento *era* o fim. Era o fim da comédia. Assim se sabia que se tratava de um estilo cômico. O final da comédia podia ser considerado o início de tudo mais.

— Isso mesmo — confirmou Edward.

O toque gótico do sino de um matrimônio, a corda do carrasco libertando-se do baú e formando borlas para decorar as mesas. Dentes de rato deixando marcas no bolo. A beleza não podia

retribuir o seu amor. As pessoas não eram o que pareciam e certamente não o que diziam ser. A loucura podia ser considerada contagiosa. A lembrança servia à melancolia. O medieval não era tão ruim. A gravidade consistia numa forma de nostalgia. Poderia haver virtude na satirização da virtude. Dwight Eisenhower e Werner von Braun tinham exatamente as mesmas bocas. Ninguém amava um perdedor, a não ser em sua derrocada. A capital da Birmânia era Yangun.

Meus biscoitos da sorte haviam perdido a graça também: *Enterre suas ilusões ou elas a enterrarão.*

Mas não na cama.

— Jantar? — repeti.

Ser você mesma não podia ser considerado um grande feito. O difícil não era ser você mesma.

Então, ele fez uma pausa.

— Talvez eu tenha ligado cedo demais. — Seu tom de voz se tornara áspero e aborrecido. — Foi muito repentino, para você.

Amanda apareceu ao portal do meu quarto, meteu a cabeça e moveu os lábios: “Topa rachar uma pizza?”

Assenti. *Topo.* Ela desapareceu.

A terra não era perfeitamente redonda, mas tinha um formato de pera. E, de acordo com os especialistas em buracos negros, noventa por cento do universo estavam ausentes.

Não obstante, sempre havia um circo em algum lugar.

— Jantar? — repeti ao telefone.

Os nós dos meus dedos estavam brancos como opalas. *Oh, Deus de qualquer culto, mãe improvisada de todos os passos, ainda sem um endereço para um remetente?*

Edward ficou calado, como eu. Por que é que eu estava viva? Nem sempre saberia nem faria disso uma preocupação inquietante. Por enquanto, eu simplesmente estava ciente de minha própria respiração ruidosa. Havia me dito uma vez que respirações

profundas pareciam mais altas ao telefone do que realmente eram. Como não podia deixar de ser, os ventos continham um drama imprevisível. Ventos do oeste predominantes nem sempre predominavam: às vezes as correntes vinham do sul e criavam pequenos redemoinhos agitados. Lentamente fui afastando o receptor de meu rosto, e ele pareceu continuar a se distanciar, planando rumo à base, guiado vagamente por minha mão. Uma corrente de ar gelou as maçãs do meu rosto. Lá fora, no lusco-fusco, já começava a nevar.

Leitor, não tomei nem café com ele.

Pelo menos isso eu aprendi na universidade.

Notas

* As últimas letras de "*Petit*" formariam *tit*, que em inglês significa "peito". (*N. do E.*)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S. A.

Ao pé da escada

- http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=25781 (Sobre o livro)
- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6328 (Sobre a autora)
- <http://www.skoob.com.br/livro/191245-ao-pe-da-escada> (Página do livro no Skoob)
- <http://www.valor.com.br/internacional/1001734/outros-sentidos-para-violencia-com-toque-delicado> (Artigo sobre o livro)
- <http://www.facebook.com/LorrieMooreAuthor?sk=info> (Página da autora no facebook)
- http://en.wikipedia.org/wiki/Lorrie_Moore (Página da autora na Wikipédia)
- <http://www.visaoarte.com.br/revista/tag.php?id=90&tag=Especiais> (Lista de livros que tratam do 11 de setembro)
- <http://www.olivreiro.com.br/autores/742202-moore-lorrie> (Página da autora no O Livreiro)